SAMUEL
BECKETT

LXVI

BIBLIOTECA

DOS

PRÊMIOS NOBEL

DE

LITERATURA

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA
E PELA FUNDAÇÃO NOBEL

Prêmio de 1969

SAMUEL BECKETT

(IRLANDA)

EDITORA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1973

SAMUEL
BECKETT

MALONE MORRE
e
DIAS FELIZES

Tradução de
ROBERTO BALLALAI

Estudo introdutivo de
JOHN MONTAGUE

Ilustrações de
AVIGDOR ARIKHA

EDITORA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1973

Título dos originais francês e inglês

MALONE MEURT

HAPPY DAYS

Todos os direitos desta edição
(introdução, prefácios, notas, tradução,
ilustrações e demais características)
pertencem à
EDITORA OPERA MUNDI

"PEQUENA HISTÓRIA"

DA ATRIBUIÇÃO DO PRÊMIO NOBEL A SAMUEL BECKETT

*

pelo KJELL STRÖMBERG

Antigo Conselheiro Cultural da
Embaixada da Suécia em Paris

Tudo o que conta nos meios literários na França e em outros lugares esperava, em 1969, que enfim soasse a hora de levar, à lista dos premiados com o Prêmio Nobel, André Malraux, na opinião geral o mais notável dentre os escritores franceses ainda vivos, e mestre incontestável de uma geração da qual vários representantes — Sartre e Camus entre eles — já haviam recebido essa consagração suprema. O autor de *A Condição Humana* parecia tanto melhor colocado esse ano por não exercer mais nenhuma função governamental capaz de despertar qualquer escrúpulo político no areópago literário de um país neutro. De mais a mais, um lustro já se havia passado desde que um escritor francês tivesse recebido essa honra do areópago — honra essa, infelizmente, declinada pelo escolhido, que, no entanto, continua inscrito no quadro dos autores coroados.

Um concorrente francês válido — especialmente no caso de desejarem cortar a pêra em dois — teria sido evidentemente André Chamson, irmão de armas de Malraux durante a última guerra, que acabava de fazer o seu reaparecimento

triunfal como romancista de grande classe, e que, neste ano, estava de novo proposto à alta recompensa pelo centro francês do Pen Club e também por vários colegas acadêmicos.

A Academia Sueca, cujas decisões, como as de Nosso Senhor, são imprevisíveis, preferiu um outro candidato dentre os cento e três apresentados na devida forma: Samuel Beckett, chefe da escola do absurdo e ídolo da vanguarda literária internacional. Este escritor franco-irlandês, cuja celebridade data de apenas uma dúzia de anos, tinha tido como rival mais sério, não Malraux, mas o poeta anglo-americano Wystan Hugh Auden, que acabara, aliás, de passar uma temporada em Estocolmo como hóspede de honra, muito observado, da Academia Sueca, no colóquio anual organizado depois de algum tempo pelos três comitês Nobel literários e científicos. Sabemos, por uma entrevista um pouco mais franca do que de hábito, dada a um jornal italiano por um membro do Comitê Nobel de literatura, que na lista de candidatos deste ano figuravam algumas personalidades de grande renome que, todavia, haviam colhido seus louros essenciais em outros campos de atividade, principalmente o General de Gaulle, Charles Chaplin, e M. Ingmar Bergman, cineasta sueco igualmente muito em evidência. Aos candidatos habituais propostos de ano em ano, e deixados por conta, deve-se acrescentar um nome insólito, o de Vladimir Nabokov, paí russo-americano de *Lolita,* lançado pelo Pen Clube sueco, assim como o, mais aceitável, de seu honorável compatriota Alexandre Soljenitsyne, que continuava fiel à sua terra natal.

Samuel Beckett foi proposto para o Prêmio Nobel pela primeira vez em 1957, aliás, por um professor de letras na Sorbonne sem vínculos conhecidos com a vanguarda literária. Naquele ano, foi Albert Camus quem recebeu o prêmio, em concorrência com, entre outros, Saint-John Perse, Sartre, Malraux, Chamson, Jules Romains e Jean Giono, para citar apenas os principais candidatos franceses.

A Academia Sueca fez, imediatamente, realizar um exame aprofundado sobre a obra do novo candidato. Por essa época, Beckett já havia produzido o essencial de sua obra, tanto romanesca como dramática. Saudado como a expressão adequada e surpreendente da alienação dos espíritos em um mundo à deriva, ao menos uma de suas peças, *Esperando Godot,* atraiu sobre si a atenção da crítica quase por toda parte. Em lugar algum perceberam que os dois famosos vagabundos de Beckett, em busca de uma miragem sempre fugitiva, tinham tido um bom número de precursores, talvez menos entre os grandes romancistas russos, como Gorki e Dostoievski, do que entre os renovadores americanos deste gênero de romantismo picaresco inclinado ao humor negro, que se multiplicaram logo depois de Mark Twain. Ninguém se lembrou do pequeno romance de John Steinbeck (Prêmio Nobel, 1962), *Mice and Men,* que, em sua versão dramática, foi a grande descoberta da temporada teatral de 1945-46 em Paris, precisamente na época em que a célebre peça de Beckett foi concebida. É nesse momento, também, que Beckett, após muito tempo instalado em Paris, abandonou a língua inglesa para escrever, a partir de então, sua obra em francês — sua língua materna propriamente dita, uma vez que sua mãe era francesa.

Fosse quem fosse, uma vez proposto ao Prêmio Nobel, Samuel Beckett foi lançado na corrida rumo aos cumes do Parnaso. Sua candidatura foi admitida sem dificuldade. O primeiro exame, consagrando principalmente a sua obra romanesca, bem mais hermética e menos cativante, foi feito por vários outros, entre os quais o de Per Erik Wahlund, crítico teatral muito prudente, merece alguma atenção. Fez ele seu relatório — publicado em seguida no *Svenska Dagbladet* — sob forma de uma comparação entre quatro autores teatrais de vanguarda, menos ou mais conhecidos: Samuel Beckett, Eugène Ionesco, Jean Genet e Vitold Gombrowicz. Reconhecendo as qualidades extraordinárias do primeiro, ele res-

salta sem ambagens que o autor de *Esperando Godot* ficou nessa "única obra-prima", e que nada em sua produção ulterior alcançara nem de longe a profundidade de pensamento nem a sutileza quase imperceptível de sua confecção. Para fazer um escritor chegar à mais alta recompensa literária oferecida no mundo inteiro, uma única obra — ainda que fosse uma obra-prima viável das conjunturas atuais — parecia a esse relator circunspecto uma base muito estreita. De sua parte, ele daria talvez a preferência a Ionesco, cuja originalidade de visão e a variação de temas, o diálogo espantoso e o humor negro tão fluente lhe pareciam qualidades mais aptas a fecundar o teatro do futuro — e, portanto, a reter a atenção do júri Nobel.

A última palavra, no entanto, ficou com o secretário perpétuo da Academia Sueca, o Sr. Karl Ragnar Gierow, poeta lírico e fino crítico, que optou pela perfeita dignidade e superioridade do candidato proposto em primeiro lugar. Sua opinião prevaleceu, e, cativada pela eloqüência persuasiva de seu homem de confiança, a Academia Sueca, reunida em assembléia plenária na terça-feira, 23 de outubro, concedeu o Prêmio Nobel de 1969 a Samuel Beckett, "por uma obra que, em novas formas do romance e do teatro, adquire sua elevação a partir da miséria do homem de nossos dias". Foi desta maneira, um pouco embaraçosa, que se redigiu a exposição dos motivos da alta distinção.

Em sua alocução na rádio sueca para apresentar o novo laureado, o Sr. Gierow relembrou que foi em Paris e como escritor francês que Samuel Beckett, nascido em Dublim de pai irlandês e mãe francesa, deveria chegar à notoriedade mais ou menos meio século mais tarde. Precursor de novas modas de expressão e ao mesmo tempo homem de tradição, parente de Kafka, Joyce e Proust em sua produção romanesca, suas obras dramáticas tinham, ressaltou ele, "poderosas raízes comuns com a literatura francesa dos anos oitenta e sobretudo com o *Ubu Rei* de Alfred Jarry". Ora, não se tratava "da

guerra como tal, mas do que lhe sucedeu, quando voltou a paz, quando se rasgou a cortina que encobria os recônditos do inferno, e que revelou, em uma visão de horror, até que ponto de degradação desumana a humanidade podia chegar". Por outro lado, conclui o orador, "a prova da degradação do homem — e nós fomos testemunhas dela como talvez nenhuma geração precedente o tenha sido — não tem lugar se negamos ao homem o seu valor. Mas quanto mais a prova faz sofrer, mais abala, e mais profundo é o sentimento do verdadeiro valor do homem. De lá provém a purificação interior, a força, fonte de vida *apesar de tudo* que se desprende do negro pessimismo de Beckett, cuja obra se ergue como um *miserere* pela humanidade inteira".

Então, a grande questão espinhosa se pôs em toda sua agudeza. Beckett deveria ou não aceitar o Prêmio Nobel? Sabíamos que ele estava sempre confinado em um isolamento completo, que vivia como eremita com sua mulher, e não via ninguém, a não ser seu editor, o Sr. Jérôme Lindon, e alguns raros amigos tão selvagens quanto ele próprio, com os quais tomava, volta e meia, um *scotch* ou dois, em algum bar, próximo ao seu pequeno apartamento, no *boulevard* Arago. Nenhuma resposta chegou ao telegrama imediatamente expedido para anunciar-lhe a boa nova e convidá-lo a Estocolmo para receber o seu prêmio. Soube-se pelo seu editor, prevenido com urgência por intermédio da Suécia, que o laureado, antevendo o que o aguardava, desejoso de guardar o anonimato e temendo a publicidade com todos os seus aborrecimentos rastejando à sua procura, fugira de Paris e entricheirara-se em Naboul, pequeno lugarejo no fundo da Tunísia, então assolado por grandes inundações e assim isolado do resto do mundo. Apesar de todas as suas precauções, alguns jornalistas conseguiram descobrir o seu esconderijo, onde já se encontrava, com ele, o Sr. Jérôme Lindon que temia — provavelmente não sem razão — que seu frango, subitamente transformado em galinha dos ovos de ouro, respondesse à mensa-

gem da Academia Sueca por uma recusa. Felizmente, o aumento de publicidade que lhe teria advindo de uma repetição da proeza de Sartre não tentava muito a Beckett. Portanto, depois de alguns dias de reflexão e fazendo saber à imprensa que considerava sua eleição como uma calamidade, o eleito, a contragosto, respondeu à Academia Sueca afirmativamente, no que dizia respeito ao Prêmio Nobel, mas declinando polidamente — por motivo de saúde — apresentar-se pessoalmente em Estocolmo. Podemos supor que a Academia Sueca, e, especialmente, seu valente secretário perpétuo, soltaram um grande suspiro de alívio.

Poder-se-ia esperar que a premiação de um escritor tão difícil e em condições tão extravagantes provocasse movimentos diversos na opinião mundial. Mas isto absolutamente não se deu. Na maioria dos países, os meios literários saudaram o laureado recalcitrante com muita simpatia e a grande imprensa lhe prodigalizou elogios sem reservas. Somente a Irlanda seu país natal, amuou-se, recusando-se a reconhecer como seu um filho que se afastara da língua gaélica nacional para se servir de duas línguas estrangeiras, o inglês e o francês. Ora, se Beckett é considerado irlandês, ele será o segundo escritor deste país — depois de William Butler Yeats, laureado em 1923 — a receber o Prêmio Nobel de Literatura, ou mesmo o terceiro, se contarmos G. B. Shaw, Prêmio Nobel de 1925, que reivindicava sempre pertencer a essa pequena nação, então sob dominação inglesa. Porém, no calendário oficial da Fundação Nobel, Shaw figura entre os laureados da Grã-Bretanha. Se, por outro lado, Beckett é considerado como escritor francês, será o décimo-segundo laureado desta língua, não contando Maurice Maeterlinck, Prêmio Nobel de 1911, que era de nacionalidade belga. Mas, pelo que se sabia, Beckett jamais se naturalizou francês.

Todavia, também na França, opiniões divergentes se manifestaram a seu respeito por ocasião de sua "nobelização".

Enquanto que *Le Monde* faz saber que "a consagração que lhe é enfim atribuída apareceu bem tardia", e que *Combat*, sob a pena de Pierre Kyria, proclama "Beckett, com seus anti-heróis, eis nosso Shakespeare!", *Le Figaro* dá em suas colunas a palavra a diversas personalidades que representam opiniões muito variadas.

Esse jornal cita, em primeiro lugar, o famoso dito de Jean Anouilh sobre *Esperando Godot*, quando esta peça foi levada ao palco pela primeira vez, em 1952, num pequeno teatro efêmero da *rue de Babylone* em Paris. "É um *sketch* dos *Pensamentos* de Pascal, visto pelos irmãos Fratellini". Ele a repete nessa ocasião. Igualmente cavalheiresca foi a reação de Eugène Ionesco, outro rival bem colocado na competição: "Estou contente de Beckett ter recebido este prêmio, porque ele o merecia. Eu falo tanto mais desembaraçadamente pois não há comparação possível entre seu teatro e o meu." Ele consolou-se apresentando sua candidatura à Academia Francesa que o acolheu com solicitude em seu seio. Quem se mostrou transbordante de entusiasmo foi uma de suas intérpretes mais em vista nos palcos tanto franceses como ingleses, Mme Madeleine Renaud: "Nada me poderia causar mais prazer; estou entusiasmada de alegria e reconhecimento para com esse país que homenageou o valor excepcional de Beckett. Devo a Beckett o mais belo presente que se poderia fazer a uma atriz, desde que ele me deu a representar *Dias Felizes*."

Uma única nota discordante nesse coro unânime de louvores, devida a Marcel Achard, autor dramático estimado pelo grande público e acadêmico de longa data: "Estou doido de raiva. A Academia Sueca se cobriu de ridículo, se desonrou por esnobismo e pelo desejo de estar na onda. Eu compreendo agora porque Sartre recusou o Nobel."

No *Figaro Littéraire*, François Mauriac, Prêmio Nobel de 1952, consagrou quase todo o seu *Bloc-Notes* semanal a

um comentário sério sobre o Prêmio Nobel do ano, que teve grande repercussão na imprensa francesa, assim como na estrangeira. "Esse Prêmio Nobel, que passa ainda ao lado de Malraux, escreveu ele, que má sorte para nós. Nós nos obstinaremos a esperar. A escolha de Samuel Beckett deveria abrir-nos os olhos sobre o erro que criou nossas ilusões. Imaginamos a Academia Sueca imóvel, sempre igual a si mesma. Na verdade, ela se renova sem parar, incorpora novos elementos, e por mais refratária que seja às influências externas, não o é às influências da época na qual vive. É a época do *agora* que encarna Beckett, ao passo que a obra de Malraux, por suas próprias dimensões, pertence à História, ao passado." E conclui: "Não importa, Malraux, ao menos eu o creio, continua o maior escritor francês vivo, e, seguramente, o mais singular. Todos os outros, por diferentes que sejam, possuem entre si alguns traços comuns: são da família. Malraux, apesar de certamente não ser mal apreciado, continua um desconhecido. Em primeiro lugar, porque a inteligência e a cultura a partir de um certo grau isolam aquele que as possui e é, ao mesmo tempo, possuído por elas... Ele não tirou seus livros, como a maioria dentre nós, de uma infância que ele detesta: ele os terá vivido, não para contar suas aventuras, mas dedicando-se estreitamente à História em vias de se fazer, para se interrogar sobre a condição humana trágica e absurda, a nossa, sem perder a consciência em nenhum momento, desde a sua juventude, do envelhecimento, da morte inevitável. Não há por trás de sua obra nenhum fundo religioso ou metafísico, tal como o encontramos — talvez por trás da do autor de *Esperando Godot*. Em resumo, Malraux é um grande poeta cuja grandeza repousa, em primeiro lugar, sobre a vida que ele viveu — e que arriscou em cada ocasião oferecida."

Terminemos a revista da imprensa francesa por essa bela página de eloqüência que exprime, certamente, uma opinião muito divulgada não somente na pátria adotiva do novo laureado. Evidentemente, deverá fazer-se exceção à Suécia, onde

Malraux continua, senão um desconhecido, pelo menos um mal apreciado, ao passo que Beckett, depois de a peça mais célebre deste Chaplin apocalíptico ter sido representada pela primeira vez em Estocolmo, em 1957, foi adulado pelas jovens gerações literárias que fazem atualmente a lei na imprensa assim como na edição deste país.

Na Inglaterra, o calor da acolhida atingiu grau pelo menos tão alto. Se Beckett, afirma *The Guardian*, de Manchester, "tivesse de ter esperado mais tempo pelo prêmio, isso seria, digamos, não surpreendente, mas escandaloso". E *The Observer*, sob a pena de Ronald Hayman "não poderia imaginar ninguém mais digno do Prêmio Nobel, nem ninguém que se preocupasse menos em ganhá-lo". *The Times* tampouco esconde sua satisfação: "Se, visto de um certo ângulo, parece surpreendente que o Prêmio Nobel de Literatura fosse atribuído a Samuel Beckett, de outro ponto de vista, parecia inevitável", é assim que o editorialista do grave órgão da cidade de Londres resume seu julgamento, e continua: "Beckett é um escritor original: foi secretário de Joyce, e autor de um fino estudo sobre Proust, mas, se bem que possamos sentir a influência que exerceram estes dois mestres e ainda alguns outros em sua obra, esta não se parece com nada de que tenha sido escrito antes. O que tornou sua premiação inevitável, foi simplesmente o fato de encontrar palavras e formas, tanto como narrador quanto como homem de teatro, para definir um mundo que devemos reconhecer como real e que corresponde à nossa experiência. Alguns raros predecessores sabiam que esse mundo existia, mas eles encontravam, fosse na ação, como Hamlet, fosse na morte, como Timão, de Shakespeare, um meio de se esquivar dele. Beckett abriu caminho até suas profundidades."

O tom é o mesmo, se viramos o olhar para a América do Norte, onde Beckett gozava todavia de uma audiência bem mais restrita que na Europa, fenômeno de que se queixa mais

de um dos grandes jornais do outro hemisfério. *The New York Times*, o mais ouvido destes jornais nos meios literários, sob o título "O mundo em expectativa de Beckett", comenta assim seu coroamento: "Os juízes da Academia Sueca deram prova de mais audácia e conhecimento das tendências modernas do que certos tímidos júris literários de nosso país. Pois as peças de Beckett não se dirigem a platéias de matinê popular, ou a leitores de clubes do livro. Elas nunca foram premiadas por um sufrágio de popularidade." Relembrando, ele também, que Beckett havia sido um dos secretários e tradutor de James Joyce, o editorialista do grande jornal nova-iorquino nota, muito judiciosamente, que "reconhecer Beckett, é também reconhecer Joyce, pois todos os dois, cada qual a seu modo, sustentavam que não era a eles que se deveria chamar de absurdo, mas sim a condição humana, ou pelo menos a da maioria dos homens".

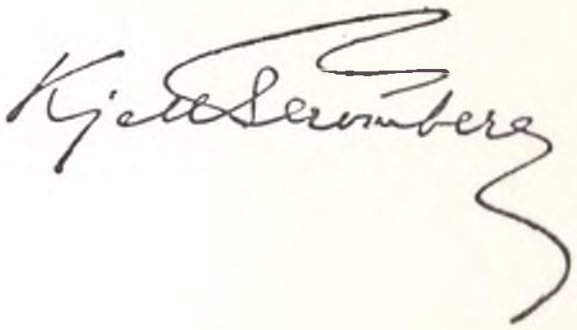
The Washington Post, o mais importante dos diários da capital dos Estados Unidos, constata que Beckett é "tão pouco conhecido e ainda menos lido" que a maioria dos laureados do Prêmio Nobel de Literatura destes últimos dez anos, mas, "mas aos contrário de Asturias, Cholokov, Seferis, Ivo Andritch, Alexis Léger, Quasimodo e outros, o ganhador do Prêmio Nobel de 1969 é "um dos maiores escritores do mundo atual, cuja obra — e aqui o articulista cita complacentemente o secretário perpétuo da Academia Sueca — se ergue como um *Miserere* pela humanidade inteira". Ele concorda que esta obra, cheia de sabedoria, é dura de mastigar, e ainda mais dura de avaliar pelo leitor americano médio, mas, "como quer que seja, se Beckett deve continuar praticamente sem leitores entre nós, ele não ficará, graças à Academia Sueca, sem cantores de elogios".

Em Estocolmo, a 10 de dezembro, dia da entrega solene dos Prêmios Nobel, ninguém esperava, naturalmente, ver aparecer o Sr. Beckett, laureado literário, de casaca, ao lado dos

seis laureados científicos do ano, sobre o estrado florido do Palácio dos Concertos, frente à uma platéia de realezas e altas dignidades do país em grande gala. Como ele havia notificado que não quereria receber o prêmio de maneira oficial, de acordo com o protocolo geralmente aplicado no caso da ausência de um candidato, quer dizer, no seu caso, por intermédio do embaixador da Irlanda, ele se fez representar por seu editor, o Sr. Jérôme Lindon. Foi, portanto, o Sr. Lindon que, depois de o Sr. Gierow ter, ainda uma vez, coberto o laureado de elogios brilhantemente formulados, recebeu das mãos do rei Gustavo-Adolfo o diploma artísticamente decorado, a medalha de ouro e o precioso cheque, sob os aplausos corteses da assistência em pé.

No banquete tradicional que, na Prefeitura, se seguiu à cerimônia da distribuição dos prêmios, o Sr. Tadgh Seosamh O'Hodhrâin, embaixador da Irlanda, representou seu compatriota laureado à mesa do rei — onde, aliás, também, foi colocado o Sr. Lindon. Este, que teve por vizinho de mesa o Sr. Marcus Wallenberg, rei da alta finança da Suécia, tomou o avião para Paris no dia seguinte, de manhã, levando o diploma e a medalha — mas deixando até segunda ordem o cheque que portava a garrida soma de 375.000 coroas suecas, um pouco mais de quatrocentos mil francos — dos quais o dono não sabia o que fazer — sob boa guarda em Estocolmo.

Tradução de Cora Rónai Vieira



DISCURSO DE RECEPÇÃO

PRONUNCIADO POR

KARL RAGNAR GIEROW

DA ACADEMIA SUECA,

POR OCASIÃO DA ENTREGA DO

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

A

SAMUEL BECKETT

NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1969

Sire,

Excelências,

Minhas Senhoras,

Meus Senhores,

Se misturarmos a imaginação viva e lógica ao absurdo, obteremos um paradoxo ou mesmo um irlandês. Se for um irlandês, teremos o paradoxo ainda por cima. Já aconteceu o Prêmio Nobel ser dividido. Foi o que, paradoxalmente, se deu este ano, quando um único e mesmo prêmio foi atribuído a um único homem, a duas línguas e a uma terceira nação, ela própria dividida.

Samuel Beckett nasceu em Dublim, em 1906, e foi em Paris que veio ao mundo esse autor célebre, mais ou menos meio século mais tarde. Ele publicou, então, no espaço de três anos, cinco obras que o levaram, de súbito, ao cume do mundo literário: Molloy, *um romance, em 1951, sua continuação* Malone Morre, *a peça teatral, no mesmo ano.* Esperando Godot, *em 1952, e no ano seguinte o romance* O Inominável, *que termina o ciclo de Molloy e Malone; enfim, sempre em 1953, o romance* Watt. *Com essas obras, nossa literatura moderna foi subitamente enriquecida com um de seus capítulos mais importantes.*

As datas indicam apenas o aparecimento súbito dessas obras. Nenhuma das cinco havia sido escrita no momento de sua publicação, nem foi criada na ordem de impressão. Elas têm sua origem e na conjuntura da época e na evolução anterior de Beckett. Talvez seja apenas à luz de suas obras mais recentes que distinguimos os verdadeiros contornos do seu romance Murphy, *que data de 1938, e de seus estudos sobre Joyce (1929) e Proust (1931) colocando explicitamente em foco o ponto de onde ele tira seu ímpeto. Pois Beckett, precursor de novas maneiras de expressão no romance e no palco, é um homem de tradições, porque faz, também, parte da família de Joyce, de Proust e de Kafka, e suas obras dramáticas tinham em seus começos poderosas raízes comuns com a literatura francesa dos anos 90 e o* Ubu Rei *de Alfred Jarry.*

De mais do que um ponto de vista poderíamos falar do romance Watt *como de uma mudança de fase nessa notável produção. Escrito em 1942-1944 no sul da França, onde Beckett, durante muito tempo domiciliado em Paris, havia se refugiado para escapar aos nazistas, esse livro é por longos anos um adeus à língua inglesa; foi em francês que se tornou célebre e não retomou sua língua materna a não ser mais ou menos quinze anos mais tarde. De mais a mais, a conjuntura mudou, quando ele retoma a pena após haver escrito* Watt. *Redigiu as outras obras, que deveriam torná-lo célebre, entre 1945 e 1949. A segunda guerra mundial serviu-lhes de base; foi depois dela que seus escritos amadureceram e receberam sua mensagem. Mas não se tratava da guerra como tal, do que se passava no* front *ou na Resistência, na qual o próprio Beckett tomara parte, mas do que lhe sucedeu, quando voltou a paz, quando se rasgou a cortina que encobria os recônditos do inferno e que revelou, numa visão de horror, até que limites de degradação inumana a humanidade pode chegar, seja que obedeça a ordens ou a seu próprio instinto, e como pode sobreviver a semelhante depravação. Assim a decadência do homem é um tema que retorna freqüentemente nas obras de Beckett e nessa medida*

sua visão da vida, posta mais em valor por um aspecto de grande farsa grotesca e trágica, pode ser qualificada de negativismo, um negativismo que não saberia parar antes de haver chegado ao fundo. É lá que ele deve ir, pois é somente lá que se opera o milagre da revelação do pensamento pessimista e da poesia. O que dá o negativo uma vez revelado? Um positivo, uma imagem mais clara onde o escuro se revela exatamente claro, onde as partes na sombra mais profunda são justamente aquelas que refletem a fonte de luz. Seu nome é compaixão. Os precedentes são legiões e não só na acumulação de horrores das tragédias gregas, onde Aristóteles haurin a sua doutrina da catarse, da purificação pelo medo. A humanidade tirou mais força do poço amargo de Schopenhauer do que das fontes abençoadas pela natureza de Schelling, ela recebeu mais graça divina da dúvida angustiada de Pascal do que da cega crença na razão no melhor dos mundos possíveis de Leibniz, e, para ficarmos dentro do patrimônio irlandês, que também contribuiu para alimentar as obras de Beckett — ela tira proveito bem menor do claro idílio pastoral de Oliver Goldsmith do que da pintura da espécie humana cheia de negritude e fúria do arcipreste Jonathan Swift.

O ponto crucial da concepção do mundo de Beckett reside aí, na diferença entre os pessimismo fácil, que tem por limite a insensibilidade do cepticismo, e aquele que alcançamos a duras penas e que procura aproximar-se do homem na sua miséria mais nua. O primeiro provém do fato de que nada tem realmente valor, e é também esse o seu término. O segundo alicerça-se numa concepção completamente oposta. Pois o que não tem valor não pode jamais degradar-se. A prova da degradação do homem — e nos fomos testemunhas disso como talvez nenhuma geração precedente o tenha sido — não tem lugar, se negamos ao homem o seu valor. Mas quanto mais a prova faz sofrer, mais profundo é o sentimento do verdadeiro valor do homem. De lá provém a purificação interior, a força fonte de vida apesar de tudo, *que se desprende do negro pessi-*

mismo de Beckett. Ela encerra um amor pelo homem tanto mais indulgente porque atingiu as profundezas da repulsão, um desespero que deve chegar ao último limite do sofrimento para descobrir que esse limite se dissipa quando a compaixão desaparece. Desse estado vizinho à destruição, a obra de Samuel Beckett se ergue como um miserere *de toda a humanidade e nas suas soturnas notas elegíacas ressoam a libertação dos tormentos e a consolação das almas naufragadas.*

Isso parece talvez mais claramente nas duas obras-primas Esperando Godot e Dias Felizes. *Podemos considerar as duas como exegeses da expressão bíblica própria a cada uma delas. O texto da primeira diz: És tu aquele que deve vir, ou devemos esperar algum outro? O que os dois mendigos da peça enfrentam é a crueldade vazia de sentido da existência na sua configuração mais brutal. Pode ser uma forma humana; nenhuma lei é mais cruel que as leis próprias da criação, e o lugar excepcional que o homem ocupa nela provém do que ele é o único a aplicar essas leis com uma maldade deliberada. Mas se nós imaginamos uma providência, portanto um criador desse sofrimento desmesurado que a humanidade é capaz de ministrar ou de suportar, sob que aspecto se apresentará então a força que, semelhante aos dois mendigos da peça, nós reencontraremos, em qualquer dia, em qualquer lugar? A resposta de Beckett a essa pergunta é o título da peça. Não sabemos, no fim da peça, mais do que no último ato do nosso próprio drama, nada da identidade desse Godot. Quando o pano desce, não suspeitamos nada dessa força cujas devastações se desenrolaram sob nossos olhos. Mas temos consciência de uma coisa, uma coisa que o que vivemos em todo o seu horror não poderá jamais nos arrebatar: nossa espera. É a escolha metafísica do homem frente a uma espera perpétua e incerta descrita na simplicidade de uma grande obra.*

A referência à Bíblia contida na outra peça concerne mais à escolha terrestre dos seres humanos, suas relações entre si,

e aqui se faz ouvir a voz que grita no deserto. Na sua exegese, Beckett tem muito a contar sobre a faculdade de ilusão descuidada do homem colocado sem esperança no meio do deserto. Mas o tema é outro. O acontecimento exterior consiste num isolamento do homem, cada vez mais recoberto pela areia e que acaba inteiramente enterrado na sua solidão. Mas sobra uma coisa que se ergue sempre sobre o silêncio sufocante: a cabeça, a voz que grita no deserto, o desejo insaciável que sente o homem de procurar até o fim um ser humano, de falar a seu semelhante e encontrar uma libertação comum.

A Academia Sueca lamenta que Samuel Beckett não esteja entre nós hoje. Entretanto, ele escolheu para representá-lo o homem que primeiro descobriu a importância da obra agora recompensada, seu editor em Paris, o Sr. Jérôme Lindon, e eu lhe peço, caro Senhor, que receba das mãos de Sua Majestade Real o Prêmio Nobel de Literatura, concedido pela Academia a Samuel Beckett.

Tradução de Cora Rónai Vieira

VIDA
E OBRA

DE

SAMUEL BECKETT

POR

JOHN MONTAGUE

SAMUEL BECKETT

O Signo do Sofrimento

Samuel Barclay Beckett nasceu em Dublim, em 13 de abril de 1906. Antes de discutir a obra de um dos autores contemporâneos mais inapreensíveis, é preciso, sem dúvida, começar por alguns fatos precisos "a fim de encerrar o balão do espírito em sua estreita morada", para citar seu grande compatriota, o poeta W. B. Yeats, Prêmio Nobel, como ele.

Mas, imediatamente, o balão começa a se agitar. Pois os registros de nascimento de Dublim trazem a data do mês de maio, ao invés da de abril. Erro de escrita sem importância, diremos, mas o nome do bebê parece escrito *Barely* ("simplesmente") em vez de *Barclay*. E se juntarmos a esse erro profético que o 13 de abril não foi só uma sexta-feira, mas uma sexta-feira santa, sentimo-nos em presença de um destino. Um dos personagens de Beckett, Murphy, consulta os astros antes de procurar um emprego, mas aqui, o cristianismo, a numerologia e a ortografia se uniram para formar o signo do sofrimento. Que os astros hesitem entre Áries e Touro não significa somente que o destino será retardado, pois quem aceitaria, na hora, semelhante carga?

Segundo fato: seu pai, William Beckett, era fiscal de obras. De novo a ciência dos números se insinua e nós nos lembramos do grito ultrajado de Mr. Rooney em *Todos os que Tombam:* "Não contar! Um dos raros prazeres da vida!" Constantemente, na obra de Beckett, quer se trate de Molloy contando suas pedrinhas de chupar, ou do autor detalhando o físico da prostituta Célia em *Murphy*, a importância da medida exata é sublinhada. As indicações cênicas de suas últimas peças são tão precisas quanto as medidas de um plano.

Sem dúvida o menino ficou, inconscientemente, fascinado pela profissão do pai. A não ser isto, não veríamos nenhum vínculo entre a longa silhueta intelectual do rapaz e a sólida segurança do senhor do chapéu coco, que devia, provavelmente, sentir-se mais próximo de seu filho mais velho, William. Este último tornar-se-ia engenheiro, e entraria para a empresa da família. Mas a hereditariedade é um domínio onde não se devem tirar conclusões demasiadamente rápidas: o que dizer da densidade de chapéus coco na obra de Beckett?

> *"O Chapéu, altivamente curvado, duro como o aço, de abas estreitas e enroladas, traz no occipício um largo buraco destinado provavelmente a facilitar a recepção do crânio. E posto que assim furadas, as abas façam queixos de armadilha, não obstante, para mais segurança, uma fita ata esse chapéu ao primeiro botão do sobretudo. Mas não restaria mais nada a dizer... falo, agora, evidentemente, de sua cor, da qual tudo o que se pode dizer é que, em pleno sol, ela acusa fracos reflexos camurça e cinza pérola, e que, senão, ela puxa para o preto".*[1]

Uma paisagem fundamental

Uma coisa que lhe transmite seu pai, em todo caso, é o amor pelas paisagens do sul de Dublim. Não longe de sua

[1] *Malone Morre.*

casa em Foxrock, o Neuilly local, há um campo de corridas, Leopardstown, aonde William Beckett levava seus filhos: vêmo-lo numa fotografia, sentado nas arquibancadas, um charuto entre os dedos, um guarda-chuva na mão, cidadão jovial.

É esse campo de corridas e a pequena estação, bem próxima, que reencontramos em *Todos os que Tombam* e em *Watt*. Atrás, e em todo redor, se pressentem as inclinações suaves das montanhas de Dublim.

> *"São antes colinas. Elas se elevam docemente, azuladas, fora da planície confusa. Foi lá, em alguma parte, que ele nasceu, em uma bela casa, de pais bons. Lá, no alto, há urze e junco, de cálidas flores de ouro, que chamamos também de giesta. Os martelos dos quebradores de granito fazem um barulho de campainhas, desde a manhã até a noite."*[2]

Nessas montanhas e à beira do mar nas redondezas de Dublim, Belacqua, o heroi das primeiras histórias de Beckett, gosta de passear. Anos mais tarde, Krapp relembra-se destes prazeres perdidos, e em *Cinzas*, Henry recorda-se dos hábitos de seu velho pai.

> *"Você nunca quis viver desse lado da baía, precisava do sol sobre o mar à noite, quando ia nadar..."*[3]

É no asilo da ordem hospitalar de São João de Deus, situado entre Foxrock e o mar, que Watt e Macmann virão cambaleando procurar refúgio.

E a cidade simbólica, para a qual se dirige Molloy, chama-se "Bally", o equivalente irlandês de cidade, e a primeira palavra do nome gaélico de Dublim, *Baile Ata Cliath*. Como

---

[2] *Malone Morre*.

[3] *A Última Gravação*, seguido de *Cinzas*.

Dublim e como a cidade de *Primeiro Amor*, ela é atravessada por dois canais. Beckett escolheu viver a maior parte da vida longe da Irlanda, mas o país lhe ofereceu uma paisagem à qual ele presta homenagem como poucos escritores fizeram.

A mãe religiosa

É de se perguntar se não existe uma ligação entre essa paisagem e a figura da mãe em sua obra. Ele é um dos raros autores que pretende lembrar-se de sua vida anterior ao nascimento. Sentado na grama, por cima da baía de Dublim, Belacqua, seu primeiro herói, desejaria ardentemente se envolver de novo na touca, estender-se no escuro para sempre.

Muitas outras personagens de Beckett serão afligidas pelo mesmo desejo. Molloy vive no quarto de sua mãe e conta sua assustadora peregrinagem em direção dessa imagem. O herói de "Um Trabalho Abandonado" se lembra de sua mãe à janela, "de camisola, chorando e gesticulando", no momento de sua partida. Presença maldita, ou ardentemente procurada, ou todos os dois ao mesmo tempo, a imagem da mãe se impõe na obra; Beckett parece ter sido muito ligado à própria mãe, Mary, que ele voltava para ver todo ano na Irlanda.

E, certmente, era com ela, de toda a família, que ele mais se parecia. Ela era "profundamente religiosa", nos diz ele, e há uma foto tocante do pequeno Sam a seus pés onde "teso, reto, de joelhos sobre um almofada, boiando numa camisola, as mãos juntas a estalar, eu rezo de acordo com suas indicações". Se bem que Beckett tenha abandonado, em seguida, a prática da religião — "para mim, aquilo não passava de aborrecimento, abandonei-a" — sua obra está cheia de cânticos que ela lhe ensinou. O retrato da fanática devota, Miss Fitt, em *Todos os que Tombam* é sem dúvida satírico, mas Mrs. Rooney faz coro com ela.

"Meu rochedo, minha fortaleza
Meu recurso na tristeza..."

As imagens religiosas de muitas de suas peças, principalmente de *Esperando Godot*, remontam às preces de sua infância. "Eu me lembro dos mapas da Terra Santa" — diz Estragon, como se fossem sinônimos de longas horas passadas na escola dominical. Vladimir nota com pedantismo que, dos quatro evangelistas, só um fala no bom ladrão. Se Didi é um poeta falho, Gogo parece, como o herói de *Murphy*, um teólogo fracassado. Se bem que Beckett não tenha experimentado senão uma vez a emoção religiosa ("foi na minha primeira comunhão"), sua educação protestante muito rigorosa marcou-o profundamente, e deu-lhe, especialmente, acesso a linguagem mais corrente do sofrimento, na tradição ocidental.

A tal ponto que na peça de nome bíblico *Todos os que Tombam*, a paisagem e a religião se fundem, enquanto, que, como um profeta do Velho Testamento, a velha Maddy Rooney se lamenta sobre Dublim:

> *"Não. Vejo as cenas, as colinas, a planície, o campo de corridas com seus quilômetros de muros brancos e suas três arquibancadas vermelhas, e essa pequena jóia de estação de campo, sim, e vocês mesmos, não estou brincando, e sobre todas essas lealdades o azul que se cobre, sim eu estou lá, e vejo tudo isso com os olhos... (a voz se abaixa) ... os olhos... ah! se vocês tivessem os meus olhos... vocês compreenderiam as coisas que eles viram... sem se desviar..."*[4]

Estudante e poliglota

A formação intelectual de Beckett, como sua educação religiosa, por convencional que tenha sido, deveria marcá-lo tam-

[4] *Todos os que Tombam.*

bém. Antes de tudo, mandaram-no para um jardim de infância em Stillorgan, perto de sua casa, que era dirigido por duas senhoras alemãs. Depois, foi inscrito numa escola "preparatória" do centro de Dublim, dirigida por um francês.

Ao contrário da maioria dos pequenos irlandeses, ele tomou, assim, muito jovem, consciência da existência de outras nacionalidades. Era certamente um sinal de sua classe social, mas não poderíamos encontrar aí, também, a primeira indicação de uma carreira de poliglota,

Um sinal mais precioso se manifestou quando seus pais decidiram colocá-lo como interno na Portora Royal School, uma das mais importantes (como indica seu qualificativo) *public-schools* protestantes da Irlanda. O jovem Sam achou aí facilmente seu lugar e se distinguiu com muita facilidade na sala de aula e no campo de jogos. Era um excelente exemplo do que os ingleses chamam um *all rounder*. É divertido reproduzir a apreciação de seu treinador de *rugby:* "Bom jogador, às vezes brilhante, pronto a aproveitar qualquer abertura; tem uma boa tomada de bola. Seu pontapé de toque pode ser melhorado."

Tudo isso é bastante clássico, segue "a linha do percurso" como dizemos no golfe, outro esporte onde se distinguiria Beckett. Afora alguns generais e o contingente habitual de notabilidades, a produção principal de Portora havia sido Oscar Wilde, o único outro autor dramático deste século a escrever ao mesmo tempo em inglês e francês. Beckett não se pronunciou sobre a obra de Wilde, mas o fato que seu nome tenha sido riscado do quadro de honra do colégio apossa-se de sua imaginação, e já uma tradição tomava corpo.

Ela tornou-se ainda mais aparente quando o estudante seguiu os traços de Wilde até o Trinity College. Desta elegante universidade georgiana do centro de Dublim saiu a maioria

dos grandes escritores anglo-irlandeses: filósofos, como Berkeley e Burke, autores teatrais como Goldsmith e Wilde, o o grande satirista Jonathan Swift. Duas estátuas gêmeas de Goldsmith e de Burke acham-se no interior das grades, como que para simbolizar os caminhos diversos, mas aliados, da poesia e do pensamento.

Como já indiquei, poderia se escrever uma tese (e será escrita com certeza) sobre o protestantismo na obra de Beckett. Versículos do Antigo Testamento, quadras do "Manual dos cânticos" esmaltam suas peças. Poderíamos, de fato, ver nele o último dos grandes escritores protestantes irlandeses (quer dizer, anglo-irlandeses) posição que acentuaria sua melancolia. Nessa tradição é que se inscreveu firmemente Yeats pelo fim da vida, mas ela não tinha mais cotação numa República da Irlanda excessivamente católica, e este fato tenha talvez contribuído para o exílio de Beckett.

Para mostrar como a filiação é direta não é necessário lembrar-se senão de que o "tutor" do jovem Beckett deveria tornar-se editor das obras completas de Berkeley; e quando, quarenta anos mais tarde, seu brilhante aluno escreveu o cenário de *Filme,* ele o construiu sobre o princípio de Berkeley: *Esse est percipi*. O Dr. Luce era, igualmente, especialista em Descartes: o primeiro poema de Beckett, *Whoroscope* (1930) é um monólogo sobre a vida desse filósofo. No começo de sua carreira, Beckett demonstrou um interesse quase profissional pela filosofia, e particularmente pelo dualismo do corpo e do espírito: vê-lo-emos em seu primeiro romance, *Murphy*.

Mas como James Joyce, ele se interessava em primeiro lugar pelas línguas romanas. O herói extremamente erudito de seu primeiro trabalho, o letárgico Belacqua, tomou seu nome de uma personagem de Dante, e imagens pedidas de empréstimo da *Divina Comédia* se acham ainda em *Todos os que Tombam* (1956). Estudou também o espanhol, e tornou-se um grande

admirador de Calderón, e sobretudo de *A Vida é um Sonho*. É em francês, todavia, que Beckett fez seus estudos mais aprofundados com um professor excêntrico e brilhante chamado Rudmose-Brown, que tinha laços de amizade com um grande número de poetas franceses de sua geração, Larbaud, Fargue, Jammes, Vielé-Griffin, que ele colocou, com Proust e Gide, no programa do Trinity College.

A influência de Joyce

Também era natural que o jovem Beckett tomasse o caminho da França, primeiro para uma excursão de bicicleta (primeira aparição de um símbolo favorito) aos castelos do Loire em 1926, em seguida, com o título de melhor aluno de seu ano na Irlanda, como leitor de inglês na Escola Normal Superior. Ainda aqui, como no caso de Portora, notamos o dedo, ou em todo caso, o empurrão do destino, pois como explicar que Trinity College seja uma das raras universidades a ter um programa de intercâmbio com essa instituição prestigiosa?

Era bastante natural, também, que o jovem poliglota fosse chamado para ajudar o velhor mestre irlandês, quase cego, que lutava com o manuscrito exuberante de *Finnegan's Wake*. Com Alfred Peron, que passara um ano em Trinity, pôs-se a traduzir a célebre passagem de *Anna Livia Plurabelle*. No monólogo denso, na língua familiar, sentimos os primeiros acentos do futuro Beckett:

É um li-indo porcalhão! Olha como está a camisa dele!
Olha só esta porcaria! Ela me sujou toda a minha água!

Já que aproximamos freqüentemente estes dois grandes irlandeses, parece importante ressaltar que entre eles existia quase que uma diferença de raça. Joyce provinha de uma família da pequena burguesia de Dublim, e se não obtivesse uma

bolsa de estudos, não teria nunca sido aluno dos jesuítas, nem teria entrado para a universidade católica, recentemente fundada pelo Cardeal Newman. E todavia, um dos aspectos mais curiosos da carreira de Beckett é a maneira pela qual ele absorveu, quase que por osmose, a tradição do catolicismo irlandês. Ele tem apenas um interesse relativo pela tradição escolástica, tão importante para Joyce; de Murphy, ele faz certamente um fiel por acaso de Guillaume de Champeaux, mas seu dilema invoca mais Guelincx.

Em compensação, o grupo de jovens poetas que Beckett freqüentava em Dublim (pensamos em Denis Devlin, particularmente) vinham todos da mesma universidade que Joyce. E quando ele chega a escolher os nomes de seus personagens, são sempre os nomes da terra irlandesa, como Murphy, Molloy, ou Malone. Dizendo de Beckett que ele era o último dos escritores anglo-irlandeses, deve-se reconhecer que seu senso da paisagem e das pessoas despreza todas as barreiras sociais e religiosas para criar uma espécie de Irlanda abstrata, próxima dos quadros de seu amigo Jack B. Yeats.

Joyce, portanto, acelerou esse processo de absorção. Mas, no entanto, a influência mais imediata que ele exerceu sobre Beckett foi pela integridade de seu exemplo, sobretudo na sua manipulação da linguagem. É fascinante pensar, de resto, olhando a obra de Beckett, que ele se ligou com Joyce no momento em que este se declarava chegado "ao fim do inglês", se tornava o grão sacerdote da *Transition* e da "revolução da palavra". No ensaio que Beckett consagra ao *Despertar de Finnegan*, nós o vemos exprimir a mesma preocupação, chegando a dizer "que não há língua mais sofisticada que o inglês, que é abstrata até a morte"[5]. Quando Joyce descreve qualquer coisa, ele se refere ao gesto que precede a palavra: "Ele não

[5] *From Our Examination Round His Factification for Incamination of Work in Progress*, 1929.

escreve *sobre* alguma coisa, ele escreve a própria coisa... aqui, a forma é o conteúdo, o conteúdo é a forma."

Uma primeira visão

Desde já, de algumas frases do ensaio sobre Joyce, emerge uma nova visão. Ele felicita Joyce, por exemplo, de dar importância ao nascimento e acrescenta: "Há muito do feto no velho de oitenta anos, e muito dos dois no homem na força da idade". Vê o mundo como "um incessante processo purgatorial" no qual o círculo vicioso da humanidade se completa: "nem recompensa, nem castigo, nada mais que uma série de estimulantes que permitem ao gatinho agarrar a cauda".

A visão se acentua no notável estudo sobre Proust, publicado em 1931. Ao mesmo tempo que marca a independência de Beckett face a Joyce, essa análise, de umas oitenta páginas é sem dúvida a mais lúcida e a mais profunda possível da visão do autor de *Em Busca do Tempo Perdido*. Ele negligencia o colunista social, e entendido em desvios sexuais para atingir em cheio o ponto fraco de seu pessimismo "a ingenuidade envenenada do tempo na ciência da aflição". E descreve-a em termos que não deixam dúvida alguma sobre suas simpatias quando fala da equação "proustiana" onde "o desconhecido que escolhe suas armas num arsenal é também o inapreensível", ele poderia estar analisando sua própria obra. E quando evoca a pesada carga do tempo, declarando que "não podemos escapar às horas, nem aos dias, nem a amanhã, nem a ontem", isto já é a lamentação de um Molloy ou de um Malone, na trilogia. Se a vida é um purgatório, como ele sugere no ensaio sobre Proust, o de *Mais Pontas de Faca do que Murros*, é sobrecarregado ao extremo, mas a coleção possui duas excelentes novelas, uma comovente meditação a respeito da morte de uma lagosta (tipicamente intitulada *Dante e a Lagosta*) e o "horrivelmente cômico" monólogo de uma Fraulein doente de amor. Mesmo nas outras peças, reconhecemos os primeiros

detalhes do universo de Beckett em formação, a fascinação do ritual, por exemplo (*"Há sempre algo a fazer em seguida"*), a atração exercida pelas bicicletas e os asilos, o retrato invejoso de um paralítico cego, que havia transformado sua doença em sistema. Outro indício do futuro: no momento em que o herói se mostra particularmente pedante, o autor interrompe: *"Desculpem o francês: o pobre coitado sonha em francês."*

Um romance filosófico

O Beckett dos primeiros anos é um primeiro esboço do modelo internacional a surgir. A obra-prima deste período é *Murphy* (1938), escrito em Londres. Depois da Escola Normal, Beckett aceitou um posto na sua velha universidade, do qual ele deveria demitir-se em breve, alegando o absurdo de ensinar o que nem ele próprio compreendia. Quando o pai faleceu, em 1933, ele herdou uma pequena renda anual, que, com alguns lucros de seus escritos, lhe garantiu a independência.

Aqui, convém talvez fazer uma pausa, não tanto para estabelecer uma comparação, mas para saudar o *Zeitgeist*. O romance filosófico não é um gênero novo, mas voltou à moda por volta do fim dos anos 30, com obras como *A Náusea*, publicada no mesmo ano que *Murphy*. Nas duas obras encontramos um herói solitário por natureza: não creio que a descrição que Beckett dá de Murphy, "um solipsista desancado", seria fora de propósito para Antoine Roquentin. Quando Maurice Nadeau disse de *A Náusea* que é "um mundo hermeticamente fechado", ele poderia muito bem falar do mundo interior de Murphy, ou de seus comparsas, lançados na mesma trajetória insensata.

A diferença é que *Murphy* é um livro cômico, hilariante mesmo. Que outro autor começaria por colocar seu herói, inteiramente nu, numa cadeira de balanço? Murphy procura assim o nirvana intelectual e o lugar que lhe parece o mais in-

teressante do mundo é seu espírito, "uma grande esfera oca, fechada hermeticamente". De suas três zonas, "claridade, penumbra, escuridão", é a última que prende sua atenção.

"Mas a escuridão não era feita nem de elementos, nem de estados, mas somente de formas que nasciam e desabavam na poeira de um futuro novo, sem amor, nem ódio, nem qualquer princípio de mutação concebível. Aqui ele não era livre, mas um átomo na escuridão da liberdade absoluta. Aqui ele não se mexia, ele era um ponto na efervescência de linhas, numa geração e num desabamento, sem parada nem condição, de linhas".

Ora, é justamente destes prazeres que o resto do mundo, e, em particular, as mulheres que o amam, querem privar Murphy. Forçado pela amante a arranjar um emprego, ele resolve seu problema de uma maneira tipicamente bekettiana, fazendo-se engajar num asilo, onde encontra o solipsismo dos pensionários realmente admirável. Murphy é um solitário bem mais convencido que Belacqua, mas a intriga fora de moda, ainda que brilhante, da qual ele é o centro, obscurece sua visão. Nos romances futuros, as outras personagens serão função da imaginação da personagem principal: foi só quando Beckett descobriu seu gênio para o monólogo é que soube libertar seu talento dos entraves da forma. E para isso lhe era necessário escrever em francês, uma língua que não está entulhada de metáforas nem de trocadilhos, uma língua "na qual é mais fácil escrever sem estilo.

O Rubicão da linguagem

Chegamos ao momento crucial da vida de Beckett, quando ele decidiu escrever em francês. Houve muita discussão sobre o porquê e o como dessa decisão, mas é certo que a guerra marcou a fronteira entre suas duas carreiras. Até lá, Beckett era um escritor irlandês, gozando de certa reputação. Aliás, o começo da guerra achou-o na Irlanda, em casa da mãe. Ele,

porém, partiu, declarando — segundo a lenda — que preferia "a França em guerra à Irlanda em paz".

Por trás dessa piada, como por trás de algumas outras que se atribuem à Beckett, esconde-se uma convicção profunda. Por certo ele não tinha nenhum motivo para amar um país que interditara suas obras e o tinha mesmo humilhado publicamente. (Em 1937, convocado como testemunha em um processo literário, viu-se acusado de escrever livros de um gosto duvidoso, e, o que é pior, de admirar os que, como Proust, o faziam.) Na realidade, contudo, a Irlanda já não estava em jogo. Pela sua longa temporada na França, por sua esposa e seus amigos franceses, Beckett sentia-se mais ligado a Montparnasse que a Foxrock.

Ele estava longe de ser indiferente à ameaça nazista. Se sua contribuição a um simpósio sobre a guerra da Espanha denotava seu humor habitual (respondeu sobre um cartão postal "Viva a República!" o que bem se poderia aplicar à guerra civil irlandesa), nem por isso deixava de vir do coração. Em particular, Beckett suportava mal o anti-semitismo, e, frente ao espetáculo das estrelas amarelas, e dos reféns, não podia, disse ele, "permanecer de braços cruzados".

Do grupo de resistentes ao qual Beckett servia de caixa-postal, quase todos foram presos, ele e sua mulher escapando por um triz da Gestapo. (Seu amigo, Alfredo Peron, teve menos sorte.) O casal se refugiou no Roussillon, onde Beckett trabalhava durante o dia como operário agrícola, e tentava escrever à noite, para esquecer a guerra. *Watt* só foi publicado em francês em 1968, mas é um texto decisivo, a meio caminho entre as duas carreiras de Beckett. É, em primeiro lugar, quase que o mais irlandês de seus livros, como se o afastamento avivasse as cores de sua paisagem natal. É também um dos mais engraçados: as pequenas quadras, as listas de nomes impossíveis, e, sobretudo, o relatório do nascimento de Larry du-

rante o jantar, fazem dele uma comédia tão boa quanto as do Abbey Theatre quando Beckett o freqüentava para ver as peças de Synge e de O'Casey.

Mas o tema central é a decomposição do verbo, a crucificação intelectual de Watt, que descobre que não pode explicar o que lhe acontece, nem mesmo a Sam seu companheiro de asilo. Beckett teve muita dificuldade em encontrar um editor inglês para essa extraordinária visão: na próxima vez em que esta voz solitária se elevaria, seria em francês, e mesmo o amigo Sam desapareceria, para deixar o monologador — chame-se ele Molloy, Moran ou Malone — sozinho em cena.

Os primeiros passos ou o entreato

Em 1945, Beckett estava de retorno a Paris, depois de um breve episódio como intérprete em um hospital militar em Saint-Lô. "Com a libertação, eu pude conservar meu apartamento, voltei para lá, e me pus a escrever novamente — em francês — com o desejo de me empobrecer ainda mais."

Seus primeiros passos não deveriam satisfazê-lo. Em *O Inominável*, ele faz uma alusão despreziva ao "pseudo-casal Mercier-Camier" e o romance com esse título seria publicado somente em 1970. Veremos por quê. É uma obra engenhosa e divertida, mas muito perto, tecnicamente, do que Beckett já fizera em inglês, e o excesso de diálogo faz dela um meio termo entre romance e peça teatral. Pela primeira vez, encontramos o casal, cada um a ponto de deixar o outro sem jamais se decidirem a isso: seu diálogo exacerbado constitui quase um modo de vida. Nos o reencontraremos de novo no palco do Théâtre de Babylone. No entretempo, suas zombarias

> *"Você me atrapalha mais do que ajuda, diz Mercier.*
> *Eu não procuro te ajudar, diz Camier, eu procuro ajudar-me a mim mesmo."*

nos distraem, ao mesmo tempo em que nos sentimos tocados pela sua dependência de um pelo outro.

"A garrafa está vazia, diz Georges...
Ah, os porcos, diz o Sr. Conaire
Eles estão estendidos, todos vestidos na terra, lado a lado, diz Georges, de mãos dadas."

Nas novelas que escreveu pela mesma época, Beckett está mais próximo da sua própria visão. O narrador amistoso de Mercier e Camier ("A viagem de *Mercier e Camier*, eu a posso contar, seu eu quiser, pois estive com eles o tempo todo"), desapareceu, e cada criatura conta à sua maneira, a sua própria história. Ninguém está seguro de nada, a não ser de não estar onde estava. "Eu não sabia onde estava", diz o principal personagem de "O Expulso", que vagara todo o dia depois de ter sido despejado de sua casa, com seu chapéu. Em "O Fim", o narrador foi igualmente expulso de alguma instituição, com seu chapéu preso por uma fita aos seus botões. O paralelismo é impressionante entre este exilado da sociedade e a situação pessoal de Beckett, mas as implicações vão mais longe. Virando, resolutamente, as costas ao mundo de pós-guerra, e a arte que era a sua expressão, Beckett começa a procurar uma linguagem que exprima a condição humana em toda a sua nudez, a do homem acabrunhado por um século de horrores. Os jogos do espírito e do pedantismo desapareceram, e durante cinco anos extraordinários Beckett tenta desesperadamente exprimir uma nova visão, tão despojada quanto a escultura de seu amigo Giacommetti. No alto de seu próximo manuscrito, ele escreveu: "Em desespero de causa."

A trilogia

Não sei por que contei essa história. Eu poderia ter contado outra. Talvez uma outra vez eu possa contar outra.[6]

[6] *Novelas e Textos para Nada.*

Em abril de 1951, as Editions de Minuit publicaram *Molloy*, a primeira obra francesa de Beckett. A crítica é unânime: Maurice Nadeau, Gaétan Picon, Georges Bataille e outros grandes críticos viram nele um acontecimento literário, reconhecendo, porém, que suas chances de esperar popularidade são mínimas. Eles notam seu ar de família com "O Expulso" (publicado na revista *Fontaine*) como se *Molloy* preenchesse as vagas promessas exprimidas no fim do texto precedente. De agora em diante, quaisquer que sejam as circunstâncias, a obra de Beckett formulará a mesma queixa solitária, pois todos os detalhes se equivalem e se anulam no universo da degradação.

Molloy não foi despejado, está certo: está no quarto de sua mãe. Mas teve um trabalho enorme para chegar até lá e suas peregrinações lhe são tão reais quanto o quarto, pois são elas que ele descreve. Um homem acaba de apanhar suas folhas, e entregar as da semana precedente. Elas estão marcadas com sinais, como se ele fosse um tipógrafo trazendo de volta as provas, que nós estamos justamente lendo. A terrível intimidade de "hipócrita leitor! meu semelhante, meu irmão" de Baudelaire recebe uma nova volta de parafuso:

E mais uma, já que a viagem de Molloy tem um paralelo na de Moran, que parte em busca dele. Esta personalidade vai achar-se progressivamente reduzido ao mesmo estado que o objeto de sua busca; mesmo as bicicletas, para Beckett, símbolos favoritos de uma relação harmoniosa entre o corpo e o espírito, se desintegram no país de Molloy. Acontecer-nos-ia o mesmo se ousássemos segui-lo, mas existem compensações que o próprio Goya não teria imaginado.

"Estar verdadeiramente na impossibilidade de se mexer, deve ser um negócio! Sinto a cuca fundir-me quando penso nisso. Com isso uma afasia completa. E talvez uma surdez total! E, quem sabe, uma paralisia de retina! E, muito provavelmente,

a perda da memória! E só o bastante de cérebro para poder rejubilar-se... E para temer a morte como um renascimento."

É o Swift mais puro: para Beckett, em suma, o único meio de suportar uma humanidade num tal estado é uma paralisia pior que a morte. "Eu não suportaria mais ser um homem", murmura Moran, outrora tão lógico O narrador de *Malone Morre* (1951), segundo volume da trilogia, progrediu um pouco mais avante que Molloy nos caminhos do nada. Ele também acha-se sentado em seu quarto, escrevendo histórias, ele também foi transportado "em uma ambulância, talvez um veículo qualquer, certamente". Mas o quarto parece-se menos com um ventre do que com um crânio, o seu, talvez, e ele não fez nenhuma peregrinagem para chegar até lá. A fixação de Molloy com sua mãe desapareceu, não deixando mais nada entre ele e a morte a não ser as histórias que ele inventa: "Eu conto, portanto sou" é a versão que vive Malone do dilema cartesiano, sempre próximo das preocupações de Beckett.

As histórias concernem outros seres, não ele, personagens imaginárias que se fundem umas nas outras. O primeiro é Sapo, um menino cujos únicos interesses são fazer cálculo mental e vigiar os falcões.

> *"Imóvel, ele seguia com os olhos os longos vôos planados, expectativa trêmula, as asas que se erguiam para a queda perpendicular, a subida encolerizada, fascinado por tanta necessidade, tanta altivez, paciência, solidão."*

Mas seu inventor cansa-se rapidamente desse preguicoso, e o envia para uma família de camponeses, os Louis, que ele descreve com tanta exatidão que ele logo começa a murmurar "que tudo isso é verossímil". Especialmente o pai, reputado bom sangrador e cortador de porcos.

"Então lá se ia ele, tendo sob o braço, em sua caixa, as facas longamente afiadas na véspera, ao canto do fogo, e no bolso, em um papel, o avental destinado a proteger, durante o trabalho, suas roupas domingueiras e de dias de festa. E ao pensamento de que ele, o gordo Louis, estava a caminho dessa longínqua fazenda onde o estavam esperando, e que, apesar de sua idade avançada, tinham ainda necessidade dele, que podia com o que os jovens não podiam, então seu velho coração estremecia em sua gaiola. Destas expedições ele voltava tarde da noite, ébrio e esgotado pela longa caminhada e pela emoção."

O contraste entre essas personagens fictícias e o corpo prostrado no leito constitui a estrutura do livro. Todos se fundem no misterioso Macmann, que descobrimos olhando um rio que se parece estranhamente com a Liffey natal do autor, Anna Livia Plurabelle. Macmann é um novo vagabundo de uma longa linhagem e como Murphy, ele encontra refúgio num asilo: a ligação que ele tem com sua enfermeira, Moll, é sem dúvida o comentário maior "horrivelmente cômico" sobre o amor físico, depois dos poemas de Swift. Mas, dentro em breve, seu criador comum decide matá-la, ela em todo caso, e talvez mais tarde a ele: a máquina de pensar enguiça. Uma excursão acaba pela deriva de um barco carregado de passageiros e a sintaxe expira... *mais nada*.

Jogos de Paciência

A despeito de passagens notáveis, tão belas quanto certos poemas em prosa de Baudelaire, a trilogia expõe muito implacavelmente o dilema beckettiano para agradar ao grande público. Mas, felizmente, quando Beckett se rendeu conta de seu gênio para o monólogo, pôs-se a escrever peças teatrais e foi com a produção de *Esperando Godot*, em 1953, que começou a se fazer conhecido. "Vi os *Pensamentos* de Pascal repre-

sentados pelos Fratellini", escreveu Jean Anouilh a propósito dessa memorável estréia no Théâtre de Babylone; três anos depois de *A Cantora Careca* de Ionesco, o Teatro do Absurdo, como deveria em breve ser chamado, havia achado um novo apóstolo.

O maïs notável, no teatro de Beckett, é que ele não simplifica em nada sua visão do mundo: *Esperando Godot* foi escrito entre *Malone Morre* e *O Inominável,* e a peça é mais desolada ainda, talvez, que os romances. Numa estrada deserta, dois mendigos esperam alguém a quem eles chamam Godot, um homem e seu servidor se aproximam, e quando se distanciam a passos incertos, um menïninho anuncia que Godot não virá aquela noite. "Nada se passa, ninguém vem, ninguém vai, é terrível!" O grito de Estragon, por volta do fim do primeiro ato, resume a ação de uma peça, onde, segundo a expressão do crítico Vivian Mercier, por duas vezes nada se passa.

Mas se aceïtamos a angústia do vazio, — "nada a fazer", é por essas palavras que começa a peça — ficamos livres para passar o tempo à nossa maneira. Estragon e Vladimir se inserem numa das mais antigas tradições do teatro, a do *Guignol*.

Estragon — *O que é que devo fazer?*
Vladimir — *Xinga-me!*
Estragon — *Ordinário!*
Vladïmir — *Mais forte!*
Estragon — *Imprestável! Crápula!*

Não parece útil entrar aqui numa discussão do significado de Godot, mas parece evidente que ele personifica toda esperança vaga a qual se agarra o homem, e mesmo a esperança em Deus (*God*). O que interessa, na peça, são as relações entre as personagens, relações entre Pozzo e Lucky, que ilustram a

interdependência do patrão e do servidor, espécie de casamento que une Gogo e Didi. Os jogos, as trocas verbais, os rituais lhes permitem, ao mesmo tempo que a nós, esquecer a angústia; "o ar está cheio dos nossos gritos... mas o hábito é uma grande surdina".

Uma curiosa anedota explica, em parte, a obsessão que tem Beckett por mendigos. Pouco depois da guerra, um deles o atacou na rua, a facadas. Quando foi confrontado com a sua vítima, em seguida, o mendigo não soube explicar a razão de seu gesto. "Eu não sei, senhor" — repetia ele. A cena parece achar um eco na peça, muitos anos mais tarde.

Vladimir (irritado): *Então para que voltar?*

Estragon — *Não sei.*

Vladimir — *Mas eu sei. Porque você não sabe se defender. Eu não te teria deixado bater.*

Estragon — *Eu não estava fazendo nada.*

Vladimir — *Então por que é que eles te bateram?*

Estragon — *Não sei.*

"Fim, acabou, vai acabar, talvez acabe." Como sugere sua primeira frase, *Fim de Festa* (1957) expõe de novo a mesma situação, mas as peças do jogo estão expostas diferentemente. A estrada se transforma em quarto, que como o de *Malone Morre* se parece com o interior de um crânio. As relações entre o amo e o escravo estão dessa vez no centro da intriga; os únicos outros personagens são Mag e Mell, pais de Hamm, como Mahood, vivem nas lixeiras num canto do palco.

Falou-se muito da semelhança entre *Fim de Festa* e *O Rei Lear;* a comparação, por exagerada que seja, mostra a qualidade da peça de Beckett, onde Hamm, que, rei deposto, é cuidado por seu bobo.

"Eu escrevo algo que é pior ainda — dirá Beckett —, mais difícil e elíptica, que conta sobretudo com a força do texto para arranhar, mais inumano que Godot." Mas a frase não rende bastante justiça ao humor negro no qual banha essa paisagem pós-atômica. "Nada é mais engraçado que a infelicidade", diz Nell, e pensamos na terceira parte das *Viagens de Gulliver*. Como Swift, Beckett ridiculariza amargamente as indignidades da época, do espírito acorrentado a um corpo apodrecido. Os Struldbrugs são os ancestrais dos pais de *Fim de Festa*, anelados em suas lixeiras, todo amor reduzido a umas cócegas nas costas.

A voz humana

É-se tentado a ver entre as três peças mais conhecidas de Beckett o mesmo vínculo que entre os romances da trilogia. Com *Dias Felizes* (publicado em 1961 em inglês, e em 1963 em francês) tornamos ao monólogo, o de uma voz de mulher levantada no deserto invasor. Quase todas as últimas obras de Beckett são escritas para seu instrumento favorito, a voz humana, seja a do narrador rastejante na lama de *Como É* (1961), seja a de Krapp brincando com seu magnetofone.

Qual o significado que podemos achar nesses murmúrios!

O primeiro tema poderia ser a importância do hábito. Já no ensaio sobre Proust, ele é "o compromisso do indivíduo com o que o cerca", que nos protege da realidade. Todos os personagens de Beckett ilustram essa amarga verdade, que sejam inconscientemente, como Winnie em *Dias Felizes*, ou parodiando a repetição ritualizando-a ao absurdo, como *Molloy*, que fazia, indefinidamente, passar suas pedrinhas de chupar de um bolso para o outro. Nossa necessidade dos outros — amigos, cônjuges — é a forma mais profunda do hábito. Lá, ainda, o gênio de Beckett nos obriga a enfrentar a nossa condição. Em Proust, verdadeira mina dos temas futuros de Beckett, o de-

sejo de comunicar quando nenhuma comunicação é possível parece "horrivelmente cômica" enquanto que a amizade implica uma lastimável "aceitação das aparências." Essas duas frases poderiam servir de preâmbulo à vida dos casais que povoam as peças de Beckett, de Didi e Gogo, ao Sr. e Sra. Rooney retornando arquejando da estação, em *Todos os que Tombam* e a Winnie, que lê a esperança nos grunhidos de Willie em *Dias Felizes*.

E que dizer do amor, "tema supremo da arte e da canção" como dizia W. B. Yeats? Não pensamos freqüentemente em Beckett neste contexto, mas deve haver, no teatro, bem poucas evocações deste "deserto de solidão e recriminações que os homens chamam amor" (para citarmos pela última vez o ensaio sobre Proust), que sejam tão desolados quanto o triângulo de *Comédia*. Enterradas até o pescoço em jarras, duas mulheres assaltam um homem de suas reivindicações, é evidente que ninguém escuta ninguém, preocupado apenas em se justificar. É "horrivelmente cômico".

Mas restam lembranças de amor, tão poderosas no universo de Proust. Uma das passagens mais bonitas e misteriosas de *A Última Gravação* é aquela em que o velho Krapp passa e repassa a cena de amor em um barco:

> *"Eu lhe pedi que me olhasse, e depois de alguns instantes — (Pausa) — e depois de alguns instantes ela o fez, mas os olhos como fendas, por causa do sol. Eu me inclinei sobre ela para que eles ficassem na sombra, e eles se abriram. (Pausa). Deixaram-me entrar... Eu me colei sobre ela, meu rosto em seus seios e minha mão sobre ela. Ficamos lá, deitados, sem nos mexermos. Mas embaixo de nós, tudo mexia, e nos balançava, docemente, para cima e para baixo, e de um lado para outro."*

Beckett transforma suas lembranças em zombaria, como o eco de *Por quem os Sinos Dobram* pode fazer pensar? "Mas eu não queria mais", resmunga Krapp, trinta anos mais tarde, e no entanto ele fala de seu passado como de uma época "quando ele ainda tinha uma chance de felicidade". O velho de *Fala, Joe* é perseguido pela memória de uma jovem que se suicidou; como Krapp, ele a tinha rejeitado, e deve se satisfazer agora com as visitas ocasionais de uma prostituta. Através da paisagem de Beckett, de *Mais Pontas de Faca do que Murros* até *Todos os que Tombam,* flutuam periodicamente alguns pedaços de sua ária favorita, *A Morte da Donzela,* de Schubert, e nós nos lembramos de que uma prima que ele amara morreu muito jovem:

Eu desejaria que meu amor morresse
que chovesse sobre o cemitério
e as ruas onde eu vou
chorando aquela que acreditava me amar."[7]

Mas se a jovem morreu, a mulher, por sua vez, vive. Beckett zomba da irredutibilidade de Winnie, em *Dias Felizes* que enche os vazios com seus lugares-comuns? Eu creio que ele a admira, como admira a Sra. Rooney, essa maciça Rainha Lear, carregada das desgraças do mundo. Ao menos, as mulheres continuam a ser e sabem mesmo tirar uma certa poesia da destituição. A última imagem da peça é a de Winnie, enterrada até o pescoço, cantando, como uma mística, louvores à "luz divina" que irá justamente destruí-la. Quando o Comitê do Prêmio Nobel decidiu honrar Samuel Beckett, seu criador, parece quase simbólico que o tenha encontrado na Tunísia, em uma cidade inundada, nos confins do deserto.

Tradução de Cora Rónai Vieira.

[7] Poema publicado em 1948.

SAMUEL
BECKETT

MALONE
MORRE

Dentro em breve estarei enfim completamente morto apesar de tudo. Talvez no mês que vem. Seria então o mês de abril ou de maio. Pois o ano avançou pouco, mil pequenos indícios me confirmam isso. Pode ser que me engane e que eu vá além de São João ou até do Quatorze de Julho, festa da liberdade. Que é que estou dizendo, sou capaz de ir até a Transfiguração, do jeito que me conheço, ou até a Assunção. Mas não creio, não creio que me engane quando digo que essas alegrias virão sem mim, este ano. Tenho este sentimento, já há alguns dias, e acredito nele. Mas em que ele difere dos que me enganam desde que existo, Não, é um gênero de pergunta que não pega mais comigo, não tenho mais necessidade de pitoresco. Morreria hoje mesmo, se quisesse, bastando dar um empurrãozinho de nada, se eu pudesse querer, se eu pudesse dar um empurrãozinho. Mas o melhor mesmo é me deixar morrer, sem precipitar as coisas. Deve haver nisso tudo alguma coisa de mudado. Não posse mais pesar na balança, nem de um lado nem de outro. Serei neutro e inerte. Isso será fácil para mim. O que importa somente é prestar atenção aos sobressaltos. Aliás eu me sobressalto menos desde que estou

aqui. Evidentemente ainda tenho movimentos de impaciência de vez em quando. É contra eles que tenho de me proteger agora, durante quinze dias, três semanas. Sem exagerar nada, é claro, chorando e rindo tranqüilamente, sem me exaltar. É, finalmente vou ser natural, sofrerei mais ainda, depois menos, sem tirar disso conclusões, eu me escutarei menos, não serei mais nem frio nem quente, serei morno, morrerei morno, sem entusiasmo. Não me olharei morrer, isso tornaria tudo falso. Alguma vez me olhei viver? Alguma vez me queixei? Então por que me rejubilar, agora. Estou contente, é óbvio, mas não a ponto de aplaudir. Sempre fiquei contente, sabendo que seria reembolsado. Agora ele está aqui, o meu velho credor. Será uma razão para festejá-lo? Não responderei mais às perguntas. Tentarei também não me formular outras mais. Vão poder me enterrar, não me verão mais na superfície. Daqui até lá vou me contar estórias, se puder. Não será o mesmo genero de estórias de antigamente, está decidido. Serão estórias nem bonitas nem feias, calmas, não haverá nelas nem feiúra nem beleza, nem febre, elas serão quase sem vida, como o artista. Que é que eu disse agora? Não faz mal. Eu me prometo muita satisfação com isso, uma certa satisfação. Estou satisfeito, pois é, perdido, reembolsam-me, não preciso de mais nada. Deixem-me dizer primeiro que eu não perdôo a ninguém. Desejo a todos uma vida atroz e em seguida as chamas e o gelo dos infernos e nas execráveis gerações vindouras uma memória honrada. Basta por esta noite.

Desta vez eu sei aonde vou. Não é mais a noite de outrora, de há pouco tempo. É uma brincadeira agora, vou brincar. Até hoje eu não soube brincar. Sempre tive vontade, mas sabia que era impossível. Apesar disso eu me apliquei muitas vezes. Em toda parte eu acendia, olhava bem à minha volta, punha-me a brincar com o que eu via. As pessoas e as coisas só querem brincar, certos animais também. Isso começava bem, vinham todas para mim, contentes de que alguém quisesse brincar com elas. Quando eu dizia — "Agora preciso de um cor-

cunda", logo chegava um, orgulhoso da corcunda que ia fazer seu número. Nunca lhe vinha à cabeça à idéia de que eu lhe poderia pedir para se despir. Mas eu não demorava muito a me encontrar sozinho, sem luz. É por isso que renunciei a querer brincar e fiz meus para sempre o disforme e o inarticulado, as hipóteses desinteressadas, a obscuridade, a longa marcha com os braços para frente, o esconderijo. Tal é o sério do qual já há quase um século eu nunca, por assim dizer, me livrei. Agora tudo isso vai mudar, não quero fazer nada mais a não ser brincar. Não, não vou começar por um exagero. Mas eu brincarei uma grande parte do tempo, doravante, a maior parte, se eu puder. Mas não conseguirei fazer melhor do que outrora. Talvez eu me vá encontrar abandonado como outrora, sem brinquedos, sem luz. Então brincarei sozinho, farei como se me estivesse vendo. Ter podido conceber tal projeto me estimula.

Tive que refletir durante a noite sobre o meu horário. Acho que poderei me contar quatro estórias, cada uma sobre um tema diferente. Uma sobre um homem, uma sobre uma mulher, uma terceira sobre uma coisa qualquer e enfim uma sobre um animal, um pássaro, talvez. Acho que não estou esquecendo nada. Seria ótimo. Talvez eu ponha o homem e a mulher na mesma, há tão pouca diferença entre um homem e uma mulher, quero dizer entre os meus. Talvez eu não tenha tempo de acabar. Por outro lado, talvez acabe cedo demais. Eis-me de novo nas minhas velhas aporias. Serão mesmo aporias, verdadeiras? Não sei. Se eu não terminar, não tem importância. Mas se eu precisasse terminar mais cedo? Também não tem importância. Pois então falarei das coisas que permanecem em minha posse, é um projeto muito antigo. Será uma espécie de inventário. De qualquer maneira devo abandoná-lo até os últimos momentos, para ter a certeza de que não me enganei. Aliás é uma coisa que farei certamente, aconteça o que acontecer. Sobra-me um quarto de hora no máximo. Quer dizer que poderia ter ainda um pouco mais de tempo, se quisesse.

Mas se o tempo viesse a me falar, no último momento, bastaria um pequeno quarto de hora, para levantar meu inventário. Quero de agora em diante ser claro sem ser maníaco, faz parte dos meus projetos. É claro que sou susceptível de me apagar subitamente, de um momento para outro. Não seria então melhor falar de minhas posses sem mais demora? Não seria mais prudente? Mesmo que eu tenha que fazer correções no último minuto, se falhar? Eis o que a razão aconselha. Mas a razão tem pouca força sobre mim, neste momento. Tudo concorre para me estimular. Mas morrer sem deixar inventário, posso mesmo resignar-me a essa possibilidade? Lá estou eu começando a tergiversar. É preciso supor que me resigne, já que vou correr o risco. A minha vida inteira me contive para não estabelecer esse balanço, dizendo-me cedo demais, cedo demais. Pois bem, ainda é cedo demais. A minha vida inteira sonhei com o momento em que, finalmente fixado, tanto quanto se possa ser antes de ter perdido tudo, eu poderia passar o traço e fazer a soma. Esse momento me parece iminente. Também não é por isso que vou perder meu sangue frio. Portanto minhas estórias primeiro e em último lugar, se tudo correr certo, meu inventário. E começarei, para não vê-los mais, pelo homem e pela mulher. Será a primeira estória, não há assunto para duas estórias afinal, a que acabo de indicar, depois a do animal, depois a da coisa, uma pedra provavelmente. Tudo isso é muito claro. Depois eu tratarei das minhas posses. Se depois disto tudo eu viver ainda, farei o necessário, para estar certo de não me ter enganado. É o que está decidido. Antigamente não sabia aonde ir, mas sabia que iria chegar, sabia que a longa etapa cega seria cumprida. Quantos quase, meu Deus. É bom. É preciso brincar agora. Custo muito a me habituar com esta idéia. A velha neblina me chama. Agora é o contrário que é preciso dizer. Pois esta estrada bem marcada, sinto que não seguirei talvez até o fim. Mas ainda tenho uma boa esperança. Pergunto-me se neste momento estou perdendo tempo ou ganhando. Decidi também lembrar-me brevemente da situação presente, antes de começar minhas es-

tórias. Acho que estou errado. É uma fraqueza. Mas vou deixar correr. Brincarei com muito mais ardor em seguida. Aliás isto ficará em equilíbrio com o meu inventário. A estética é pois para mim, enfim uma certa estética. Pois vai ser preciso que eu retome o sério para poder falar de minhas posses. Portanto aí está o tempo que me sobra dividido em cinco. Em cinco o quê? Não sei. Tudo se divide em si mesmo, suponho. Se torno a me meter a querer refletir vou perder a minha morte. Devo dizer que esta perspectiva tem alguma coisa de atraente. Mas estou prevenido. Encontro atrativos em tudo, desde há alguns dias. Voltemos aos cinco. Situação presente, três estórias, inventário, aí está. Alguns entremeios não devem ser excluídos. É um programa. Só me afastarei na medida em que não possa fazer de outra forma. Está decidido. Sinto que estou cometendo um erro enorme. Não faz mal.

Situação presente. Este quarto parece ser meu. Não encontro nenhuma outra explicação para que me deixem nele. Já há tanto tempo. A menos que uma potência qualquer o queira. O que é pouco verossímil. Por que as potências teriam mudado em relação a mim? É melhor adotar a explicação mais simples, mesmo que o seja muito pouco, mesmo que ela não explique lá muita coisa. A grande claridade não é necessária, uma fraca luz permite viver na estranheza, uma pequena luz fiel. Herdei talvez o quarto após a morte da pessoa que estava aqui antes de mim. Em todo o caso não procuro ir além. Não é um quarto de hospital ou de um asilo de alienados, isso logo se vê. Fiquei de orelhas a postos em diversas horas do dia, sem nunca ouvir nada de suspeito ou de inusitado, mas sempre os ruídos serenos do homem em liberdade, levantando-se, deitando-se, cozinhando, indo e vindo, chorando e rindo, ou então nada. E quando eu olho pela janela, vejo bem, diante de certos indícios, que não estou numa clínica de repouso qualquer. Não, é um quarto de particular comum num prédio normal aparentemente. Não me lem-

bro como cheguei nele. Talvez numa ambulância, num veículo qualquer certamente. Eu me encontrei nele um dia, na cama. Tendo com certeza perdido os sentidos em algum lugar, beneficiei-me forçosamente de um hiato em minhas lembranças, que só voltam quando acordo aqui. Quanto aos acontecimentos que levaram à síncope e aos quais no momento eu não devo ter sido insensível, não sobra nada, na minha cabeça, de inteligível. Mas quem não teve esses esquecimentos? Os amanhãs de embriaguez são costumeiros. Esses acontecimentos, algumas vezes me diverti em inventá-los. Mas sem chegar a me divertir de verdade. Não cheguei tampouco a precisar, para fazer disso um ponto de partida, minha última lembrança antes de acordar aqui. Eu andava certamente, a minha vida inteira andei, salvo nos primeiros meses e desde que estou aqui. Mas no fim doida eu não sabia onde tinha estado nem em que tinha pensado. De que poderia eu lembrar-me, e com quê? Lembro-me de um clima. Minha juventude é mais variada, como eu a encontro de vez em quando. Nessa época eu não sabia ainda muito bem me virar. Vivi numa espécie de coma. Perder os sentidos, para mim, era perder pouca coisa. Mas talvez me tenham abatido, numa floresta talvez, é, agora quando digo floresta eu me lembro vagamente de uma floresta. Tudo isso é passado. É o presente que preciso estabelecer, antes de ser vingado. É um quarto comum. Conheci poucos quartos, mas este aqui me parece comum. No fundo, se não me sentisse marrer, poderia pensar que já estava morto, expiando ou numa das casas do céu. Mas sinto enfim que o tempo me é contado. Eu tinha muito mais a impressão de além-túmulo há apenas seis meses. Se me tivessem predito que um dia me sentiria viver desta maneira, eu teria sorrido. Isso não seria visto, mas eu teria sabido que sorria. Lembro-me bem dos últimos dias, eles deixaram-me mais lembranças que uns trinta mil precedentes. O contrário teria sido menos surpreendente. Quanto tiver terminado meu inventário, se minha morte não estiver pronta, escreverei minhas memórias. Vejam só, eu disse uma pilhéria. Muito bem,

muito bem. Há um armário dentro do qual nunca olhei. Minhas posses estão num canto, todas misturadas. Com minha vareta longa posso mexer nelas, trazê-las até a mim, devolvê-las a seu lugar. Minha cama está perto da janela Fico virado para ela a maior parte do tempo. Vejo alguns tetos e um pedaço de céu, um fim de rua também, se fizer um grande esforço. Não vejo nem campo nem montanhas. Entretanto eles estão próximos. Aliás, que é que sei sobre isso? Também não vejo o mar, mas o ouço quando está de ressaca. Posso olhar para dentro de um quarto da casa da frente. Lá se passam às vezes algumas coïsas estranhas. As pessoas são estranhas. Trata-se talvez de anormais. Eles também me devem ver, minha grande cabeça hirsuta colada na vidraça. Nunca tive tantos cabelos como agora, nem tão compridos, digo sem temor de ser desmentido. Mas à noite eles não me vêem, pois eu nunca acendo a luz. Interessei-me também um pouco pelas estrelas aqui. Mas não consigo me localizar. Olhando-as uma noite, vi-me de repente em Londres. Será possível que eu tenha esticado até Londres? E as estrelas, o que elas têm a ver com essa cidade? Em compensação, a lua tornou-se familiar. Conheço bem agora suas mudanças de aspecto e órbita, sei mais ou menos as horas em que posso procurá-la no céu e as noites em que ela não virá. Que mais? As nuvens. São muito variadas, verdadeiramente de grande variedade. E todas as espécies de pássaros. Eles chegam até o parapeito da janela pedindo o que comer! É emocionante. Eles batem na vidraça, com o bico. Eu nunca lhes dei nada. Mas eles vêm sempre. Que é que eles esperam? Não são urubus. Não somente sou deixado aqui, mas ainda tomam conta de mim! Eis como isso acontece agora. A porta se entreabre, uma mão põe um prato sobre a mesinha que se encontra aí para isso mesmo, tira o prato da véspera, e a porta volta a se fechar. Fazem isso para mim todos os dias, na mesma hora provavelmente. Quando quero me restaurar engancho a mesa com a minha vareta e puxo-a. É uma mesa de rodinhas, ela roda em minha direção com rangidos virando para a esquerda

e para a direita. Quando não preciso mais dela lanço-a para perto da porta. Trazem sempre sopa. Eles devem saber que não tenho mais dentes. Como-a uma vez em duas, uma vez em três, em média. Quando meu urinol está cheio eu o coloco em cima da mesa ao lado do prato. Fico então vinte e quatro horas sem vaso. Não, eu tenho dois vasos. Tudo foi previsto. Estou nu na cama, com as cobertas diretamente em cima de mim, cujo número aumento e diminuo segundo as estações. Nunca tenho calor, nunca frio. Não me lavo, mas não me sujo. Se me sinto sujo em algum lugar esfrego meu dedo umedecido de saliva. O essencial é se alimentar e eliminar, se queremos agüentar. Vaso e gamela, eis os pólos. No início as coisas se passavam diferentemente. A mulher vinha ao quarto, afobava-se à minha volta, indagava sobre minhas necessidades, sobre minhas vontades. Acabei apesar de tudo por fazer-lhe compreendê-las, minhas necessidades e minhas vontades. Não foi fácil. Ela não compreendia. Até o dia em que encontrei os termos, e os tons adaptados a seu caso. Tudo isto deve ser pela metade imaginário. Foi ela que me conseguiu esta longa vara, munida de um gancho. Graças a ela posso controlar até os cantos mais distantes de minha morada. Quão grande é a minha dívida para com as varas. Chego quase esquecer as surras que me deram. A mulher é uma velha. Não sei porque é boa comigo. É, chamemos a isso de bondade, sem deboche. Para ela trata-se certamente de bondade. Acho que é ainda mais velha do que eu. Embora menos bem conservada, apesar de sua mobilidade. Talvez ela faça parte do quarto, de algum modo. Neste caso ela não requer nenhum estudo à parte. Mas não está excluído que faça o que faz por caridade ou por um sentimento menos geral de piedade ou de afeto comigo. Tudo é possível, vou acabar por acreditar. Mas é mais cômodo supor que ela me tenha sido devoluta ao mesmo título que o quarto. Não vejo dela a não ser a mão descarnada e uma parte da manga. Nem isso, nem isso. Talvez ela já esteja morta, se antecipando a mim, talvez seja uma outra mão agora que guarneça e desocupe minha

mesinha. Não sei há quanto tempo estou aqui, já devo ter dito. Sei apenas que já era muito velho antes de me encontrar aqui. Confesso-me nonagenário, mas não posso provar. Talvez não seja mais que qüinquagenário, ou quadragenário. Há uma eternidade que não ligo mais para isso, para os meus anos quero dizer. Sei o ano do meu nascimento, não o esqueci, mas não sei a que ano cheguei. Mas creio que estou aqui já há algum tempo. Pois sei o que podem contra mim, ao abrigo destas paredes, as diversas estações. Isto não se aprende num ano ou dois. Dias inteiros me pareceram caber entre dois piscares de olho. Haverá ainda alguma coisa a acrescentar? Talvez algumas palavras sobre mim. Meu corpo é o que chamam, talvez levianamente, impotente. Ele não pode, por assim dizer, mais nada. Às vezes lamento não poder me arrastar. Mais ou pouco inclinado à nostalgia. Meus braços, uma vez no lugar, podem exercer força, mas tenho dificuldade em dirigi-los. Talvez seja o núcleo vermelho que empalideceu. Tremo um pouco, mas somente um pouco. O gemido do estrado faz parte de minha vida, eu não gostaria que ele parasse, quero dizer, não gostaria que ele se atenuasse. É de costas, quer dizer, prosternado, não virado, que eu sou melhor, quer dizer, que eu sou menos ossudo. Fico de costas, mas meu rosto está no travesseiro. Basta-me abrir os olhos para que recomecem o céu e a fumaça dos homens. Vejo e ouço muito mal. O que está longe só é iluminado por reflexos, é para mim que meus sentidos estão virados. Mudo, obscuro e sem graça, não sou feito para eles. Estou longe dos barulhos de sangue e de fôlego, incomunicável. Não falarei dos meus sofrimentos. Enfurnado no mais profundo deles não sinto nada. É aqui que morro, à revelia de minha carne estúpida. O que se vê, o que grita e se agita, são as sobras. Elas se ignoram. Em algum lugar desta confusão o pensamento se esforça, também ele longe de conseguir. Ele também me procura, como sempre fez, onde não estou. Ele também não sabe se acalmar. Estou cheio. Que passe para

outros sua raiva de agonizante. Enquanto isso estarei tranqüilo. Tal parece ser a minha situação.

O homem se chama Saposcat. Como o pai. Apelido? Não sei. Talvez ele não tenha necessidade de apelido. Seus familiares o chamam Sapô. Quais? Não sei. Algumas palavras sobre sua juventude. É preciso.

Era um menino precoce. Era pouco dotado para os estudos e não via a utilidade dos que foi obrigado a fazer. Assistia aos cursos sempre com o espírito distante, ou vazio.

Assistia aos cursos sempre com o espírito distante. Mas gostava de aritmética. Mas não gostava da maneira por que a ensinavam. Era o manejo dos números concretos que lhe agradava. Todo cálculo lhe parecia estéril quando a natureza da unidade não fosse precisada. Ele se entregava, em público ou na intimidade, ao cálculo mental. E os números que então manobravam na sua cabeça povoavam-na de cores e de formas.

Que tédio.

Era o mais velho dos irmãos. Seus pais eram pobres e doentios. Ouvia-os muitas vezes falar do que seria necessário fazer para se sentir melhor e para ter mais dinheiro. Toda vez ele se chocava com o que esses propósitos tinham de vago e não se espantava que não tivessem conseqüências. Seu pai era vendedor numa loja. Ele dizia à sua mulher: "Vou precisar encontrar trabalho de noite e sábado de tarde." Acrescentava, com uma voz exangue: "E o domingo." Sua mulher respondia: "Mas se você trabalhar mais, vai cair doente." E o Sr. Saposcat convinha que com efeito ele estaria cometendo um erro não descansar aos domingos. Aí estavam ao menos duas pessoas adultas. Mas ele não estava doente a ponto de não poder trabalhar as noites da semana e o sábado à tarde.

Trabalhar em quê? dizia sua mulher. Em escritas talvez, respondia ele. E quem tomaria conta do jardim? dizia sua mulher. A vida dos Saposcat era cheia de axiomas, dos quais um estabelecia o criminoso absurdo de um jardim sem rosas, com as gramas e as aléias mal cuidadas. Se eu plantasse legumes, dizia ele. Custam menos caro comprando, dizia ela. Sapô escutava essas conversas com deslumbramento. Pense no preço do estrume, dizia sua mãe. No silêncio que se seguia, o Sr. Saposcat refletia, com mesma aplicação com que se dava a tudo o que fazia, à carestia do estrume que o impedia de dar aos seus uma vida um pouco mais folgada, esperando que sua mulher se acusasse, por sua vez, de não dar o máximo de que ela era capaz. Mas ela se deixava convencer facilmente que não saberia fazer algo mais sem pôr sua vida em perigo. Pense nas despesas de médico que nós economizamos, dizia o Sr. Saposcat. E de farmácia, dizia sua mulher. Só lhes faltava pensar numa casa mais modesta. Mas já estamos muito apertados aqui, dizia a Sra. Saposcat. E ficava subentendido que eles ficariam cada ano mais apertados, até o dia em que, a partida dos mais velhos compensando a chegada dos recém-nascidos, uma espécie de equilíbrio seria estabelecido. Em seguida a casa se esvaziaria pouco a pouco. E finalmente eles ficariam sozinhos, com suas lembranças. Seria então a época de mudar. Ele estaria aposentado, ela completamente esgotada. Eles tomariam um chalé no campo onde, não tendo mais necessidade de estrume, eles poderiam comprar toneladas. Os filhos, sensíveis aos sacrifícios feitos por eles, viriam em sua ajuda. Era assim em pleno sonho que se acabavam os conciliábulos na maioria das vezes. Dir-se-ia que os Saposcat tiravam a força de viver na perspectiva de sua impotência. Mas algumas vezes, antes de chegar a esse ponto, inclinavam-se sobre o caso do filho mais velho. Que idade tem ele? perguntava o Sr. Saposcat. Sua mulher fornecia a informação, ficou estabelecido que isso era de sua alçada. Ele se enganava sempre. O número errado, o Sr. Saposcat tomava como de sua culpa, repetia-o várias vezes,

em voz baixa e com estupefação, como se tratasse da alta de um gênero de primeira necessidade, tal como a carne de açougue. E ao mesmo tempo ele procurava no aspecto de seu filho atenuações para o que acabava de saber. Ao menos tratava-se de um belo pedaço? Sapô olhava o rosto de seu pai, triste, espantado, afetuoso, decepcionado, e apesar de tudo confiante. Estaria ele pensando na fuga impiedosa dos anos ou no tempo que levava seu filho para se tornar um homem assalariado? À vezes exprimia com cansaço a tristeza de não ver o filho mais empolgado em se tornar útil. É melhor que ele prepare os exames, dizia sua mulher. A partir de um determinado motivo, seus cérebros pensavam em uníssono. Eles não tinham portanto uma conversa propriamente dita. Usavam a palavra um pouco como o chefe do trem usava suas bandeiras, ou sua lanterna. Ou então diziam a si mesmos, Desçamos aqui. Seu filho uma vez assinalado, perguntavam-se com tristeza se não era típico dos espíritos superiores fracassar na escrita e cobrir-se de ridículo na oral. Não se contentavam sempre em contemplar em silêncio a mesma paisagem. Ao menos sua saúde é boa, dizia o Sr. Saposcat. Nem tanto assim, dizia sua mulher. Mas não tem nada declarado, dizia ele. Na sua idade seria o cúmulo, dizia ela. Não sabiam por que ele era destinado a uma profissão liberal. Aí estava uma outra coisa que era evidente. Portanto era inconcebível que ele fosse inapto. Viam-no de preferência como médico. Ele tratará de nós quando formos velhos, dizia a Sra. Saposcat. E seu marido respondia, Eu o vejo mais como cirurgião, como se a partir de uma certa idade as pessoas fossem inoperáveis.

Que tédio. E eu chamo a isto brincar. Pergunto-me se não se trata outra vez de mim, apesar de minhas precauções. Será que vou ser incapaz, até o fim, de mentir sobre outra coisa? Sinto que esta escuridão se avoluma, que esta solidão se organiza, nas quais eu me reconheço, e chamar-me esta

ignorância que poderia ser bela e que não é senão covardia. Não sei mais muito bem o que estou dizendo. Não é assim que se brinca. Dentro em breve não saberei mais de onde ele saí, meu pequeno Sapô, nem o que ele espera. Talvez fosse melhor deixar esta estória e passar à segunda, ou mesmo à segunda, ou mesmo à terceira, a da pedra. Não, seria a mesma coisa. Basta prestar um pouco mais de atenção. Vou refletir muito sobre o que disse antes de ir mais longe. A cada ameaça de ruína vou parar para me examinar tal qual. É isso justamente o que eu queria evitar. Mas talvez seja o único meio. Depois deste banho de lama eu saberia admitir mais facilmente um mundo em que eu não faça mancha. Que jeito de raciocinar. Abrirei os olhos, ver-me-ei tremer, engolirei a sopa, olharei o montinho de minhas posses, darei a meu corpo velhas ordens que o sei incapaz de executar, consultarei minha consciência, estragarei minha agonia para vivê-la melhor, já longe do mundo que se dilata enfim e me deixa passar.

Tentei refletir sobre o início da minha estória. Há coisas que não compreendo. Mas são insignificantes. Só me resta continuar.

Sapô não tinha amigos. Não, não dá.

Sapô se dava bem com seus amiguinhos, sem que eles gostassem exatamente dele. É raro que um mau aluno seja um solitário. Ele lutava boxe e brigava bem, era rápido na corrida, falava mal dos professores com humor e até em certas ocasiões, quando acontecia, respondia com insolência. Rápido na corrida? Ora essa. Importunado por perguntas exclamou um dia, Mas se lhe estou dizendo que não sei! Passava a maior parte do tempo na escola por causa de seus castigos e retenções, só voltando à casa por volta de oito horas da noite. Submetia-se com filosofia a esses vexames. Mas não deixava que batessem nele. A primeira vez que um mestre, tendo esgotado doçuras e razões, avançou para Sapô com a palmatória na

mão, ele arrancou-a e lançou-a pela janela, que estava fechada por causa do inverno. Era motivo suficiente para expulsão. Mas Sapô não foi expulso nem naquele momento nem mais tarde. Vou procurar com a cabeça mais descansada as razões pelas quais Sapô não foi expulso, quando ele o merecia amplamente. Pois quero o mínimo possível de sombra na minha estória. Uma pequena sombra, por si só, neste momento, não é nada. Esquece-se logo, continua-se, na claridade. Mas eu conheço a sombra, ela se acumula, faz-se mais densa, mas de repente explode e afoga tudo.

Não pude saber por que ele não foi expulso. Vou ser obrigado a deixar em suspenso essa pergunta. Estou tentando não me rejubilar com isso. Mais do que depressa eu o afastarei, meu Sapô, dessa indulgência incompreensível, farei com que ele viva como se tivesse sido punido segundo seus méritos. Viraremos as costas para essa pequena nuvem, mas não a perderemos de vista. Ela não cobrirá o céu à nossa revelia, não levantaremos de repente os olhos, em pleno campo, longe de qualquer abrigo, em direção de um céu de tinta. É o que está decidido. Não vejo outra solução. Tento fazer o melhor que posso.

Aos quatorze anos era um menino bem cheinho, com a tez cor-de-rosa. Tinha as articulações grossas, o que levava sua mãe a dizer que um dia ele seria ainda maior que seu pai. Curiosa dedução. Mas o que havia de mais notável era sua enorme cabeça redonda com os cabelos louros, duros e arrepiados como os pelos de uma escova. Nem mesmo os seus mestres podiam deixar de achar que ele tinha uma cara inteligente e por isso lhes era ainda mais penoso não poder inserir na cabeça coisa alguma. Algum dia ele nos surpreenderá, dizia seu pai, quando estava de bom humor. Era ao crânio de Sapô que ele devia o ter podido formar essa opinião e o ter podido ficar nela, contra ventos e correntes. Mas ele suportava mal o olhar do filho e evitava encontrá-lo. Ele tem os

olhos de você, dizia sua mulher. Então o Sr. Saposcat ficava impaciente por estar sozinho, a fim de examinar seus olhos no espelho. Mal eram azulados. Um pouco mais claros, dizia a Sra. Saposcat.

Sapô gostava da natureza, interessava-se.

Que miséria.

Sapô gostava da natureza, interessava-se pelos animais e pelas plantas e levantava com prazer os olhos para o céu, de dia e de noite. Mas não sabia olhar essas coisas, os olhares que lhes prodigava não lhe ensinavam nada sobre elas. Confundia os pássaros entre si, e as árvores, e não chegava a distinguir uns dos outros os cereais. Não associava os açafrões com a primavera nem os crisântemos com o outono. O sol, a lua, os planetas e as estrelas, não lhe causavam problema. Essas coisas estranhas e às vezes belas, que teria toda a vida a sua volta e cujo conhecimento o tentava por momentos, aceitava com uma espécie de alegria por não poder compreender nada, como tudo o que vinha encher o murmúrio, Você é um simples. Mas ele gostava do vôo do falcão e sabia reconhecê-lo dentre os outros. Imóvel ele seguia com os olhos os longos vôos planados, a espera trêmula, as asas levantando-se para a queda abrupta, fascinado por tanta necessidade, tanta altivez, tanta paciência, tanta solidão.

Ainda não abandonarei. Terminei a sopa e empurrei a mesinha para o lugar perto da porta. Uma das janelas da casa da frente acaba de se iluminar. Pelas duas janelas ouço as que posso ver sempre, sem levantar minha cabeça do travesseiro. Na verdade não são duas janelas inteiras, mas uma inteira e somente uma parte da outra. É esta última que acabou de se iluminar. Durante um momento pude ver a mulher que ia e vinha. Depois la puxou a cortina. Até amanhã não a verei mais, talvez sua sombra de vez em quando. Ela não

puxa sempre as cortinas. O homem ainda não voltou. Pedi certos movimentos às minhas pernas, aos meus pés. Conheço-os tão bem que pude sentir o esforço que faziam para me obedecer. Vivi com eles este pequeno espaço de tempo no qual cabe um drama inteiro, entre a mensagem recebida e a resposta desolada. Para os velhos cães a hora é chegada em que, chamados pelo assobio do dono que parte ao alvorecer com sua vara na mão, não podem mais lançar-se. Então eles ficam no canil, ou na cesta, embora não estejam presos, e escutam os passos se afastarem. O homem também está triste. Mas o ar livre e o sol consolaram-no rapidamente, ele não pensa mais no seu velho companheiro, até à noite. As luzes de sua casa desejam-lhe as boas vindas e um fraco latido leva-o a dizer, Já é tempo de mandar sacrificá-lo. Aí está um pedaço bonito. Vai ser ainda melhor daqui a pouco. Vou remexer mais nas minhas coisas. Em seguida enfiarei a cabeça nas cobertas. Depois vai ser melhor, para Sapô e para aquele que o segue, que quer apenas segui-lo e se deixar guiar por ele, por caminhos claros e suportáveis.

A calma e os silêncios de Sapô não eram feitos para agradar. No meio dos tumultos, na escola e na família, ele permanecia imóvel no seu lugar, muitas vezes em pé, e olhava bem para frente com seus olhos claros e fixos como os de uma gaivota. Perguntava-se com que ele podia sonhar assim, durante longas horas. Seu pai supunha que ele estava perturbado com o despertar do sexo. Com dezesseis anos eu era assim, dizia ele. Com dezesseis anos você ganhava a vida, dizia a mulher. É verdade, dizia o Sr. Saposcat. Mas seus mestres de preferência viam nisso um embrutecimento puro e simples. Sapô deixava cair o queixo e respirava pela boca. Não se vê muito bem em que essa expressão é incompatível com os pensamentos eróticos. Mas efetivamente ele sonhava menos com mulheres de que com ele, com sua vida, com sua vida futura. É mesmo muita coisa para fazer cair o queixo, para um menino lúcido e sensível, para tapar-lhe temporaria-

mente o nariz. Mas vou outorgar-me uma pequena pausa, para maior segurança.

Estes olhos de gaivota me indispõem e lembram-me um velho naufrágio, não me lembro mais qual. É um detalhe evidentemente. Mas tornei-me temeroso. Conheço essas pequenas frases que não têm o ar de nada e que, uma vez admitidas, podem nos empestar toda uma língua. *Nada é mais real que o nada*. Elas saem do abismo e só sossegam quando nos arrastam para ele. Mas desta vez eu saberei defender-me.

Então lastimava não ter querido aprender a arte de pensar, começando por dobrar os segundo e terceiro dedos a fim de melhor colocar o indicador sobre o sujeito e sobre o verbo o auricular, como queria o professor de latim, e de não ouvir nada, ou tão pouco, da confusão de dúvidas, desejos, imaginações e temores que quebravam na sua cabeça. E provido de um pouco menos de força e de coragem, ele também teria abandonado, renunciando a saber de que maneira ele era feito e ia poder viver, e vivendo vencido, cegamente, num mundo insensato, entre estrangeiros.

Desses devaneios ele saía cansado e empalidecido, o que confirmava a impressão do seu pai de que ele era a presa de especulações lascivas. Ele deveria praticar um pouco mais de esporte, dizia ele. Está progredindo, está progredindo. Disseram-me que ele seria um bom atleta, dizia o Sr. Saposcat, e agora ele não faz parte de nenhum time. Seus estudos tomam-lhe todo o tempo, dizia a Sra. Saposcat. É sempre o último, dizia o Sr. Saposcat. Ele gosta de andanças, dizia a Sra. Saposcat, as longas andanças lhe fazem bem. O Sr. Saposcat zombava então, pensando no bem que faziam a seu filho as longas andanças solitárias. E ele levava às vezes o avoamento ao ponto de dizer, Teríamos feito melhor se lhe tivéssemos dado um ofício manual. Nessa altura, era de hábito, senão de obri-

ação, que Sapô se afastasse, enquanto que sua mãe exclamava, Oh, Adrien, você o magoou!

Está progredindo. Nada parece menos comigo do que este guri razoável e paciente, desdobrando-se sozinho durante anos para ver um pouco claro nele mesmo, ávido pela mínima luz, impermeável à atração da sombra. Aí está o ar bem leve e magro de que eu precisava, longe do nevoeiro alimentício que me acaba. Só voltarei a entrar nesta carcaça a fim de saber a hora. Quero estar aqui um pouco antes do mergulho, abaixar em cima de mim uma última vez a cara velha escotilha, dizer adeus ao paiol onde eu vivi, sossobrar com meu refúgio. Sentimental, hem? Mas daqui até lá tenho o tempo para saltitar, no chão, nesta brava companhia que sempre desejei, sempre procurei, e que nunca quis saber de mim. Sim, estou tranqüilo agora, ser que a partida está ganha, perdi todas as outras, mas é a última que conta. Diria que é um bom trabalho se não tivesse medo de contradizer. Medo de contradizer-me. Se isto continuar assim, sou eu quem vai perder e os mil caminhos que levam a isso. E parecerei com esses infortunados de fábula, esmagados sob o peso de seu voto atendido. E sinto até uma vontade estranha me invadir, a de saber o que faço, e por que, e de dizê-lo. Desta forma atinjo a meta que me tinha proposto quando muito jovem e que me impediu de viver. E na véspera de não mais ser chego a ser um outro. O que não deixa de ter graça.

As grandes férias. De manhã ele tomava aulas particulares. Você vai nos arruinar, dizia a Sra. Saposcat. É um bom investimento, respondia o marido. De tarde ele ia embora, com os livros embaixo do braço, sob pretexto que trabalhava melhor ao ar livre, não, sem explicação. Ao sair da cidade ele escondia os livros sob uma pedra e percorria o campo. Era a estação em que os trabalhos dos camponeses atingem o paroxismo e cuja lenta e generosa claridade não basta para fazer tudo o que se tem a fazer. E freqüentemente aprovei-

tava-se do luar para fazer uma última viagem pelos campos, muitas vezes longíquos, no celeiro e na eira, ou para revisar as máquinas e aprontá-las para a aurora próxima.

Adormeci. Ora eu não faço muita questão de dormir. Não há mais lugar para o sono no meu horário. Não faço muita questão — mas não tenho explicações a dar. A cama é boa para os vivos. Sempre todos me arrasaram, não é bem a palavra, eu seguia com os olhos rangendo de tédio, depois matava-os, ou me colocava em seu lugar, ou fugia. Sinto em mim o calor deste velho frenesi, mas sei que ele não mais me abrasará. Paro tudo e ouço. Sapô se imobiliza numa perna, com os estranhos olhos fechados. A agitação que o ilumina fixa-se em mil posturas absurdas. A nuvenzinha que passa diante do seu glorioso sol escurecerá a terra por todo o tempo que eu quiser.

Viver e inventar. Tentei. Devo ter tentado. Inventar. Não é exatamente a palavra. Viver também não. Não faz mal. Tentei. Enquanto que em mim ia e vinha a grande fera do sério, rugindo, lacerando-me. Eu fiz isso. Sozinho também, escondido, banquei o tolo, sozinho, durante horas, imóvel, muitas vezes em pé, numa atitude de enfeitiçado, gemendo. É isso, gemi. Não soube brincar. Girava, aplaudia, corria, gritava, via-me perder, via-me ganhar, exultando, sofrendo. Depois, de repente, lançava-me sobre os instrumentos do jogo, quando os havia, para destruí-los, ou sobre uma criança, para transformar sua felicidade em uivos, ou fugia, corria depressa para me esconder. Eles me perseguiam, os grandes, os justos, alcançavam-me, faziam-me entrar na roda, no jogo, na alegria. É que eu já estava preso ao sério. Foi a minha grande doença. Nasci grave como outros sifilíticos. E foi gravemente que tentei não mais sê-lo, viver, inventar, eu me entendo. Mas a cada nova tentativa eu perdia a cabeça, precipitava-me como para a salvação nas minhs trevas, lançava-me aos joelhos daquele que não pode nem viver nem suportar esse espetáculo

nos outros. Viver. Falo nisso sem saber o que quer dizer. Experimentei sem saber o que estava experimentando. Apesar de tudo, talvez tenha vivido, sem sabê-lo. Pergunto-me por que falo de tudo isso. Ah sim, é para me desentediar. Viver e fazer viver. Não vale a pena fazer o processo das palavras. Não são mais ocas do que elas arrastam. Depois do fracasso, da consolação, do repouso, eu recomeçava, a querer viver, fazer viver, ser outrem, em mim, em outrem. Como tudo isso é falso. Nunca encontrei coisa igual. Agora, vou remediar o que é mais urgente. Recomeçava. Mas pouco a pouco com ontra intenção. Não mais a de vencer, mas a de fracassar. Existe um matiz. A que eu queria chegar, hasteando-me fora de meu buraco primeiramente, depois na luz cortante em direção a inacessíveis alimentos, era aos êxtases da vertigem, do abandono, da queda, do afundar-se, da volta ao escuro, ao nada, ao sério, à casa, àquele que me esperava sempre, que tinha necessidade de mim e de quem eu tinha necessidade, que me tomava nos braços e me dizia para não mais partir, que me cedia o lugar e tomava conta de mim, que sofria cada vez que o deixava, que fiz sofrer muito e contentei pouco, que nunca vi. Já estou começando a me exaltar. Não se trata de mim, mas de um outro, que não vale o que sou e que eu tento invejar, do qual estou finalmente capacitado para contar as chãs aventuras, não sei como. Eu também nunca soube me contar, tanto quanto não soube viver ou contar os outros. Como teria feito, não tendo nunca tentado? Mostrar-me agora, às vésperas de desaparecer, ao mesmo tempo que o estrangeiro, graças à mesma graça, eis o que não estaria desprovido de picante. Depois viver, o tempo de sentir, atrás dos meus olhos fechados, fecharem-se outros olhos. Que fim.

O mercado. A imperfeição das relações entre os campos e cidade não tinha escapado ao excelente menino. Ele tinha reunido, sobre este assunto, as considerações seguintes, umas perto, talvez, outras sem dúvida longe, da verdade.

No seu país, sob o ponto de vista alimentar, os — não, não posso.

Os camponeses. Suas visitas aos camponeses. Não posso. Reunidos no pátio eles o olhavam distanciar-se com um passo incerto, babando, como se seus pés sentissem mal o chão. Freqüentemente parava, para tornar a partir, depois de um tempo de estação indecisa nas direções mais inesperadas. Havia no seu andar alguma coisa de flutuante, de inerte, a terra parecia balançá-lo. E quando se punha em movimento, depois de uma pausa, parecia uma grande penugem que o vento arranca do lugar em que descansava.

Mexi um pouco nas minhas coisas, separando-as umas das outras e trazendo-as para mim, a fim de vê-las melhor. Não me enganava muito acreditando possuí-las, na minha cabeça, e poder falar delas, a qualquer momento, sem olhá-las. Mas queria estar certo. Fiz bem. Pois sei agora que a imagem desses objetos nos quais eu me deleitei até agora, se ela era justa no conjunto, não o era em que uma espécie de verdade se anuncia possível e, por este fato, quase se impõe. Quero que aqui finalmente tudo mais ou menos seja banido. Quero estar à altura, quando chegar o grande dia, de anunciar claramente, sem acrescentar nem omitir nada, tudo o que sua longa espera me tiver trazido ou deixado, em relação a bens materiais. Deve ser uma obsessão.

Vejo portanto que eu me tinha atribuído certos objetos que não estão mais em minha posse, pelo que vejo. Teriam eles rolado para trás do móvel? Isso me espantaria. Um sapato, por exemplo, pode rolar para trás do móvel? E entretanto não vejo senão um sapato. E atrás de que móvel? Só há este cômodo, que eu saiba, um único móvel suscetível de se interpor entre mim e minhas posses, falo do armário. Mas ele está tão colado à parede, entre duas paredes, pois está no ângulo, que parece ser parte integrante delas. Você me dirá

talvez que minha botina, pois era uma espécie de botina, está no armário. Tive o mesmo pensamento. Mas eu o visitei, o armário, minha vareta visitou-o, abrindo às portas, as gavetas, pela primeira vez talvez, remexendo em toda parte. Nada. E o armário, longe de guardar minha botina, está vazio. Não, essa botina eu não a tenho mais, como também certos objetos de mínimo valor, entre os quais um anel de zinco, de um belo brilho, que eu acreditava ter conservado. Por outro lado, observei a presença, no monte, de pelo menos duas ou três coisas em que não pensava mais e das quais uma pelo menos, uma parte do cachimbo, não desperta em mim nenhuma lembrança. Lembro-me do cachimbo de bola de sabão do qual quando criança, antes de lançá-lo para longe de mim, fazia sair bolas irisadas, nem tanto assim. Tanto faz, essa parte agora me pertence, de onde quer que venha. Vários dos meus tesouros são dessa proveniência, caídos do céu. Descobri também um pequeno pacote embrulhado em papel jornal amarelado e amarrado. Ele me lembra alguma coisa, mas o quê? Trouxe-o para bem perto de mim, ao lado da cama, e tateei-o com a grossa ponta da vareta, servindo-me dela como de um pilão, mas de mansinho. E minha mão compreendeu, compreendeu a moleza e a leveza, melhor acho, do que se ela tivesse tocado diretamente, palpando e avaliando o peso. Não quis desfazê-lo, não sei por quê. Joguei-o num canto, com o resto. Voltarei a falar nele talvez, no devido momento. Direi, ouço-me daqui, Item, um pacotinho mole, e leve como uma pluma, amarrado num papel jornal. Será meu misteriozinho, bem meu. Talvez sejam cem mil rupias. Ou uma mecha de cabelos.

Disse-me também que eu preciso andar depressa. As verdadeiras vidas não toleram esse excesso de circunstância. É aí que eu espreito o daninho, como na prega da próstata o gonococo. Estou com pressa. É daí que surge um dia quando tudo sorri e brilha, a grande cavalgada das nuvens negras e baixas, inesquecível, levando o azul para sempre. Minha si-

tuação é verdadeiramente delicada. Quantas coisas belas, coisas importantes vou perder por medo, por medo de cair no antigo erro, por medo de não terminar a tempo, por medo de gozar, uma última vez, uma última vaga de tristeza, de impotência e de ódio. As formas são variadas em que o imutável se sente aliviado de ser sem forma. Pois é, eu sempre fui sujeito ao pensamento forte, especialmente no começo do ano. Esse aí me perseguia há alguns minutos. Ouso esperar que não haverá mais, de tão forte. Afinal das contas importa pouco acabar, já devo ter dito. A veleidade em si não tem nada de especialmente desonroso. Mas trata-se disso? Há possibilidades. Quero somente que minha última fale até o fim de viver, devo ter mudado de opinião. É só. Eu me entendo. Se a vida vier a faltar, eu o sentirei. Quero apenas saber, de quem teve tão bom começo, antes de abandoná-lo, que somente minha morte o impede de continuar, de vencer, perder, gozar, sofrer, apodrecer e morrer, e que mesmo eu vivo ele teria esperado, por estar morto, que seu corpo o fosse. Eis o que se chama moderar suas exigências.

Meu corpo não se decide ainda. Mas acho que ele pesa mais ainda sobre o colchão, se estende e se achata. Meu fôlego, quando volto a encontrá-lo, enche o quarto com o seu barulho, sem que meu peito mexa mais do que o de uma criança que está dormindo. Abro os olhos e olho longamente, sem pestanejar, como pequeno, bem pequeno eu interrogava as novidades, e em seguida as antiguidades, o céu noturno. Vou soprá-la com prazer, mas ela está muito longe. Não é verdade. Tanto faz, meu sopro não a murcharia. É uma noite das que Kaspar Friedrich gostava, tempestuosa e clara. Esse sobrenome me volta à memória e esses nomes. As nuvens caçam, em frangalhos, despedaçadas pelo vento, sobre um fundo límpido. Se eu esperasse viria a lua. Mas não esperarei. Agora que vi, ouço o vento. Fecho os olhos e ele se confude com o meu fôlego. Palavras e imagens giram na minha cabeça, surgem inesgotáveis e se perseguem, se fundem, se rasgam.

Mas além desse tumulto a calma é grande, e a indiferença. Nunca mais nada manterá essa isca verdadeiramente. O colchão está cavado como uma manjedoura. Estou deitado no fundo, bem acolhido entre duas vertentes. Viro-me um pouco, aperto contra o travesseiro a minha boca, meu nariz, esmago meus velhos pêlos completamente branco agora suponho, puxo a coberta para cima da cabeça. Sinto, no fundo do tronco, não posso precisar melhor, dores que parecem novas. Acho que é principalmente nas costas. São como rítmadas, têm até uma espécie de pequeno canto. São azuladas. Como tudo isso é suportável, meu Deus. Tenho a cabeça quase às avessas, como um pássaro. Afasto os lábios, agora tenho o travesseiro na minha boca, sinto-o contra minha língua, as gengivas. Tenho. Tenho. Chupo. Terminei de me procurar. Enfurnei-me no universo, sabia que encontraria aí um dia meu lugar, o velho universo me protege, vitorioso. Estou feliz, sabia que seria feliz um dia. Mas não sou ajuizado. Pois o juízo, agora, seria o deixar-me ir, neste instante de felicidade, parece-me. Mas o que estou fazendo? Volto ainda ao dia, aos campos que teria tanto querido amar, ao céu onde correm pequenas nuvens brancas e leves como flocos, à vida que não soube tomar, por minha culpa talvez, por orgulho ou por mesquinhez, mas não creio. Os animais pastam, o sol esquenta os rochedos e fá-los brilhar. Sim, deixo minha felicidade e volto aos homens também, que vão e voltam sempre com fardos. Julguei-os mal talvez, mas não creio. Aliás eu não os julguei. Quero apenas uma última vez tentar compreender, começar a compreender, como tais seres são possíveis. Não, não se trata de compreender,. De que então? Não sei. Mas vou de qualquer maneira. Não deveria. A noite, a tempestade, a infelicidade, as catalepsias da alma, desta vez verei como tudo isso é bom. Nem tudo foi dito entre mim e — sim, tudo foi dito. Talvez eu tenha apenas vontade de ouvi-lo dizer ainda uma vez. Ainda uma vezinha. Contudo não, não tenho vontade de nada.

Os Louis. Os Louis viviam com muita dificuldade, quero dizer vivam muito apertados. Havia o homem, a mulher e duas crianças, um menino e uma menina. Aí está pelo menos alguma coisa que não admite controvérsias. Chamavam o pai o gordo Louis e, efetivamente, ele era gordo. Tinha sido casado várias vezes já, antes de fundar, com uma jovem prima, o lar em que ainda se encontra. Havia outras crianças aliás, homens e mulheres solidamente afogados na vida, não esperando mais nada, nem deles mesmos, nem dos outros. Eles vinham ajudá-lo cada um segundo suas próprias possibilidades, o humor do momento, por reconhecimento para com aquele sem o qual nunca teriam visto o dia, ou dizendo-se, indulgentes, Se não tivesse sido ele, teria sido outro. O gordo do Louis era inteiramente desdentado e fumava cigarros numa piteira lamentando a falta do seu cachimbo. Era reputado bom sangrador de porcos e era muito procurado, bastante procurado, como tal, pois ele cobrava menos caro que o açougueiro e até mesmo freqüentemente se contentava, como única remuneração, com um pernil ou um pouco de queijo. Como tudo isso é verossímil. Pois ele gostava desse trabalho e se sentia orgulhoso de saber fazê-lo tão bem, como artista, segundo o segredo que seu pai lhe tinha transmitido e do qual ele se considerava o último depositário. Falava freqüentemente de seu pai com ternura e respeito. Não mais se verá um igual, dizia ele, depois de eu ter partido. Ele deveria dizer isso de outra forma. Os grandes dias de Louis se acabavam pois em dezembro e em janeiro e a partir de fevereiro ela esperava com impaciência a volta desta estação, cujo acontecimento principal era incontestavelmente a celebração do nascimento do Salvador, numa estrebaria, perguntando-se se ele chegaria até lá. Então ele ia embora levando embaixo do braço, na caixa, as facas que afiara longamente na véspera junto ao fogo, e no seu bolso, num papel, o avental destinado a proteger durante o trabalho seu terno dos domingos e dias de festa. E só em pensar que ele, o gordo Louis, estava a caminho daquela longínqua fazenda onde o esperavam, e que apesar de sua

idade avançada tinham ainda necessidade dele, que podia o que não podiam os jovens, então seu velho coração estremecia na sua gaiola. Dessas expedições ele voltava tarde da noite, bêbado e esgotado pela longa marcha e pela emoção. E durante dias ele só falava do porco que tinha expedido, eu diria para o outro mundo se eu não soubesse que os porcos não têm outro senão este aqui, o que aborrecia horrivelmente a família. Mas não ousavam dizer-lhe nada, pois o temiam. Sim, numa idade em que a maioria das pessoas se fazem pequenas, como para pedir desculpas de estarem ainda ali, Louis fazia-se temer e se conduzia como lhe parecia melhor. E até sua jovem mulher tinha renunciado a lhe fazer render armas, apoiando-se sobre sua boceta, mestre curinga das mulheres jovens. Pois sabia o que ele faria se ela recusasse entreabri-la para ele. E ele exigia até que ela lhe facilitasse a tarefa, por meios que muitas vezes lhe pareciam exorbitantes. E ao menor sinal de rebelião de sua parte ia à lavandeira buscar o batedor de roupa e batia nela até que ela voltasse à resipiscência. Seja dito entre parênteses. E para voltar aos porcos, Louis continuava a cuidar dos seus, de noite, à luz de vela, daqueles que ele acabava de matar, até o dia em que chamavam-no para matar um outro. Então sua conversa rolava inteiramente sobre este último, tão diferente do outro sob todos os aspectos, tão diferente, e entretanto no fundo o mesmo. Pois todos os porcos se parecem, quando os conhecemos bem, debatendo-se, gritando, sangrando, gritando, debatendo-se, gemendo e desmaiando mais ou menos do mesmo modo, de um modo que lhes é particular e do qual não saberia usar um cordeiro, por exemplo, ou um cabrito. Mas a partir do mês de março o gordo Louis acalmava-se e tornava a ser taciturno. E desde o fim de novembro sua família esperava com impaciência que viesse a hora de espalhar o estrume e de por o feijão na terra.

O filho ou o herdeiro era um rapagão com uma dentição terrível. Edmond.

A fazenda. A fazenda dos Louis estava situada numa depressão, inundada no inverno, no verão torrada. Chegava-se a ela por um belo prado. Mas este belo prado não pertencia aos Louis, mas a outros fazendeiros que viviam longe dali. Junquilhos e narcisos floresciam ali com uma exuberância extraordinária, na estação apropriada. Louis ali passeava suas cabras, sorrateiramente, ao caïr da noite.

Coisa curiosa, se Louis tinha dom para matar os porcos, não o tinha para criá-los, e era raro que o seu ultrapassasse os sessenta quilos. Fechado no pequeno chiqueiro desde sua chegada, no mês de abril, ele ficava alí até o dia da sua morte, um pouco antes do Natal. Poïs Louis obstinava-se em temer, para seus porcos, embora cada ano lhe proporcionasse o desmentido, os efeitos emagrecedores do exercício. Ele temia para eles da mesma forma a luz do dia e o ar puro. E no final das contas era um porco fraco, cego e magro que ele deitava na caixa, de costas, as patas ligadas, e matava com arrebatamento, mas sem se apressar, censurando em voz alta a ingratidão. E não podia ou não queria compreender que o erro não era do porco, mas dele mesmo, que o tinha ninado demais. E ele persistia no seu erro.

Mundo morto, sem água, sem ar. São estas as tuas lembranças. De quando em quando, no fundo de um circo, a sombra de um líquen murcho. E noites de trezentas horas. Mais cara das claridades, pálida, queimada, menos fátua das claridades. Quantas efusões. Que pode ela durar, cïnco minutos, dez minutos? Sim, não mais, quase não mais. Mas ele brilha ainda com isso, meu filete de céu. Antigamente eu contava, contava até trezentos, quatrocentos e com outras coisas ainda, os aguaceiras, os sinos, o gorgeïo dos pardais à aurora, contava, ou para nada, para contar, depois eu dividia por sessenta. Isso fazia passar o tempo, eu era o tempo, eu comia o universo. Agora não mais. Mudamos. Envelhecendo.

Na cozinha sórdida, de chão de terra batida, Sapô tinha seu lugar junto da janela. O gordo do Louis e seu filho deixavam o trabalho, vinham apertar-lhe a mão, depois tornavam a partir, deixando-o sozinho com a mãe e a filha. Mas elas tinham também o que fazer, elas também o deixavam. Havia tanta coisa para fazer, tão poucos braços. A mulher parando um instante entre duas compras, ou no meio de uma, levantava os braços para o céu para deixá-los recair pesadamente logo após, vencida pela exigência de seu grande peso. Depois ela lhes imprimia, em cada lado seu, movimentos difíceis de descrever e cuja significação não era muito clara. Afastava-os de seu flanco, diria até brandia-os se eu ignorasse ainda mais o gênio desta língua. Isso tinha alguma coisa do gesto estranho, ao mesmo tempo colérico e desarticulado, do braço sacudindo um pano, ou uma flanela, pela janela, para fazer cair a poeira. As mãos trepidavam, vazias e moles, tão depressa que parecia haver quatro ou cinco na extremidade de cada braço. Ao mesmo tempo ela proferia perguntas furiosas e sem respostas, no gênero de, Que adianta? Seus cabelos soltavam-se e caíam em torno do rosto. Eram abundantes, grisalhos e sujos, pois ela não tinha tempo para cuidar deles, e o rosto era pálido e magro e como talhado pelas preocupações e pela amargura que resultava disso. A garganta não, é a cabeça que conta e os braços que ela chama primeiramente ao seu socorro, que se cruzam, gesticulam, depois retomam tristemente o trabalho, levantando os velhos objetos inertes e mudando-os de lugar, aproximando-os e afastando-os uns dos outros. Mas essa pantomima e essas ejaculações não visavam nenhum ser vivo. Pois todos os dias e várias vezes por dia isso se apoderava dela, em casa e nos campos. Então ela não se importava de saber se estava sozinha ou não, se o que estava fazendo era urgente ou podia esperar. Mas deixava tudo e se punha a gritar e a gesticular, talvez sozinha no mundo e indiferente ao que se passava a sua volta. Depois calava e ficava um momento imóvel, antes de retomar o trabalho que tinha abandonado ou de precipitar-se para um outro. Sapô ficava sozinho, perto da

janela, a tijela de leite de cabra em cima da mesa em sua frente, esquecida. Era o verão. O cômodo ficava escuro apesar da porta e da janela abertas para a grande luz de fora. Por estas aberturas estreitas e longe uma da outra a claridade penetrava, fazia brilhar um pequeno espaço, depois morria, sem se desenvolver. Não era uma coisa certa, garantida enquanto durasse a luz. A luz não era em nenhuma parte do cômodo como era em qualquer lugar lá fora, tranqüila e contínua entre o céu e a terra. Mas ela entrava sem interrupção, lançado e renovado progressivamente, entrava sem interrupção e morria, devorada ao mesmo tempo pela escuridão. E por menos que o seu volume enfraquecesse o cômodo se obscurecia cada vez mais, até que mais nada dentro dele fosse visível. Porque a sombra vencera. E Sapô, virado para a terra rutilante que fazia doer seus olhos, tinha nas costas, e em volta dele, a sombra invencível, e ela arrastava-se em volta de seu rosto iluminado. Às vezes ele se voltava bruscamente para ela, expunha-se a ela, banhava-se nela, como numa espécie de alívio. Então ele ouvia melhor o barulho dos atarefados, da filha que gritava por suas cabras, do pai que praguejava contra sua mula. Mas no fundo da escuridão reinava o silêncio, o da poeira e das coisas que não se moveriam nunca, se só dependesse delas. E do despertador que ele não via o tic-tac era como a voz do silêncio que também, como a escuridão, venceria um dia. E então tudo seria silêncioso e escuro e as coisas estariam em seus lugares para sempre, finalmente. Finalmente Sapô tirava de seus bolsos os poucos presentinhos que tinha trazido, colocava-os em cima da mesa e ia embora. Mas acontecia às vezes, antes que ele tivesse decidido ir embora, ou melhor, antes que ele tivesse ido embora, pois não havia decisão, que uma galinha, aproveitando a porta aberta, se aventurasse a entrar no cômodo. Mal ultrapassava o limiar ela parava, uma pata suspensa, a cabeça de lalo, batendo as pálpebras, à espreita. Depois, tranquilizada, avançava mais um pouco, por arrancos, o pescoço como um acordeão. Era uma galinha cinzenta, sempre a mesma talvez. Sapô acabou por conhecê-la bem e também acredi-

tava ser conhecido por ela. Se ele se levantava para sair ela não se afobava. Mas podia ser que houvesse várias, todas cinzentas e quanto ao mais tão semelhantes que o olho de Sapô, ávido de semelhanças, não sabia distribuí-las. Às vezes ela era seguida por uma segunda, por uma terceira e até por uma quarta, muito diferentes dela e bastante diferentes entre si, quanto à plumagem e ao galbo. Estas mostravam-se menos ariscas que a cinzenta, que tinha entrado na frente e à qual nada acontecera. Fortemente iluminadas um instante, na entrada, elas se esfumavam cada vem mais à medida que avançavam, depois desapareciam. De início silenciosas, temendo trair-se, punham-se pouco a pouco a ciscar e a cacarejar, de contentamento, e a descontrair suas penas ruidosas. Mas muitas vezes vinha apenas a cinzenta sozinha, ou uma das cinzentas, se preferirmos, pois aí está uma coisa que nunca saberemos, embora tivesse sido fácil tirar o peso da consciência, dando-se um pouco de trabalho. Bastaria estar ali no momento em que todas as galinhas viessem correndo de todos os lados em direção da Sra. Louis que gritava, piu, piu, piu! batendo ao mesmo tempo numa velha caixa com uma velha colher, para saber se havia apenas uma única galinha cinzenta ou se havia várias. Mas na verdade, para que tudo isso teria servido? Pois bem poderia acontecer que houvesse várias galinhas cinzentas e que no entanto fosse sempre a mesma que viesse para a cozinha. E todavia a experiência deveria ser tentada. Pois bem poderia acontecer que houvesse apenas uma só galinha cinzenta, mesmo no momento da ração. O que teria sido concludente. E no entanto aí está uma coisa que nunca se saberá. Pois dentre aqueles que souberam, uns morreram e os outros esqueceram. E no dia em que Sapô fez questão de querer ter uma prova, já era tarde demais. Então ele se pôs a lamentar não ter compreendido, a tempo de poder aproveitar, a importância que teriam um dia para ele essas sessões na cozinha dos Louis, onde, nem completamente dentro, nem completamente fora, esperava encontrar-se de novo em pé e em marcha, e esperando observava muitas coisas, sem desconfiança, dentre elas essa grande

ave ansiosa cinérea, irresoluta na luz do umbral, depois cacarejando e ciscando atrás do forno e batendo suas asas atrofiadas, que viriam enxotar aos gritos e com vassouradas e que voltaria, prudentemente, com passinhos hesitantes, parando quase sempre, escutando, abrindo e fechando os olhinhos pretos e apesar disso brilhantes. E Sapô ia embora, não desconfiando de nada, acreditando ter assistido a coisas quaisquer e inteiramente repousantes. Ele se abaixava para passar pela porta e via diante dele o poço, com seu guindaste, sua corda e seu balde, e muitas vezes também um longo varal de roupa esfarrapada, secando ao sol e se balançando. Ele partia pelo caminhozinho que tomava para vir, quer dizer, na orla do prado à sombra das grandes árvores nodosas, de pedras e de lama endurecida. E assim ele se afastava freqüentemente desapercebido, apesar de seu andar estranho, suas paradas e despropósitos. Ou os Louis o viam, de longe ou de perto, ou uns de longe e outros de perto, surgir de detrás da roupa e tomar a vereda, sem tentar retê-lo nem mesmo gritar-lhe adeus, e sem se ofenderem com esta partida aparentemente pouco amigável, pois eles sabiam que não era com má intenção. Ou se naquele momento eles não podiam evitar de lhe querer um pouco mal, era um sentimento que se esvanecia logo depois, à vista do papel amassado na mesa da cozinha, contendo alguns pequenos artigos de armarinho. E esses simples presentes tão úteis, e essa maneira tão delicada de dar, os desarmavam igualmente diante da tijela de leite de cabra esvaziada somente pela metade ou deixada intacta e os impediam de ver nisso uma afronta, como o queria a tradição. Mas pensando bem, a partida de Sapô não lhes devia escapar senão muito raramente. Porque o mínimo movimento nas proximidades de suas terras, fosse ele apenas o de um pássaro pousando ou levantando vôo, fazia com que eles erguessem a cabeça e arregalassem os olhos. E mesmo na estrada, cujos toros eram visíveis a mais de uma milha, nada podia se produzir sem que eles soubessem, e eles sabiam não só reconhecer as pessoas que passavam e que a distância reduzia às dimensões de uma cabeça de alfinete,

como também adivinhar de onde elas vinham, aonde iam e para quê. Então gritavam entre eles a notícia pois trabalhavam muitas vezes longe uns dos outros, ou se faziam sinais, todos erguidos e voltados para o acontecimento, pois era um acontecimento, antes de se curvar de novo para a terra nutridora. E no primeiro descanso que os reunia, em volta da mesa ou alhures, cada um dizia seu modo de compreender a coisa e escutava o dos outros. E se à primeira vista não estavam de acordo sobre o que tinham visto e sobre sua significação, falavam gravemente entre eles até que estivessem, quero dizer de acordo, ou renunciassem, para sempre. Era pois difícil para Sapô deslizar desapercebido, até mesmo à sombra das árvores que margeavam o riacho, supondo-se que ele fosse capaz de deslizar, pois tinha mais o ar de chafurdar num lamaçal. E todos levantavam a cabeça e o olhavam, depois olhavam-se uns aos outros, antes de se inclinarem de novo para a terra. E em cada rosto inclinado para a terra errava talvez um pequeno sorriso que não era propriamente um sorriso, era antes um rictus, mas sem maldade, e cada um se perguntava talvez se os outros ressentiam a mesma coisa e prometia a si mesmo se informar, na primeira reunião. Mas de Sapô que se afastava estrebuchando, ora à sombra das árvores seculares cuja espécie ignorava, ora na claridade da alta campina, tanto o seu andar era incerto, de Sapô o rosto era grave como sempre, ou melhor sem expressão. E quando parava não era para melhor refletir, ou para melhor olhar seu sonho, mas era simplesmente que a voz que lhe dizia para avançar se tinha calado. Então com seus olhos pálidos fixava a terra sem ver a sua beleza, nem a utilidade, nem as pequenas flores selvagens de mil cores sutis, perfeitamente bem entre as culturas e o mato. Mas essas estações eram de curta duração, pois ele era ainda moço. E ei-lo bruscamente de novo errando através da terra, passando da escuridão à claridade, da claridade à escuridão, com indiferença.

Quando eu paro, como há pouco, os ruídos recomeçam com uma força estranha, os que estão na hora. De forma que me

parece reencontrar o ouvido de minha juventude. Então na minha cama, na obscuridade, nas noites de tempestade, eu sabia reconhecer no uivo do exterior, as folhas, os galhos, os troncos que gemem, até a relva e a casa que me abrigava. Cada árvore tinha seu modo de gritar, como em tempo calmo seu murmúrio. Eu ouvia ao longe o portão de ferro puxar suas pilastras e chocarem seus batentes abertos, por onde se enfurnava o vento. E não havia nada, nem mesmo a areia da aléa que não tivesse a sua voz. A noite sem sopro para mim era uma outra tempestade, feita de inumeráveis arquejos, que eu me divertia em despistar. Sim, diverti-me muito com sua suposta calma, quando jovem. O ruído que eu preferia não tinha nada de nobre. Era o latido dos cães, de noite, nas aldeias penduradas nas encostas do morro, onde viviam os cavouqueiros há muitas gerações. Ela chegava até a mim, na casa na planície, selvagem e suave, mal perceptível, logo cansado. Os cães do vale respondiam, com sua voz grossa cheia de caninos, mandíbulas e baba. Do morro vinha também uma outra alegria, a das luzes esparsas que nasciam ali ao cair da noite, unindo-se em manchas apenas mais claras que o céu, menos claras que as estrelas e que a mínima lua apagava, que se pagavam por elas mesmas mal tinham sido acesas. Eram coisas que quase não eram, no limite entre o silêncio e a noite, que logo cessavam. É assim que raciocino agora, à vontade, diante da minha janela alta, eu me entregava esperando que isso acabasse, que minha alegria acabasse lá longe, na minha frente, em mim, estendido para a alegria da minha alegria acabada. Mas trata-se agora, mais do que dessas misérias, de minhas orelhas, das quais jorram dois molhos impetuosos de pêlos amarelos provavelmente, amarelecidos pela cera e pela falta de cuidados, e tão longos que os lobos ficam escondidos. Constato pois, sem emoção, que já há algum tempo que elas parecem ouvir melhor. Oh eu nunca fui nem mesmo parcialmente surdo. Mas há muito tempo que ouço confusamente. Agora está recomeçando. O que quero dizer é talvez isso, que pouco a pouco os ruídos do mundo, tão diversos em si mesmos e que eu sabia distinguir tão bem uns

dos outros, talvez à força de serem sempre os mesmos se fundiram num só, até não serem mais que um único grande zumbido contínuo. O volume sonoro percebido permanecia sem dúvida o mesmo, eu tinha apenas perdido a capacidade de decompô-lo. Os ruídos da natureza, os dos homens e até mesmo os meus, tudo se misturava num único e mesmo galimatias desenfreado. Basta. Atribuiria facilmente uma parte de meus, de meus infortúnios a essa desordem auditiva se infelizmente não estivesse disposto a ver nisso de preferência um benefício. Infortúnios, benefício, não tenho tempo para escolher minhas palavras, estou com pressa, pressa de acabar. E no entanto não, não tenho pressa. Decididamente não direi nada esta tarde que não seja falso, quero dizer que não me deixe perplexo quanto às minha verdadeiras intenções. Pois já é de tarde, ou de noite mesmo, uma das mais negras de que eu tenha lembrança. Tenho a memória curta. Meu dedinho, deitado sobre a folha, precede meu lápis, previne-o caindo dos fins de linha. Mas no outro sentido, de cima para baixo, eu vou às cegas. Não queria escrever, mas acabei por me resignar. É a fim de saber em que ponto estou, em que ponto está. No início eu não escrevia, apenas dizia. Depois esquecia o que tinha dito. Um mínimo de memória é indispensável, para viver de verdade. Sua família, por exemplo, na verdade eu não sei mais nada por assim dizer sobre ela. Mas estou tranqüilo, anotei em algum lugar. É o único meio de vigiá-lo. Mas no que se refere a mim a mesma necessidade não se faz sentir. A minha própria estória também eu ignoro, eu esqueço, mas não tenho necessidade de conhecê-la. E todavia escrevo sobre mim, com o mesmo lápis, no mesmo caderno que sobre ele. É que não se trata mais de mim, já devo ter dito, mas de um outro cuja vida mal começa. É justo que também ele tenha a sua cronicazinha, suas lembranças, sua razão, e que ele possa encontrar o bom no ruim, o ruim no pior, e assim docemente envelhecer ao longo dos dias que se parecem, e morrer num dia como os outros, somente mais curto. Eis a minha desculpa, mas deve haver outras, não menos excelentes. Sim, a escuridão é completa. Não vejo nada. Até

mesmo a vidraça, eu mal a vejo, e a parede que forma com ela um contraste tão impressionante, bem onde ela lhe cede o lugar, a ponto de parecer muitas vezes com a beira de um abismo. Mas ouço o barulho de meu dedinho que desliza sobre o papel e o tão diferente do lápis que o segue. É isso que me espanta e me leva a dizer que há alguma coisa de mudado. Donde essa criança que eu teria podido ser, por quê não? E ouço também, até que enfim chegamos a isso, um coro, mas muito distante para que seus pianos pudessem chegar até a mim. Conheço este canto, não sei de onde, e quando ele diminui, e quando ele se esvanece, ele continua em mim, embora mais lento, ou mais rápido. Pois quando os ares o trazem de novo a mim, é com antecipação, ou com atraso, em relação ao meu canto. É um coro misto, ou estou muito enganado. Com crianças também talvez. Tenho a sensação absurda de que uma mulher o dirige. Há muito tempo que ele canta o mesmo canto. Ele deve ensaiar. Isso já pertence ao passado, ele lançou pela última vez o grito triunfal que o liqüïda. Seria a semana da Páscoa? Bancar o bravo como num dia de Páscoa. No caso afirmativo esse canto que eu acabei de ouvir, e que na verdade ainda não se acalmou completamente em mim, não teria simplesmente sido em homenagem daquele que foi o primeiro a ressuscitar dos mortos, daquele que me salvou, com vinte séculos de antecedência? O primeiro? A bronca final deixa supor isso.

Acho que ainda dormi um pouco. Não adianta tatear, não encontro mais o meu caderno. Mas conservo ainda o lápis na mão. Vaï ser preciso esperar o amanhecer. Deus sabe o que vou fazer durante esse tempo.

Acabo de escrever, acho que ainda dormi um pouco, etc. Espero que não desnature muito meu pensamento. Acrescento agora estas poucas linhas, antes de me deixar de novo. Não me deixo mais com a mesma sofreguidão de há oito dias por exemplo. Deve haver mais de oito dias que isso dura, mais de oïto dias que eu disse, Dentro em breve estarei enfim comple-

tamente morto apesar de tudo. Mas atenção. Não foi isso que eu disse, seria capaz de dar minha mão ao fogo. Foi isso que escrevi. Estas duas últimas frases, tenho subitamente a impressão de tê-las escrito em algum lugar, ou dito, palavra por palavra. Sim, Dentro em breve estarei completamente, etc., foi o que escrevi quando compreendi que não sabia mais o que tinha dito, no início do meu dito, e depois, e que por conseguinte meu projeto de viver, e fazer viver, enfim de brincar enfim e de morrer vivo, tomava o caminho de meus outros projetos. Creio que a alvorada se fez esperar menos do que eu temia. Acredito-o sinceramente. Mas não temia nada, não temo mais nada. É verdadeiramente o início da bela estação. Virado para a vidraça eu a vi arrepiar-se enfim, empalidecer diante da aurora lívida. Não é uma vidraça comum, ela me traz a alvorada e me traz o poente. O caderno caíra no chão. Levei muito tempo para encontrá-lo. Estava embaixo da cama. Como tais coisas são possíveis? Levei muito tempo para reencontrá-lo. Tive que arpoá-lo. Ele não está furado de ponta a ponta, mas está em muito mau estado. É um caderno grosso. Deve chegar. Doravante escreverei nas duas margens da página. De onde ele me vem? Não sei. Eu o encontrei, sem mais nem menos, nas minhas coisas, no dia em que precisei dele. Mesmo sabendo que não tinha caderno, remexi nas minhas coisas com a esperança de encontrar um. Não fiquei decepcionado, não fiquei surpreendido. Amanhã se precisasse de uma velha carta de amor não agiria de modo diferente. É papel quadriculado. As primeiras páginas estão cobertas de números, de sinais e de figuras, com aqui e ali uma curta frase. Devem ser cálculos. Eles param bruscamente, enfim prematuramente aparentemente. Como desencorajados. Talvez seja astronomia, ou astrologia. Não olhei bem. Passei um traço, não nem ao menos passei um traço, escrevi, Dentro em breve estarei finalmente completamente morto, sem mesmo passar para a página seguinte que era virgem. Pronto, estou dispensado de me sobrecarregar por causa desse caderno, no momento do inventário. Bastará que eu diga, Item, um caderno, indicando talvez a cor. Mas

de hoje até lá posso perdê-lo, definitivamente. O lápis pelo contrário é um velho conhecimento. Devia tê-lo comigo quando me trouxeram para aqui. Ele tem cinco faces. É muito curto e com duas pontas. É um Dois Martelos. Espero que faça o necessário. Dizia que não me abandono mais com o mesmo empolgamento. Deve estar na ordem das coisas, tudo o que me acontece deve se inscrever aí, até mesmo a minha impotência para perceber de que ordem se trata. Pois nunca vi nenhuma, nem em mim nem fora de mim. Acreditei nas aparências, embora as achasse vãs. Não entrarei em detalhes. Arquejar, correr, reanimar, arquejar, supor, negar, afirmar, negar. Ótimo. Abandono-me menos facilmente. Amém. Esperei a alvorada. Fazendo o quê? Não sei. O que devia fazer. Espreitei a janela. Deixei ir embora minhas dores, minha impotência. E enfim pareceu-me, por um instante, que eu ia receber uma visita!

As grandes férias estavam perto do fim. O momento decisivo aproximava-se, em que seriam justificadas, ou decepcionadas, por Sapô, as esperanças colocadas nele. Ele está preparadíssimo, dizia o Sr. Saposcat. E sua mulher, cuja devoção reaviva-se nos períodos de crise, orava por seu sucesso. Ajoelhada à noite, em sua camisola, ela ejaculava, mas sem barulho, pois seu marido a teria desaprovado, Que ele seja aprovado! Que ele seja aprovado! Mesmo sem menção!

Superada essa primeira grande prova haveria outras, todos os anos, várias vezes por ano, durante cinco ou seis anos. Mas parecia aos Saposcat que elas seriam menos terríveis que essa primeira, que ia lhes conceder, ou lhes recusar, o direito de dizer, Ele está fazendo Medicina, ou Ele está fazendo Direito. Pois julgavam pouco provável que um juovem mais ou menos normal, senão inteligente, uma vez admitido a se inciar nessas profissões, não chegasse mais cedo ou mais tarde a ser julgado capaz de exercê-las. Pois eles já tinham lidado com médicos e com advogados, como quase todo mundo.

Um dia o Sr. Saposcat vendeu-se uma caneta com abatimento. Uma Blackbird. Eu lha darei na manhã do exame, disse ele. Ele levantou a longa tampa de papelão e mostrou a caneta à mulher. Deixe-a na caixa, disse ele, como ela quisesse tomá-la de sua mão. Ela descansava sobre o prospecto cujas beiras, enroladas, se juntavam quase no alto. O Sr. Saposcat afastou-os e aproximou a caixa dos olhos da mulher. Mas ela, em vez de olhar a caneta, olhou para o marido. Ele disse o preço. Talvez fosse melhor, disse ela, você dar de véspera, para que ele se habitue com ela. Você tem razão, disse ele, não tinha pensado nisso. Talvez até na antevéspera, disse ela, para que você tenha tempo de trocá-la, se a pena não lhe convier. Um melro, cujo bico amarelo aberto indicava que ele estava cantando, enfeitava a tampa. O Sr. Saposcat colocou-a, torceu com mãos conhecedoras a caixa num papel de seda e passou um elástico fino. Ele não estava contente. É uma pena média, disse, que com certeza lhe servirá.

Essa conversa recomeçou no dia seguinte. O Sr. Saposcat disse, Se lhe emprestássemos apenas, dizendo-lhe que, poderá ficar com ela, se for aprovado. Então é preciso emprestar já, disse a Sra. Saposcat, senão não adiantará nada. Mediante o que o Sr. Saposcat apresentou uma primeira objeção, e em seguida, depois de um segundo silêncio, uma segunda objeção. Ele objetou primeiro que seu filho, se recebesse a caneta logo, teria tempo de quebrá-la, ou de perdê-la, antes de escrever. Objetou em seguida que seu filho, se recebesse a caneta logo, supondo-se que não a quebrasse nem a perdesse, teria tempo para habituar-se tanto com ela, para conhecer tão intimamente seus defeitos, comparando-a com as canetas de seus colegas mais afortuandos, que sua posse não o tentaria mais. Não sabia que era qualquer porcaria, disse a Sra. Saposcat. O Sr. Saposcat colocou a mão sobre a toalha e olhou-a longamente. Depois dobrou seu guardanapo, levantou-se e deixou a sala. Mas acabe de comer! gritou sua mulher. Sozinha escutou o ba-

rulho dos passos dele na aléia, afastando-se, aproximando-se, afastando-se, aproximando-se.

Um dia, Sapô chegou em casa dos Louis mais tarde do que de hábito. Mas sabe-se lá a que horas ele tinha o hábito de chegar? As sombras alongavam-se, ao mesmo tempo que perdiam seu relevo. Sapô teve a surpresa de ver ao longe, no meio do jovem colmo, a enorme cabeça vermelha e branca do velho Louis. Seu corpo estava no buraco fundo que cavava para a sua mula, morta durante a noite. Edmund saiu da casa, enxugando a boca, e foi juntar-se ao pai. Este saiu então do buraco e o filho desceu. Quando chegou perto deles, Sapô viu o cadáver preto da mula. Então tudo se tornou claro. A mula estava deitada de lado, o que era normal. Suas patas dianteiras estavam retas e rijas, as traseiras encolhidas na barriga. A boca entreaberta, os lábios arregaçados, os enormes dentes, os olhos exorbitados, tornavam-lhe a caveira pouco banal. Edmond passou ao pai a enxada, a picareta e a pá, e saiu do buraco. Apossando-se um das patas dianteiras, o outro das outras, arrastaram a mula até o buraco e a deixaram cair, de costas. As patas dianteiras apontavam para o céu, ultrapassavam ligeiramente a beira do buraco. Louis pai fez com que elas dobrassem a golges de enxada. Entregou a enxada a seu filho e se dirigiu para a casa. Edmond pôs-se a encher o buraco. Sapô via-o encher. Uma grande paz apoderou-se dele. Grande paz, é dizer muito. Ele se sentia melhor. É revigorante, o fim de uma vida. Edmond parou, apoiou-se na enxada e, arquejando, sorriu. Havia enormes buracos cor-de-rosa entre seus incisivos. O gordo do Louis estava sentado perto da janela, de onde ele podia vigiar seu filho. Fumava um cigarro, na sua piteira, e bebia sua caninha. Sapô sentou-se diante dele, colocou uma mão em cima da mesa e em cima dela sua testa, pensando estar sozinho. Entre as duas ele deslizou a outra mão e ficou imóvel. Louis pôs-se a falar. Parecia de bom humor. A mula, segundo ele, tinha morrido de velhice. No dia em que a tinha comprado, já há dois anos, levavam-na justa-

mente para o matadouro. Valeu o dinheiro que gastou. Depois de concluído o negócio, haviam-lhe predito que a mula cairia dura no primeiro cultivo da terra. Mas o gordo do Louis era muito entendido em mulas. Na mula é o olho que conta, o resto interessa muito pouco. Então ele a olhou bem no olho, às portas do matadouro, e viu que podia ainda servir. E a mula devolvera-lhe o olhar, no pátio do matadouro. À medida que Louis progredia na sua narrativa, o matadouro ganhava uma importância cada vez maior. Assim o lugar da transação deslocava-se progressivamente, do caminho do matadouro para as portas do matadouro e destas até ao pátio. Um pouco mais e ele teria disputado a mula no esquartejador. Dir-se-ia que ela me suplicava para que a pegasse, disse Louis. Tinha chagas quase em todo lugar, mas com as mulas não podemos nos deixar impressionar pelas chagas de velhice. É o olho que conta. Disseram-lhe, Ela já percorreu dez milhas, morrerá antes de chegar à sua casa. Eu esperava aproveitá-la por seis meses, disse Louis, aproveitei por dois anos. Enquanto falava vigiava seu filho. Ainda estavam ali, um em frente do outro, na escuridão, um falando outro escutando, e longe, um do que ele dizia, outro do que ele ouvia, e longe um do outro. O monte de terra ia diminuindo. Na fraca luz rasteira a terra tinha estranhos reflexos, chamejava de quando em quando, como iluminada por dentro, na sombra crescente. Edmond parava muitas vezes, apoiava-se na pá e olhava em volta dele. O matadouro, disse Louis, é lá onde compro os meus animais. Acrescentou, Olha só este vagabundo. Saiu e recomeçou o trabalho, ao lado do filho. Trabalharam um bom momento juntos, sem tomar conhecimento um do outro, depois o filho largou sua pá, virou-se e foi embora lentamente, com um mesmo movimento igual e arredondado, passando sem esbarro nenhum do esforço ao repouso, como a única continuação possível. Já não se via mais a mula. A superfície, que ela havia pisado a vida inteira, não a veria mais, penando diante do arado, diante da carroça. E o gordo do Louis ia dentro em breve poder lavrar neste lugar mesmo, com uma outra mula, ou com um velho ca-

valo, ou com um velho boi, que teria comprado no matadouro, também chamado abatadouro, sem que a relha do arado revirasse as carnes fétidas e sem que se amolgasse ao contato dos grandes ossos que elas tinham revestido. Pois ele não ignorava a tendência dos enterrados para subir, contra toda espera, para o dia. No que eles se assemelham aos afogados. E tinha levado tudo isso em consideração ao cavar o buraco, que não estava longe de ter seis pés de profundidade. Edmond e sua mãe cruzaram-se em silencio. Esta voltava da casa de uma vizinha, onde tinha ido tomar emprestado meio quilo de lentilhas para o jantar. Ela estava pensando na bela romana que tinha servido na balança, perguntando-se ao mesmo tempo se estava bem regulada. Diante de seu marido também ela passou rapidamente, sem lhe conceder um olhar, e nada indicava, na atitude dele, que ele a tivesse visto. Ela acendeu o lampião em seu lugar em cima da lareira, ao lado do despertador, colocado por sua vez ao lado de um crucifixo pendurado num prego. Esses três objetos estavam apertados uns contra os outros, no meio de uma prateleira nua em outras partes. O despertador, sendo o mais baixo dos três, devia ficar no meio, e à intervenção do lampião e do crucifixo opunha-se o prego que mantinha este último de pé. Ela mantinha a testa e as mãos apoiadas na parede, esperando que chegasse o momento de aumentar o pavio. Aumentou-o por fim e recolocou o globo amarelo que uma larga brecha enfeiava. Ao ver Sapô acreditou por um momento ver a filha. Depois seu pensamento voou para a ausente. Colocou o lampião sobre a mesa e o lado de fora se obliterou. Sentou-se, derramou as lentilhas em cima da mesa e pôs-se a catá-las. De modo que houve logo dois montinhos sobre a mesa, um grande que ia diminuindo e um pequeno que ia crescendo. Mas de repente com um gesto irritado ela confundiu todos os dois, anulando desta maneira, em menos de um segundo, o trabalho de dois ou três minutos. Depois foi buscar uma panela. Eles não morrerão por isso, disse, e com a beira da mão ela empurrou as lentilhas até a beira da mesa e daí para a panela, como se o essencial fosse não morrer. Mas ela foi de tal ma-

neira desajeitada e tão precipitada que uma boa parte, passando ao lado da panela, caiu no chão. Depois ela pegou o lampião e saiu, para procurar lenha talvez, ou um pedaço de toucinho. A escuridão tendo voltado à cozinha, a de fora minimizou-se pouco a pouco, e Sapô, com os olhos colados à vidraça, acabou por distinguir um certo número de objetos, dentre os quais a massa sombria do gordo do Louis sapateando. Que alguém parasse em pleno meio de um trabalho fastidioso e de utilidade duvidosa, Sapô compreendia muito bem. Pois um grande número de trabalhos são dessa espécie, apesar de tudo o que se diz, e ninguém os termina a não ser renunciando a eles. A Sra. Louis poderia continuar a catar as lentilhas até a madrugada que o seu objetivo, que era de torná-las sem mistura de nenhuma espécie, não teria sido atingido. Mas ela teria parado no fim, dizendo-se, Fiz o que pude. Mas não teria feito o que teria podido. Mas o momento chega em que se abandona, por sabedoria, sem por isso desanimar ao ponto de desfazer tudo. Mas se seu objetivo, ao catar as lentilhas, não era em nada retirar tudo o que não fosse lentilha, mas somente o mais grosso? E daí? Não sei. Enquanto que existem outros trabalhos, outros dias, dos quais se pode dizer, sem se enganar muito, Acabou. Embora não veja quais. Ela voltou, segurando o lampião no ar e um pouco afastada, a fim de não ficar cega. Com a outra mão ela segurava um coelho branco, pelas patas trazeiras. Pois se a mula tinha sido negra, a coelho tinha sido branco. Ele já estava morto, já não estava mais ali. Há coelhos que morrem antes que os matem, simplesmente de medo. Têm tempo para isso, enquanto os retiram da coelheira, pelas orelhas muitas vezes, e dispõem comodamente a parte a ser atingida, seja a nuca ou seja a garganta. E muitas vezes abatem um cadáver, sem sabê-lo. Pois acabam de ver o coelho bem vivo, atrás das grades, no meio do sanfeno. E se felicitam por terem conseguido com a primeira pancada, pois não gostam de fazer sofrer inutilmente, quando na realidade fizeram um esforço para nada. Isso é algo que se produz sobretudo de noite, o terror sendo maior de noite. As galinhas em compensa-

ção têm a vida mais cabeçuda, e vê-se até algumas que, não tendo mais cabeça, fazem ainda alguns passos de dança antes de cair. Os pombos também são menos nervosos e opõem algumas vezes uma certa resistência, antes de sucumbir à asfixia. A Sra. Louis arquejava. Bicho desgraçado! gritou. Mas Sapô já estava longe e passava deixando a mão bater no mato alto que se movia no prado. Pouco depois Louis, e em seguida seu filho, atraídos pelo cheiro, penetraram na cozinha. Sentados à mesa, um diante do outro, sem se olharem, esperavam. Mas a mulher, a mãe, foi até a porta e chamou a filha. Lîse! gritou, com todas as forças, inúmeras vezes. Depois voltou ao forno. Acabava de ver a lua. Depois de um silêncio Louis declarou, Vou matar Cinzentinha amanhã. Disse isso em outros termos naturalmente, mas o sentido é esse mesmo. Mas nem a mulher nem o filho puderam aprová-lo, a primeira porque teria preferido a morte do Negrão, o segundo porque achava que matar os cabritos agora, fosse um ou fosse outro, pois isso tanto fazia para ele, seria agir prematuramente. Mas o gordo do Louis lhes disse para se calarem e foi pegar num canto a caixa que continha suas facas. Eram três e tratava-se somente de retirar a gordura e esfregá-las um pouco umas contra as outras. A Sra. Louîs voltou à porta, escutou, chamou. Lá longe o rebanho respondeu. Ela está chegando, disse. Mas ela só chegou muito mais tarde. Quando o jantar terminou Edmond foi deitar-se para poder tranqüilamente masturbar-se antes que sua irmã chegasse, pois dormiam no mesmo quarto. Não que isso o constrangesse, o fato de sua irmã estar ali. Ela também não se constrangìa, quando o irmão estava presente. Viviam muito apertados, certas delicadezas não eram possíveis. Edmund retirara-se pois, sem razão especial. De muito bom grado ele teria dormido com a irmã, o pai também, quero dizer que o paî também teria de muito bom grado dormido com a filha, já vai longe a época em que ele teria dormido com a irmã. Mas alguma coisa os retinha. Aliás ela não parecia fazer muita questão. Mas era ainda muito jovem. O incesto estava poîs no ar. A Sra. Louis, a única da família que não

desejava mais dormir com ninguém, olhava-a chegar, com indiferença. Ela saiu. Ficando sozinho com a filha o gordo do Louis a observou. Ela estava sentada diante do forno, numa atitude de prostração. Ele disse-lhe para comer e ela pôs-se a comer o que sobrava do coelho, na panela mesmo, com uma colher. Mas é difícil olhar um semelhante de modo insistente, mesmo quando se quer, e o gordo Louis viu de repente a filha num outro lugar e ocupada com uma outra coisa diferente de levar a colher da panela à boca e da boca à panela. E no entanto ele teria jurado que não tinha tirado os olhos de cima dela. Disse: Amanhã vamos matar Cinzentinha, você vai segurá-la, se quiser. Mas vendo-a sempre tão triste, a ponto de ter o rosto úmido de lágrimas, ele caminhou para ela.

Que tédio. Se eu passasse para a pedra? Não, seria a mesma coisa. Os Louis, os Louis, é mesmo dos Louis de que se trata? Não, não especialmente. Mas durante esse tempo o outro se perde. Em que ponto estão, os meus projetos, eu tinha projetos, há pouco. Talvez ainda tenha alguns por dez anos. Vou mesmo assim continuar um pouco, pensando em outra coisa, não posso ficar aqui. Ouvir-me-ei de longe, o espírito longe, falar dos Louis, falar de mim, o espírito errante, longe daqui, entre suas ruínas.

Então só ficou a Sra. Louis na cozinha. Ela sentou-se perto da janela e abaixou o pavio do lampião, como ela fazia sempre antes de soprar, pois ela não gostava de soprar um lampião ainda quente. Quando ela julgou suficientemente frios o vidro e o globo levantou-se e soprou. Ficou um instante irresoluta, com as mãos apoiadas na mesa, antes de sentar-se de novo. Quando seu dia acabava outro dia levantava-se sobre outros afazeres, dentro dela, os da vida bestamente tenaz, de dores diligentes. Sentada, indo e vindo, ela as suportava melhor que deitada. Do fundo desta fadiga sem fim ela não cessava de chamar com todas as suas forças, o dia a noite, a noite o dia, e, dia e noite, com horror, essa luz da qual disseram-lhe

sempre que ela não a saberia conceber, pois não era uma luz propriamente dita. A que ela concebia bem, já estando habituada, muitas vezes esperava a volta na cozinha, sobretudo, dormindo pouco, espigada na cadeira ou arriada em cima da mesa, descansando mal, mas menos mal que na cama. Muitas vezes levantava-se, andava no quarto ou, saindo, dava a volta ao velho casebre. Havia apenas cinco ou seis anos que ela era assim. Tenho uma doença de senhora, dizia para si mesma, sem ousar acreditar completamente. Na cozinha impregnada das penas diurnas a noite parecia-lhe menos noite, o dia menos morto. Ela gostava, nos momentos difíceis, em que tinha necessidade de coragem, de apertar com os dedos a velha mesa em volta da qual ela veria tão logo sentados os seus, esperando que ela os servisse, e de sentir à sua volta, prontos para servir, as ferramentas e os utensílios de todos os dias. Foi até à porta, abriu-a e olhou para fora. A lua tinha desaparecido mas as estrelas brilhavam com um brilho vivo. Olhou-as longamente. Era uma espetáculo que a tinha por mais de uma vez aliviado. Foi até ao poço e agarrou a corrente. O balde estava no fundo do poço, o guindaste quebrado. Era assim. Seus dedos puseram-se a errar ao longo dos aneis ondulantes. Perguntas informes, fundindo-se umas nas outras, esmagavam-se molemente no seu espírito. Uma ou outra parecia ter relação com sua filha, que no entanto era a menor de suas preocupações. Esta, não podendo dormir, estava já há algum tempo de orelha em pé. Sabendo que sua mãe não dormia, por pouco não se levantou para ficar com ela. Mas só foi no dia seguinte ou no outro que ela se decidiu a lhe dizer o que Sapô lhe havia dito, ou seja, que ia embora, para sempre. Então, como se faz para com os mortos mesmo insignificantes, eles reuniram as lembranças que ele tinha podido lhes deixar, ajudando-se aos outros e esforçando-se para estarem de acordo. Mas conhecemos bem essa pequena chama, seus tremores na escuridão desmanchada. E o acordo só vem mais tarde, com o esquecimento.

Tédio mortal. Um dia consultei um israelita a propósito da cópula. Deve ter sido na época em que eu procurava ainda alguém que me fosse fiel, e a quem eu o fosse. Abri então os olhos bem grandes para permitir aos candidatos admirar a profundeza de meu olhar e os reflexos que faziam nascer nele tudo o que não se dizia. Nossos dois semblantes estavam tão próximos um do outro que eu sentia em cima do meu bafos de ar quente e de saliva, e ele também com certeza, em cima do seu. Revejo-o, tranqüilo por fim, enxugar os olhos e a boca, e eu, de olhos abaixados, entristecer-me na pocinha que a urina, tendo atravessado minha calça de ponta a ponta, tinha formado a meus pés. Agora que não preciso mais dele, vou dizer seu nome. Jackson. Teria gostado que ele tivesse um gato, ou um cachorro jovem, ou cachorro velho, melhor ainda. Mas no que se refere a companheiros mudos ele só dispunha de um papagaio, cinza e vermelho, ao qual ele ensinava a dizer, *Nihil in intellectu*, etc. Essas três primeiras palavras a ave pronunciava bem, mas a célebre restrição não passava, só se ouvia curupaco curupaco curapaco curupaco curupaco. E quando Jackson, irritando-se, teimava em fazer com que repetisse, Polly se zangava bem vermelho e se retirava num canto da gaiola. Era uma gaiola bem bonita, bem instalada com poleiros, balanços, comedouros e bebedouros, rampas e ossos de ciba em quantidade. Havia até coisa de mais, eu me sentiria apertado. Jackson chamava-me de o merino, não sei por que, talvez por causa do ditado. Mas eu tinha na idéia que a idéia de rebanho errante convinha mais a ele do que a mim. Mas no fundo eu nunca tive na idéia senão vento, desse vento que nunca me foi medido. Minhas relações com Jackson foram de curta duração. Eu o teria suportado como amigo, mas infelizmente eu lhe repugnava, da mesma forma que o Johnson, Wilson, Nichol e Watson, todos uns porcos. Tentei em seguida, durante um certo tempo, desencavar uma alma irmã entre as raças inferiores, vermelhas, amarelas, chocolate etc. E se os pestilentos tivessem sido de um acesso menos penoso eu me teria infiltrado entre eles, revirando os olhos, reprimindo gestos,

esboçando ríctus, inefante e copulante, com o coração batente. Com os dementes também fracassei, por pouco. As coisas devem ter acontecido assim, mas antes vejamos de que maneira elas acontecem presentemente. Quando moço, eu olhava os velhos com espanto e terror. O que me deixa boquiaberto agora são os bebês que urram. A casa está cheia deles finalmente. *Suave mari magno,* sobretudo ao desembarcado. Que tédio. Eu que acreditava ter combinado tudo tão bem. Se tivesse o uso do meu corpo eu me lançaria pela janela. Mas é talvez por que eu seja impotente que me permito ainda esse pensamento. Tudo está ligado, tudo está ligado. Infelizmente ignoro em que andar estou, talvez esteja apenas na sobreloja. As portas que batem, os passos na escada, os barulhos da rua, não me informaram nada a esse respeito. Sei apenas que existem seres vivos em cima de mim e em baixo de mim. Assim sendo não estou no subsolo. Aliás algumas vezes vejo o céu e, através da minha janela, outras janelas bem em frente da minha aparentemente. Mas isso não prova nada. Não quero provar nada. É o que se diz. Finalmente talvez eu esteja numa espécie de porão e este espaço que eu tomo pela rua não seja mais do que uma larga vala para onde dão outros porões. Mas então estes ruídos que sobem, estes passos que sobem até a mim? Talvez haja outros porões ainda mais profundos do que o meu. Por que não? Neste caso a questão de saber em que andar estou impõe-se de novo, não ganho nada em supor-me no subsolo, se há vários subsolos, uns em cima dos outros. Mas estes ruídos, estes passos, que estou dizendo ouvir subir até a mim, realmente sobem? Nada na verdade permite afirmá-lo. Daí a concluir alucinações puras e simples é entretanto um passo que eu hesito em dar. E acredito de verdade que haja pessoas nesta casa que vão, vêm e se falam, como também muitos bebês bonitos, sobretudo desde há algum tempo, que seus pais mudam freqüentemene de lugar, para que eles não tomem o hábito da imobilidade, prevendo o dia em que eles precisarão se deslocar sem ajuda. Mas refletindo bem eu não saberia situá-los. E no final das contas nada se assemelha mais a um passo que sobe

do que um passo que desce ou mesmo que vai e vem sem nunca mudar de nível, quero dizer para quem não somente ignora onde se encontra e por conseguinte com que exatamente deve contar, do ponto de vista sonoro, mas ao mesmo tempo é surdo pela metade na metade do tempo. A possibilidade também não me escapa é certo, por mais decepcionante que seja, que eu esteja desde agora morto e que tudo continue mais ou menos como para o passado. Talvez eu tenha expirado na floresta, mesmo antes. Nesse caso todo o esforço que eu faço já desde há algum tempo, com um objetivo a propósito do qual eu não me lembro mais muita coisa senão que eu o devia ao sentimento de não ter mais muito tempo para viver, todo esse esforço foi absolutamente inútil. Mas o bom senso quer que eu não tenha ainda completamente cessado de arquejar. E ele invoca, para argumento desta maneira de ver, diversas considerações que dizem respeito por exemplo ao pequeno monte de minhas posses, a meu sistema de alimentação e de eliminação, ao casal de defronte, às mudanças do céu etc. Enquanto que talvez na verdade tudo isso não seja em realidade outra coisa que meus vermes. Tomemos por exemplo a luz que reina neste reduto. Ela é estranha, é o mínimo que se possa dizer, verdadeiramente o mínimo. Há uma espécie de noite e de dia aqui comigo, é um assunto liquidado, muitas vezes até fica completamente escuro, mas isso não acontece sempre da forma a que estava, parece-me, acostumado, antes de me encontrar aqui. Exemplo, nada vale os exemplos, do momento em que ficava completamente escuro aqui eu esperava a aurora com uma leve impaciência, tendo necessidade para fazer certas coisas que me são difíceis de fazer na escuridão. Pouco a pouco com efeito a claridade voltou e eu pude agarrar com a minha vareta os objetos de que eu precisava. Mas eis que esta claridade, em lugar de ser a da manhã, demonstrou ser a da tarde. E o sol, longe de subir cada vez mais no céu como eu esperava, lá estava ele pondo-se, e a noite, cujo fim eu acabava de saudar da minha maneira, caindo impiedosamente de novo. Agora o contrário de certa maneira, quero dizer o dia

se acabando no crepúsculo da aurora, devo confessar que nunca conheci, e isso me deixa triste, quero dizer não poder me decidir a afirmar que conheci isso também. E no entanto muitas vezes chamei a noite com todas as minhas forças, por assim dizer desde de manhã, da mesma forma que a manhã desde a tarde. Mas antes de deixar este assunto e de pegar num outro, direi francamente que nunca é suficientemente claro aqui, nunca verdadeiramente claro. Ela está lá fora, a claridade, o ar fervilha, o granito da parede em frente brilha com toda a força de sua mica, ela está colada à minha vidraça, a claridade, mas ela não passa, de modo que aqui tudo banha, não digo na sombra, nem mesmo na penumbra, mas numa espécie de luz de chumbo que não lança sombra e da qual por conseguinte me é difícil saber de onde vem, pois parece vir de todos os lados ao mesmo tempo e com uma força igual. E estou persuadido de que por exemplo embaixo da minha cama há tanta luz neste momento quanto no teto por exemplo, o que não é dizer muito, mas é para lhe dizer, para lhe dizer. E o que se tem a dizer senão que não há verdadeira cor aqui, salvo na medida em que esta espécie de incandescência acinzentada é uma... Sim, talvez se pudesse falar de cinza, não me oponho, e então o jogo ou conflito seria feito aqui comigo entre este cinza e o negro que ele recobre mais ou menos, ia dizer segundo a hora, mas não parece ser sempre uma questão de hora. Eu também sou cinzento, tenho até a impressão às vezes de lançar cinzento, ao mesmo título que meus lençóis por exemplo. E até a minha noite não é a do céu. Evidentemente o escuro é escuro em toda parte. Mas como é possível então que meu pequeno espaço não se beneficie dos astros que me acontece ver brilhar ao longe e que esta lua onde Caim pena sob sua carga não me ilumine nunca o rosto? Em suma parece haver a luz de fora, a dos homens que sabem que o sol emerge a tal hora e a tal outra mergulha outra vez atrás do horizonte, e que cantam com isso, e que nuvens devem sempre ser previstas mas que terminam sempre por se dissipar cedo ou tarde, e a minha. Mas ela tem também suas alternâncias, a

minha luz, não quero negá-lo, seus crepúsculos e auroras, mas sou eu quem o digo, pois devo ter vivido também, é algo que não perdoa. E quando olho o teto, as paredes, vejo que não há possibilidade de fazer nascer a luz aqui, artificialmente, como fazem as pessoas de defronte, por exemplo. Seria necessário para isto que me dessem uma lâmpada, uma tocha, que sei eu, mas não sei se este ar é daqueles que se prestam à combustão. Memorando, procurar um fósforo nas tuas coisas, tuas posses, ver se ele queimará. Os ruídos também, gritos, passos, portas, murmúrios, param durante dias inteiros, dias dos outros. Então é o silêncio do qual, prevenido, eu me contentarei em dizer que não há nada, como dizer, nada de negativo talvez. E lentamente meu espaço zune, de novo. Você dirá que é na minha cabeça, e parece-me com efeito que estou numa cabeça, que estas oito, não, estas seis paredes são de osso maciço, mas daí a dizer que é minha própria cabeça, não, isso nunca. Uma espécie de ar circula, já devo ter dito, e quando tudo se cala ouço-o lançar-se contra as paredes que o relançam naturalmente. E então em algum lugar no centro se atam e se desatam outras ondas, outros assaltos, de onde sem dúvida este fraco barulho de areia aérea que é meu silêncio. Ou é a tempestade que se levanta, como na atmosfera terrestre, e cobre os gritos das crianças, dos moribundos e dos namorados, dos quais eu digo então que param, sem que na realidade eles jamais parem. É difícil pronunciar-se. E no crânio é o vácuo? Vejamos. E se eu fechar os olhos, fechá-los de verdade, como não o podem os outros, mas como eu o posso, pois há limites para a minha impotência, então às vezes minha cama levanta-se e voga através dos ares, ao saber dos redemoinhos, como uma palhinha, e eu dentro. Não é uma questão de pálpebras felizmente, é como diria a alma que é preciso cegar, esta alma que é inútil negar, cortante, atenta, inquieta, virando na sua gaiola como numa lanterna na noite sem portos nem barcos nem matérias nem entendimento. Ah sim, tenho minhas pequenas distrações e elas deveriam.

Que infelicidade, o lápis deve ter caído das mãos, pois acabo apenas de achá-lo depois de quarenta e oito horas (ver em algum lugar mais acima) de esforços intermintentes. O que está faltando para minha vareta é uma tromba preênsil como a que possuem os tapires noturnos. No fundo eu deveria perder meu lápis mais freqüentemente, não me faria mal algum, eu me sentiria até melhor, acho, eu seria mais alegre, tudo seria mais alegre. Acabo de passar dois dias inolvidáveis dos quais não saberemos jamais coisa alguma, pois o recuo é grande demais, ou não é bastante grande, não sei mais, senão que eles permitiram que eu resolvesse tudo e acabasse tudo, quero dizer tudo o que toca a Malone (na verdade é assim que eu me chamo agora) e ao outro, pois o resto não é da minha competência. E era, no que se pode dizer, como dois desmoronamentos de areia fina ou talvez de poeira ou de cinza, de importância desigual, certo, mas que seguem de certo modo lado a lado, e deixando atrás deles, cada um em seu espaço e lugar, a cara coisa que é a ausência. Enquanto isso eu procurava reaver meu lápis, aos solavancos. É um pequeno Dois Martelos, verde aínda com certeza, com cinco ou seis faces, e com ponta dos dois lados, e tão curto que tem apenas lugar, no meio, para o polegar e os dois dedos seguintes, apertados em garra como um torno. Uso sempre ora uma ponta ora outra, muitas vezes chupando-as, gosto de chupar. E quando ficam grossas, eu as afio com as unhas que são longas, amarelas e amoladas e se quebram facilmente, por falta de cálcio ou de fosfato talvez. Desta forma pouco a pouco meu lápis diminui, é lógico, e o dia chegará em que não haverá mais que um fragmento tão ínfimo que não poderei mais segurar. Assim escrevo com um mínimo de força, mas a ponta é dura e não deixaria marca se eu não forçasse. Mas digo para mim mesmo, Entre uma ponta dura que obriga a escrever com força, para que deixe marca, e uma ponta macia e mole que escurece a página quase sem tocá-la, qual pode ser a diferença, do ponto de vista da durabilidade? Pois é, tenho minhas pequenas distrações. O mais curioso é que tenho um

outro lápis, um francês, um longo cilindro, apenas começado, em algum canto da cama, acho. Não devo pois ter nenhuma preocupação a esse respeito. E no entanto estou preocupado. Agora, enquanto estava à cata do lápis fiz uma descoberta curiosa. O chão está ficando branco. Bati nele com minha vareta por várias vezes e ele produziu um som seco e oco, falso ué. Alertado desta forma olhei atentamente as outras grandes superfícies, acima de mim e à minha volta. Durante esse tempo a areia escorria sempre e eu me dizia, Não o terei nunca, referindo-me ao lápis. E pude constatar que todas essas grandes superfícies, ou deveria dizer infrafícies, tanto a horizontal como as retas, embora não tenham um ar de muito retas daqui, empalideceram sensivelmente também, desde a última inspeção, que data de não sei mais quando, o que é ainda mais chocante quando a tendência das coisas em geral é principalmente a de escurecer creio que com o tempo, excetuando evidentemente os restos mortais e depois certas partes do corpo ainda vivo que se descoram e de onde o sangue se retira, com o tempo. Quer dizer que está mais claro aqui agora que sei o que acontece? Pois bem, devo dizer que não, é o mesmo cinza que antes, que em alguns momentos brilha literalmente, depois se turva e enfraquece, se espessa, se preferirem, a ponto de esconder tudo aos meus olhares, exceto a janela que parece ser de algum modo meu umbigo e da qual digo-me que no dia em que ela também se eclipsar, saberei mais ou menos o que pensar. Não, tudo o que quero dizer é que quando arregalo os olhos vejo luzir nos confins dessas inquietas trevas como ossadas, o que não era bem o caso até agora, que eu saiba, e me lembro nitidamente até da tapeçaria ou papel pintado que aderia às paredes em certos lugares e onde se torciam rosas, violetas e outras flores em tal abundância que me parecia nunca ter visto tantas em toda a minha vida nem tão belas. Mas de tudo isso nada parece sobreviver, presentemente, e se no teto não havia flores havia com certeza outra coisa, cupidos talvez, que também desapareceram. E enquanto eu perseguia meu lápis, num determinado momento

meu caderno de criança quase, se julgarmos por certos indícios, também ele caiu no chão, mas eu logo o agarrei, deslizando o gancho de minha vareta num dos rasgões do cobertor e levantando-o lentamente. E durante todo esse tempo, tão fértil em incidente e contratempos, na minha cabeça suponho tudo deslizava e se esvaziava como através das comportas, para grande alegria minha, até que finalmente não ficasse mais nada, nem de Malone nem do outro. E o que é mais importante, eu seguia muito bem as diversas fases desse parto e não me espantava em nada ao vê-lo ora tornar mais lento ora acelerar seu andar, de tal forma as razões me eram claras pelas quais as coisas não poderiam acontecer de outra maneira. E eu me regozijava também independentemente do espetáculo, com a idéia de que eu sabia agora o que devia fazer, eu que durante toda a minha vida andei às apalpadelas, e cuja imobilidade também era uma espécie de apalpamentos, sim, já estacionei muito às apalpadelas. Mediante o que, eu ainda me permitia ilusões, quer dizer, crendo ver claro enfim nas minhas absurdas atribulações, mas apesar de tudo não ao ponto de poder querer-me mal agora. Pois ao mesmo tempo que me dizia, Como tudo é belo e simples! eu me dizia, Tudo estará escurecendo de novo. E é sem muito pesar que torno a nos encontrar assim como somos, saber tirar grão por grão até que, se o cansaço ajudar, a mão se ponha a brincar, a se encher e a se esvaziar no mesmo lugar, sonhadoramente, como se diz. Pois eu estava esperando isso, e me dizia ao mesmo tempo, Enfim! E devo dizer quanto a mim que esta sensação sempre me é familiar, de uma mão cansada e cega cavando molemente nas minhas partículas e fazendo-as escoar entre seus dedos. Às vezes acontece-me até, quando tudo está calmo, senti-la mergulhada em mim até o cotovelo, mas calma e diria até dormindo. Mas logo estremece, acorda, acaricia-me, crispa, dá uma busca e às vezes pilha, como para vingar-se de não poder me varrer. Eu a compreendo. Mas já senti tanta coisa estranha e obviamente sem fundamento que seria melhor calá-las talvez. Falar por exemplo desses períodos em

que me liquefaço e passo ao estado de lama, que adiantaria? Ou outros em que me afogaria no buraco de uma agulha, tanto eu enrijeci e encolhi? Não, tudo isso são tentativas amáveis mas que não mudam nada no caso. Eu falava pois de minhas pequenas distrações e ia dizer acho que lucraria mais em me contentar com isso em vez de me lançar nessas estórias que são de fazer morrer em pé de vida e de morte, se realmente é disso que se trata, e suponho que sim, pois nunca foi questão de outra coisa, se a memória não me falha. Mas dizer do que se trata exatamente, não seria mesmo capaz, neste momento. São vagas, a vida e a morte. Devo ter tido minha pequena idéia, quando comecei, senão não teria começado, teria ficado bem quieto, teria continuado tranqüilamente a me entendiar com firmeza, brincando, com cones e cilindros por exemplo, com os grãos do milho dos pássaros e outras gramíneas, esperando que se dignem vir tirar minhas medidas. Mas minha pequena idéia saiu da cabeça. Pouco se me dá, acabo de ter uma outra. Talvez seja até a mesma, as idéias se parecem tanto, quando as conhecemos. Nascer, é esta a minha idéia agora, quer dizer, viver o tempo suficiente para saber o que é o gás carbônico livre, depois agradecer. Sempre foi esse o meu sonho, no fundo. Tantos arcos e nunca uma flecha. Inútil ter memória. Sim, é isso, sou um velho feto neste momento, encanecido e impotente, minha mãe não agüenta mais, eu a apodreci, ela morreu, vai dar à luz por via de gangrena, papai também talvez faça parte da festa, desembocarei vagindo em pleno ossuário, aliás não darei nenhum vagido, não vale a pena. Quantas estórias me contei, agarrado ao mofo, e inchando, inchando. Dizendo-me, pronto, desta vez consegui segurar a minha lenda. E o que é que mudou para que me excite desta maneira? Não, digamos a verdade, não nascerei nem morrerei jamais conseqüentemente, é melhor assim. E se eu me conto, e depois o outro que é a minha cria, e que comerei como comi as outras, é como sempre, por necessidade de amor, merda, não contava com essa, de homúnculo, não posso parar. E no entanto parece-me que nasci e

que vivi longamente e torneï a encontrar Jackson e errei pelas cidades, pelos bosques e pelos desertos, e que estive longamente nas praias aos choros diante das ilhas e penínsulas onde vinham brilhar de noite as pequenas luzes amarelas e breves dos homens e a noite inteira os grandes fogos brancos ou de cores vivas que vinham nas cavernas em que me sentia feliz, agachado na areia protegido pelos rochedos no cheiro das algas e da rocha úmida ao barulho do vento das ondas que me chicoteavam com espuma ou suspirando no areal e mal arranhando os seixos, não, feliz não fui, isso nunca, mas desejando que a noite não acabasse nunca nem voltasse o dia que obriga os homens a dizerem, Ora, a vida passa, é preciso aproveitar. Aliás tanto faz que eu tenha ou não, que eu tenha vivido ou não, que eu esteja morto ou apenas morrendo, farei como sempre fiz, ignorando o que faço, de quem sou, de onde sou, se sou. Sim, tentarei fazer para segurar nos meus próprios braços uma pequena criatura, à minha imagem, diga eu o que diga. E ao vê-la mal acabada, ou por demais semelhante, eu a comerei. Depois ficarei sozinho um bom pedaço de tempo, infeliz, sem saber qual deve ser a minha prece nem para quem.

Levei tempo para tornar a encontrá-lo, mas agora consegui. O que me levou a reconhecê-lo? Não seï. E o que poderia tê-lo mudado a este ponto? A vida talvez, as tentativas feitas para amar, para comer, para escapar aos justiceiros. Deslizo-me nele, na esperança sem dúvida de aprender alguma coisa. Mas são terrenos sem escombros nem pegadas, à primeira vista. Mas ainda vou acabar por encontrar vestígios. Foï em plena cidade que o descobri, sentado num banco. É quase um velho, agora. O que me levou a reconhecê-lo? Os olhos talvez. Não, não sei o que me levou a reconhecê-lo, não vou me desdizer em nada. Talvez não seja ele. Tanto faz. Agora ele é meu. É um ser vivo ainda e é inútil dizer que é do sexo masculino, vivendo desta vida esmorecente que é como uma convalescência, se minhas lembranças são minhas,

e que se saboreia saltitando atrás do sol, ou embaixo da terra, nos corredores do metropolitano. Em volta é aquela multidão de entediados, comprando bilhetes, carregados de bagagem, eternamente ail onde não deviam na hora que não deviam. O que posso querer mais? Sim, os dias foram curtos então, e bem cheios, na procura do calor e das pequenas coisas não muito ruins para comer. E pensamos que será assim até o fim. Mas de repente tudo recomeça a enraivecer e a brigar, estamos perdidos em imensas samambaias que estalam ou somos lançados através de estepes batidas pela tempestade, perguntando-nos se não estamos mortos sem que saibamos, ou nascidos de novo em algum outro lugar. Então não podemos crer facilmente nesses breves anos, em que os padeiros eram muitas vezes indulgentes, no final do dia, e as maçãs, sempre gostei de maçãs, por assim dizer gratuitas quando sabíamos fazer as coisas, e onde havia sol e abrigo para quem tivesse verdadeiramente necessidade. Mas como se fosse de mim de quem se tratasse! E lá está ele bem tranqüilo no seu banco, de costas para o rio, e vestido como vamos ver, embora as roupas importem pouco, sei, sei, mas não haverá outras, estou sentindo. E se já há muito tempo que ele as tem, tendo em vista a sua vetustez, não faz mal, são as últimas. Mas é principalmente o casacão que é notável, no sentido que ele o recobre e o subtrai aos olhares. Pois é tão bem abotoado, de alto a baixo, por meio de uma quinzena de botões no mínimo, afastados uns dos outros por três ou quatro polegadas no máximo, que não deixa aparecer nada do que se passa no interior. E até os pés, comportadamente colocados no chão um ao lado do outro, ele os esconde em parte, apesar da dupla quebra do corpo, primeiro abaixo do tronco, onde os fêmures formam um ângulo reto com a bacia, e em seguida os joelhos, onde as tíbias retomam a vertical, pois a pose é a mais desleixada possível, e se não fosse a ausência de ligamentos poder-se-ia acreditar que fosse mantido por ligamentos, de tal modo a pose é imóvel e rija e feita de planos e ângulos bem marcados, como a do colosso de Memnon, bem-amado filho da Au-

rora. O que leva a dizer que quando ele anda, ou simplesmente fica em pé, a beira de seu casacão varre literalmente o solo e faz um barulho de cauda, quando ele anda. E com efeito esse casacão acaba numa franja, como certas cortinas, e das mangas também a trama é exposta e guarnecida de longos fios doidinhos que folgam ao vento. E as mãos também estão escondidas, como deve ser, pois as mangas desse esconde-miséria estão à altura do resto. Mas o colarinho ficou limpo, já que é de veludo, talvez de um veludo baratinho. Agora quanto à cor, porque a cor é também uma coisa importante, é inútil negá-lo, tudo o que se pode dizer é que o verde predomina. E apostar que quando novo este casacão era de um verde liso muito bonito não seria arriscar muito, de um verde como dizer de fiacre, pois havia antigamente fiacres e carruagens com tecidos de um belo verde-garrafa, eu mesmo devo ter visto alguns, e até não me espantaria que tivesse viajado num deles. Mas talvez não tenha razão de chamar casacão a esta vestimenta e talvez tivesse sido mais inspirado se tivesse visto nele uma capa, ou mesmo um sobretudo, pois é disso mesmo com efeito o efeito que ele faz, de estar sobre e por cima de tudo, excetuando evidentemente a cabeça, que se ergue, altiva e impassível, fora de seu amplexo. Sim, as paixões marcaram-na, as ações também provavelmente, mas ela não está sofrendo mais dir-se-ia, por enquanto. Mas nunca se sabe. Quanto aos botões, não são verdadeiros botões propriamente ditos, mas antes pequenos cilindros de madeira, de duas ou três polegadas de comprimento, com um buraco no meio por onde passa o fio, pois um buraco é bastante suficiente, digam o que digam, isso por causa do alargamento desmedido das casas, como conseqüência do desgaste. E quando digo cilindros eu me adianto um pouco demais talvez, pois se dentre estes bastonetes ou cavilhas alguns são com efeito cilíndricos, alguns também não têm uma forma bem definida. Mas todos têm mais ou menos duas polegadas e meia de comprimento e impedem assim que os dois panos se afastem um do outro, todos têm esse traço em comum. Agora no que se refere à fazenda

dessa roupa, tudo o que se pode dizer é que parece quase feltro. E os buracos e calombos que infligem nele as diversas torsões e sacudiduras do corpo subsistem, acalmadas estas últimas, por um bom momento ainda. É tudo sobre o casacão. Vou contar-me estórias sobre os sapatos na próximo vez, se não me esquecer. O chapéu, orgulhosamente abaulado, duro como aço, com abas estreitas e enroladas, leva no occipício um grande talho destinado provavelmente a facilitar a recepção do crânio. Pois casacão e chapéu têm isso em comum, que se aquele é muito grande, este é muito pequeno. E embora as abas assim cortadas pareçam mandíbula de armadilha, não obstante para maior segurança um cordão amarra esse chapéu ao primeiro botão do casacão partindo do alto, pois, não interessa. Mas mesmo que não ficasse mais nada para dizer sobre a estrutura desse chapeu o mais importante ficaria ainda por dizer, agora falo evidentemente de sua cor, da qual tudo o que se pode dizer é que à luz do sol acusa fracos reflexos camurça e cinza pérola e em caso contrário puxa mais para o preto, sem entretanto nunca aproximar-se realmente do preto. E não seria nada de espantoso que esse chapéu tenha pertencido há algum tempo a um esportista qualquer, a um turfista ou a um criador de carneiros. Ao considerá-los agora, não mais separadamente, mas nas relações entre um e outro, ficamos logo agradavelmente surpreendidos, vendo quanto esse casacão e esse chapéu casam bem. E dizemos para nós mesmos que afinal de contas eles podem ter sido comprados, um numa alfaiataria, outro numa chapelaria, na mesma época, talvez até no mesmo dia, pelo mesmo elegante, pois existem mesmo, os belos homens de seis pés de altura e até mais e tudo proporcionalmente, com exceção da cabeça, pequena e de fibra. E isso dá prazer, vermo-nos ainda uma vez em presença de uma dessas imutáveis relações com termos que se aviltam simultaneamente que fazem quase que nos resignemos, nos dias de lassidão, ia dizer com a imortalidade da alma, mas não vejo a relação. Mas para passar agora ao vestuário propriamente dito, subjacente e até íntimo, pois só vimos até ago-

ra o que fica ao vento livre, nos lugares públicos, é difícil adiantar alguma coisa com segurança, por enquanto, a seu respeito. Pois Sapô — não, não quero mais chamá-lo assim, e até me pergunto como pude suportar esse nome até agora. Então pois, vejamos, pois Macmann, não é lá muito melhor mas não há tempo a perder, pois Macmann poderia estar nu como um verme sob esse, essa opalanda, que nada apareceria na superfície. O chato é que ele não se mexe. Desde de manhã ele não se mexe. Desde de manhã ele está aí e já é de tardinha agora. Daqui a uma hora já será noite. Já rebocam para o porto as últimas barcas, de chaminés pretas e vermelhas, carregadas de tonéis vazios. A água embala já, apaga com seu marulho depois com largas poças trêmulas estende de novo as longínquas chamas do poente, laranja, rosa e verde. Ele lhe vira as costas, mas a rio aparece-lhe talvez no grito horrível das gaivotas que a noite reúne, em paroxismo de fome, em volta das bocas de esgoto, frente ao Hotel Belavista. Sim, elas também, antes de chegar aos altos rochedos noturnos, enfebrecem por uma última vez, por cima do lixo. Mas ele está virado mesmo é para as pessoas, numerosas na rua a essas horas, com o dia delas terminado, e todo a longa noite diante de si. As portas, as dos escritórios, as das lojas, e as outras portas vomitam cada uma seu contigente de pessoas. Os grupos devolvidos assim à liberdade ficam um instante compactos, na calçada, no riacho, como tontos, depois se deslocam, cada ser tomando o caminho que lhe foi traçado. E mesmo aqueles que se sabem destinados a começar na mesma direção, pois o número não é grande, finalmente, para começar, dos caminhos que se pode tomar, mesmo aqueles se cumprimentam na maior parte das vezes e se deixam, mas polidamente, uns acreditando-se atrasados talvez, outros pretextando uma compra para fazer de um outro lado, enfim qualquer coisa, ou então sem explicação nenhuma, pois afinal das contas cada um tem seus hábitos e conhece o dos outros e quão pouco pode contar com eles. E azar daquele que tem vontade, excepcionalmente, de andar um pedaço do caminho, na

liberdade, com um semelhante, pouco importa qual, a menos que ele tenha a sorte, justamente nessa tarde, ao sair da oficina, do balcão, de dar com um outro doente da mesma necessidade. Então, felizes, dão alguns passos juntos, depois se deixam, dizendo-se talvez cada um para si, Agora ele vai pensar que pode tudo, ou uma frase mais curta provavelmente, e até inacabada, no modelo daquelas com as quais só descansamos das minúncias da vida em sociedade. A esta hora pois, que reabre para tantas pessoas a vida do repouso e das distrações, os casais, cuja maioria se reduz a uma simples questão de interesse erótico, são pouco numerosos comparados com os solitários, cortando em todos os sentidos as ruas e encruzilhadas, obstruindo as proximidades dos lugares de prazer, com os cotovelos apoiados nos parapeitos, encostados espaçadamente nas paredes dos prédios. Mas eles não demoram a chegar lá onde são esperados, uns em suas casas ou nas casas alheias, outros fora, como se diz, num lugar público ou num lugar marcado, muitas vezes numa entrada ou debaixo de uma marquise, prevendo a chuva. E dentre estes últimos os primeiros chegados só chegaram há muito pouco, pois palavras que todos se apressam uns para os outros, pois sabem que o tempo que lhes resta é curto para dizer tudo o que têm no coração e no estômago e para fazer as coisas que têm de fazer juntos, as que não podemos fazer sozinhos. Ei-los pois ainda por algumas horas em segurança. Depois será o sono, o caderninho de notas que tem seu pequeno lápis, as despedidas entre bocejos. Alguns até tomam um fiacre, a fim de chegar mais depressa ao encontro, ou terminado o bom tempo, de chegar em casa, ou no hotel, onde uma boa cama os espera. Então vê-se o cavalo, fazendo seu pequeno estágio entre um passado próximo de cavalo de diversão, ou de corrida, ou de carga, ou de trela, em casa de proprietários ricos e o matadouro. Ele passa a maioria do seu tempo a estacionar, com o ar acabrunhado, a cabeça caída tão baixo qunto lhe permitem os varais e o arreio, isto é, até quase ao chão. Mas a corrida o transforma, pelo menos no início, talvez por causa das lem-

branças que ela desperta, pois o simples fato de correr e de puxar não deve encantá-lo muito, em tais condições. Mas quando os varais se levantam, advertindo-o que acabam finalmente de carregar um passageiro, ou que pelo contrário os arreios começam a lhe entrar na espinha, segundo o passageiro esteja colocado no sentido da marcha ou naquele talvez ainda mais repousante do recuo, então ele levanta a cabeça, enrijece os jarretes e assume um ar quase contente. Vê-se também o cocheiro, sozinho no seu lugar a dez pés do solo, os joelhos cobertos, em qualquer tempo ou estação, com um cobertor na maior parte das vezes primitivamente marrom, o mesmo precisamente que ele acaba de tirar da garupa de seu animal. Geralmente ele é furioso e violáceo, talvez de tanto esperar o viajante, e a mínima corrida paga parece excitá-lo até ao frenesi. Com suas enormes mãos exasperadas ele puxa os arreios ou, levantando-se um pouco e curvando-se para a frente, estala-os com raiva por toda a espinha dorsal. E lança cegamente seu carro com toda a força nas ruas mais movimentadas e obscuras, com a boca cheia de invectivas. Mas o passageiro, tendo dito o lugar onde ele deseja chegar, e sabendo-se tão impossibilitado de agir sobre o desenrolar dos acontecimentos quanto a caixa sombria que o encerra, deixa-se levar talvez pela agradável sensação de estar livre de toda responsabilidade, ou sonha com aquilo de que se está aproximando, ou com aquilo de que se está afastando dizendo-se, Não será sempre a mesma coisa, e logo depois, Mas sempre foi a mesma coisa, pois não há quatrocentas espécies de passageiros. Assim eles se apressam, o cavalo, o cocheiro e o passageiro, para o lugar designado, pelo caminho mais curto ou dando voltas, através da multidão dos outros mal colocados. E cada um tem suas razões, perguntando-se de vez em quando o que elas valem, e se são as boas, para ir ali aonde vai em vez de ir a outro lugar, ou a lugar nenhum, e o cavalo apenas um pouco mais obscuramente que os outros, e embora ele só saiba aonde vai quando chega lá, quando sabe. E se já é de noitinha, um outro fenômeno a registrar

é o número de janelas e de vitrines que se acendem num instante, quase como o poente, embora isso dependa também da estação. Mas, para Macmann, puf, aí está ele de novo, trata-se mesmo de uma tarde de primavera, um vento de equinócio sopra com força ao longo dos cais, margeado de um lado e do outro do rio por altos prédios vermelhos, dos quais vários são armazéns. Ou talvez seja uma tarde de outono e estas folhas que giram no ar, vindas de não sei onde, pois aqui não há árvores, não são mais as primeiras do ano, apenas verdes, mas velhas, que conheceram as longas alegrias do verão e agora só prestam para fazer o húmus, agora que os homens e os animais não precisam mais de sombra, ao contrário, nem os pássaros de ninho onde botarem os ovos e os chocarem, e que até alí onde nenhum coração bate as árvores devem ficar pretas, embora haja algumas parece que ficam sempre verdes, não se sabe bem por quê. E para Macmann tanto faz que seja a primavera ou o outono, a menos que ele prefira o verão ao inverno ou inversamente, o que é pouco provável. Mas estaríamos enganados ao acreditar que ele não se moverá nunca mais, não mudará nunca mais de lugar nem de atitude, pois ele tem ainda toda a velhice diante de si e depois em seguida essa espécie de epílogo em que não se vê muito bem de que se trata e que não parece acrescentar grandes coisas ao já adquirido nem lhe tirar nada de sua confusão, mas que tem com certeza sua utilidade, como se deixa secar o feno antes de guardá-lo. Ele se levantará pois, queira ou não queira, e ganhará em outros lugares um outro lugar, e dali por outros ainda um outro ainda, a menos que ele volte aqui, onde parece não estar muito descontente, mas nada é menos certo, e assim por diante, assim por diante, por longos anos. Porque a fim de não morrer é preciso ir e vir, a menos que haja alguém que o abasteça onde estiver, como a mim. E podemos ficar dois, três e mesmo quatro dias sem nos movermos, mas o que são quatro dias, quando temos a velhice diante de nós, e depois as lentidões da evaporação, um cisco. É verdade que não o sabemos ainda, acreditamos estar presos apenas por

um fio, como qualquer um, mas não é aí que se esconde a lebre, que se esconde perto dos homens. Pois não serve de nada ignorar isto ou aquilo, ou sabemos tudo ou não sabemos nada, e Macmann não sabe nada, somente ele não quer considerar apenas sua ignorância sobre certas coisas, sobre as que o espantam entre outras, o que é humano, mas isso vai passar. E é até um mau cálculo, pois no quinto dia é preciso levantar, e nos levantamos efetivamente, mas com quanto mais pena do que se nos tivéssemos resignado a isso na véspera, ou melhor ainda, na antevéspera, e porque aumentar a nossa pena, é um mau cálculo, se é verdade que acrescentamos algo realmente, e não é certo. Pois o quinto dia, quando se trata de nos levantarmos, não pensamos mais no quarto e no terceiro, pensamos na dificuldade que temos, tendo perdido em grande parte a cabeça. E algumas vezes não conseguimos fazer, quero dizer, colocar-nos de pé, e nos devemos arrastar até o campo de legumes mais próximo, servindo-nos dos molhos de relva e das asperezas do solo para arrastar-nos para frente, ou até um monte de sarças, onde às vezes há boas coisas para comer, embora acidificantes, e que têm sobre os campos de legumes a superioridade seguinte, que nos podemos meter dentro e nos esconder, o que é penoso entre as batatas por exemplo, sobretudo no momento da maturidade, e muitas vezes incomodamos animais selvagens ou amedrontados, mas raramente malvados, tanto os de pena como os de pêlo, é uma pequena alegria. Pois não é como se ele tivesse os meios de encontrar, num único dia, vitualhas suficientes para manter-se em vida durante três semanas ou um mês, e o que é um mês, ao lado da senescência inteira, sem falar do secador, uma desgraça. Mas ele não os tem, e mesmo que os tivesse não saberia aproveitar, tão longe ele se sente do dia seguinte. E com certeza não acredita mais nisso, de tanto ter esperado em vão. E talvez tenha chegado ao instante em que viver é errar sozinho vivendo no fundo de um instante sem limites, em que a luz não varia e em que os destroços se parecem. Os olhos apenas mais azuis que uma clara de ovo

fixam o espaço diante deles, que seria então a plena calma eternamente dos abismos. Mas de vez em quando eles se fecham, com esta doce brusquidão das carnes que se apertam, muitas vezes sem cólera, e se tornam a fechar sobre si mesmas. Então vemos as velhas pálpebras, vermelhas e amarrotadas, que parecem ter dificuldade de se unirem, pois existem quatro, duas para cada lágrima. E é então talvez que ele vê o céu do velho sonho, dos cruzeiros e da terra também, e os espasmos das vagas das quais nenhuma se movimenta sem que todas as outras se movimentem da mesma forma, e o movimento tão diferente dos homens por exemplo, que não estão presos uns aos outros mas livres para ir e vir, cada um segundo sua vontade. E eles não deixam de fazê-lo e vão e vêm, no barulho de matracas de seus estalos de grandes articulados, cada um de seu lado. E quando um morre os outros continuam, como se nada houvesse acontecido.

Sinto

Sinto que está vindo. Como vai, obrigado, vem. Quis ter a certeza antes de tomar nota. Escrupuloso até o fim, aí está Malone, a cavalo sobre os cabelos. Certeza quero dizer de sentir que é para dentro em breve, pois nunca duvidei que isso não viesse mais cedo ou mais tarde, salvo talvez nos dias em que me parecia já ter vindo. Pois não adianta me contar estórias, no fundo nunca deixei de acreditar que vivia da vida do ar e da terra, mesmo nos dias em que as provas em contrário abundavam. Dentro em breve, quer dizer daqui a dois ou três dias, para falar como quando me ensinavam os nomes dos dias dos quais eu me espantava que fossem tão pouco numerosos, e agitava meus pequenos punhos gritando, Ainda! Ainda! e a significação dos mostradores, e o que são, dois ou três dias, no final de contas, de mais ou de menos, uma pilhéria. Mas como se não quisesse nada, pois é preciso brincar perdendo, para se sentir bem, e só me resta continuar como se devesse durar até São João, pois acredito que tenha

chegado ao que se chama mês de maio, não sei por que, quero dizer, porque acho que cheguei a ele, pois maio vem de Maia, merda, isso também guardei, deusa do crescimento e da abundância, sim, acho que cheguei à estação do crescimento e da abundância, é uma simples crença, do crescimento pelo menos, pois a abundância só vem mais tarde, com as colheitas. Portanto calma, calma, ainda se trata de engodo, estarei ainda aqui no dia de Todos os Santos, no meio dos crisântemos, não, aqui eu exagero, este ano não os ouvirei choramingar sobre os carneiros. Apesar de tudo, sentir-se estendido a este ponto, é tentador. Tudo conduz para o mar alto mais próximo, e meus pés principalmente, já em tempo normal tão mais longe de mim que todo o resto, da minha cabeça, quero dizer, pois é aí que me refugiei, não há erro, meus pés dão-me a impressão de estarem a várias léguas, e para trazê-los até a mim, para tratá-los ou limpá-los, parece-me que não me bastaria um mês, a datar do momento em que os teria descoberto. É curioso, não sinto mais meus pés, a sensação misericordiosamente já os deixou, e no entanto sinto-os fora de alcance do telescópio mais poderoso. Seria isso que chamam um pé na cova? E todo o resto à altura, pois se fosse apenas um fenômeno local não o teria visto, pois fui durante toda minha vida apenas uma seqüência ou antes uma sucessão de fenômenos locais, sem que isso nunca tenha dado em nada. Mas meus dedos também escrevem sob outras latitudes, e o ar que respira através de meu caderno e vira as páginas contra a minha vontade, quando me entorpeço, de modo que o sujeito se afasta do verbo e que o complemento vem se colocar em algum lugar no vazio, este ar não é o dessa penúltima morada, é bom que seja assim. E sobre minhas mãos talvez seja o reflexo de uma sombra de folhas e de flores e das manchas claras de um sol esquecido. Agora meu sexo, quero dizer o próprio tubo, e especialmente a ponta, por onde esguichavam quando era donzel bolos de esporra que vinham me atingir em plena cara, um após outro, mas tão próximos uns dos outros que se poderia dizer um único jato contínuo, durante o

tempo em que durava, e por onde deve passar ainda um pouco de mijo de tempo em tempo, senão já estaria morto de uremia, não tenho mais esperanças de vê-lo a olho nu, não é que faça muita questão, já o vi bastante, já nos olhamos bastante, olho a olho, mas é só para lhes dizer. Mas ainda não é tudo e não são apenas as extremidades que vão embora, cada uma seguindo seu eixo, longe disso. Pois meu cu, por exemplo, que não podem acusar de ser o fim do que quer que seja, a menos que não se queira ver nele a ponta dos lábios, se se pusesse a cagar numa hora dessas, o que me deixaria muito espantado, creio mesmo que se veriam as lascas saírem na Austrália. E se tivesse que me colocar outra vez ainda de pé, do que Deus me preserva, eu encheria uma boa parte do universo, parece-me, oh não muito mais do que estendido, mas daria para se notar mais. Pois eu sempre notei, o melhor meio de não se fazer notar é de se achatar e não mais mexer. Pronto, eu que sempre acreditei que me iria encarquilhando, até acabar por poder ser enterrado numa caixinha de jóias quase, eis que me estou dilatando. Ou é que o essencial para falar como Jackson, tornou-se tão mínimo que o fortuito lhe parece sem limites, e por essencial, devo compreender esta minúscula cabeça de porco, enfurnada em algum lugar na minha verdadeira cabeça acho, que ainda não se inclinou, nos escombros de minha cabeça inclinada, e ela é minúscula com efeito, embora não veja o que o essencial e o fortuito vêm fazer aqui, não compreendo, e é talvez este último que se reduziu às dimensões de um ocelo de nóctua e o outro a enormidade esparsa na sombra, talvez fosse isso que devesse dizer. Tanto faz, o essencial, sá estamos de novo, é que apesar de minhas complicações continuo a caber neste quarto, chamemos isso um quarto, faço questão disso e estou tranqüilo, caberei o tempo que for necessário. E se algum dia eu chegar a morrer não será na rua, nem no hospital, mas aqui, no meio de minhas posses, ao lado desta janela da qual eu me digo às vezes que é um simulacro, como o teto de Tiepolo em Würzburg, que turista devo ter sido, até o trema ficou, mas não é

um verdadeiro trema. Se ao menos pudesse estar seguro disso, estou falando agora de novo do meu leito de morte. E no entanto quantas vezes vi, olhando pela porta, esta velha cabeça sair, à altura do joelho, pois sou muito pesado, sendo ossudo, e além disso a porta é baixa, cada vez mais baixa na minha opinião. E cada vez ela esbarra no umbral, pois sou alto e o patamar é baixo, e aquele que traz meus pés não pode esperar, para tomar a escada, que eu me ponha inteirinho, no patamar quero dizer, mas ele deve começar a girar antes, a fim de não entrar na parede, na parede do patamar quero dizer. De modo que minha cabeça bate no umbral, é fatal. E isso tanto lhe faz, à minha cabeça, no ponto em que ela chegou, mas aquele que a traz grita, Ei, Bob, devagar! por respeito talvez, pois ele não me conhece, nunca me conheceu, ou por medo de machucar os dedos. Pan! Devagar! Ande! A porta! E aí está o quarto vago enfim e em condições, depois de desinfetado, pois nunca se sabe nunca, de receber uma família numerosa ou um par de rolinhas. É, já aconteceu, esperamos apenas o momento de nos servir, é o que me digo. Mas digo-me tantas coisas, que haverá de verdadeiro nesta tagarelice? Não sei. Creio apenas que não posso dizer nada que não seja verdadeiro, quero dizer que já não me tenha acontecido, não é a mesma coisa mas não faz mal. Sim, é do que gosto em mim, enfim, uma das coisas de que gosto, o dom de poder dizer *Up the Republic!* por exemplo, ou Querida! sem ter de me perguntar se não teria feito melhor calar ou dizer outra coisa, sim, não tenho de refletir nem antes nem depois, basta que eu abra a boca para que ela testemunhe minha velha estória e o longo silêncio que me tornou mudo, de modo que tudo se passa num grande silêncio. E se alguma vez eu me calar é porque não haverá mais nada para dizer, mesmo que tudo não tenha sido dito, mesmo que nada tenha sido dito. Mas deixemos para lá essas questões mórbidas e voltemos à do meu falecimento, daqui a dois ou três dias se é que tenho boa memória. Nesse momento não haverá mais Murphy, Mercier, Molloy, Moran e outros Malone, a menos

que tudo continue no além-túmulo. Mas nada de meio-dia às vinte e três horas, defunjamos primeiro, depois veremos. Quantas pessoas terei matado, batendo-lhes na cabeça ou tacando-lhes fogo. Pegado assim desprevenido não vejo mais que quatro, desconhecidos, nunca conheci ninguém. Tenho vontade de ver, como me acontecia antigamente, qualquer coisa, uma dessas coisas que não poderia imaginar. Havia também o velho, em Londres acho, aí está Londres de novo, cortei-lhe a garganta com a navalha. Com ele são cinco. Parece-me que ele tinha um nome. Sim, agora eu precisava um pouco de imprevisto, em cor tanto quanto possível, isso me faria bem. Pois não farei mais talvez do que uma única viagem, nas longas galerias que conheço, com meus pequenos sóis e luas que penduro e meus bolsos cheios de pedrinhas para representar os homens e suas estações, não mais do que uma única, é o que me desejo. Depois voltarei aqui, a mim, é vago, para não mais me deixar, não mais me pedir o que não tenho. Voltaremos todos talvez, reunidos, para não mais nos deixarmos, não mais nos espionarmos, neste pequeno quarto sujo, esbranquiçado e abobadado como cavado no marfim, e que marfim, dir-se-ia um velho caco de dente. Ou voltarei sozinho, tão sozinho quanto quando fui embora, mas não estou contando com isso, ouço-os daqui, gritando por mim nos corredores, tropeçando nos entulhos, suplicando-me para levá-los. Pronto, já está decidido. Tenho o tempo exato, se não errei nos cálculos, e se errei, melhor, não estou pedindo mais que isso, aliás não calculei nada, não estou pedindo nada também. O tempo exato para dar uma última volta, para voltar e para fazer tudo o que tenho de fazer aqui, pois ainda tenho o que fazer aqui, não sei mais o quê, por exemplo, ah sim, pôr em ordem minhas posses, e depois ainda outra coisa, não sei mais, mas ainda vou lembrar-me, no momento preciso. Apenas antes de partir gostaria de encontrar um buraco na parede, atrás do qual passam-se coisas tão extraordinárias, sem parar, e muitas vezes a cores. Uma última olhadela e parece-me que partiria contente como para — ia dizer para Citera, decidida-

mente já é tempo de parar com isso. Afinal das contas esta janela é o que quero que ela seja, até certo ponto, é isso, não te comprometas. Observo antes de mais nada que ela se tornou singularmente arredondada, até ficar quase parecida com uma clarabóia, ou com uma escotilha. Tanto faz, desde que haja alguma coisa do outro lado. Vejo primeiro a noite, o que me espanta, pergunto-me por quê, porque quero ser espantado, uma vez mais. Pois aqui em casa não há noites, sei, aqui nunca há noites, apesar de tudo o que disse, mas na maior parte das vezes é mais claro do que neste momento, enquanto que lá fora é noite fechada, com poucas estrelas, mas suficientes para indicar que o céu é negro é o dos homens e não simplesmente pintado na vidraça, pois elas tremem, como verdadeiras estrelas, o que não aconteceria se fossem pintadas. E como se isso não bastasse para me assegurar que se trata verdadeiramente de lá de fora, a janela em frente se ilumina, ou me dou conta de que está iluminada, pois não sou desses que podem abarcar tudo com uma só olhadela, mas devo olhar longamente e deixar às coisas o tempo para fazerem o longo caminho que me separa delas. E aí está com efeito um acaso feliz e de bom agouro, a menos que não seja uma coisa feita de propósito para me achincalhar, pois poderia não ter encontrado nada de melhor, para me ajudar a partir deste lugar ainda para o mundo mal fechado, do que o céu noturno onde nada se passa, se bem que ele esteja cheio de tumulto e de violência. Ou então é preciso ter a noite diante de si, para seguir as lentas quedas e subidas dos outros mundos, quando houver outros, ou para esperar os meteoros, e eu não tenho a noite inteira diante de mim. E não me interessa mesmo saber se eles se levantaram antes da aurora ou se ainda não se deitaram ou se no meio da noite se levantaram com a intenção talvez de tornar a se deitar e de dormir, desde que tivessem acabado, e basta-me vê-los em pé um junto ao outros atrás da cortina, que é escura, de modo que é uma luz escura, se podemos dizer assim, e que lhes dá uma sombra pouco nítida, pois estão colados tão estreitamente um no

outro que se diria um único corpo e por conseguinte uma única sombra. Mas quando eles vacilam aí eu vejo que são dois, por mais que se apertem desesperadamente vê-se bem que são dois corpos distintos e separados, cada um fechado nas suas fronteiras, e que não têm necessidade um do outro para ir e vir e manter-se em vida, pois bastam-se enormemente a si mesmos, cada um por si. Talvez tenham frio, para que se esfreguem assim, pois a fricção conserva o calor e provoca a sua volta quando vai embora. Tudo isso é bonito e curioso, esta coisa enorme complicada feita de vários que vacila e balança, pois talvez eles sejam três, mas pobre em cores. Mas a noite deve estar quente, pois de repente a cortina se levanta e se abre um buquê de cores encantadoras, rosa pálido e brancura de carne, depois um rosa mais vivo que deve provir de uma roupa, e também do ouro que eu não tenho o tempo de explicar. Logo eles não sentem frio, para poder ficar com uma roupa tão leve em plena corrente de ar. Ah como sou estúpido, estou vendo o que é, devem estar amando-se, deve ser assim que isso se faz. Bom, isso me fez bem. Vou ver se o céu continua sempre ali, depois vou embora. Agora estão colados à cortina, não se mexem mais. Será possível que já tenham terminado? Amaram-se em pé, como os cães. Daqui a pouco vão poder se deixar. Ou talvez só estejam assoprando, antes de atacarem o bom pedaço. Para frente, para trás, como deve ser bom. Eles parecem estar sofrendo. Bem, chega, adeus.

Surpreendido pela chuva longe de qualquer abrigo Macmann parou e deitou-se, dizendo-se, A superfície assim colada ao solo ficará seca, enquanto que em pé eu me molharia uniformemente por toda parte, como se a chuva fosse uma simples questão de gotas-hora, como a eletricidade. Prosternou-se então, depois de um momento de hesitação, pois bem poderia pôr-se em supinação ou, vamos tirar uma média, sobre um dos lados. Mas parecia-lhe que a nuca e as costas até aos lombos eram mais frágeis do que o peito e o ventre, não se dando conta, tal como se ele fosse um caixote de tomates,

que todas essas partes estão intimamente e até indissoluvelligadas uma às outras, até que a morte venha é claro, e ainda a muitas outras das quais não tinha a menor concepção, e que uma gota de água fora de propósito sobre o cóccix por exemplo pode provocar espasmos do risório durante anos, como é de se notar quando, ao se atravessar um pântano a pé, começa-se simplesmente a tossir e a espirrar, sem que se sinta nada nas pernas a não ser uma espécie de bem-estar, devido talvez à ação da água de turfa. Era uma chuva pesada, fria e vertical, o que fazia Macmann supor que não seria prolongada, como se houvesse uma relação entre a violência e a duração, e que ele ia poder levantar-se dali a dez minutos um quarto de hora, a frente cheia de poeira. Era este com efeito o gênero de estória que ele se contou a vida inteira, dizendo-se, É impossível que isso continue ainda por muito tempo. Era uma hora qualquer da tarde, impossível saber qual, havia horas e horas já que durava este dia baço, era pois uma tarde, muito provavelmente, muito. O ar imóvel, sem ser frio como no inverno, parecia sem promessa nem lembrança de tepidez. Incomodado pela água que enchia seu chapéu passando pela abertura, Macmann tirou-o e colocou-o sobre a têmpora, quer dizer virou a cabeça e encostou o rosto no chão. Suas mãos apertavam, na ponta dos braços afastados, cada um molho de relva, com tanta energia como se ele tivesse sido chapado na parede de uma falésia. Continuemos esta descrição. A chuva socava-lhe as costas com um barulho de tambor primeiro, mas logo de lavagem de roupa, como quando se faz a roupa dansar na tina, com um barulho de glu-glu e de sucção, e percebia muito bem e com um interesse quão diferentemente, do ponto de vista sonoro, a chuva caía sobre ele e sobre a terra, pois ele tinha a orelha, que está no mesmo plano que o rosto ou quase, colada na terra, o que é raro, num tempo de chuva, e ouvia esta espécie de longínquo rugir da terra que bebe e os suspiros da relva curvada e inundada. A idéia de castigo apresentou-se a seu espírito, acostumado a bem dizer a essa quimera e impressionado provavelmente pela postura do cor-

po e pelos dedos crispados como no sofrimento. E sem saber exatamente qual era sua culpa sentia que viver não era uma pena suficiente para ela ou que essa pena era em si mesma uma culpa, que chamava outras penas, e assim por diante, como se fosse possível haver outra coisa além da vida, para os vivos. E ele teria perguntado a si mesmo com certeza se era mesmo preciso ser culpado para ser punido, sem a lembrança que tinha, cada vez mais arrasante, de ter consentido em viver dentro de sua mãe, depois em deixá-la. Mas também não podia ver nisso sua verdadeira culpa, mas antes ainda uma pena, que ele não soube levar a termo o que longe de tê-lo lavado de sua culpa, só tinha feito enterrá-lo cada vez mais. E a bem dizer pouco a pouco as idéias de culpa e de pena se tinham confundido no seu espírito como acontece freqüentemente com as de causa e efeito naqueles que pensam ainda. E era muitas vezes tremendo que ele sofria e dizendo-se, Isso vai me custar caro. Mas mesmo não sabendo como fazer, para pensar e para sentir convenientemente, punha-se sem razão a sorrir, como agora, como então, pois já vai longe essa tarde, de março talvez, ou de novembro talvez, não, ou melhor de outubro, em que a chuva o surpreendeu, longe de qualquer abrigo, a sorrir e a agradecer por essa chuva que bate e pela promessa que via nisso de estrelas um pouco mais tarde, para iluminar seu caminho e permitir-lhe orientar-se, caso tivesse vontade. Pois não sabia muito bem onde estava, salvo que estava na planície, e que a montanha não estava longe, nem o mar, nem a cidade, e que era suficiente uma poeira de claridade e algumas estrelas fixas para poder aproximar-se sensivelmente de uma, ou de outra, ou da terceira, ou para manter-se na planície, segundo fosse decidido. Pois para manter-se ali onde acontece a gente se encontrar é preciso claridade também, a não ser que se rode sempre no mesmo lugar, o que é por assim dizer impossível na escuridão, ou que se pare de uma vez e não se mexa mais, até que a luz volte, e então morre-se de frio, a não ser que não faça frio. Mas Macmann teria sido mais do que humano, depois de quarenta

ou quarenta e cinco minutos de espera confiante, vendo que a chuva caía sempre com a mesma força e que o dia acabava enfim, se ele não tivesse começado a se odiar pelo que tinha feito, quer dizer, por se ter deitado no chão em vez de ter prosseguido seu caminho, em linha reta tanto quanto possível, na esperança de dar mais cedo ou mais tarde com uma árvore ou com ruínas. E em lugar de se espantar com essa chuva tão violenta e tão longa, espantava-se por não ter compreendido, desde as primeiras gotículas, que ia longa e violentamente chover, e que não deveria parar e estender-se, mas ao contrário continuar sempre em frente, cegamente, apertando ao máximo o passo, pois ele era simplesmente humano, simplesmente filho e neto de humanos. Mas entre ele e esses homens severos e graves, primeiro de barba, depois de bigode, havia esta diferença, que sua mente nunca tinha feito mal a ninguém, e só estava ligado pois à sua espécie pelo lado dos ascendentes, que tinham todos morrido, acreditando terem-se perpetuado. E o antes tarde do que nunca, que permite aos verdadeiros homens, aos verdadeiros elos, de conhecerem seu erro, de reabilitarem-se e de apressarem-se para o seguinte, não estava ao alcance de Macmann, a quem parecia às vezes que não haveria eternidade bastante para arrastar-se e para chafurdar-se na sua mortalidade. E sem ir até lá, quem esperou bastante esperará sempre, e passado um certo prazo nada mais pode acontecer, nem vir ninguém, nem haver coisa a não ser a espera que se sabe vã. Talvez fosse seu caso. E quando se morre, por exemplo, já é tarde, esperou-se demais, não se vive mais o bastante para poder parar. Talvez tenha chegado a este ponto. Dir-se-ia contudo que não, embora os atos quase não contem, sei, sei, nem o que passa pela cabeça. Sim, dir-se-ia verdadeiramente que não. Pois tendo-se censurado pelo que tinha feito, e pelo erro monstruoso de apreciação, em vez de se levantar e de se pôr outra vez em movimento virou-se de costas o que ofereceu toda a frente ao dilúvio. Foi então que apareceram claramente seus cabelos pela primeira vez desde suas andanças com a cabeça descoberta no seu risonho cam-

po natal, pois seu chapéu ficou no lugar que sua cabeça acabava de deixar. Pois do momento em que, quando se está deitado de barriga num lugar selvagem e por assim dizer sem limites, vira-se de costas, então há um deslocamento lateral de todo o corpo, e da cabeça com o resto, a não ser que se faça de propósito para evitá-lo e a cabeça vem se colocar a x polegadas aproximadamente dali onde estava, sendo a largura dos ombros em polegadas, pois a cabeça se encontra em pleno meio dos ombros. Mas caso se encontre numa cama estreita, quero dizer larga apenas para recebê-lo, um catre qualquer, então não adianta virar de costas, e depois de frente, e assim por diante, a cabeça fica sempre no mesmo lugar, a não ser que seja inclinada de propósito, para a direita e para a esquerda, e há sem dúvida pessoas que fazem esse esforço, na esperança de encontrar um pouco de frescor. Ele tentou olhar aquela massa enegrecida e inundada que era tudo o que sobrava de ar e de céu, mas a chuva machucou-lhe os olhos e ele os fechou. Então abriu a boca e ficou por muito tempo assim, com a boca aberta e as mãos também, e o mais longe possível uma da outra. Pois, coisa curiosa, tem-se menos tendência a agarrar-se ao solo quando se está de costas do que quando se está de frente, é uma observação curiosa e que se poderia prestar a férteis desenvolvimentos. E como uma hora mais cedo ele tinha arregaçado as mangas a fim de poder se agarrar solidamente na relva, da mesma forma então ele as arregaçou de novo, para sentir a chuva martelar-lhe as palmas das mãos. E bem no meio — mas me ia esquecendo da cabeleira que também chamam de cabelame, depende, que do ponto de vista da cor estava para o branco mais ou menos como para o preto estava a tintura da hora e de resto extremamente longa atrás e dos lados. E num tempo seco e ventoso ela teria ido saltitar na relva à maneira quase da própria relva. Mas a chuva achapava-a no chão e relaxava-a com a relva e a terra numa espécie de pasta lamacenta, não uma pasta lamacenta, uma espécie de pasta lamacenta. E bem no meio do seu sofrimento, pois não se pode ficar tanto tempo

numa postura semelhante sem se sentir incomodado, pôs-se a desejar que a chuva não parasse nunca nem conseqüentemente seu sofrimento ou dor, pois era a chuva que fazia com que ele sofresse quase certamente, a postura estendida não tendo nada em si de particularmente desagradável, como se houvesse uma relação entre o que sofre e o que faz sofrer. Pois a chuva poderia parar sem que ele parasse de sofrer, como ele poderia parar de sofrer sem que por isso a chuva parasse. E esta importante meia verdade, ele já a entrevia. Pois ao mesmo tempo que lastimava não poder passar o tempo que lhe sobrava para viver (e que teria sido agradavelmente abreviado) sob essa chuva forte, fria (sem ser glacial) e perpendicular, ora prosternado e ora virado, não estava longe de se perguntar se não se enganava ao crer que sofria por causa dela, e se na realidade sua tortura não tinha causas inteiramente outras. Pois não basta às pessoas sofrerem, mas lhes é preciso também calor e frio, chuva e seu contrário que é o tempo bom, e com isso amor, amizade, pele negra e insuficiência sexual e péptica por exemplo, enfim os furores e demências numerosas demais felizmente para serem enumerados do corpo incluindo o crânio e os seus quadros, pergunto-me o que quer dizer isso, como o coxo, a fim de que eles possam saber muito precisamente o que é que ousa impedir sua felicidade de ser sem mistura. Pois aí está uma coisa que dificilmente se aceita ignorar. E viu-se até rigoristas não descansarem enquanto não tivessem determinado se seu sarcoma estava no piloro ou se pelo contrário não estava antes no duodeno. Mas tudo isso são vôos para os quais Macmann não tinha ainda asas, e era até uma criatura antes terra a terra de natureza, e pouco feita para a razão pura, sobretudo nas circunstâncias em que tivemos a felicidade de circunscrevê-lo. E na verdade ele estava pelo seu temperamento mais perto dos répteis que dos pássaros, e podia subir sem sucumbir com as mutilações maciças, sentindo-se melhor sentado do que em pé e deitado do que sentado, de modo que se sentava e se deitava a qualquer pretexto e só se levantava para tornar a

partir quando o *struggle for life* ou impulso vital lhe punha fogo no rabo. E uma boa parte de sua existência deve ter passado numa imobilidade de pedra, para não dizer os três quartos, e mesmo os quatro quintos, imobilidade de superfície nos primeiros tempos mas que ganhou pouco a pouco não direi as obras vivas mas pelo menos a sensibilidade e o raciocínio. E é preciso acreditar que ele recebeu como quinhão de seus numerosos antepassados, por intermédio de seu papai e de sua mamãe, por um feliz acaso e entre outras vantagens bem entendido, um sistema vegetativo a toda prova, por ter atingido a idade que ele acaba de atingir, e que não é mais que uma brincadeira ao lado da idade que atingirá, sou eu mesmo que me digo isso, sem aborrecimentos sérios, quero dizer de tal natureza que o riscasse sem nenhuma espera do número de moribundos. Pois ninguém jamais lhe veio à ajuda, para ajudá-lo a evitar as espinhas e as armadilhas que juncam a vida do inocente, mas ele nunca dispôs senão de suas próprias forças e meios para ir da manhã à noite e depois da noite à manhã sem ferida mortal. E notadamente ele nunca recebeu senão muito poucos dons, e de muito pouca importância, em dinheiro líquido, o que não teria conseqüências muito grandes se ele soubesse como obtê-lo, com o suor do seu rosto ou servindo-se de sua inteligência. Mas tendo recebido o encargo por exemplo de binar um canteiro de cenouras novas por exemplo, ou de rabanetes, pelo preço de três ou mesmo seis *pence* por hora, acontecia-lhe correntemente arrancar tudo, por distração, ou sob o império de não sei que furiosa necessidade que lhe dava à vista dos legumes, e mesmo das flores, e que o cegava literalmente no seu verdadeiro interesse, a necessidade de deixar o lugar limpo e de não ter sob seus olhos senão um pouco de terra marrom livre de suas parasitas, era quase sempre mais forte do que ele. Ou sem chegar a esse ponto, tudo se confundia simplesmente diante de seus olhos, não distinguia mais os vegetais destinados ao embelezamento do lar ou à alimentação dos homens e dos animais dentre as ervas daninhas das quais dizem que não servem para nada, mas que

devem ter também a sua utilidade, para que a terra as forneça tanto, como o quebra-pedra com que os homens chegaram a fazer um chá e o instrumento caía-lhe das mãos. E até mesmo nos humildes trabalhos de limpeza pública que ele tinha por meio de uma vez atacado, dizendo-se que talvez ele fosse um gari que ignorava a sua vocação, ele também não se saía lá muito bem. E ele próprio havia de convir que onde tinha varrido parecia ainda mais sujo quando ele ia embora do que quando chegava, como se um demônio o tivesse levado a servir-se de sua vassoura, de sua pá e de seu carrinho de mão, todos colocados graciosamente à sua disposição pela prefeitura, para ir buscar lixo ali onde o acaso havia escondido das vistas dos contribuintes e para acrescentá-los apanhados desse modo ao já visível e que ele tinha como missão fazer desaparecer. De modo que no fim do dia, ao longo do setor que lhe havia sido confiado, viam-se cascas de laranja e de banana, pontas de cigarro, papéis inumeráveis, cocô de cachorro e de cavalo e outras imundícies, concentrados com cuidado ao longo das calçadas ou trazidos com diligência para o meio da rua, com a finalidade aprentemente de inspirar aos transeuntes o maior nojo possível e de provocar o máximo de acidentes, entre os quais alguns mortais, por escorregão. E no entanto ele se tinha esforçado sinceramente para dar satisfação, observando o modo de trabalhar de seus colegas mais experimentados, e conformando-se como ele. Mas tudo se passava como se verdadeiramente ele não fosse dono de seus movimentos e não sabia o que fazia, enquanto o fazia, nem o que havia feito, depois que havia feito. Pois era preciso que lhe dissessem: Mas olhe o que você fez, esfregando-lhe o nariz, se não ele não se dava conta, e acreditava ter procedido como qualquer outro homem de boa vontade teria procedido em seu lugar, e ter chegado mais ou menos ao mesmo resultado, apesar de sua falta de experiência. Por outro lado os pequenos serviços que prestava a si mesmo, como quando por exemplo tinha de substituir um dos seus botões-bastonetes, que não tinham vida longa, pois na maioria eram de

madeira e submetidos a todos os rigores da zona temperada ele era um verdadeiro craque, e isso na ausência do menor instrumento. E uma grande parte de sua existência, quer dizer da metade ou do quarto de sua existência comportando movimentos mais ou menos coordenados do corpo, ele a tinha passado nesses pequenos trabalhos não remunerados de confecção e de refecção freqüentemente de uma certa engenhosidade. Pois era-lhe bem preciso se quisesse continuar a ir e vir, e na verdade ele não fazia questão demais, mas era-lhe preciso, por razões obscuras e conhecidas quem sabe se só de Deus, embora na verdade Deus não pareça precisar de razões para fazer o que faz e para omitir o que omite, na mesma escala que suas criaturas. Mas sabe-se lá. Assim parecia ser Macmann, visto sob um certo ângulo, incapaz de binar sem devastar inteiramente um canteiro de amor-perfeito e de malmequer, e com isso sabendo consolidar suas botinas com a casca do salgueiro e as fibras de vime, a fim de poder ir e vir de tempo em tempo sobre a terra sem se ferir muito nas pedras, nos espinhos e nos cacos de vidro provenientes da incúria ou da maldade dos homens, praguejando pouco, pois era preciso praguejar. Pois não sabia prestar atenção no caminho e escolher os lugares inde por os pés um após outro (o que teria permitido que ele andasse descalço). E ele teria sabido que não lhe adiantaria muito tudo isso, de tal forma era pouco dono de seus movimentos. E de que lhe servia visar os lugares musgosos e lisos quando o pé cai ao lado, nos sílices e nos cacos, ou se atola até ao joelho nas bostas. Mas para passar agora a outra ordem de considerações, talvez seja lícito desejar a Macmann, já que desejar não custa nada, eventualmente uma paralisia generalizada poupando na pior das hipóteses os braços se for concebível, num lugar impermeável tanto quanto possível ao vento, à chuva, aos barulhos, ao frio, aos grandes calores como no século XVII e à luz do dia, com um ou dois edredões úteis para todos os fins e uma alma caridosa digamos hebdomadária carregada de maçãs e de sardinhas ao óleo destinadas a afastar até aos extremos limites

do possível o vencimento fatal, seria estupendo. Mas enquanto isso, o fato de se ter virado de costas não ter de modo algum atenuado a violência da chuva, Macmann pôs-se enfim a agitar-se, lançando-se à direita e à esquerda como sob o império da febre, desabotoando-se e tornado a abotoar-se, e finalmente virando-se sobre si mesmo sempre no mesmo sentido, não interessa qual, dando uma paradinha depois de cada revolução primeiramente, depois sem parar mais. E em princípio seu chapéu deveria tê-lo seguido, visto que estava preso ao casaco, e o cordão deveria ter enrolado em volta do pescoço, mas nada disso aconteceu, pois a teoria é uma coisa e a realidade uma outra, e o chapéu ficava ali onde estava, quero dizer no seu lugar, como uma coisa abandonada. Mas haveria talvez um dia um dia de muito vento que o veria, seco e leve de novo, correr e pular na planície e chegar assim até aos limites da cidade ou do oceano, mas não necessariamente. Agora não era a primeira vez que Macmann rolava pelo chão, mas ele sempre o fizera sem segundas intenções locomotoras. Enquanto que então, ao mesmo tempo que se afastava do lugar em que a chuva o havia surpreendido, longe de qualquer abrigo, e que continuava, graças ao chapéu, destoando do espaço circundante, compreendeu que avançava com regularidade e até mesmo com uma certa rapidez, de acordo com o arco de um círculo gigantesco provavelmente, pois se supunha que havia uma extremidade mais pesada do que a outra, sem saber qual, mas de pouca coisa. E sempre rolando ele concebeu e poliu projeto de continuar rolando a noite inteira se fosse preciso, ou pelo menos enquanto suas forças não o tivessem abandonado, e de aproximar-s assim dos confins desta planície que na verdade não se impacientava por deixar, mas que deixava todavia, ele bem sabia. E sem diminuir seu passo começou a sonhar com um país plano onde ele jamais fosse obrigado a se levantar nem a manter-se em pé equilibrado, primeiro no pé direito por exemplo, depois no pé esquerdo e onde ele poderia ir e vir desta maneira sobreviver, ao modo de um grande cilindro dotado de inteligência e de vontade. E sem

se deixar embalar exatamente por projetos de futuro, pois isso

Rápido, rápido, minhas posses. Calma, calma, duas vezes, tenho tempo, todo o tempo, como habitualmente. Meu lápis, meus dois lápis, aquele do qual não sobra mais entre meus enormes dedos do que a ponta, inteiramente fora da madeira, e o outro, longo e redondo, em algum lugar da cama, que eu guardava como reserva, não vou procurá-lo, sei que está por aí, se tiver tempo quando acabar vou procurá-lo, se não o encontrar não o terei, farei a correção com o outro, se ainda sobrar. Calma, calma. Meu caderno, não o vejo, mas sinto-o na minha mão esquerda, não sei de onde vem, não o tinha quando cheguei aqui, mas sinto que é meu. É isso mesmo, como se eu tivesse sessenta anos. A cama seria então minha também, e a mesinha, o prato, os vasos, o armário, as cobertas. Qual o quê, nada de tudo isso me pertence. Mas o caderno é meu, não posso explicar. Os dois lápis então, o caderno e depois a vareta, que eu também não tinha quando cheguei aqui, mas que considero como se me pertencesse. Já devo tê-la descrito. Estou calmo, tenho tempo, mas a descreverei o mínimo possível. Ela está na cama comigo, embaixo das cobertas, outrora eu me esfregava nela dizendo, É uma mulherzinha. Mas ela é tão longa que sai de debaixo do travesseiro e vai acabar longe atrás de mim. Continuo de cor. Está escuro. Mal vejo a janela. Ela deve deixar entrar a noite de novo. Mesmo que tivesse tempo de pescar nas minhas coisas, de trazê-las até a cama uma a uma ou várias de uma vez, agarradas umas nas outras como costuma acontecer com as coisas abandonadas, não veria nada. E com efeito talvez tenha mesmo tempo, façamos como se eu tivesse tempo, mas não façamos nada. Mas não deve haver muito tempo que eu revi tudo e controlei, por um tempo talvez mais claro, prevendo esta hora. Mas desde então devo ter esquecido tudo. Não, nem tudo, é raro que esqueça tudo. Uma agulha espetada em duas rolhas, a fim de que não me espete, pois se a

ponta espeta mais do que o fundo, não, não dá, pois se a ponta espeta mais que o fundo, o fundo espeta também, também não dá. Em volta da haste, visível entre as duas rolhas, enrola-se ainda um pouco de linha preta. É um objeto muito bonitinho, como um — não, não se parece com coisa alguma. Meu pedaço de cachimbo, embora eu nunca tenha fumado cachimbo. Devo tê-lo encontrado em algum lugar, no chão, durante um deslocamento. Ele estava ali, na relva, jogado porque não prestava mais para nada, o tudo inteiramente quebrado, de repente esse pormenor me volta, bem onde enfia na parte que me resta. Bem poderiam endireitar esse cachimbo, mas devem ter dito, Vou comprar outro. Mas eu só achei a parte do fumo. Mas tudo isso são suposições. Talvez o tenha achado bonito, ou tenha sentido por ele este infecto sentimento de piedade que tantas vezes senti diante das coisas, sobretudo das pequenas coisas amovíveis de madeira e de pedra, que me fazia desejar tê-las comigo e guardá-las para sempre, de modo que as apanhava e as punha nos meus bolsos, muitas vezes chorando, pois até muito velho eu chorei, no fundo não tenho evoluído do lado das afeições e das paixões, apesar de minha experiência. E sem a companhia desses pequenos objetos que apanhava aqui e ali, ao acaso de meus deslocamentos, e que me davam às vezes a impressão de ter eles também necessidade de mim, teria estado talvez acuado à convivência das pessoas honestas ou às consolações de uma confissão qualquer, mas não acredito. E eu gostava, lembro-me bem, enquanto andava, com as mãos mergulhadas nos bolsos, pois tento falar da época em que andava ainda sem bengala e com mais razão sem muletas, eu gostava de sentir e acariciar os objetos duros e limpos que se encontravam aí, nos meus profundos bolsos, era o meu modo de lhes falar e de tranqüilizá-los. E adormecia de bom grando segurando na mão uma pedrinha, uma castanha da Índia ou uma pinha, e os tinha ainda quando acordava, com os dedos dobrados, apesar do sono que faz do corpo um pano velho, para que ele descanse. E aqueles dos quais me cansava ou que outros vinham subs-

tituïr em minha afeição, jogava-os fora, isto é, procurava longamente um lugar onde ficasse tranqüilos para sempre, onde ninguém nunca pudesse encontrá-los a não ser por um acaso extraordinário, e tais lugares são raros, e eu os deixava com cuidado. E às vezes os enterrava, ou lançava-os no mar, com todas as minhas forças tão longe quanto possível da terra, aqueles que eu tinha a certeza que não boiariam, mesmo brevemente. Mas mesmo os amigos de madeira, mandei para o fundo um certo número, lastrando-os com uma pedra. Mas compreendi que não devia. Pois uma vez o barbante apodrecido eles voltarão à superfície, se já nesse momento não for coisa liquidada, e voltarão à terra, mais cedo ou mais tarde. Era assim que me desfazia das coisas amadas que não podia mais conservar, por culpa de novos amores. E muitas vezes eles me davam saudades. Mas tinha-os escondido tão bem que nem eu mesmo sabia mais encontrá-los. Eis como é preciso fazer, como se eu tivesse ainda tempo para matar. Aliás é bem o caso, no fundo eu sei disso. Então para que brincar de urgência? Não sei. Talvez seja mesmo urgente afinal das contas. Tive essa impressão há pouco. Mas minhas impressões. E se eu não fizesse tanta questão, de me lembrar de tudo o que me resta de tudo o que tive, uma boa dúzia de objetos na pïor das hipóteses? Sim, sim, é absolutamente necessário. Então é outra coisa. Onde estava. Meu pedaço de cachimbo. Nunca me livrei dele pois. Servia-me de recipiente, guardava nele um monte de coisas, pergunto-me o que é que eu podia guardar nele, num espaço tão pequeno, e tinha-lhe fabricado um tampa de lata. Passemos ao seguinte. Este pobre Macmann. Decididamente nunca me terá sido dado terminar nada, senão respirar. Não devemos ser gulosos. Mas é assim que se sufoca? Talvez. E o estertor, que fazemos dele? Talvez não seja lei afinal das contas. Ter vagido, depois não ter peito nem sequer para estertorar. Como a vida pode fazer passar o gosto dos protestos. Vamos, é apenas um pormenor. Pergunto-me qual será minha última palavra, escrita, as outras voam, em vez de ficar. Não saberei nunca. Tam-

bém nunca acabarei este inventário, um passarinho é quem me diz, o paracleto talvez, em nome dos psitacídeos. Amém. Uma maça em todo o caso, não posso fazer nada, é preciso dizer o que é, sem tentar compreender, até o fim. Há momentos em que tenho a impressão de ter estado sempre aqui. talvez tenha até nascido aqui. Isso explicaria muitas coisas. Ou de ter voltado aqui depois de uma longa ausência. Mas acabaram-se as impressões, as hipóteses. Esta maça é minha, ponto final. Ela está manchada de sangue, mas insuficientemente, insuficientemente. Defendi-me mal, mas defendi-me. É o que me digo à vezes. Um sapato fechado, primitivamente amarelado, não sei mais para que pé, o esquerdo com certeza, o dos meus levantares. O outro foi embora. Tiraram-no de mim, no início, quando ignoravam ainda que não ia poder mais mexer. E deixaram-me o outro, com a esperança que ao vê-lo sozinho eu ficasse triste. Os homens são assim. Ou talvez esteja em cima do armário. Procurei por toda parte, com efeito, com minha vareta, mas esqueci de ver em cima do armário. E como nunca vou procurá-lo, nem em cima do armário nem em outro lugar, nem ele nem outra coisa, ele não me pertence mais. Pois só são minhas as coisas cuja situação conheço, bastante bem para poder pegá-las, em último caso, é a definição que adotei, para definir minhas posses, senão não terminaria com isso, mas de qualquer modo não terminarei. Ele não parecia muito — mas estou errado em falar nele — com o que tenho ainda, o amarelo, que tem o seguinte de notável, o grande número de ilhós, inutilizáveis na maioria, transformados em fendas, de buracos que eram. Todas as coisas estão juntas no canto, misturadas. Eu podeira pegá-las, até neste escuro, bastaria querer. Localizá-los-ia pelo tato, a mensagem afluiria através de minha vareta, agarraria o objeto desejado e o traria até os pés da cama, ouvi-lo-ia escorregar ou saltitar em minha direção pelo chão, cada vez mais próximo, cada vez menos caro, hastea-lo-ia até à cama prestando atenção na janela, no teto, e enfim o teria nas mãos. Se fosse meu chapéu talvez o pusesse, isso me lembraria o bom tempo, embora eu guarde

uma lembrança suficiente. Ele não tem mais aba, parece uma redoma. Para colocá-lo ou tirá-lo é preciso segurá-lo com as duas mãos, apertando. Talvez seja o único objeto ainda meu cuja história eu me lembre bastante bem, quero dizer a partir do momento em que se tornou minha propriedade. Sei em que circunstância perdeu a aba, eu estava presente. Foi para me permitir conservá-lo durante o sono. Gostaria que o enterrassem comigo, é um capricho benigno, mas como poderia fazer? Memorando, por via das dúvidas colocá-lo bem enterrado, antes que seja tarde demais. Mas cada coisa a seu tempo. Pergunto-me se devo continuar. Sinto que me atribuo talvez coisas que não tenha mais, que considero desaparecidas, outras que não estão aqui, e que há outras enfim, ali no canto, pertencentes a uma terceira categoria, a daquelas sobre as quais ignoro tudo e sobre as quais por conseguinte não corro o risco nem de me enganar nem de ter razão. Digo-me também que desde o último controle de minhas posses muita água passou embaixo do Butt Bridge, nos dois sentidos. Pois já feneci bastante neste quarto para saber que algumas coisas saem daqui, e que outras entram, não sei através de que agência. E dentre as que saem há algumas que voltam, depois de uma ausência mais ou menos prolongada, e outras que não voltam nunca. Não entendo. De modo que, entre as que voltam, certas são familiares, enquanto que outras não o são. E, coisa ainda mais curiosa, há toda uma série de objetos, que não têm aparentemente nada de particular em comum, que nunca me deixaram, desde que estou aqui, mas que ficaram comportadamente em seus lugares, no canto, como em qualquer outro quarto desabitado. Ou então como eles andaram depressa. Como tudo isso soa falso. Mas nada me diz que será sempre assim. Não me explico de outra maneira o aspecto mutável de minhas posses. Nem assim. De modo que, rigorosamente falando, me é impossível saber, de um momento para o outro, o que é meu e o que não é, segundo minha definição. Então eu me pergunto se devo continuar a levantar um inventário que não tenha talvez com a realidade senão nos contatos muito

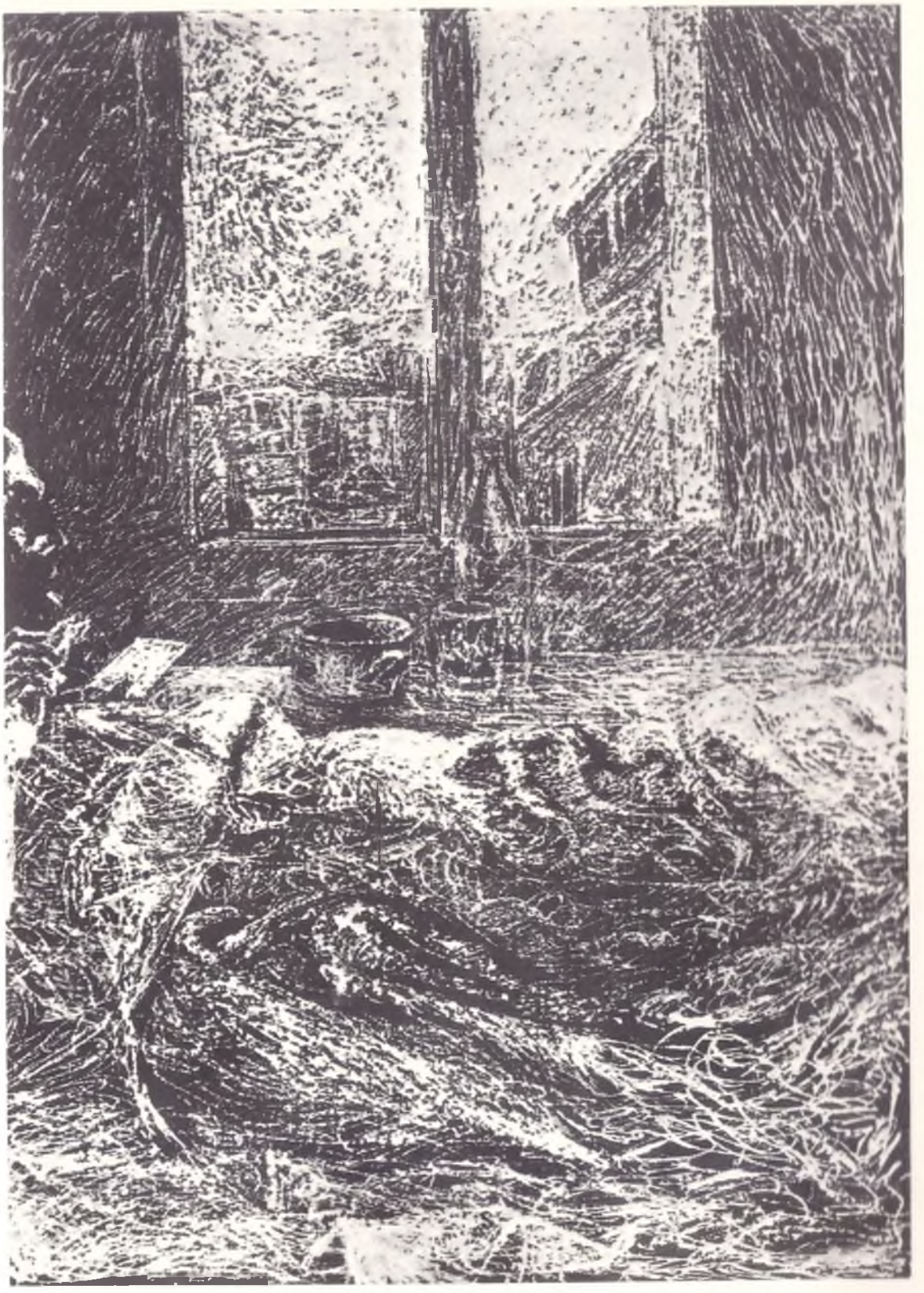
distantes, e se não faria melhor interromper de uma vez e entregar-me a um outro gênero de distrações, sem fazer nada, ou contando talvez, um, dois, três e assim por diante, estar enfim na impossibilidade de me prejudicar. É no que dá ser escrupuloso. Se tivesse um pêni lhe confiaria a decisão. Decididamente a noite é longa e pobre em conselho. Se apesar de tudo eu persistisse até o amanhecer? No final das contas. Boa idéia, excelente idéia. Se até a aurora estiver aqui. Estou com sono. Mas não ouso dormir. Afinal retificações in extremis, in extremissimis, são sempre possíveis. Mas será que não acabei de me apagar? Vamos, Malone, você não vai recomeçar. Se eu puxasse todas as minhas posses como estão e as pusesse comigo na cama? Será que adiantaria para alguma coisa? Suponho que não. Mas talvez o faça. Sempre tenho esse recurso. Quando estiver vendo mais claro. Então as terei em volta de mim, em cima de mim, embaixo de mim, aos meus lados, estarei no meio de minhas posses, no canto não haverá mais nada, tudo estará na cama, comigo. Terei na mão minha fotografia, minha pedra, para que elas não vão embora. Porei meu chapéu. Terei com certeza alguma coisa na boca, meu papel jornal talvez, ou meus botões, estarei deitado ainda sobre outros tesouros. Minha fotografia. Não é uma fotografia em que eu apareça, mas talvez eu não esteja longe. É um burro, tomado de frente e de muito perto, à beira do oceano, não é o oceano, mas é o oceano. Tentaram naturalmente fazer com que levantasse a cabeça, para que seus belos olhos fossem imprimidos na película, mas ele a mantém abaixada. Vê-se pelas orelhas que não está contente. Puseram-lhe um chapéu palhinha na cabeça. As magras patas duras e paralelas, os pequenos cascos rente à areia. Os contornos não são nítidos, foi o riso do fotógrafo que fez tremer o aparelho. O oceano tem o ar tão pouco natural que nos acreditaríamos num estúdio. Mas não deveria eu dizer de preferência o contrário. Nem mais um vestígio de roupas por exemplo, com exceção do sapato, do chapéu e das três meias, contei-as. Onde foram parar minhas roupas, meu sobretudo, minhas calças e a camiseta que o Sr. Quin

me havia dado, dando-me a entender que não precisava mais dela? Queimaram-nos talvez. Mas não se trata do que não tenho mais, tudo isso não conta, num momento destes, digam o que disserem. Aliás creio que vou parar. Estava guardando o melhor para o fim, mas não me sinto bem, talvez vá embora, mas isso me espantaria. Foi uma fraqueza momentânea, todo mundo conhece isso. Desfalecemos depois passa, as forças voltam e recomeçamos. Provavelmente é o que me vai acontecer. Estou bocejando, eu bocejaria se fosse sério? Por que não? Tomaria de bom grado um pouco de sopa, parece-me, se ainda sobrasse. Não, mesmo que não sobrasse eu não tomaria. Nan nan. Não renovam minha sopa já há alguns dias, já disse isso? Devo ter dito. É inútil empurrar minha mesa para a porta, puxá-la para mim, fazê-la ir e vir na esperança de que o barulho seja percebido e corretamente interpretado, por quem de direito, caso se tratasse de um esquecimento, o prato continua vazio. O vaso pelo contrário continua cheio e o outro se enche lentamente. Se eu chegar a enchê-lo esvaziarei todos os dois no chão, mas não há muita probabilidade. Não comendo mais nada me intoxico menos e minhas evacuações rarefazem-se. Os vasos não parecem meus, tenho deles apenas o gozo. Eles entram bem na minha definição do que é meu, mas não são meus. A definição talvez seja má. Cada um deles tem duas asas uma em frente da outra, ultrapassando a beira, o que me permite manobrá-los enfiando minha vareta, levantá-los e pousá-los. Tudo foi previsto. Ou foi um feliz acaso. Portanto não me será difícil virá-los, se for acuado a isso, e esperar que eles se esvaziem, o tempo que for necessário. Falar de meus vasos deu-me um pouco mais de forças. Não são meus, mas digo meus vasos, como digo minha cama, minha janela, como digo eu. Não é por causa disso que não vou parar. Foram minhas posses que me levaram a enfraquecer, se recomeço a enumerá-las enfraquecerei de novo, pois as mesmas causas dão lugar aos mesmos efeitos. Gostaria de falar de minha tampa de campainha de bicicleta, da minha metade de muleta, a metade com a travessa, parece uma muleta de bebê. Aliás inda posso fa-

lar, o que é que me impede, não sei, não posso. Dizer que talvez vá morrer de fome, ou melhor de inanição, depois de ter lutado durante toda a vida com sucesso contra esse flagelo. Não posso acreditar. Aos velhos impotentes dão sempre do que pastar, até ao fim. E quando não podem mais ingurgitar enfiam-lhes um tubo no esôfago, ou no reto, e lhes entornam mingau vitaminado, para não terem um crime nas costas. Portanto vou morrer de velhice pura e simples, farto de dias como antes do dilúvio, a barrîga cheia. Talvez pensem que estou morto. Ou que eles mesmos estejam mortos. Digo eles embora no fundo não tenha noção de nada. No início, mas seria o início, percebi uma velha, depois durante algum tempo um velho braço amarelo, mas tudo isso só fazia executar as ordens de um consórcio. Com efeito o silêncio em determinados momentos é tal que a terra parece estar sem habitantes. Olha onde leva o amor pela generalização. Basta que não se ouça, no seu buraco, durante alguns dias, qualquer barulho que não seja o das coisas, para que se comece a crer que é o último do gênero humano. Se me pusesse a gritar? Não que queira chamar atenção sobre mim, seria somente para tentar saber se há alguém. Mas não gosto de gritar. Falei baixinho, fui de mansinho sempre, como convém a quem não tem nada para dizer nem sabe para onde ir. Pois nestas condições é preferível não se fazer notar. Sem contar que pode muito bem não haver ninguém num raio de cem passos, e depois uma população tão densa que as pessoas andam umas por cima das outras. Não se ousa aproximar. Nesse caso eu me esgoelaria sem lucro algum. Apesar de tudo vou tentar. Tentei. Não ouvi nada de insólito. Sim, uma espécie de rangido queimando no fundo da traquéia como quando se tem azia. Com um pouco de treino acabaria talvez por deixar ouvir um gemido. O melhor seria dormir. Infelizmente não tenho sono. Aliás não devo mais dormir. Que tédio. Perdi o bonde. Terei dito que eu digo apenas uma fraca parte das coisas que me passam pela cabeça? Devo ter dito. Escolho aquelas que parecem apresentar uma certa ligação entre elas. Nem sempre é fácil. Espero que sejam as mais importantes.

Pergunto-me se vou poder parar. Se jogasse fora a minha ponta de lápis. Não a acharia nunca. Poderia arrepender-me. Minha pontinha. É um risco que não estou disposto a correr neste momento. Então como fazer? Pergunto-me se não conseguiria, usando a vareta como um arpão, mudar a cama de lugar. Ela bem pode ter rodïnhas, muitas camas têm. Incrível que nunca me tenha feito essa pergunta durante todo o tempo em que estou aqui. Talvez conseguisse guiá-la através da porta, tão estreita que é, e até fazê-la descer as escadas, se houver uma escada que desça. Ir-me embora. A obscuridade prejudica-me, em certo sentido. Mas de qualquer jeito posso tentar saber se a cama não opõe nenhuma resistência. Basta encostar a vareta na parede e fazer força. E estou me vendo já, se isso funcionar, dando uma voltinha no quarto, esperando que haja luz suficiente para tentar a aventura. Durante esse tempo pelo menos não me direï mentiras. E depois, quem sabe, o esforço físico é capaz de me liquidar, mediante uma parada do coração.

Perdi minha vareta. Foi o fato insigne do dia, pois já é dia de novo. A cama não saiu do lugar. Devo ter escolhido mal o ponto de apoio, na escuridão. Ora, tudo se resume a isso, Arquimedes tinha razão. A vareta, tendo escorregado, ter-me-ia arrancado da cama se não a tivesse largado. Era preferível naturalmente renunciar à cama do que perder minha vareta. Mas não tive tempo para refletir. O medo da queda nos faz cometer dessas loucuras. É um desastre. Revivê-lo, refletir sobre ele e tirar lições, é sem dúvida alguma o que melhor tenho de fazer agora. É dessa maneira que o homem se distïngue dos primatas e vai, de descoberta em descoberta, sempre mais alto, em direção da luz. Agora é que me dou conta, não a tendo mais, do que era a minha vareta e o que representava para mim. E daí elevo-me, penosamente, a uma compreensão da Vareta, livre de todos seus acidentes, que nunca tinha suspeitado. Eis de repente minha consciência singularmente ampliada. De modo que não estou longe de ver, na verdadeira catástrofe que acaba de me atingir, um mal por um bem. É consolador. Catástrofe



também no sentido antigo com certeza. Sob a lava ficar frio como o mármore, é aí que se vê de que fibra se é feito. Saber que se pode fazer melhor, de maneira incrível, da próxima vez, e que não há próxima vez, e que é uma sorte que não tenha, é para se regalar por um momento. Creio ter aproveitado ao máximo dessa espécie de vassoura de vasculhar, como o macaco, coçando-se com ela, da chave que abre a gaiola. Aliás é o que ele podia fazer de melhor. Pois agora tornou-se-me evidente que manejando minha vareta de modo inteligente, teria podido me extrair da cama e talvez até devolver-me a ela, quando tivesse saturado de me arrastar e de rolar no chão ou na escada. Isso teria introduzido um pouco de variedade na minha decomposição. Como é que não pensei nisso? É bem verdade que não tinha vontade de deixar minha cama. Mas o sábio pode não ter vontade de uma coisa de que ele nem concebe a possibilidade? Não compreendo. O sábio talvez. Mas eu? Já está claro de novo, enfim, o que passa por tal aqui. Devo ter dormido depois de uma breve crise de desânimo, como há muito tempo não tive. Pois de que serve desanimar, houve um ladrão que se salvou, já é uma bela porcentagem. Vejo a vareta no chão, não longe da cama. Quer dizer que vejo uma parte, como de tudo o que se vê. É como se ela se encontrasse no equador. Não, não completamente, pois encontrarei talvez o meio de alcançá-las, de tal maneira sou engenhoso. Portanto você não está ainda completamente perdido sem remédio. Enquanto isso nada mais me pertence, segundo minha definição, se a memória não me falha, a não ser meu caderno, minha ponta e o lápis francês, supondo-se que realmente existe. Fiz muito bem em parar meu inventário, tive uma ótima inspiração. Sinto-me menos fraco, alimentaram-me talvez enquanto dormia. Vejo o vaso também, o que não está repleto, não poderei mais agarrá-lo. Sem dúvida vou ser obrigado a fazer minhas necessidades na cama, como quando era bebê. Pelo menos não serei repreendido. Mas chega de falar de mim. Parece que fico aliviado de estar sem vareta. Tenho uma idéia para tentar reavê-la. Acabo de pensar numa coisa. Se a intenção de-

les, ao privar-me de sopa, fosse a de me ajudar a desencarnar? Julgam-se muito depressa as pessoas. Mas nesse caso porque me alimentar enquanto durmo? Mas isso não é certo. Mas se eles me quisessem ajudar não seria mais inteligente dar-me sopa envenenada, muita sopa envenenada. Talvez temessem a autópsia. São pessoas que vêem longe, vê-se logo. Isso me lembra que tinha no meio das minhas posses um vidrinho sem rótulo com alguns comprimidos dentro. Laxativos? Sedativos? Não me lembro mais. Pedir-lhes a calma e só obter uma diarréia, seria um vexame. Aliás o problema não se apresenta. Estou calmo, não o bastante, sinto falta ainda de um pouco de calma. E depois basta para mim. Vou ver o que ela vale, minha idéia para reaver minha vareta. O fato é que devo estar muito fraco. Se ela valer alguma coisa tentarei tirar-me da cama, para começar. Caso contrário não sei o que farei. Ir ver o que aconteceu a Macmann talvez. Tenho sempre esse recurso. Por que esta necessidade de atividade? Estou ficando nervoso.

Um dia, muito mais tarde, a julgar pelo seu aspecto, Macmann recuperou os sentidos, uma outra vez, num asilo. Primeiro ele não sabia que era um asilo, tendo se refugiado lá dentro, mas lho disseram desde que ficou preparado para receber uma comunicação. Disseram-lhe com efeito em substância, Você está aqui no asilo São João de Deus, com o número cento e setenta e seis. Não tenha receio de nada, você está entre amigos. Vocês se dão conta! Não se preocupe mais com coisa alguma, somos nós que pensaremos e agiremos por você de hoje em diante. Nós gostamos disso. Portanto não nos agradeça. Fora os alimentos próprios para mantê-lo em vida, e mesmo com saúde, você receberá, tudo sábado, em honra de nosso padroeiro, uma meia pinta imperial de cerveja e um pedaço de fumo de mascar. Seguiram-se instruções sobre seus direitos e deveres, pois reconheciam-lhe ainda um certo número de direitos, apesar da bondade da qual ele era objeto. Espantado com esse torrencial tratamento de você, tendo até então escapado

à caridade, Macmann não compreendeu logo que era com ele que estavam falando. O quarto, ou célula, em que se encontrava, pululava de homens e de mulheres de branco vestidos. Apertavam-se em volta de seu leito, e os que se encontravam na segunda fila erguiam-se nas pontas dos pés e esticavam o pescoço, a fim de verem melhor. Quem falava era um homem, naturalmente, na flor e na força da idade, com traços impregnados em doses iguais de doçura e de severidade, e ele usava uma barba sarnenta destinada com certeza a aumentar sua semelhança com o Cristo. Na verdade ele improvisava menos do que lia, ou recitava, a julgar-se pelo papel que tinha na mão e sobre o qual ele lançava de vez em quando um olhar ansioso. Estendeu finalmente esse papel a Macmann, ao mesmo tempo que um lápis indelével cuja ponta ele acabava de por na boca, e pediu-lhe para apor sua assinatura, precisando que se tratava apenas de uma mera formalidade. E quando Macmann obedeceu, seja por que ele teve medo de ser punido se recusasse, seja por que ele compreendeu a gravidade do que fazia, o outro retomou o papel, examinou-o e disse, Mac o quê? Foi então que uma voz de mulher, extraordinariamente aguda e desagradável, fez-se ouvir, dizendo, Mann, ele se chama Macmann. Essa mulher estava colocada atrás de Macmann, de modo que ele não a podia ver, e ela apertava com cada mão uma barra da cama. Quem é você? disse o barbudo. Alguém respondeu, Mas é Moll, vejamos, ela se chama Moll. O barbudo virou-se para quem acabava de falar, encarou-o um instante, depois abaixou os olhos. Claro, claro, disse, estou doente. Acrescentou, depois de um silêncio. É um belo nome, sem que se pudesse saber ao certo se esse elogio era feito para o belo nome de Moll ou para o belo nome de Macmann. Não empurrem, pelos Diabos! disse, com irritação. Depois, dando bruscamente meia-volta, exclamou, Mas que é que deu em vocês para empurrarem deste jeito! O quarto com efeito enchia-se cada vez mais, sob o afluxo de novos curiosos. Pessoalmente vou embora, disse o barbudo. Então todos começaram a se retirar, de um modo muito desordenado, empurrando uns aos outros e tentando cada

um passar primeiro, com exceção de Moll que não se mexeu. Mas depois que todos saíram ela foi até à porta e a fechou, depois voltou para sentar-se numa cadeira, perto da cama. Era uma velhinha, com o corpo e o rosto imoderadamente desgracioso. Ela parece ter sido chamada para representar um certo papel nos consideráveis acontecimentos que vão, espero, permitir-me enfim concluir. Os braços magros e amarelos e tortos por uma deformação óssea qualquer, os lábios tão largos e grossos que pareciam comer a metade do rosto, eram o que ela tinha de mais repugnante (à primeira vista). Ela usava à guisa de brincos dois longos crucifixos de marfim que se balançavam loucamente ao mínimo movimento da cabeça.

Interrompo-me para anotar que me sinto numa forma extraordinária. Talvez seja o delírio.

Macmann achava que essa pessoa devia estar preposta à sua guarda e ao seu serviço. Correto. Tinham decretado com efeito, nas altas esferas, que o cento e setenta e seis seria para Moll. Ela mesma tinha aliás feito o pedido, de acordo com as formas previstas. Trazia-lhe a comida (um grande prato por dia, comida quente primeiro, depois fria), esvaziava seu urinol todas as manhãs e lhe ensinava a se lavar, todos os dias o rosto e as mãos, e as outras partes do corpo uma depois de outra, no correr da semana, os pés segunda, as pernas até aos joelhos terça, as coxas quarta, e assim por dinte, chegando até ao pescoço e às orelhas no domingo, não, domingo ele descansava. Ela varria o quarto, arrumava a cama de vez em quando e parecia ter um prazer extremo em esfregar e fazer brilhar os vidros sem brilho da única janela, que nunca se abria. Ela mostrava a Macmann, quando ele fazia alguma coisa, o que era permitido ou não, e similarmente, quando ele permanecia inerte, se sim ou não ele tinha direito. Quer dizer que ela ficava permanentemente junto dele? Não, e sem dúvida ela tinha outros cuidados a se dar em outros lugares, e outras diretrizes. Mas nos primeiros tempos, enquanto esperava que

ele se habituasse com sua alegria ainda jovem, ela o deixava certamente o mínimo possível e o velava até mesmo numa parte da noite. Que ela fosse compreensiva e de uma bondade natural, é o que aparece no episódio seguinte. Um dia, pouco tempo depois de sua admissão, Macmann compreendeu que usava, no lugar de seus trajos habituais, uma longa e ampla camisa de pano grosseiro, talvez de burel de lã. Pôs-se logo a reclamar ruidosamente suas roupas, incluindo provavelmente o conteúdo dos bolsos, pois exclamou, Minhas coisas! Minhas coisas! um grande número de vezes, e ao mesmo tempo agitando-se na cama e batendo na coberta com suas mãos largamente abertas. Moll sentou-se então na beira da cama e distribuiu suas duas mãos da maneira que segue, uma sobra uma das de Macmann, a outra sobre a sua testa, sua dele ou sua dela, dele. Era tão curta que seus pés não chegavam até ao chão. Quando Macmann se acalmou um pouco ela lhe disse que suas roupas já decerto não existiam e por conseguinte não lhe podiam ser devolvidas, e que no que se referia aos objetos que estavam nelas, tinham sido julgados sem valor nenhum e todos bons para o lixo, com exceção de um descanso de faca de prata que ficara à sua disposição. Mas essas declarações puseram Macmann em tal confusão que ela se apressou em acrescentar, rindo, que não a precisava levar a sério, que aquilo não passava de uma brincadeira e que na realidade suas roupas, depois de terem sido limpas, passadas, consertadas, naftalinadas e dobradas numa caixa de papelão com seu nome e número, estavam em lugar seguro da mesma forma que se tivessem sido depositadas no Banco da Inglaterra. Mas como Macmann continuava a reclamar as suas coisas, como se nada tivesse compreendido do que ela acabava de lhe comunicar, foi obrigada a invocar o regulamento, que não admitia em nenhum caso que um hospitalizado volte a entrar em contato com seu envólucro de homem sem eira nem beira antes do fim da hospitalização. Mas como Macmann continuava a reclamar seus objetos com grande estardalhaço, e sobretudo seu chapéu, ela o deixou dizendo que ele não era muito razoável. Reapareceu pouco tempo depois,

trazendo pela ponta dos dedos o chapéu em questão, que tinha ido buscar talvez no monte de lixo no fim da horta, pois saber tudo pede tempo demais, pois franjado de imundícies parecia estar em plena decomposição. E além disso ela agüentou que ele o pusesse, e ainda por cima o ajudou, ajudando-o a pôr-se sentado e endireitando os travesseiros de tal modo que ele pudesse sem cansaço conservá-lo. E ela contemplou com ternura o velho rosto atordoado que perdia a sua tensão, e no fundo dos pêlos a boca que tentava um sorriso, e os olhinhos vermelhos virando-se timidamente para ela com um ar de querer agradecer-lhe ou virando para o chapéu recuperado, e as mãos que se levantavam para melhor assentá-lo e voltavam para descansarem trêmulas sobre as cobertas. E finalmente trocaram um longo olhar, e a boca de Moll abriu-se e encheu-se de um sorriso horroroso, o que fez vacilarem os olhos de Macmann como os de um animal que fixa seu dono e os obrigou finalmente a desviarem-se. Fim do episódio. Deve ser o mesmo chapéu que foi abandonado no meio da planície de tal maneira se parece com ele, levando-se em conta o acréscimo de desgaste. Não seria talvez por acaso um outro Macmann afinal de contas, apesar da grande semelhança física, e espiritual, para quem sabe o que pode fazer a passagem dos anos? Os Macmann são efetivamente numerosos na ilha e na maioria orgulhosos, ainda por cima, de terem todos saídos, afinal, do mesmo ilustre imbecil. Eles se parecem pois forçosamente de tempos em tempos, uns com os outros, ao ponto de se confundirem até no espírito daqueles que lhes querem bem e seriam sinceramente felizes se pudessem fazer a separação. Aliás quaisquer que sejam os vestígios de carne e de consciência resolvem o problema, não é preciso seguir as pessoas. Do momento em que é ainda o que se chama um ser vivo não há como se enganar, é o culpado. Durante muito tempo ele não se mexeu da cama, na incerteza em que estava de poder ainda andar, quiçá ficar em pé, e no temor em que se encontrava, supondo-se que pudesse, dos problemas que poderiam advir por parte da dire-

ção. Consideremos primeiramente esta primeira fase da estada de Macmann na São João de Deus. Passaremos em seguida à segunda, e mesmo à terceira, se for preciso.

Uma porção de coisinhas a assinalar, muito curiosas tendo em vista a minha situação, se as interpreto corretamente. Mas minhas notas têm uma tendência deplorável, compreendi finalmente, a fazer sumir tudo o que é suposto ser seu objeto. Viro as costas pois vivamente para este extraordinário calor, para só citar este exemplo, que tomou conta de certas partes de minha máquina, não direi quais. Quanto ao outro, não tem importância. E dizer que eu contava mais com um esfriamento!

Esta primeira fase, a da cama, foi caracterizada pela evolução das relações entre Macmann e sua guardiã. Estabeleceu-se lentamente entre os dois uma espécie de intimidade, que os levou em determinado momento a dormirem juntos e a se juntarem da melhor forma que puderam. Pois dada a idade em que estavam e a pouca experiência de amor carnal que tinham, era natural que não conseguissem logo de saída darem-se a impressão de serem feitos um para o outro. Via-se então Macmann perseverar em botar seu sexo no de sua parceira como se metesse um travesseiro na sua fronha, dobrando-o em dois e empurrando com os dedos. Mas longe de desanimar, animados pela brincadeira, conseguiram, embora numa perfeita impotência tanto um quanto outro, fazer jorrar de seus secos e débeis amplexos uma espécie de sombria voluptuosidade, apelando para todos os recursos da pele, das mucosas e da imaginação. De modo que Moll exclamava, sendo a mais expansiva dos dois (naquela época), Por que não nos encontramos há sessenta anos! Mas antes de chegar a esse ponto, quanta afetação, quantos medos, e quantas esquivas apalpadelas, sobre os quais importa somente observar, que fizeram Macmann entrever o que significava a expressão ser a dois. Então fez incontestáveis progressos no exercício da palavra e aprendeu em pouco tempo a colocar nos bons lugares os sim, não, ainda e

bastante que mantém a amizade. E penetrou nessa mesma ocasião no mundo encantado da leitura, pois Moll escrevia-lhe cartas inflamadas e as entregava nas próprias mãos. E as lembranças da escola são tão tenazes, para aqueles que a freqüentaram que ele pôde logo dispensar as explicações de sua correspondente e compreender tudo sozinho, segurando a folha tão longe dos olhos quanto lhe premitiam os braços. Durante a leitura Moll ficava um pouco afastada, com os olhos baixos, dizendo-se, Ele está em tal... tal... tal... trecho, e mantinha esta atitude até que o barulho da folha reposta no envelope lhe anunciasse que ele tinha terminado. Virava-se então vivamente para ele, a tempo de ver que ele levava a carta aos lábios ou apertava-a contra o coração, outra lembrança do quarto ano. Depois ele a devolvia e ela colocava embaixo do travesseiro com as outras que já se encontravam ali, arrumadas por ordem cronológica e amarradas com uma fitinha. Essas cartas quase não variavam quanto à forma e ao conteúdo, o que para Macmann facilitava muito as coisas. Exemplo. Querido, não há dia em que não agradeça a Deus, de joelhos, por tê-lo encontrado, antes de morrer. Pois dentro em breve morreremos os dois, é óbvio. Que seja no mesmo instante preciso, é tudo o que peço. Aliás tenho a chave da farmácia. Mas aproveitemos primeiramente este superbo poente, inopinado é o mínimo que se pode dizer, depois de um longo dia de tempestade! Você não está de acordo? Querido! Por que não nos encontramos há sessenta anos! Não, tudo é pelo melhor, não teremos tempo de aprender a nos abominar, de ver nossa juventude ir embora, de nos lembrar na náusea da antiga embriaguez, de procurar em terceiros, cada um por si, o que juntos não podemos mais, enfim, de nos habituarmos um ao outro. É preciso encarar as coisas como elas são, não é, meu bichinho? Quando você me tem nos braços, e eu a você nos meus, não é muita coisa evidentemente, em relação aos frenesis da juventude, e mesmo da idade madura. Mas tudo é relativo, é o que é preciso dizer, aos veados e às cervas suas necessidades, e a nós as nossas. É até de espantar como você se sai tão bem, fico até boba, como você

deve ter vivido sóbrio e casto! Eu também, você já deve ter percebido. Pense também que a carne não é tudo, especialmente sa nossa idade, e procura os amantes que podem tudo com seus olhos o que nós podemos com os nossos, que dentro em breve terão visto tudo e muitas vezes têm dificuldade de ficar abertos, e com sua ternura, privada do socorro da paixão, o que reduzidos a este único meio nós realizamos diariamente, quando minhas obrigações nos separam. Por outro lado considere, já que chegamos ao ponto de nos dizermos tudo, que nunca fui bonita nem bem feita, mas antes feia e quase disforme, se julgarmos pelos testemunhos que recebi. Papai principalmente dizia-me que era feia como a necessidade, guardei a expressão. Quanto a você, meu amor, quando você tinha idade para provocar palpitações no coração das belas, você reunia as outras condições? Duvido muito. Mas ao envelhecermos tornamo-nos apenas um pouco mais hediondos que nossos contemporâneos melhor proporcionados, e você, em particular, conservou seus cabelos. E por nunca ter servido, nem compreendido, não ficamos sem frescor nem inocência, ao que me parece. Conclusão, estamos agora em plena estação dos amores, aproveitemos, há pêras que só amadurecem em dezembro. No que se refere ao caminho a fazer, entregue-se a mim, faremos ainda coisas espantosas, você verá. Quanto aos sessenta-e-nove, não concordo com você, acho que devemos perseverar. Deixe-me tentar, você me dirá depois. Seu safado! São todos estes ossos que nos atrapalham, é líquido e certo. Enfim aceitemo-nos como somos. E sobretudo não briguemos, só são brincadeirinhas. Pensemos nas horas em que, enlaçados, cansados, no escuro, nossos corações sofrendo em uníssono, ouvimos dizer ao vento o que é estar fora, de noite, no inverno, e o que é ter sido o que fomos, e soçobremos juntos numa infelicidade sem nome, estreitando-nos. É isso que precisamos ver. Coragem pois, bebezão peludo que adoro, e beijões bem aí onde você sabe de sua Boneca Tonta. P.S. Perguntei pelas ostras, tenho muita esperança. Tal era o tom ligeiramente discursivo das declarações que Moll, perdendo com certeza as esperanças de poder dar plenamente

vazão a seus sentimentos pelas vias normais, dirigia três ou quatro vezes por semana a Macmann, que nunca respondia quero dizer preto no branco, mas manifestava por todos os meios em seu poder o prazer que tinha em recebê-las. Mas perto do fim desse idílio, quer dizer um pouco tardiamente, e justamente quando as cartas faziam-se mais raras, juntando todas as forças de seu vocabulário Macmann pôs-se a compor pequenos trechos curiosamente rimados, para oferecê-los à sua amiga, pois ele sentia que ela lhe escapava. Exemplo:

Boneca Tonta e bebezão
É o amor que nos reúne
No fim de uma longa vida
Que nem sempre foi alegre
Bem verdade
Nem sempre foi alegre.

Outro exemplo:

É o amor que nos conduz
De mãos dadas para Gasveninho[1]
É o melhor do caminho
E acho que o seu também
Mas sim
Nós pensamos assim.

Ele teve tempo para fazer uns dez ou doze dessa qualidade mais ou menos, caracterizados sem exceção pela importância concedida ao amor considerado como uma espécie de aglutinante mortal, idéia que se encontra freqüentemente nos textos místicos. E é extraordinário que Macmann tenha podido se hastear em tão pouco tempo e depois dos inícios bastante dificultosos, a uma concepção tão elevada. E ficamos sonhando com a idéia do que ele teria podido fazer se tivesse

[1] Nome de um cemitério local muito estimado.

travado conhecimento com a verdadeira sexualidade numa idade menos avançada.

Começo a me perder. Nem uma palavra.

Inícios dificultosos com efeito, em que Moll lhe inspirava francamente uma certa distância. Seus lábios em particular lhe causavam horror, os mesmos com pouquíssima diferença que alguns meses mais tarde ele deveria chupar grunhindo de prazer, a tal ponto que só ao vê-los não apenas fechava os olhos, mas os escondia atrás das mãos, para maior segurança. Foi ela então que se despendeu nessa época em ardores incansáveis, o que pode servir para explicar porque, no fim, ela pareceu ceder e ter por sua vez necessidade de ânimo. A menos que não fosse simplesmente uma questão de saúde. O que não exclui a hipótese de que Moll, achando a partir de um determinado momento que se tinha enganado a respeito de Macmann e que ele não era finalmente aquele que ela pensava ser, tenha querido por fim às suas ligações, mas devagarinho, para não alarmá-lo. Infelizmente não se trata aqui de Moll, que no final das contas é apenas uma fêmea, mas de Macmann, nem tampouco do fim de suas relações mas simplesmente do começo. Quanto ao breve período de plenitude entre esses dois extremos, em que entre o calor crescente de um e aquele já ligeiramente em baixa do outro estabeleceu-se uma igualdade fugaz de temperatura, e não se fala mais nisso. Pois se é preciso ter para não ter tido e para não mais ter, nada obriga a fazer exibição. Mas deixemos os fatos falarem. É este mais ou menos o tom. Exemplo. Um dia, logo quando Macmann começava a se habituar a ser amado, sem entretanto corresponder ainda como deveria fazer em seguida, afastou o rosto de Moll do seu sob pretexto de querer inspecionar seus brincos. Mas como ela se dispunha a voltar ao ataque ele fez com que ela parasse de novo, perguntando casualmente, Porque dois Jesus? com o ar de achar que um só era bastante suficiente. Para o que ela deu a resposta absurda, Porque duas

orelhas? Mas ela se fez perdoar um instante depois, dizendo, com um sorriso (ela sorria por um nada), Aliás são os ladrões, Jesus está na minha boca. Afastando então os maxilares e levando entre o polegar e o indicador seu beiço até à sua barbicha ela descobriu, único a romper a monotonia das gengivas, um canino longo, amarelo e profundamente mole, talhado para representar o célebre sacrifício, com a broca provavelmente. Escovo-o cinco vezes por dia, disse ela, uma vez para cada chaga. Com o indicador de sua mão livre ela o apalpou. Está balançando, disse ela, tenho medo de acordar um desses dias e ver que o engoli, acho que deveria mandar arrancá-lo. Ela largou seu beiço que voltou instantaneamente ao lugar com um barulho de pau de bater roupa. Esse incidente deixou em Macmann uma forte impressão e fez com que Moll desse, em suas afeições, um pulo para frente. E ao prazer que ele teve mais tarde de lhe enfiar a língua na boca e a passeá-la pelas gengivas, o caco de dente-crucifixo não era certamente estranho. Mas qual é o amor isento desses inofensivos adjuvantes? Ora é um objeto, uma liga parece ou uma ombreira. E ora com efeito é uma simples imagem de um terceiro. Algumas palavras para acabar sobre o declínio desta ligação. Não, não posso.

Cansada de meu cansaço, branca lua atrás, única lástima, nem mesmo isso. Estar morto, antes dela, sobre ela, com ela, e girar, morto sobre morta, em volta dos pobres homens, e não mais ter de morrer, por entre os moribundos. Nem isso, nem mesmo isso. Minha lua foi aqui embaixo, aqui bem embaixo, o pouco que tenha sabido desejar. E um dia, dentro em breve, uma noite de terra, dentro em breve, sob a terra, um moribundo dirá, como eu, à luz da terra, Nem isso, nem mesmo isso, e morrerá, sem ter podido encontrar um arrependimento.

Moll. Vou matá-la. Ela continuava sempre a tomar conta de Macmann, mas não era mais a mesma. Quando seu trabalho terminava, instalava-se no meio do quarto, na cadeira, e

não se mexia mais. Se ele a chamava ia empoleirar-se na cama e até se deixava bolinar. Mas era evidente que ela pensava em outra coisa e que só tinha uma pressa, a de voltar à sua cadeira e recomeçar o gesto que se tornara familiar, o de fazer lentamente uma massagem na barriga, com força, com as duas mãos. Ela começava aliás a cheirar mal. Ela nunca teve bom cheiro, mas entre não cheirar bem e exalar o odor que exalava nessa época há um mundo. Além disso era sujeita a vômitos. Virando-se então, a fim de só oferecer a seu amante as costas sacudidas por movimentos clônicos, vomitava longamente no chão. E estas dejeções demoravam às vezes durante horas inteiras, ali mesmo onde tinham caído, esperando que ela tivesse força para ir buscar alguma coisa para tirá-las e limpar o lugar. Se fosse meio século menos velha teria podido parecer grávida. Ao mesmo tempo ela perdia os cabelos em abundância, e confiou a Macmann que não ousava mais penteá-los, com medo de acelerar a queda. Ela me diz tudo, disse a si mesmo com satisfação. Mas tudo isso era pouca coisa em vista da alteração de sua tez, que de amarela passava ao açafrão a olhos vistos. Macmann, vendo-a tão diminuída, não perdia com isso a vontade de tomá-la nos braços, por mais fedorenta ou vomitante que fosse. E realmente o teria feito se ela não se opusesse. Nós o entendemos (ela também). Pois quando se encontra ao alcance da mão o único amor correspondido de uma vida desmedida, é natural que se queira aproveitar, enquanto ainda é tempo, e que dele não se deixe desviar por enjoos bons para os mornos mas com os quais o amor não se importa, se for verdadeiro. E embora tudo parecesse indicar que Moll não estivesse muito à vontade, Macmann não podia evitar de ver na sua atitude antes um esfriamento para com ele. E talvez houvesse isso também. De qualquer modo, quanto mais ela se abatia mais Macmann tinha vontade de esmagá-la contra o peito, o que é apesar de tudo muito raro e curioso para merecer uma citação. E quando ela se virava para ele e o olhava (e ela o fazia ainda de vez em quando) com olhos em que ele acreditava ler um amor e uma saudade sem fins, então

uma espécie de frenesi tomava conta dele e ele se punha a martelar com socos seu peito, sua cabeça e até o colchão, contorcendo-se e lançando gritos, com a esperança talvez que ela tivesse piedade dele e viesse consolá-lo e enxugar-lhe os olhos, como no dia em que ele tinha reclamado seu chapéu. E no entanto não, ele se batia, se torcia e gritava sem cálculo, pois ela não se alterava, e até saía do quarto se aquilo durava muito tempo contra a sua vontade. Então ele continuava sozinho fora de si, o que é uma prova, não é, de que estava desinteressado, a não ser que desconfiasse de que ela estava atrás da porta, para escutar. E enfim acalmado, ou não agüentando mais, lamentava a longa imunidade perdida, de asilo, de caridade e de ternura humana. E ele exagerava a irreflexão ao ponto de se perguntar com que direito tomava conta dele. Resumindo, muitos maus dias para Macmann. Para Moll também, a rigor, claro, se quisermos. Foi nessa época que perdeu seu canino, que saiu sozinho do alvéolo, durante o dia felizmente, de modo que ela pode apanhá-lo e colocá-lo em lugar seguro. Macmann se disse consigo mesmo quando ela lhe contou, Houve um tempo em que ela me teria oferecido seu dente, ou pelo menos mostrado. Mas ele se disse logo depois, primeiramente, Ela poderia não me ter dito nada, é pois uma marca de afeição e de confiança. Em seguida, Mas de qualquer maneira eu o teria sabido, quando ela abrisse a boca para falar ou para sorrir. E finalmente, Mas ela não fala nem sorri mais. Um dia de manhãzinha um homem que ele nunca tinha visto veio dizer-lhe que Moll tinha morrido. É sempre uma de menos. Chamo-me Lemuel, disse, embora de pais provavelmente arianos, e sou eu quem tomará conta de você doravante. Tome seu mingau. Tome enquanto está quente.

Mais um pequeno esforço. Lemuel dava a impressão de ser ligeiramente mais bobo do que mau, e contudo sua maldade era considerável. Quando Macmann, cada vez mais inquieto com sua situação aparentemente e de resto tornando-se capaz de isolar e de exprimir bastante bem para ser compreendido

uma pequena parte do pouco que lhe passava pela cabeça quando Macmann digo lhe pedia uma informação era raro que recebesse uma resposta imediata. Instado a dizer por exemplo se São João de Deus era uma instituição privada ou sob a dependência da República, se era um asilo de velhos e enfermos ou um hospício de alienados, se uma vez agarrado poder-se-ia não obstante guardar a esperança de sair um dia e, no caso afirmativo, por intermédio de que trâmites, Lemuel ficava longamente pensativo, até dez minutos ou um quarto de hora às vezes, imóvel ou então coçando o crânio e a axila, como se tais perguntas nunca tivessem roçado seu entendimento, ou talvez pensando em alguma coisa inteiramente diferente. E se Macmann, impacientando-se ou acreditando ter-se exprimido mal, se permitia retomar a palavra, um gesto imperioso fazia-o calar. Assim era esse Lemuel, visto sob um certo ângulo. Ou ele gritava, com gesticulações de uma indescritível nervosidade, Deixe-me refletir, seu bosta. Ele acabava na maioria das vezes por dizer que de nada sabia. Mas estava sujeito a acessos de bom humor quase hipomaníacos. Então acrescentava, Mas vou perguntar. E tirando seu caderninho, que tinha as dimensões de um livro de bordo, tomava nota, murmurando, Particular ou do estado, loucos ou como nós, como sair, etc. Macmann podia então estar certo que nunca mais ouviria falar disso. Posso levantar-me? disse um dia. Já no tempo de Moll por mais de uma vez ele tinha manifestado o desejo de levantar-se e de sair para tomar um pouco de ar, mas timidamente, como quando se pede a lua. O que lhe valeu aprender que com efeito se ele se comportasse poderia talvez um dia levantar-se e até sair, para respirar o ar puro do planalto, e que naquele dia, no salão em que todo os empregados se reuniam de manhãzinha antes de começar o serviço. ou de se deitar, de acordo com o caso, ver-se-ia espetada no quadro de serviço uma nota concebida assim, Que o cento e setenta e seis se levante e saia. Pois para tudo o que se referia ao regulamento Moll mostrava-se inflexível, e sua voz sobrepunha a do amor, no seu coração, cada vez que nele elas

se faziam ouvir ao mesmo tempo. Por exemplo as ostras, que a direção lhe havia recusado lembrando-lhe o artigo que as proibia, mas que ela teria podido facilmente obter contando com cumplicidades de fora. Macmann nunca lhes viu a cor. Mas Lemuel era feito de outra massa, neste ponto, e longe de estar preso aos estatutos parecia conhecê-los apenas muito imperfeitamente. Aliás era de se perguntar, colocando-se num ponto de vista mais elevado, se ele tinha a cabeça no lugar. Quando as angústias da reflexão não o pregavam no lugar, durante longos minutos, ia e vinha sem parar, com seu passo pesado, furioso e tropeçante, gesticulando e articulando com violência vocábulos ininteligíveis. Escorchado vivo da lembrança, o espírito pululante de najas, não ousando nem sonhar nem pensar e ao mesmo tempo sem forças para se defender, seus gritos eram de duas espécies, aqueles que tinham por única causa a dor moral e aqueles, semelhantes em tudo, pelos quais ele esperava evitar esta última. A dor física, por outro lado, parecia ser-lhe de uma ajuda preciosa, e um dia, levantando a perna de sua calça, mostrou a Macmann sua tíbia coberta de hematomas, de cicatrizes e de arranhões. Depois tirando prestamente de um bolso interior um martelo deu-se, bem no meio das antigas feridas, um golpe tão violento que caiu para trás. Mas a parte que ele atingia com maior bom grado, com este mesmo martelo, era a cabeça, e isso se concebe, pois é uma parte ossuda também, e sensível, e fácil de atingir, e é lá dentro que estão todas as sujeiras e podridões, então bate-se com muito mais vontade do que na perna por exemplo, que não nos faz nada, isso é humano. Tenho o direito de levantar-me? gritou Macmann. Lemuel ficou imobiliazdo. O quê? uivou ele. Levantar-me! gritou Macmann. Quero me levantar! Quero me levantar!

Acorreram. Ia tudo bem demais. Eu me tinha esquecido, perdido. Não era verdade. Tudo ia bem. Eu estava longe. Um outro sofria. Então acorreram. Para lembrarem-me da agonia. Se isso os diverte. O fato é que eles não sabem,

eu também já não sei mais, mas eles pensam que sabem. Um avião passa, voando baixo, com um barulho de trovão. É um barulho que não tem nada a ver com o trovão, diz-se trovão mas não é nisso que se está pensando, é um barulho fugaz e forte sem nada mais, não se assemelhando a nenhum outro. É a primeira vez que o ouço aqui, que eu saiba. Mas já ouvi os aviões em outros lugares até mesmo os vi voar, vi voar os primeiros e depois enfim os modelos mais recentes, oh, não os últimos modelos, nem os penúltimos, nem os antepenúltimos. E assim mesmo. Fui testemunha de um dos primeiros *loopings*, juro. Não tinha medo. Foi em cima do hipódromo, minha mãe me segurava pela mão, Ela dizia, É prodigioso, prodigioso. Então eu mudei de opinião. Nem sempre estávamos de acordo. Um dia subíamos juntos uma ladeira estranhamente íngreme, perto lá de casa provavelmente, as ladeiras íngremes confundem-se na minha memória. Lembro-me do céu. Disse, O céu está mais longe do que parece, não é mamãe? Era sem malícia, pensava simplesmente nas milhas que me separavam dele. Ela respondeu, Ele está precisamente tão longe quanto parece. Ela tinha razão. Mas no primeiro momento isso me aterrou. Vejo ainda o lugar, defronte da loja de Tyler. Hortelão, ele era vesgo e usava costeletas. É isso mesmo, tagarela. Via-se o mar, as ilhas, os promontórios, os istmos, a costa afastando-se ao norte e ao sul e os braços encurvados do porto. Vínhamos do açougue. Minha mãe? Talvez seja uma estória que ouvi, de alguém que a achava boa. Contaram-me várias, sempre boas, sempre boas, durante um momento. De qualquer maneira estou de novo na merda. O avião acaba de passar a duzentas milhas por hora talvez. É uma boa velocidade para a época. Acompanho de corpo e alma a proeza, é certo. Mas sempre acompanhei de corpo e alma uma porção de coisas. De corpo não. Não sou tão bobo. Em todo o caso eis o programa, o fim do programa. Eles acreditam pder me confundir e me fazer perder de vista meus programas. São verdadeiros imbecis. Aqui está ele. Visita, diversas observações, continuação Macmann e agonia também por mais tempo quanto pos-

sível. Isso não depende de mim, minha ponta não é inesgotável, meu caderno também não, Macmann também não, eu também não apesar das aparências. Que tudo isso vá à merda ao mesmo tempo, é tudo o que peço, no momento. Salvo imprevisto. Claro. Estamos de sobreaviso. Visitante. Senti uma porrada na cabeça. Já havia talvez algum tempo que estava ali. As pessoas não gostam de esperar, fazem-se notar como podem, é humano. Talvez já tivesse feito as intimações de hábito. Não sei o que ele queria. ãgora já foi embora. Que idéia também de me bater na cabeça. Há uma luz engraçada aqui, desde então, oh não estou querendo insinuar nada, fraca e ao mesmo tempo radiante, talvez ele me tenha atingido pela metade. Sua boca abriu-se, seus lábios agitaram-se, mas não ouvi nada. Foi como se ele não tivesse dito nada. E no entanto não sou surdo, o avião é uma prova, se não estou ouvindo nada é por que não há nada para ouvir. Mas talvez me tenha tornado menos irritável aos barulhos especificamente humanos. Eu mesmo por exemplo, não faço nenhum barulho, olhe só, azar, mas nenhum. E entretanto respiro, tusso, solto gemidos, engulo, tudo perto do meu ouvido, estou persuadido. Mais vale dizer que ignoro a que devo a honra. Ele tinha um ar escabriado. Devo descrevê-lo? Por que não? Talvez ele seja importante. Eu o vi bem. Terno preto com um corte fora da moda ou talvez outra vez na moda, gravata preta, camisa branca como neve, punhos de palhaço exageradamente engomados escondendo-lhe quase que inteiramente as mãos, cabelos negros calamistrados, fácies longa, glabra, abatida e como esfarinhada, sombrios olhos apagados, altura e corpulência médias, chapéu coco que a ponta dos dedos apertava contra a barriga, primeiro depois em certo momento assentado no crânio com um gesto de uma brusquidão e de uma segurança extraordinárias. Um metro dobrável saía, ao mesmo tempo que um canto de lenço branco, a beira do bolso. Tomei-o primeiro por um empregado de uma funerária, descontente por ter-se incomodado prematuramente. Ficou um bom momento, sete horas no mínimo. Tinha a esperança talvez de ter a satisfação de me ver entregar a alma

antes de ir-se embora, isso sem dúvida lhe teria evitado uma corrida. Acreditei num determinado momento que ele ia liquidar-me. Uma ova. Teria sido um crime. Deve ter partido às seis horas, quando seu dia terminou. Desde então estou numa luz estranha. Quer dizer que ele partiu uma primeira vez, depois voltou algumas horas mais tarde, depois partiu para sempre. Deve ter ficado aqui de nove às doze e de quatorze às dezoito, pois é. Consultou muitas vezes o relógio, o patacão. Talvez volte amanhã. Foi de manhã que ele me bateu, por volta das dez horas provavelmente. De tarde não me fez nada, embora não o tenha visto imediatamente, já estava no seu lugar quando o vi, em pé ao lado da cama. Falo de manhã e de tarde e de tal ou tal hora, é preciso pôr-se no lugar das pessoas se é delas que se quer absolutamente falar, não é muito difícil. Do que nunca se deve falar é de sua felicidade, não vejo pelo momento nada mais. É preferível até não pensar nisso. Em pé ao lado da cama ele me olhava. Vendo meus lábios mexerem-se, pois tentei falar, curvou-se sobre mim. Tinha algumas coisas a lhe pedir, teria pedido por exemplo para me dar minha vara. Ele teria recusado. Então de mãos juntas e com uma lágrima no olho, eu teria suplicado que me fizesse um pequeno favor. Esta humilhação me foi recusada pela minha afonia. Minha voz apagou-se, o resto seguirá. Poderia ter escrito, no meu caderno, e mostrar-lhe, Devolva-me minha vareta, p.f. Ou então, Faça a gentileza de passar minha vareta. Mas tinha escondido o caderno embaixo das cobertas, a fim de que ele não o tirasse de mim. Escondi sem pensar que já havia algum tempo que ele estava aqui (senão não me teria batido) olhando-me escrever, pois eu devia estar escrevendo quando ele chegou, e que conseqüentemente ele teria podido facilmente tomar o meu caderno se tivesse querido, e também sem pensar que me estava observando no momento do escamoteio, e que — conseqüentemente eu só fazia atrair sua atenção para o próprio objeto que eu queria dissimular. Tudo isso é muito lógico. Pois só me resta meu caderno de tudo o que tive, então faço questão dele, é mais que humano. A ponta tam-

bém, é óbvio, mas o que é uma ponta, sem papel? Ele deve ter dito consigo mesmo, enquanto almoçava, Hoje de tarde tomarei seu caderno, ele lhe dá uma importância muito grande. Mas quando voltou o caderno não estava mais onde me tinha visto por, para um safado safado e meio. Seu guarda-chuva, falei dele? Um guarda-chuva-agulha. Mudando-o de mão de minuto em minuto, apoiava-se nele, em pé perto da cama. Então ele dobrava. Foi com ele que levantou minhas cobertas. Foi com ele também que pensei que me fosse matar, com a longa ponta delgada, bastava que ele me enterrasse no coração. Homicidio voluntário é o que teriam dito. Talvez volte amanhã, mais bem equipado, ou com um assistente, agora que se familiarizou com o lugar. Mas se ele me olhava eu também o olhava. Creio que nos fixamos literalmente durante horas sem pestanejar quase. Ele imaginava provavelmente que podia fazer com que baixasse os olhos, por que sou velho e cacoquímico. Pobre idiota. Há tanto tempo que não vejo um desses bichinhos que abri todas as luzes, como se diz, com medo de me enganar. Disse comigo mesmo, Um desses dias eles vão começar a pastar galhos. E esse rosto! Tinha esquecido. Num determinado momento, incomodado pelo odor provavelmente, enfiou-se entre a cama e a parede para tentar abrir a janela. Não conseguiu. De manhã não tirei os olhos de cima dele. Mas de tarde dormi um pouco. Não sei o que fez durante esse tempo, fuxicou nas minhas coisas provavelmente, com seu guarda-chuva, elas estão espalhadas pelo chão agora. Acreditei por um momento que ele tinha sido mandado para mim pela funerária. Os que me fizeram viver aqui até agora se encarregarão sem dúvida de fazer que eu seja enterrado com o mínimo de aparato. Aqui jaz Malone enfim, com as datas para dar uma fraca idéia do tempo que ele pôs para se fazer desculpar e depois para distingui-lo dos seus homônios, numerosos na ilha e no além-túmulo. Estranho que não tenha encontrado jamais um único que eu saiba. Tenho tempo. Aqui jaz um pobre idiota, já perdeu a fatiota. Mas por um instante somente, quero dizer, durante uma meia hora no máximo. Em seguida lhe atri-

buí outras funções, todas tão decepcionantes umas quanto as outras. Estranha esta necessidade de saber quem são as pessoas e o que fazem na vida e o que elas querem de você. Apesar da facilidade com que usava o luto e manejava seu guarda-chuva e o hábito manifesto que tinha do chapéu coco, pareceu-me durante um certo tempo que estava fantasiado, mas com que se me atrevo a dizer, e de quê? Num determinado momento, ainda outro, teve medo, sua respiração precipitou-se e ele se afastou da cama. Foi então que vi que ele tinha sapatos amarelos, o que me causou um efeito sobre o qual as palavras são insuficientes para dar a mais fraca idéia. Estavam copiosamente enlameados de argila fresca e eu disse comigo mesmo, Através de que lodaçais ele avançou até a mim? Pergunto-me se ele procurava alguma coisa precisa, seria interessante saber. Vou arrancar uma folha do meu caderno e reproduzir, de cor, o que segue, para lhe mostrar amanhã, ou hoje, ou daqui a não sei quando, se por acaso ele voltar. 1) Quem é você? 2) Que faz? 3) Que quer de mim? 4) Procura algo de preciso? O que ainda? 5) Porque está zangado? 6) Fiz-lhe alguma coisa? 7) Sabe alguma coisa a meu respeito? 8) Você não deveria ter batido em mim. 9) Dê-me minha vara. 10) Você trabalha por sua conta? 11) Se não quem o envia? 12) Ponha ordem nas minhas coisas. 13) Minha sopa, por que a sumiram? 14) Meus vasos por que motivos não os esvaziam mais? 15) Acredita que eu dure ainda muito tempo? 16) Posso pedir-lhe um favor? 17) Farei minhas as suas condições. 18) Por que seus sapatos são amarelos e onde os sujou desta maneira? 19) Não teria um pedaço de lápis para me dar? 20) Numere suas respostas. 21) Não se vá, ainda tenho algumas coisas para perguntar. Uma folha bastará? Devem sobrar muito poucas. Poderia pedir uma borracha, já que é preciso. 22) Poderia emprestar-me uma borracha? Depois que ele saiu disse comigo mesmo, Mas já o vi em algum lugar. E as pessoas que vi garanto-lhes que me viram também. Mas de quem se pode dizer, Eu o conheço. Besteiras tudo isso. E depois de tarde a manhã está tão longe. Habituei-me com ele. Não o olhava mais.

Pensava nele, procurava compreender, não se pode fazer isso e olhar ao mesmo tempo. Nem mesmo o vi partir. Oh ele não desmaiou, feito uma larva, ouvi-o, o barulho de corrente quando tirou seu relógio, o choque satisfeito do guarda-chuva no chão, a meia-volta, os passos rápidos em direção à porta, esta fechada sem barulho e enfim, ousaria dizê-lo, um assobiozinho vivo e alegre afastando-se. O que omitir? Pequenas coisas, coisas de nada, que me voltarão mais tarde, farão que eu veja mais claro no que acabo de se produzir, farão que eu diga, Ah se eu soubesse então, agora é tarde demais. Sim, pouco a pouco o verei tal qual acaba de ser, ou tal qual deveria ter sido para que eu pudesse dizer comigo mesmo, ainda uma vez, Tarde demais, tarde demais. Foi dito com convicção. Ou só seria talvez a primeira de uma série de visitas, cada uma diferente. Elas vão revezar-se e são numerosas. Amanhã ele usará *leggings*, calças de montaria e boné quadriculado, com um chicote na mão para compensar o guarda-chuva e uma ferradura na lapela. Todas as pessoas que alguma vez entrevi de perto ou de longe podem desfilar a partir de agora, é evidente. Haverá talvez até mulheres e crianças, notei algumas também, terão todas na mão alguma coisa em que se apoiar e com que mexer nas minhas coisas, todas elas me darão uma grande pancada na cabeça para começar, depois passarão o dia a me olhar com cólera e nojo. Será preciso refazer o questionário de modo que seja aplicável a cada um. E haverá talvez alguém, um dia, esquecido da senha, para me devolver a vareta. Ou talvez possa aparar um dos que vierem, uma menina por exemplo, e estrangulá-la pela metade, que estou dizendo, pelos três quartos, para que ela consinta em me dar minha vareta, em me dar a sopa, em esvaziar meus vasos, em me beijar, em me acariciar, em me sorrir, em me dar meu chapéu, em ficar perto de mim, em seguir o carro funerário chorando no lenço, seria encantador. Sou tão bom no fundo, tão bom, com é que ninguém reparou? Uma menina resolveria bem o meu caso, tiraria a roupa na minha frente, dormiria comigo, só teria a mim, eu empurraria a cama para a porta para impedí-la de ir embora,

mas então ela se lançaria pela janela, quando soubessem que ela estava comigo trariam sopa para nós dois, eu lhe ensinaria o amor e a detestação, ela não me esqueceria nunca, eu morreria encantado, ela me fecharia os olhos e poria um tampão no meu cu, conforme as indicações. Não se embale, Malone, não se embale, seu merda. Com efeito, por quanto tempo se pode jejuar impunimente? O prefeito de Cork durou um tempo infinito, mas era jovem, e além disso tinha convicções políticas e até simplesmente humanas provavelmente. Ele se permitia uma lágrima de água de vez em quando, açucarada provavelmente. Água, por piedade. Como se faz que não tenha sede. Tenho que beber por dentro, as minhas *secreções*. Sim, falemos um pouco de mim, isso me descansará de toda esta canalha. Que luz. Seria um antegozo do paraíso? Minha cabeça. Está pegando fogo, cheia de azeite fervendo. De que vou partir enfim? De uma congestão cerebral? Seria o cúmulo. Como dor, palavra, é quase insustentável. Enxaqueca incandescente. A morte me deve tomar por um outro. É o coração o culpado, como no peito do rei dos fósforos, Schneider, Schroeder, não sei mais. Aliás ele se esquenta aqui, ele fica vermelho, dele mesmo, de mim deles, ele tem vergonha de tudo, menos de bater aparentemente. Não é nada, apenas nervoso sem mais. E quem sabe talvez seja o fôlego que me faltará em primeiro lugar no final das contas. Depois, antes de cada confissão, e durante, que vertigem de cochichos. A janela me diz de manhãzinha, nuvens chuvosas em frangalhos debandando. Divirtam-se. Longe desta sombra ruborescente. Sim, expiro mal, meu peito fica escancarado, o ar me sufoca, talvez ele seja ligeiramente deficiente em oxigênio. Macmann pigméu em baixo dos grandes pinheiros negros gesticulando olha ao longe o mar agitado. Os outros também estão aí, ou à janela, como eu, mas em pé, é preciso que sejam ambulantes, é preciso, transportáveis pelo menos, não, como eu não, não podem nada por ninguém, agarrando-se aos choupos que tremem ou à janela, à escuta. Mas eu faria melhor terminar comigo primeiro, na medida evidentemente do possível. A velocidade em que isso gira

é incômoda é bem verdade, mas ela não fará senão aumentar, eis o que é preciso olhar. Memorando, acrescentar ao questionário, Se por acaso você tiver um fósforo faça a gentileza de tentar acendê-lo. Como é possível que não tenha ouvido nada quando ele me falou e que eu o tenha ouvido quando me deixou, assobiando? Talvez só tenha fingido estar falando comigo, para tentar fazer-me acreditar que eu tinha ficado surdo. Será que ouço alguma coisa neste momento? Vejamos. Não. Nem o vento, nem o mar, nem o papel, nem o ar que expulso com tanta dificuldade. Mas esta inumerável tagarelice, como de uma multidão que cochicha? Não compreendo. Com a mão longíngua conto as páginas que me sobram. Vai dar. É minha vida, este caderno, este grosso caderno de criança, levei muito tempo para resignar-me com ele. Contudo não o jogarei fora. Pois quero pôr nele pela última vez aqueles a quem pedi socorro, mas mal, de modo que não compreenderam, a fim de que morressem comigo. Repouso.

Usando em cima de sua longa camisa uma grande capa listrada que lhe descia até ao tornozelo, coberto com o chapéu que Moll lhe havia restituído, Macmann tomava ar com qualquer tempo que fizesse, da manhã à noite. E por várias vezes foi preciso ir à sua procura, na escuridão, com lanternas, para trazê-lo de volta à célula, pois tinha ficado surdo ao apelo do sino e aos gritos e ameaças de Lemuel primeiramente, depois dos outros vigias. Então os vigias, nas suas roupas brancas, munidos de paus e de lanternas, afastavam-se em leque dos prédios e revistavam os matagais, os samambaiais e os bosquestes chamando o fugitivo e o ameaçando com as piores represálias se não se entregasse imediatamente. Mas acabaram por verificar que ele se escondia, quando se escondia, sempre no mesmo lugar e que um tal desdobramento de forças não era necessário. Desde então era Lemuel que ia sozinho, em silêncio, como sempre quando sabia o que devia fazer, direto à moita em que Macmann tinha cavado um buraco, cada vez que fosse necessário. Meu Deus. E muitas vezes ficavam ali por um bom

momento juntos, na moita, antes de voltar, agachados um contra o outro, pois o ninho era pequeno, sem dizer nada, escutando talvez os barulhos da noite, as corujas, o vento nas folhas, o mar quando estava bastante forte para fazer ouvir sua voz, e depois os outros barulhos da noite que não sabemos bem o que representam. E acontecia também que Macmann, cansado de não estar mais só, ia embora sozinho e voltava para o seu quarto, Lemuel só ia encontrar-se com ele muito mais tarde. Era um verdadeiro parque à inglesa, embora longe da Inglaterra, mas levado ao absurdo no sentido da negligência, e tudo crescia aí com uma luxúria devorante, as árvores fazendo guerra entre si, os arbustos também, e as flores selvagens e as ervas daninhas, numa necessidade desenfreada de terra e de luz. Uma tarde em que Macmann voltava com um galho arrancado de uma sarça morta, com a qual queria fazer uma bengala para ajudar seus passos, Lemuel tomou-o e deu-lhe uma surra com ele, não, não está bom, Lemuel chamou um vigia chamado Pat, um verdadeiro animal embora frouxo em aparência, e lhe disse, Pat, olhe só isso. Então Pat arrancou o galho das mãos de Macmann que, vendo o rumo que tomavam as coisas, apertava-o com as duas mãos, e bateu-lhe com ele até que Lemuel lhe dissesse para parar e ainda depois. Tudo isso sem a mínima explicação. De modo que um pouco mas tarde, Macmann, tendo trazido de seu passeio um jacinto que tinha arrancado com a batata e as raízes com a esperança de conservá-lo assim um pouco mais de tempo do que se o tivesse simplesmente colhido, viu-se ferozmente espicaçado por Lemuel que lhe arrancou a florzinha das mãos e ameaçou entregá-lo de novo a Jack, não a Pat, Jack é um outro. E apesar de ter meio demolido o arbusto, uma espécie de loureiro, a fim de poder se esconder, não lhe tinha trazido nenhuma admoestação. Não é preciso se espantar com isso, não havia provas contra ele. Se o tivessem interrogado sobre este assunto, claro, ele teria dito a verdade, acreditando não ter feito nada de mal. Mas deviam supor que ele só faria negar e mentir e que era por conseguinte inútil pressioná-lo com perguntas. Aliás não pergun-

tavam nunca, na São João de Deus, mas ou simplesmente seviciavam, ou então se abstinham de fazê-lo, segundo considerando de uma lógica especial. Pois, refletindo bem, com que direito uma flor na mão leva a atribuir ao portador a culpa de tê-la colhido. Ou o simples fato de tê-la abertamente na mão constituía um delito suficiente, análogo à receptação? Neste caso não teria sido melhor informar francamente e lealmente os interessados e, ao fazê-lo, fazer concluir em vez de preceder a consciência do erro, do erro cometido? A questão parece bem colocada assim, muito muito bem. Graças à capa listrada de azul e branco, como a dos açougueiros, nenhuma confusão era possível entre Macmann de um lado e os Lemuel, Jack e Pat do outro. Os pássaros. Numerosos e variados nessas densas folhagens viviam sem temor o ano inteiro, sem nenhum temor a não ser de seus congêneres, e aqueles que no verão ou no inverno voavam para outros céus voltavam no inverno ou no verão seguinte, a grosso modo. O ar se enchia com suas vozes, especialmente de madrugada e no crepúsculo, e aqueles que de manhã se iam em bandos, como os corvos e os pardais, para outras labutas, voltavam de noite alegres ao santuário, onde suas sentinelas os esperavam. Quando havia tempestde eram numerosas as gaivotas que faziam escala aqui em sua fuga para o interior. Elas giravam longamente no ar malvado gritando de raiva, depois pousavam na relva ou em cima dos telhados dos prédios, desconfiando das árvores. Mas tudo isso está fora da questão, como um monte de coisas. Tudo é pretexto, Sapô e os pássaros, Moll, os camponeses, os que na cidade se procuram e se fogem, minhas dúvidas que não me interessam, minha situação, minhas posses, pretexto para não chegar ao objetivo, ao abandono, levantando o polegar, dizendo alto e indo embora, sem outra forma de processo, arriscando-se a ser mal visto por seus camaradinhas. Sim, por mais que se diga, é difícil deixar tudo. Os olhos gastos pelas ofensas demoram-se vis sobre tudo o que durante tanto tempo rogaram, na última, na verdadeira prece enfim, a que não solicita nada. É então que um arzinho de atendimento reanima os votos mor-

tos e que um murmúrio nasce no universo mudo, censurando-nos afetuosamente de nos termos desesperado tarde demais. Como viático não se pode fazer melhor. Procuremos uma outra solução. O ar puro.

Apesar de tudo vou tentar continuar. O ar puro do planalto. Era com efeito um planalto, Moll não tinha mentido, ou melhor uma eminência com suaves inclinações. O domínio de São João ocupava toda a calota e o vento sempre soprava sem parar, fazendo vergar e gemer as árvores mais robustas, arrancando os galhos, sacudindo os arbustos, desenfreando as samambaias, deitando a relva e levando folhas e flores inteiras, espero que não tenha esquecido nada. Bem. Uma muralha alta cercava o domínio, mas só cegava a quem se encontrava nas proximidades. Como? Mas graças evidentemente à intumescência do terreno, cujo cimo, chamado a Rocha por causa da rocha que se achava nele, comandava a planície, o mar, a montanha, as fumaças da cidade e os prédios da instituição, maciços e vastos apesar da distância e onde a cada momento nasciam e desapareciam umas espécies de pequenos flocos que na realidade eram apenas os vigias indo e vindo, misturados talvez eu ia dizer aos prisioneiros, pois vista dessa distância a capa não tinha mais listras nem mesmo o aspecto de uma capa, de modo que se podia apenas dizer, tendo passado a primeira surpresa, São homens e mulheres quaisquer, sem entrar em maiores precisões. Um rio que transpunham de longe em longe mas é mesmo a natureza. Aliás onde ela poderia ter sua fonte, é o que me pergunto. Embaixo da terra talvez. Para concluir um pequeno Eden para quem aprecia o gênero desleixado. Macmann perguntava a si mesmo às vezes o que faltava para sua felicidade. O direito ao ar livre em qualquer tempo desde de manhã até ao cair da tarde, uma vegetação que lhe parecia estender os galhos para envolvê-lo e para escondê-lo, casa e comida de graça e garantias, vistas soberbas de todos os lados dando para os inimigos de sempre, o mínimo estrito de trotes e de brutalidades, o canto dos pássaros, nenhum contato

humano com exceção de Lemuel que não pedia senão para vê-lo o mínimo possível, as faculdades de memória e de reflexão aniquiladas pela marcha incessante e o vento, Moll morta, que mais poderia querer? Devo ser feliz, dizia consigo mesmo, é menos divertido do que imaginava. E ia cada vez mais para o lado da muralha, sem no entanto se aproximar demais pois era vigiada, procurando uma saída para a desolação de não ter ninguém nem nada, para a terra do pão rarefeito, dos abrigos rarefeitos, dos terrificados, para a negra alegria de passar só e vazio, não podendo nada, não querendo nada, através do saber, da beleza, dos amores. É o que ele expremia dizendo, Isso para mim chega, pois era simples, sem se curvar um único instante sobre aquilo que para ele chegava, nem compará-lo com o que já lhe bastara antes de perdê-lo, e para o qual ele diria de novo chega, quando o tivesse novamente, nem suspeitar que aquelas coisas cujo excesso se faz sentir tão freqüentemente, e que se honra de qualificações tão variadas, talvez não sejam em realidade senão uma única e mesma. Mas um outro se curvava por ele e punha friamente o sinal igual onde é preciso pôr, como se isso pudesse mudar alguma coisa. De modo que ele se podia contentar com este arquejo simples e bobo, Basta, basta, ao mesmo tempo que seguia lentamente sob a coberta da vegetação o contorno da muralha procurando nela uma brecha por onde passar, ajudando pela noite, ou pelas asperezas que lhe permitiam escalá-la. Mas a muralha era cheia e lisa e coroada de cocos verdes em toda a sua volta. Mas vejamos um pouco o portão, bastante largo para deixar passar dois grandes veículos ao mesmo tempo e flanqueado por duas casinholas encantadoras cobertas de vinha virgem e ambas habitadas por famílias numerosas, a julgar pelo bando de inocentezinhos que brincavam nas proximidades, perseguindo-se e soltando gritos agudos de alegria, de raiva e de dor. Mas o espaço cercava Macmann de todos os lados, e ele estava preso como em redes, com o infinito dos corpos mal se mexendo e se debatendo entre os quais essas crianças, essas casas, esse portão e os instantes corriam como exsudados das coisas num

grande fluxo confuso feito de ressudação e de torrentes, e apertadas umas contra as outras as coisas enredadas mudavam e morriam cada uma na sua solidão. Atrás da grade, na estrada, formas passavam que Macmann não podia identificar por causa das barras e depois por causa de tudo o que tremia e violentava em suas costas e a seus lados, por causa dos gritos, do céu, da terra o intimando a cair e de sua longa vida cega. Um vigia saiu de uma das casas prevenido por telefone provavelmente, vestido de branco, com uma coisa preta enorme na mão, uma chave. As crianças puseram-se de cada lado da passagem. De repente houve mulheres. Tudo se fixou e se calou. Os pesados batentes afastaram-se, repetindo o homem que recuou primeiro, depois deu meia-volta e atingiu precipitadamente a soleira. A estrada apareceu, branca de poeira, margeada de massas sombrias, fechada apenas uma parte por um céu estreito e cinza. Macmann deixou a árvore que o escondia e subiu a encosta, não correndo, pois ele só andava com dificuldade, mas o mais depressa que pudesse, curvado e mergulhando, ajudando-se com os troncos e galhos que se ofereciam para fazer com que avançasse. Pouco a pouco a bruma se renovou, e o sentido da ausência, e os cativos recomeçaram a cochichar cada um no seu foro interior, e foi como se não houvesse acontecido nada, nem aconteceria jamais.

Outros que não Macmann erravam da manhã à noite, vergando-se sob a pesada capa, nas raras clareiras, entre as árvores que escondiam o céu e nas altas samambaias onde pareciam nadadores. Só raramente aproximavam-se uns dos outros, o pequeno número que formavam queria que fosse assim, e a extensão do parque. Mas quando o acaso aproximava dois ou mais, bastante perto para que fossem prevenidos, então se apressavam em voltar atrás, ou sem ir até esse extremo, em mudar simplesmente de direção, como se tivessem vergonha de se mostrarem a seus semelhantes. Mas às vezes se roçavam uns nos outros sem parecer que o notavam, com a cabeça enfiada no amplo capuz.

Macmann tomava conta dele e olhava de vez em quando o retrato que Moll lhe havia dado, era antes um daguerreótipo talvez. Ela estava em pé ao lado de uma cadeira e agarrava com as mãos suas longas tranças. Subsistiam, atrás dela, vestígios de uma espécie de caramanchão onde trepavam flores, rosas com certeza, elas gostam de trepar. Ao dar a Macmann essa lembrança ela tinha dito, Tinha quatorze anos, lembro-me bem desse dia, um dia de verão, era meu aniversário, depois levaram-me ao teatro de fantoches. Macmann lembrava-se destas palavras. O que ele preferia desta imagem, era a cadeira, cujo assento parecia ser de palha. Moll apertava os lábios com aplicação, a fim de esconder os grandes dentes salientes. As rosas também deviam ser bonitas, deviam perfumar o ar. Macmann rasgou esta foto finalmente e jogou os pedaços no ar, num dia de ventania. Dispersaram-se então embora submetidos todos às mesmas condições, dir-se-ia que com arrebatamento.

Quando chovia, quando nevava

É verdade. Certa manhã Lemuel, tendo ido ao salão antes de começar seu serviço, como o regulamento queria, encontrou espetada no quadro uma nota dizendo-lhe respeito. Grupo Lemuel, excursão às ilhas, se o tempo permitir, com a Sra. Pedale, partida 13 horas. Seus colegas o olhavam zombando e dando cotoveladas. Mas não ousavam dizer nada. Uma mulher disse contudo, Vão levá-lo de barco, o que desencadeou uma tempestade de risos tão forte que pares se formaram espontaneamente, abraçando-se, vacilando, e cada um rindo por cima do ombro de seu parceiro. Lemuel não era apreciado, isso se via. Mas teria ele gostado de ser? Tudo está aí. Ele rubricou a nota e foi embora. O sol mal se levantava, muito mal, e dava início ao que ia ser talvez, graças a ele, um belo dia de maio ou de abril, não de abril, talvez seja o *week-end* de Páscoa, passado por Jesus nos infernos. E talvez seja em homenagem deste último que a Sra. Pedale

tenha organizado, em benefício do grupo Lemuel, esta excursão às ilhas, que lhe ia custar caro, mas era uma mulher rica e que adorava fazer o bem e trazer um pouco de alegria aos menos afortunados do que ela, que tinha seu juízo perfeito e a quem a vida tinha sorrido ou melhor, para empregar sua própria expressão, devolvido seu sorriso, amplificando-o, como um espelho convexo ou côncavo, não sei. Lemuel fixou o sol com aversão, aproveitando-se da atmosfera terrestre que filtrava o brilho dos raios. Ele se encontrava então no seu quarto, no quarto ou no quinto andar, de onde repetidas vezes ele poderia ter-se jogado com toda a segurança pela janela se não tivesse tido mais firmeza de caráter. O longo tapete de prata estava alí, terminando-se em ponta, tremendo através do mar calmo, de um belo estampado. O quarto era pequeno e completamente vazio, pois Lemuel dormia diretamente no chão e aí também repousava nos intervalos menores, ora num lugar e ora noutro. Mas se trata mesmo de Lemuel e de seu quarto. A Sra. Pedale não era a única a se interessar desta forma pelos protegidos de São João os joanistas como com bonomia chamavam-lhe localmente, não era a única a lhes proporcionar passeios de dois em dois anos em média na terra e no mar em lugares reputados pela sua beleza ou sua grandeza e até divertimentos internos como as sessões de prestidigitação e de ventriloquismo ao luar na varanda, mas ela era seguida por outras senhoras que tinham o mesmo ponto de vista e ricas como ela em lazeres e em recursos. Mas é mesmo a Sra. Pedale. É verdade. Lemuel chegou às cozinhas com dois baldes um dentro do outro. Uma grande animação reinava lá dentro. Seis sopas para saída, grunhiu. O quê, disse o cozinheiro. Seis sopas para saída! Uivou Lemuel, jogando seus baldes contra o forno, sem contudo largar as alças, pois ele conservava suficiente sangue frio para não querer ter de se abaixar para apanhá-los. Um grande silêncio se fez. Está bem, está bem, disse o cozinheiro. A diferença entre uma sopa para saída e uma sopa comum ou da casa consistia em que esta era inteiramente líquida, enquanto que aquela continha

um pedaço de toucinho, isso com a finalidade de alimentar as forças dos excursionistas até à volta. Depois de ter enchido o balde Lemuel se retirou num lugar afastado, arregaçou sua manga até o cotovelo, retirou do fundo do balde um após outro os seis pedaços de toucinho, e o seu e os cinco outros, comeu-os até a pele exclusivamente e tornou a jogar esta última, depois de a ter lambido, na sopa. Coisa curiosa, mas em suma não tanto, tinham-lhe servido seis sopas para saída ou extra apenas a seu pedido, sem intimá-lo a justificá-lo. Os quartos dos cinco eram distantes uns dos outros e dispostos de modo tão astucioso que Lemuel jamais compreendera como devia proceder a fim de visitá-los sucessivamente com o mínimo de cansaço e de irritação. No primeiro um jovem, morto jovem, sentado numa velha cadeira de balanço, com a camisa levantada e as mãos nas coxas, poderia parecer estar dormindo se seus olhos não estivessem arregalados. Não saía nunca, a não ser que fosse obrigado por uma ordem vinda do alto, e então era preciso acompanhá-lo, para forçá-lo a avançar. Seu vaso estava vazio, enquanto que na sua marmita a sopa da véspera estava coagulada. O inverso teria sido menos surpreendente. Mas Lemuel já estava habituado com isso, ao ponto de não mais se perguntar de que este personagem se alimentava. Esvaziou a marmita no balde vazio e com o balde cheio encheu-a com sopa fresca. Depois foi embora, com um balde em cada mão, enquanto que até agora uma única tinha bastando para carregar todos os dois. Fechou a porta à chave atrás de si, por excesso de precaução, por causa da saída. O segundo quarto, a quatrocentos ou quinhentos passos do primeiro, guardava um ser que não tinha de verdadeiramente notável senão a sua altura, sua rigidez e seu ar de quem procura alguma coisa perguntando-se o que poderia ser. Nada nele indicava a idade que podia ter nem se era maravilhosamente conservado ou pelo contrário prematuramente fenecido. Chamavam-no o inglês, embora estivesse longe de sê-lo, talvez porque se exprimisse em inglês de vez em quando. Sem deixar sua camisa tinha-se envolvido nas suas duas cobertas como

em cueiros, e por cima desse casulo tinha vestido sua capa que apertava friorentamente sobre si, com uma mão só, pois tinha necessidade da outra para ajudá-lo na sua inspeção de tudo o que lhe parecia suspeito. Seus pés em compensação estavam nus. Good-morning, good-morning, good-morning, disse ele, com um forte sotaque estrangeiro, lançando em volta dele olhares perscrutadores, fucking awful business this, no, yes? Talvez tivesse medo de trair seu pensamento. Bruscos impulsos logo reprimidos afastavam-no insensivelmente de seu melhor posto de observação situado no meio do quarto. What! exclamou. Sua sopa, visitada sem dúvida gota a gota, tinha passado tal como era para o vaso. Ansiosamente ele olhou Lemuel fazer o necessário, esvaziar e encher. Dreamt all night of that bloody man Quin again, disse. Fazia parte dos seus hábitos saïr de vez em quando. Mas ao fim de alguns passos parava, vacilando, voltava com pressa o seu quarto, desvairado por tanta opacidade.

No terceiro um pequeno magro ia e vinha com vivacidade, com sua capa dobrada no braço, com um guarda-chuva na mão. Bela cabeleira, branca e sedosa. Fazia-se perguntas a voz baixa, refletia, respondia. A porta mal se abria precipitava-se para atravessá-la. Com efeito passava seus dias a percorrer o parque em todas as direções. Sem largar seus baldes Lemuel fê-lo rolar no chão com um empurrão que deu com o ombro. Refeito de seu espanto, sem se levantar, apertando contra si a capa e o guarda-chuva que não tinha largado pôs-se a chorar. No quarto quarto um enorme barbudo disforme cuja única ocupação, intermitente, era a de se coçar. Sentado de esquelha em cima de seu travesseiro, colocado no chão debaixo da janela, com a cabeça inclinada, os olhos fechados, a boca aberta, as pernas afastadas, os joelhos levantados, apoiando-se com uma mão no chão enquanto que a outra ia e vinha embaixo da camisa, ele esperava a sopa. Sua marmita cheia, parando de se coçar estendeu a mão para Lemuel, com a esperança quotidianamente frustrada de poupar um deslo-

camento. Gostava ainda da sombra e do segredo das samambaias, mas nunca ia lá. Porquanto o jovem, o Inglês, o magro e o barbudo. Não sei se eles mudaram, não me lembro mais. Quanto aos outros, que me perdoem. No quinto Macmann, adormecido.

Algumas linhas para lembrar-me que eu também subsisto. Não vieram mais. Quanto tempo desde minha visita? Não sei. Muito tempo. E eu. Inegavelmente moribundo, ponto final. De onde esta certeza? Tenta refletir. Não posso. Grandioso sofrimento. Incho. E se estourasse? O teto aproxima-se, afasta-se, em cadência, como quando eu era feto. Igualmente é de se assinalar um grande barulho de águas, fenômeno *mutatis mutandis* análogo talvez ao da miragem, no deserto. Janela. Não a verei mais, encontrando-me com pesar na impossibilidade de virar a cabeça. Luz de novo saturniana, bem compacta, atravessada de turbilhões, cavando-se como funis profundos de fundo claro, ou deveria dizer o ar, luz aspirante. Tudo está pronto. Menos eu. Nasço na morte, se ousar dizer. Tal é a minha impressão. Estranha gestação. Os pés já saíram, da grande boceta da existência. Apresentação favorável espero. Minha cabeça morrerá por último. Cole as mãos no corpo. Não posso. A dilacerante dilacerada. Quando minha estória parar viverei ainda. Desencontro que promete. Acabou para mim. Não direi mais eu.

Com toda a sua comitiva, que depois de quase duas horas de esforços ele tinha conseguido reunir inteirinha, Lemuel esperava na varanda a chegada da Sra. Pedale. Ele tinha feito tudo sozinho, Pat tinha recusado a ajudá-lo. Uma corda ligava, pelo calcanhar, de um lado o jovem magro, do outro o Inglês ao barbudo, e Lemuel segurava Macmann pelo braço. Era Macmann com efeito, furioso de ter sido trancado a manhã inteira e não compreendendo nada do que queriam com ele, cuja resistência tinha sido a mais viva. Ele tinha notadamente recusado sair sem seu chapéu, com uma energia tão

selvagem que Lemuel, esgotado por tantos preparativos, tinha terminado por lhe dizer que ele poderia conservá-lo sob a condição de dissimulá-lo bem em baixo de seu capuz. Nem por isso Macmann deixava de ficar agitado e rabujento, tentando tirar seu braço e repetindo, Deixe-me!. Deixe-me! Ver-se como alvo de disposição e de precauções incompreensíveis, na companhia de outros miseráveis ligados dois a dois pelo calcanhar, isso o deixava nervoso! O jovem, que o sol fazia sofrer, tentava frouxamente tomar o guarda-chuva do magro, dizendo, Pa'sol! Pa'sol! O magro lhe tacava tapas petulantes nas mãos e no antebraço. Malvado! exclamou. Socorro! O barbudo tinha jogado os braços em volta do pescoço do Inglês e se pendurou, com as pernas moles. O Inglês, titubeando, orgulhoso demais para cair, pedia sem raiva explicações. Who is this shite anyway, dizia, any of you poor buggers happen to know. Um pouco de modos, dizia sonhadoramente de vez em quando o diretor, ou seu delegado, igualmente presente. Estavam sozinhos na grande varanda. Teria ela temido uma mudança de tempo? disse o diretor. Acrescentou, virando-se para Lemuel, Estou fazendo-lhe uma pergunta. O céu não tinha nvens, o ar imóvel. Onde está o belo jovem com barba de Cristo? Mas neste caso ela não teria telefonado? disse o diretor.

O carroção. Na boléia a Sra. Pedale ao lado do cocheiro. Num dos bancos, dispostos paralelamente à marcha, Lemuel, Macmann, o Inglês e o barbudo. Macmann tem também uma espécie de barba. E depois? No outro, frente a eles, o magro, o jovem e dois colossos com roupa de marinheiro. Ao passarem pelo portão as crianças aplaudiram. Uma descida brusca, longa e íngreme, fez o coche mergulhar em direção ao mar. Presas pelo torno dos freios as rodas deslizavam mais do que rodavam e os cavalos, tropeçando, empinavam-se contra o impulso. A Sra. Pedale agarrava-se à boléia, com o corpo lançado para frente. Era uma mulher grande, grossa e gorda. Margaridinhas artificiais com o miolo de um amarelo muito vivo jorravam de seu chapéu de palha de largas

abas. Ao mesmo tempo, atrás de um veuzinho de bolas do tamanho de pastilhas, seu rosto vermelho e rechonchudo parecia pulular. Os passageiros, deixando-se tomar por uma inércia comum na inclinação dos bancos tinham-se derrubado todos juntos embaixo do banco. Ponham-se para trás! gritou a Sra. Pedale. Ninguém se mexeu. Que adiantaria? disse um dos marinheiros. Nada, disse o outro. Será preciso fazer com que eles desçam? disse a Sra. Pedale ao cocheiro. Na volta vai ser preciso, respondeu ele. A descida vencida enfim, a Sra. Pedale virou-se afavelmente para seus convidados. Coragem, rapazes, disse ela, para mostrar que não era orgulhosa. Ganhando velocidade a carruagem avançava aos solavancos. O barbudo jazia entre os dois bancos, em cima das tábuas. É você o responsável? disse a Sra. Pedale. Um dos marinheiros inclinou-se para Lemuel e disse, Estão perguntando se você é o responsável. Deixe-me em paz, disse Lemuel. O Inglês lançou um uivo em que a Sra. Pedale, na espreita do menor sinal de animação, achou bom ver uma manifestação de alegria. Isso mesmo! Cantem! exclamou. Aproveitem este lindo dia! Esqueçam suas preocupações durante algumas horas! E ela entoou:

Viva a mais bela estação
Que na luz das flores se esmera
O sol no horizonte é canção
E festejando a primavera
Você enfim se mostra
Viva

Calou-se, desanimada. Mas que é que eles têm, disse. O jovem, menos jovem do que há pouco, dobrado em dois, com a cabeça envolvida nas abas de sua capa, parecia estar vomitando. Suas pernas, magras e tortas ao exagero, chocavam-se uma com a outra ao nível do joelho. O pequeno, magro, tiritante, embora em princípio fosse o Inglês o tiritador, tinha recomeçado seu diálogo. Imóvel e recolhido entre as vozes,

ele as reforçava com gestos apaixonados que o guarda-chuva ampliava. E você?... Obrigado... E você?... Mas que é isso!... É verdade... A direita?... Tentemos... Voltemos... Para onde?... Está chovendo... Não... Voltemos... Para onde?... À esquerda... Tentemos... Estão sentindo o cheiro do mar, meus filhos? disse a Sra. Pedale. Eu estou sentindo. Macmann tentou em vão lançar-se para fora. Lemuel tirou uma machadinha de debaixo de sua capa e bateu com ela repetidas vezes no próprio crânio, do lado contundente, por precaução. Passeio bacana, disse um dos marinheiros. Legal, disse o outro. Sol céu. Ernest, passe os bolinhos, disse a Sra. Pedale.

A chalupa. Lugar, como no carroção, para duas vezes mais gente, três vezes, quatro vezes, apertando. Uma terra afastava-se, uma outra aproximava-se, ilhas grande e pequena. Apenas o barulho dos remos, dos botes, do mar azul contra a querena. A Sra. Pedale, sentada atrás, caída na tristeza. Que beleza, murmurou. Sozinha, incompreendida, boa, boa demais. Tirando a luva arrastava na água transparente sua mão carregada de safiras. Quatro remos, sem leme, os remos governam. O que dizer dos remos? Nada. Estão aqui, cada um como pode, como pode estar em algum lugar. Lemuel olha as montanhas altearem atrás dos campanários com flecha do porto, ou melhor são

Ou melhor são colinas. Elevam-se suavemente, azuladas, fora da planície confusa. Foi ali em algum lugar que ele nasceu, numa bela casa, de pais bons. Lá em cima há a urze e o junco, com as quentes flores de ouro, que chamam também de giesta. Os martelos dos quebradores de granito fazem um barulho de sinetas da manhã à noite.

A ilha. Ainda um esforço. Ela é pequena, comida pelas angras do lado do mar. Poder-se-ia viver ali, talvez fosse até bom viver alí, se a vida fosse uma coisa possível, mas nin-

guém vive ali. A água profunda vem até às suas partes mais secretas, entre altas paredes rochosas. Um dia não haverá senão duas ilhas, separadas por um abismo, estreito primeiramente, depois cada vez mais largo à medida que se debulham os séculos, duas ilhas, duas rochas, dois recifes. Torna-se difícil nestas condições falar dos homens. Venha, Ernest, disse a Sra. Pedale, vamos procurar um lugar para fazer um pic-nic. E você, Maurice, acrescentou, fique perto do barco. Ela chamava a isso um barco. O magro tinha vontade de correr toda a Ilha, mas o jovem se tinha deitado à sombra de um rochedo, e isso fazia com que se parecesse, um pouco menos orgulho, com Sordello, que parecia, este último, com um leão em repouso, e se agarrava a ela. Coitados, disse a Sra. Pedale, soltem-nos. Como Maurice dispunha-se a obedecê-la Lemuel disse, Deixem. O barbudo tinha recusado abandonar a chalupa, o que obrigava o Inglês a ficar alí também. Macmann também não estava livre, pois Lemuel o segurava pela cintura e o apertava contra ele com um gesto quase afetuoso. Finalmente é você o responsável, disse a Sra. Pedale. Ela afastou-se com Ernest. Subitamente voltou-se e disse, Sabem que há vestígios

druídicos na ilha? Seus olhos iam de um a outro. Quando já nos tivermos restaurado, disse, nós os procuraremos, não? Ela retomou o seu caminho, seguido por Ernest segurando a cesta com o braço. Quando desapareceram Lemuel deixou Macmann, aproximou-se por trás de Maurice, que, sentado numa pedra, estava enchendo seu cachimbo, e matou-o a golpes de machado, ou melhor de machadinha. Está progredindo, está progredindo. O jovem e o barbudo não disseram nada. O magro teve um gesto curioso, o de quebrar seu guarda-chuva no rochedo. Macmann tentou de novo fugir, mas de novo em vão. O Inglês exclamou, inclinando-se para frente e batendo-se nas coxas, Nice work, sir, nice work! Um pouco mais tarde Ernest voltou para buscá-los. Passando-lhe a frente Lemuel o matou por sua vez, da mesma maneira que ao outro.

Apenas foi um pouco mais demorado. Dois bons sujeitos, pacíficos, inofensivos, cunhados até, bichos como existem bilhões. Enorme cabeça de Macmann. Ele pôs o seu chapéu. O sol declinava para as monhanhas. A voz da Sra. Pedale, chamando, fez-se ouvir. Ela apareceu, alegre. Venham, venham todos, exclamou, tudo está pronto. Mas à vista dos falecidos marinheiros ela desmaiou, o que a fez cair. Smash her! uivou o Inglês. Ela tinha levantado o seu veuzinho e segurava com uma das mãos um minúsculo sanduiche. Deve ter quebrado algum osso ao cair, os quadris talvez, as senhoras deslocam facilmente os quadris, pois logo que voltou a si pôs-se a gemer, como se só houvesse ela na terra inteira digna de piedade. Quando o sol desapareceu, atrás da montanha, e que as luzes do porto puseram-se a piscar, então Lemuel fez subir na barca Macmann e os outros dois, e subiu ele também e afastaram-se da margem, todos os seis.

Glu-glu de escoamento.

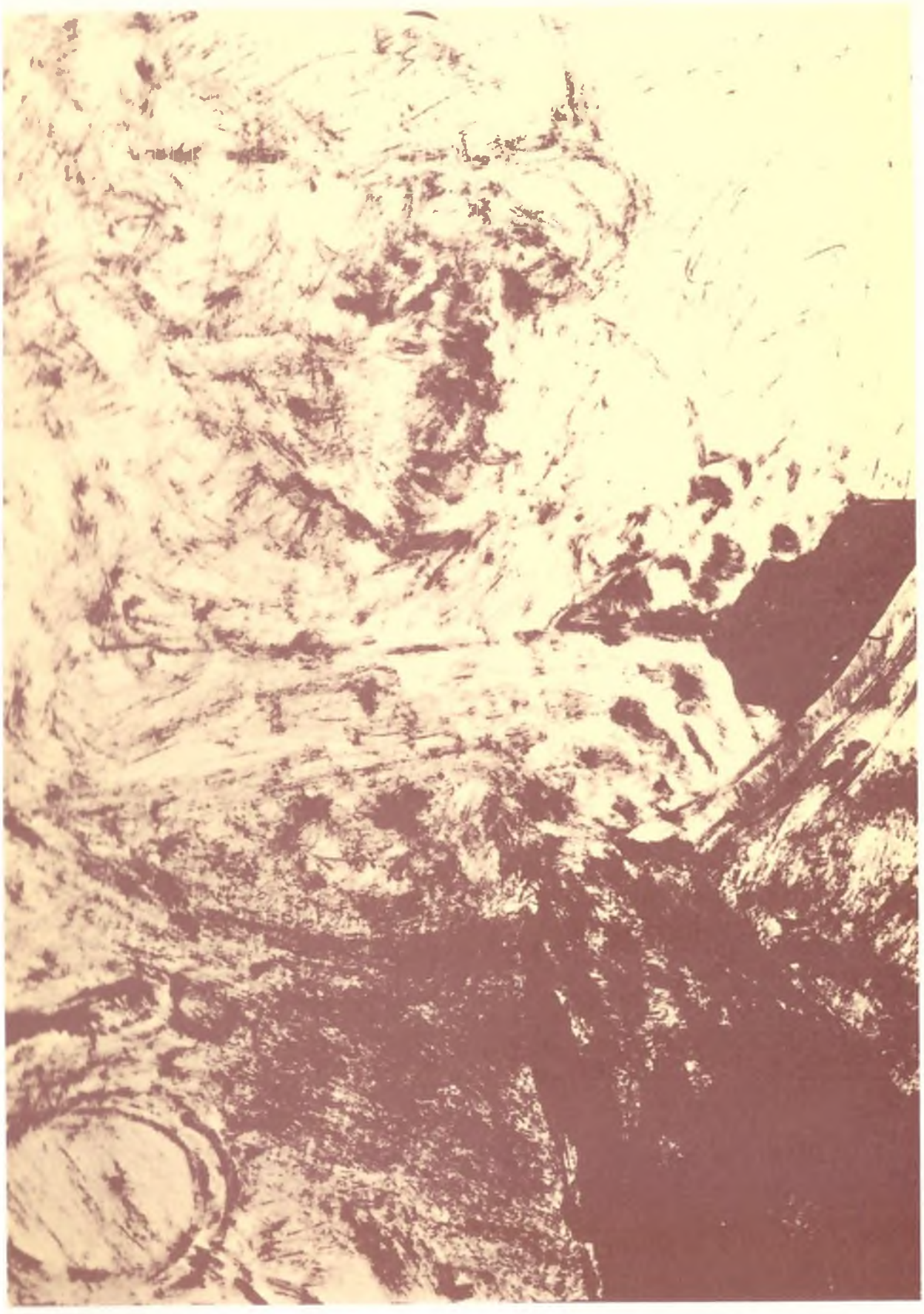
Esse emaranhado de corpos acinzentados, são eles. São apenas, na noite, um único monte, silencioso, mal visíveis, agarrando-se talvez uns aos outros, suas cabeças cegas em suas capas. Estão longe da baía, Lemuel não rema mais, os remos arrastam na água. A noite está semeada de absurdos

luzes absurdas, as estrelas, os faróis, as bóias, as luzes da terra e na montanha os fracos fogos da giesta que queima. Macmann, meu último, minhas posses, não esqueço, também está ali, talvez dormindo. Lemuel

Lemuel é o responsável, ele levanta seu machado, onde o sangue não secará nunca, mas não é para atingir ninguém, não atingir ninguém, não atingirá mais ninguém, não tocará nunca mais em ninguém, nem com ela nem com ela nem com nem com nem

nem com ela nem com seu martelo nem com sua bengala nem com sua bengala nem com seus punhos nem com sua bengala nem com nem em pensamento nem em sonho quero dizer nunca mais ele tocará nunca.

nem com o seu lápis nem com sua bengala nem
nem luzes luzes quero dizer
nunca pronto ele não tocará nunca
não tocará nunca
eis jamais
eis eis
mais nada



DIAS FELIZES

PERSONAGENS

Winnie, a cinqüentona

Willie, o sexagenário

ATO PRIMEIRO

Extensão de terra queimada estufando-se ao centro como um pequeno monte. Encostas suaves à esquerda e à direita e no proscênio. Atrás, uma queda mais brusca no nível do palco. Máximo de simplicidade e de simetria.

Luz ofuscante.

Um pano de fundo em "trompe-l'oeil" de muito mau gosto representa o ponto de fuga e o encontro ao longe de um céu sem nuvens com uma planície desnuda.

No monte, exatamente no centro, enterrada até um pouco acima da cintura, WINNIE. *Uns cinqüenta anos, com sobras de beleza, de preferência loura, gorduchinha, braços e ombros nus, blusa muito decotada, seios abundantes, colar de pérolas. Ela dorme, os braços sobre o monte, a cabeça sobre os braços. A seu lado, à esquerda, uma grande bolsa preta, tipo sacola, e à direita uma sombrinha de haste embutível e embutida, da qual só se vê o cabo em forma de bico de pato.*

À direita, atrás, estendido no chão, adormecido, escondido pelo monte, WILLIE.

Pausa longa. Uma campainha estridente toca, cinco segundos, pára. Winnie não se mexe. Campainha mais estridente, três segundos. Winnie acorda. A campainha pára. Ela levanta a cabeça, olha para frente. Pausa longa. Ergue o corpo, apóia as palmas das mãos sobre o monte, inclina a cabeça para trás e fixa o zênite. Pausa longa.

WINNIE. — *(Olhando fixamente o zênite).* Mais um dia divino. *(Pausa. Torna a colocar a cabeça na vertical, olha para frente. Pausa. Junta as mãos, leva-as à altura do seio, fecha os olhos. Uma prece inaudível move seus lábios, cinco segundos. Os lábios se imobilizam, as mãos permanecem unidas. Baixinho.)* Jesus Cristo, Amém. *(Os olhos se abrem, as mãos se desunem, retomam seu lugar sobre o monte. Pausa. Junta de novo as mãos, levanta-as de novo à altura do seio. Uma quase prece inaudível move de novo seus lábios, três segundos. Baixinho.)* Século dos séculos, Amém. *(Os olhos se abrem, as mãos se desunem, retomam seu lugar sobre o monte. Pausa.)* Comece, Winnie. *(Pausa.)* Comece seu dia, Winnie. *(Pausa. Ela se vira para a bolsa, remexe-a sem movê-la do lugar, tira de dentro uma escova de dentes, remexe-a de novo, tira um tubo de pasta de dentes já vazio, vira de frente, torce a tampinha do tubo, põe a tampinha sobre o monte, e espreme com dificuldade um pouco de pasta na escova, conserva o tubo numa das mãos e escova os dentes com a outra. Vira-se pudicamente, inclinando-se para trás e para a direita, a fim de cuspir atrás do monte. Assim ela pode ter Willie sob os olhos. Cospe, depois inclina-se um pouco mais.)* Uh Uh! *(Pausa. Mais alto.)* Uh Uh! *(Pausa. Volta-se outra vez de frente sorrindo com ternura. Larga a escova.)* Pobre Willie — *(Examina o tubo, fim do sorriso)* — não vai durar muito — *(procura a tampinha)* — enfim — *(apanha a tapinha)* — não se pode fazer nada — *(atarracha*

a tampinha) — não é tão grave assim — *(larga o tubo)* — mais uma vez — *(vira-se para a bolsa)* — não há remédio — *(remexe na bolsa)* — é não há mesmo — *(tira um espelhinho, torna a virar-se de frente)* — Pois é — *(examina os dentes no espelho)* — coitado do meu Willie — *(examina com o polegar os incisivos superiores, voz indistinta)* — Senhor! — *(ela levanta o lábio superior para examinar as gengivas, da mesma forma)* — Meu Deus! — *(Ela puxa um canto da boca, aberta, da mesma forma.)* — Enfim — *(o outro lado, da mesma forma)* — nem pior — *(pára de examinar, voz normal)* — nem melhor, nem pior — *(larga o espelho)* — nenhuma mudança — *(enxuga os dedos na relva)* — nenhuma dor — *(procura a escova de dentes)* — quase nenhuma — *(pega a escova)* — isso é que é maravilhoso — *(examina o cabo da escova)* — nada de melhor — *(examina o cabo, lê)* — pura . . . o quê? — *(Pausa.)* — o quê? — *(larga a escova)* — pois é — *(vira-se para a bolsa)* — pobre Willie — *(remexe na bolsa)* — não tem mais gosto — *(remexe)* — para nada — *(tira uma caixa de óculos)* — nenhum objetivo — *(vira-se de frente)* — na vida — *(tira os óculos da caixa)* — coitado do meu Willie — *(larga a caixa)* — só serve para dormir — *(abre os óculos)* — dom maravilhoso — *(enfia os óculos)* — nada de melhor — *(procura a escova de dentes)* — na minha opinião — *(pega a escova)* — eu sempre disse — *(examina o cabo da escova)* — não o tivera eu! — *(examina o cabo, lê)* — legítima . . . pura . . . o quê? — *(larga a escova)* — dentro em breve cega — *(tira os óculos)* — enfim — *(larga os óculos)* — já vi o bastante — *(procura o lenço dentro da blusa)* — quem sabe — *(tira o lenço dobrado)* — há tanto tempo — *(desdobra o lenço sacudindo-o)* — que versos maravilhosos são esses? — *(enxuga um olho)* — que desgraçada eu sou — *(o outro olho)* — ver o que vejo — *(procura os óculos)* — pois é — *(pega os óculos com o lenço embaçando as lentes)* — não é tão certo assim — *(limpa)* — santa luz — *(limpa)* — negro mergulho — *(limpa)* — volta à superfície — *(limpa)* — fornalha de luz infernal. *(Pára de limpar, inclina a cabeça para trás, olha*

para o céu, torna a pôr a cabeça na vertical, recomeça a limpar, pára, inclina-se para trás e para a direita.) Uh Uh! *(Pausa. Sorrindo com ternura, vira-se outra vez de frente e recomeça a limpar. Fim do sorriso.)* Dom maravilhoso — *(pára de limpar, larga os óculos)* — não o tivera eu! — *(dobra o lenço dentro da blusa)* — não me posso queixar — *(procura os óculos)* — não, não — *(apanha os óculos)* — não me devo queixar — *(levanta os óculos diante dos olhos)* — tantas razões — *(olha através de uma lente)* — de reconhecimento — *(a outra lente)* — nenhuma dor — *(enfia os óculos)* — quase nenhuma — *(procura a escova de dentes)* — isso é que é maravilhoso — *(apanha a escova)* — nada de melhor — *(examina o cabo da escova)* — às vezes uma dorzinha de cabeça — *(examina o cabo, lê)* — garantida ... legítima ... pura ... o quê? — *(olha mais de perto)* — legítima pura... — *(pega a lenço dentro da blusa)* — pois é — *(desdobra o lenço sacudindo-o)* — ligeira enxaqueca vez ou outra — *(limpa o cabo da escova)* — vem — *(limpa)* — depois vai embora — *(limpa maquinalmente)* — pois é — *(limpa)* — tantas bondades — *(limpa)* — grandes bondades — *(pára de limpar, olhar fixo e vazio, voz que se quebranta)* — preces talvez não vãs — *(Pausa, da mesma forma)* — manhã — *(Pausa, da mesma forma)* — noite — *(abaixa a cabeça, recomeça a limpar, pára, levanta a cabeça, mais calma, limpa os olhos, dobra o lenço, torna a colocá-lo dentro da blusa, examina o cabo da escova, lê)* — solenemente... garantida... legítima... pura... — *(olha mais de perto)* — legítima pura... — *(tira os óculos, larga-os assim como a escova, olha para frente).* — Velhas coïsas. *(Pausa.)* Velhos olhos. *(Pausa longa.)* Continue, Willie. *(Olha à volta, detém-se na sombrinha, fixa-a longamente, apanha-a e puxa o cabo de um comprimento inesperado. Empunhando com a mão direita a ponta da sombrinha, inclina-se para trás e para a direita, por cima de Willie.)* Uh Uh! *(Pausa.)* Willie! *(Pausa.)* Dom maravilhoso. *(Dá-lhe uma pancada com o cabo da sombrinha.)* Não o tivera eu! *(Outra pancada. A sombrinha lhe escapa e cai atrás*

do monte. Logo lhe é devolvida pela mão invisível de Willie). Obrigada, meu bem. *(Passa a sombrinha para a mão esquerda, vira-se de frente e examina a palma da mão direita).* Úmida. *(Passa a sombrinha para a mão direita e examina a palma da mão esquerda.)* Afinal, nem pior. *(Levanta a cabeça, tom animado.)* Nem melhor nem pior, nenhuma mudança. *(Pausa. Da mesma forma.)* Nenhuma dor. *(Vira-se para trás para olhar Willie, segurando como antes a sombrinha pela ponta.)* Por favor, meu querido, seja bonzinho, não durma outra vez, eu poderia precisar de você. *(Pausa.)* Ora, não tem pressa, não tem pressa, só não se enrosque outra vez. *(Vira-se de frente, larga a sombrinha, examina as palmas das mãos ao mesmo tempo, limpa-as na relva.)* Talvez um pouco fora de forma, apesar de tudo. *(Volta-se para a bolsa, remexe, tira de dentro um revólver, mantem-no suspenso no ar, dá-lhe um beijo rápido, coloca-o de novo na bolsa, remexe, tira um vidrinho que contém um dedo de líquido vermelho, volta-se de frente, procura os óculos, enfia-os, lê a etiqueta.)* Queda de vitalidade... falta de energia... perda de apetite... bebês... crianças... adultos... seis colheres de chá... bem cheias... todos os dïas — *(levanta a cabeça, sorri)* — o velho estilo! *(fim do sorriso, ela torna a abaixar a cabeça, lê)* — todos os dias... antes e depois de cada refeição... melhora... *(olha mais de perto)* — instantânea. *(Tira os óculos, larga-os, olha o nível do líquido, desenrosca a tampa, esvazia o frasco num só trago, a cabeça bem jogada para trás, joga fora o frasco e a tampa para o lado de Willie, barulho de vidro quebrado.)* Ah! Agora estou melhor! *(Vira-se para a bolsa, remexe, tira de dentro um batom, volta-se de frente, examina-o.)* Não vai durar muito. *(Procura os óculos.)* Enfim... *(Enfia os óculos, procura o espelho.)* Nem me devo queixar. *(Pega o espelho, começa a pintar os lábios.)* Que verso admirável é este? *(Lábios.)* Oh! fugitivas alegrias — *(lábios)* — oh... tá-la lentas desgraças. *(Lábios. Um alvoroço do lado de Willie a interrompe. Ele faz tentativas para se pôr sentado. Ela afasta de seu rosto o espelho e o batom e*

inclina-se para trás para ver. Pausa. O crânio calvo de Willie, parte posterior, onde escorre um filete de sangue, aparece por cima da encosta do monte, imobiliza-se. Winnie coloca os óculos na testa. Pausa. A mão de Willie aparece, segurando um lenço, estende-o sobre o crânio, depois desaparece. Pausa. A mão reaparece, segurando um chapéu palhinha enfeitado com uma fita bicolor, ajusta-o no crânio graciosamente de lado, depois desaparece. Pausa. Winnie vira-se um pouco mais em sua direção.) Ponha a ceroula, querido, você vai torrar. *(Pausa.)* Não? *(Pausa.)* Ah, estou vendo, você ainda tem um pouco do meu produto. *(Pausa.)* Espalhe bem, meu tesouro. *(Pausa.)* O outro, agora. *(Pausa. Vira-se de frente, e olha diante de si. Expressão de felicidade.)* Ah, que belo dia ainda será este! *(Pausa. Fim da expressão de felicidade. Abaixa os óculos sobre o nariz e recomeça a pintar os lábios. Willie desdobra um jornal, mãos invisíveis. As páginas amareladas, parte superior, emolduram sua cabeça. Winnie termina de pintar os lábios, afasta um pouco o espelho e examina-os).* Boquinha fresca. *(Willie vira a página. Winnie larga o espelho e o batom e se vira para a bolsa.)* Boquinha empalidecida.

Willie vira a página. Winnie remexe a bolsa, tira de dentro um chapeuzinho tipo solidéu muito ridículo, pluma amarrotada virou-se de frente, endireita o chapeuzinho, alisa a pluma, começa a levá-lo à cabeça. Gesto interrompido pela voz de Willie.

WILLIE. — *(Lendo.)* Monsenhor Reverendíssimo Pai em Deus Carolus Mauser, morto na sua banheira.

(Pausa.)

WINNIE. — *(Olhando para a frente, chapéu na mão, tom de ardente reminiscência.)* Carlito Mauser! *(Pausa.)* Fecho os olhos — *(ela tira os óculos e fecha os olhos, chapeuzinho numa das mãos, óculos noutra)* — e estou de novo sentada no seu colo, no jardim da casa, em Barro-Novo debaixo

da acácia. *(Pausa. Abre os olhos, enfia os óculos, brinca com o chapeuzinho.)* Oh, que lindos dias de felicidade!

Pausa. Ela começa a levar o chapeuzinho à cabeça. Gesto interrompido pela voz de Willie.

WILLIE. — *(Lendo.)* Procura-se um rapaz esperto.

Pausa. Ela vai levando o chapeuzinho à cabeça, interrompe o gesto, tira os óculos, olha para a frente, óculos na mão, chapeuzinho na outra.

WINNIE. — Meu primeiro baile! *(Pausa.)* Meu segundo baile! *(Pausa. Fecha os olhos.)* Meu primeiro beijo! *(Pausa. Willie vira a página. Winnie abre os olhos.)* Um fisio ou mecanoterapeuta Olíveira... ou Pereira... talvez Macieira, o que também é possível. Bigodes ruivos bem cheios. *(Reverentemente.)* Reflexos cenoura *(Pausa.)* Na cabana do jardineiro, mas onde, mistério. Não havia nenhuma cabana de jardineiro, lá em casa, e na casa dele, estou bem certa, nem sombra de cabana de jardineiro. *(Fecha os olhos.)* Parece que estou vendo as pilhas de vasos de flores. *(Pausa.)* Os molhos de cebolinhas *(Pausa.)* A sombra se adensando entre as vigas.

Pausa. Ela abre os olhos, enfia os óculos, leva o chapeuzinho em direção à cabeça. Gesto interrompido pela voz de Willie.

WILLIE. — *(Lendo.)* Encantador conjugado calmo ensolarado.

Pausa. Winnie põe rapidamente o chapeuzinho, procura o espelho. Willie vira a página. Winnie pega o espelho, examina o chapéu, larga o espelho, vira-se para a bolsa. O jornal desaparece. Winnie remexe na bolsa, tira de dentro uma

lupa, vira-se de frente, procura a escova de dentes. O jornal torna a aparecer, dobrado e abana o rosto de Willie, mão invisível. Winnie pega a escova de dentes e examina o cabo com a lupa.

WINNIE. — Solenemente garantida... *(Willie pára de se abanar)*... legítima... pura... *(Pausa. Willie recomeça a se abanar.)*... cerda de ... *(Willie pára de se abanar)*... cerda de... porco. *(Pausa. Winnie larga lupa e escova. O jornal desaparece. Winnie tira os óculos, larga-os, olha para a frente.)* Cerda de porco. *(Pausa.)* É isso que eu acho maravilhoso, não se passa um único dia — *(sorriso)* — o velho estilo! — *(fim do sorriso)* — ou quase, sem algum enriquecimento do saber, por menor que seja, o enriquecimento quero dizer, por menos que nos esforcemos. *(A mão de Willie reaparece, segurando um cartão postal que ele examina muito de perto.)* E se por razões obscuras nenhum esforço é mais possível, então só resta fechar os olhos — *(fecha-os)* — e esperar que venha o dia — *(abre os olhos)* — o lindo dia em que a carne se desmanche a tantos graus e a noite da lua dure tantas centenas de horas. *(Pausa.)* É isso que eu acho tão reconfortante, quando perco a coragem e invejo os bichos que são estrangulados. *(Voltando-se para Willie.)* Espero que você não perca nada de — *(Ela vê o cartão postal, inclina-se mais ainda.)* Que é que você tem aí, Willie, dá licença? *(Estende o braço e Willie lhe entrega o cartão. O braço aparece por cima da encosta do monte e ficará assim, estendido, a mão aberta, até que o cartão seja devolvido.)* Céus! De que é que eles estão brincando? *(Procura os óculos, enfia-os, e examina o cartão.)* Não, mas é um legítimo puro lixo! *(Ela examina o cartão.)* É de dar vontade de vomitar — *(examina o cartão)* — a qualquer ser que se respeite. *(Impaciência dos dedos de Willie. Ela procura a lupa, pega-a e focaliza o cartão. (Pausa longa.)* E aquele ali, atrás, o terceiro, o que é que ele está tramando? *(Ela olha mais de perto)*. Não, com franqueza! *(Impaciência dos dedos de Willie. Último olhar*

prolongado. Larga a lupa, pega a beirinha do cartão entre o polegar e o indicador da mão direita, afasta o braço para a direita, vira a cabeça para a esquerda, aperta o nariz com o polegar e o indicador da mão esquerda.) Arf! *(solta o cartão)* Tire isso daqui *(O braço de Willie desaparece. A mão reaparece logo depois, segurando de novo o cartão. Winnie tira os óculos, larga-os, olha para a frente. Willie continua, durante o que segue, a se deleitar com o cartão, sob todos os ângulos, afastando-o ou aproximando-o dos olhos.)* Cerda de porco. *(Expressão perplexa.)* Na verdade o que é um porco? *(Pausa. Da mesma forma.)* Uma porca, isto sim, eu sei, mas um porco? *(Fim da expressão perplexa.)* Enfim, tanto faz, é o que eu digo sempre, ainda vai voltar, isto é o que eu acho maravilhoso, tudo volta. *(Pausa.)* Tudo? *(Pausa.)* Não, tudo não. *(Sorriso.)* Não, não. *(Fim do sorriso.)* Não totalmente. *(Pausa.)* Uma parte. Emerge, um belo dia, de um lugar qualquer. *(Pausa.)* Nuvens. *(Pausa.)* É isso que acho tão maravilhoso. *(Pausa. Vira-se para a bolsa. A mão de Willie desaparece com o cartão. Ela quer remexer na bolsa, interrompe o gesto.)* Não. *(Vira-se de frente. Sorriso.)* Não. Não. *(Fim do sorriso.)* Calma, Winnie. *(Olha para a frente. A mão de Willie torna a aparecer, retira o palhinha, desaparece com o palhinha.)* Quem então, *(A mão de Willie reaparece, retira o lenço, desaparece com o lenço. Com ar aborrecido, como a alguém que não presta atenção.)* Winnie! *(Willie inclina-se para frente, sua cabeça desaparece.)* Então, qual é a alternativa? *(Pausa.)* Qual é mesmo a al — *(Willie assoa o nariz longa e ruidosamente, cabeça e mãos invisíveis. Winnie vira-se para ele. Pausa. A cabeça de Willie desaparece. Pausa. A mão reaparece, segurando lenço estende-o sobre o crânio, depois desaparece. Pausa. A mão reaparece, segurando o palhinha, ajusta-o no crânio, graciosamente de lado, depois desaparece. Pausa.)* Quisera eu tê-lo deixado dormir. *(Vira-se de frente. Puxando distraidamente a relva, e abaixando e levantando a cabeça, anima o que segue.)* Ah, se ao menos eu pudesse suportar ficar sozinha, quero dizer,

ir soltando a minha lenga-lenga sem que alma viva me ouvisse. *(Pausa.)* Não que eu me iluda, você já não ouve lá muito bem, Willie, livre-me Deus. *(Pausa.)* Há dias em que você talvez não ouça nada. *(Pausa.)* Mas há outros em que você responde. *(Pausa.)* De modo que eu posso dizer a cada momento, mesmo quando você não responde e que talvez não ouça nada, Winnie, há momentos em que você se faz ouvir, você não fala sozinha completamente, quer dizer no deserto, coisa que eu nunca pude suportar — por muito tempo. *(Pausa.)* O que me permite continuar, continuar a falar entenda-se. Enquanto que se você viesse a morrer — *(sorriso)* — o velho estilo! — *(fim do sorriso)* — ou fosse embora me abandonando, o que faria eu então, que poderia eu fazer, o dia inteiro, quero dizer, desde o momento em que toca, para levantar, até o momento em que toca, para o sono? *(Pausa.)* Simplesmente olhar para frente, os lábios encolhidos? *(Pausa longa enquanto ela encolhe os lábios. Pára de puxar a relva.)* Nem mais uma palavra até o último suspiro, mais nada que rompa o silêncio destes lugares. *(Pausa.)* De quando em quando um suspiro no espelho. *(Pausa.)* Ou um breve... rosário de risos, uma vez que a aventura eu a achasse ainda boa. *(Pausa. Tem um sorriso que parece dever culminar em riso quando de repente cede a uma expressão de inquietude.)* Meus cabelos! *(Pausa.)* Já me terei penteado? *(Pausa.)* Talvez sim. *(Pausa.)* Normalmente eu o penteio. *(Pausa.)* Há tão poucas coisas que se possa fazer. *(Pausa.)* Faz-se de tudo. *(Pausa.)* Tudo o que se pode. *(Pausa.)* É simplesmente humano. *(Começa a examinar o monte levanta a cabeça.)* Simplesmente natureza humana. *(Recomeça a examinar o monte, levanta a cabeça.)* Simplesmente fraqueza humana. *(Recomeça a examinar o monte, levanta a cabeça.)* Simplesmente fraqueza natural. *(Recomeça a examinar o monte.)* Nenhum sinal de pente. *(Examina.)* Nenhum sinal de escova. *(Levanta a cabeça. Expressão perplexa. Vira-se para a bolsa, remexe dentro dela.)* O pente está aqui. *(Vira-se de frente. Expressão perplexa.)* Eu devo ter guardado, de-

pois de ter usado. *(Pausa. . Da mesma forma.)* Mas normalmente não guardo minhas coisas, depois de tê-las usado, não, deixo-as jogadas por aí, aqui, e as guardo todas juntas, no final do dia. *(Sorriso.)* O velho estilo! *(Pausa.)* O doce velho estilo! *(Fim do sorriso.)* E no entanto... parece-me... lembrar... *(De repente despreocupada.)* Oh, tanto faz, que importa, é o que eu digo sempre, é muito simples, eu me penterei mais tarde, muito simples, o tempo pertence a Deus e a mim. *(Pausa.)* A Deus e a mim... *(Pausa.)* Que expressão engraçada. *(Pausa.)* Será que se diz isso? *(Virando-se um pouco para Willie.)* Pode-se dizer isso, Willie, que o tempo pertence a Deus e a si? *(Pausa. Virando-se um pouco mais, mais alto.)* Você diria isso, Willie, que seu tempo pertence a Deus e a você?

Pausa longa.

WILLIE. — Durma

WINNIE. — *(Virando-se de frente, alegre.)* Ah ele vai me falar hoje. Ah que belo dia ainda virá a ser este. *(Pausa. Fim da expressão de felicidade.)* Mais um. *(Pausa.)* Bem, vejamos, onde estava eu? ah, sim, meus cabelos, mais tarde, eles me serão úteis mais tarde. *(Pausa)*. Eu pus — *(ela leva as mãos ao chapéu)* — é pus meu chapéu — *(abaixa as mãos)* — não posso retirá-lo agora. *(Pausa.)* Pensar que há momentos em que não se pode tirar o chapéu, mesmo que a vida dependa disso. Momentos em que não se pode pôr, momentos em que não se pode tirar. *(Pausa.)* Quantas vezes eu disse, ponha seu chapéu agora, Winnie, só lhe resta fazer isto, tire seu chapéu, Winnie, seja uma moça, isso lhe fará bem, e eu não o tirava. *(Pausa.)* Não podia tirá-lo. *(Levanta a mão, solta de debaixo do chapéu uma pequena mecha de cabelos, aproxima-a do olho, fica vesga olhando-a, larga-a, abaixa mão.)* De ouro, você disse, naquele dia, enfim sós, cabelos de ouro — *(ela levanta a mão num*

gesto de saudação) — a seus cabelos de ouro... possam eles nunca... *(a voz se quebranta)* nunca... *(Abaixa a mão. Abaixa a cabeça. Pausa. Baixinho.)* Naquele dia. *(Pausa. Da mesma forma.)* Que dia? *(Pausa. Levanta a cabeça. Voz normal.)* E agora? *(Pausa.)* As palavras nos abandonam, há momentos em que até elas nos deixam. *(Virando-se um pouco para Willie.)* Não é verdade, Willie? *(Pausa. Virando-se um pouco mais, mais alto.)* Não é verdade, Willie, que até as palavras nos deixam, por alguns momentos? *(Pausa. Vira-se de frente.)* Que é que podemos fazer então, até que elas voltem? Pentear-nos, se ainda não nos penteamos, ou em caso de dúvida, cuidar das unhas se elas precisam ser cuidadas, assim pode-se esperar. *(Pausa.)* É isso que quero dizer. *(Pausa.)* É tudo o que quero dizer. *(Pausa.)* É o que eu acho maravilhoso, que não se passa um único dia — *(sorriso)* — o velho estilo! — *(fim do sorriso)* — quase nenhum, sem algum mal — *(Willie desaba atrás do monte, Winnie vira-se para o incidente.)* — para um bem. *(Inclina-se ao máximo.)* Agora, volte ao seu buraco, Willie, você já se expôs demais. *(Pausa.)* Faça como eu digo, Willie, não fique escaparrachado aí, sob este sol de inferno, volte ao seu buraco. *(Pausa.)* Vamos Willie! *(Willie invisível começa a se arrastar para o buraco, lado do jardim.)* Em boa hora! *(Ela segue com os olhos a progressão.)* A cabeça primeiro, bobo, como você faria para viver? *(Pausa.)* Pronto... Meia-volta... agora... dê marcha-á-ré. *(Pausa.)* Ah, eu sei, meu querido, arrastar-se para trás, não é muito cômodo, mas somos recompensados, pelo nosso esforço, a final das contas. *(Pausa.)* Seu *cold-cream! (Ele se volta arrastando-se para procurá-lo, ela o segue com os olhos.)* A tampa! *(Ele se vira arrastando-se em direção ao buraco, ela o segue com os olhos. Aborrecida.)* A cabeça primeiro não, estou dizendo. *(Pausa.)* Mais à direita. *(Pausa.)* À direita, estou dizendo! *(Pausa. Aborrecida).* Mais baixo o trazeiro, ora bolas! *(Pausa.)* Agora *(Pausa.)* Pronto! *(Todas essas injunções com uma voz forte. Agora com a voz normal, sempre virada para ele.)* Você está me ouvindo

daí (*Pausa.*) Pelo amor de Deus, Willie, simplesmente sim ou não você está me ouvindo daí, simplesmente sim ou nada?

Pausa.

WILLIE. — (*Aborrecido.*) Sim.

WINNIE. — (*Voltando-se de frente, mesma voz.*) E agora?

WILLIE. — (*Irritado.*) Sim.

WINNIE. — (*Mais baixo.*) E agora?

WILLIE. — (*Ainda mais irritado.*) Sim!

WINNIE. — *(Ainda mais baixo.)* E aogra? *(Pausa. Um pouco mais alto.)* E agora?

WILLIE. — (*Violentamente.*) Sim!

WINNIE. — (*Mesma voz.*) Que eles chorem, meu Deus, que eles estremeçam de vergonha. (*Pausa.*) Você ouviu?

WILLIE. — (*Irritado.*) Sim.

WINNIE. — (*Mesma voz.*) O quê? (*Pausa.*) O quê?

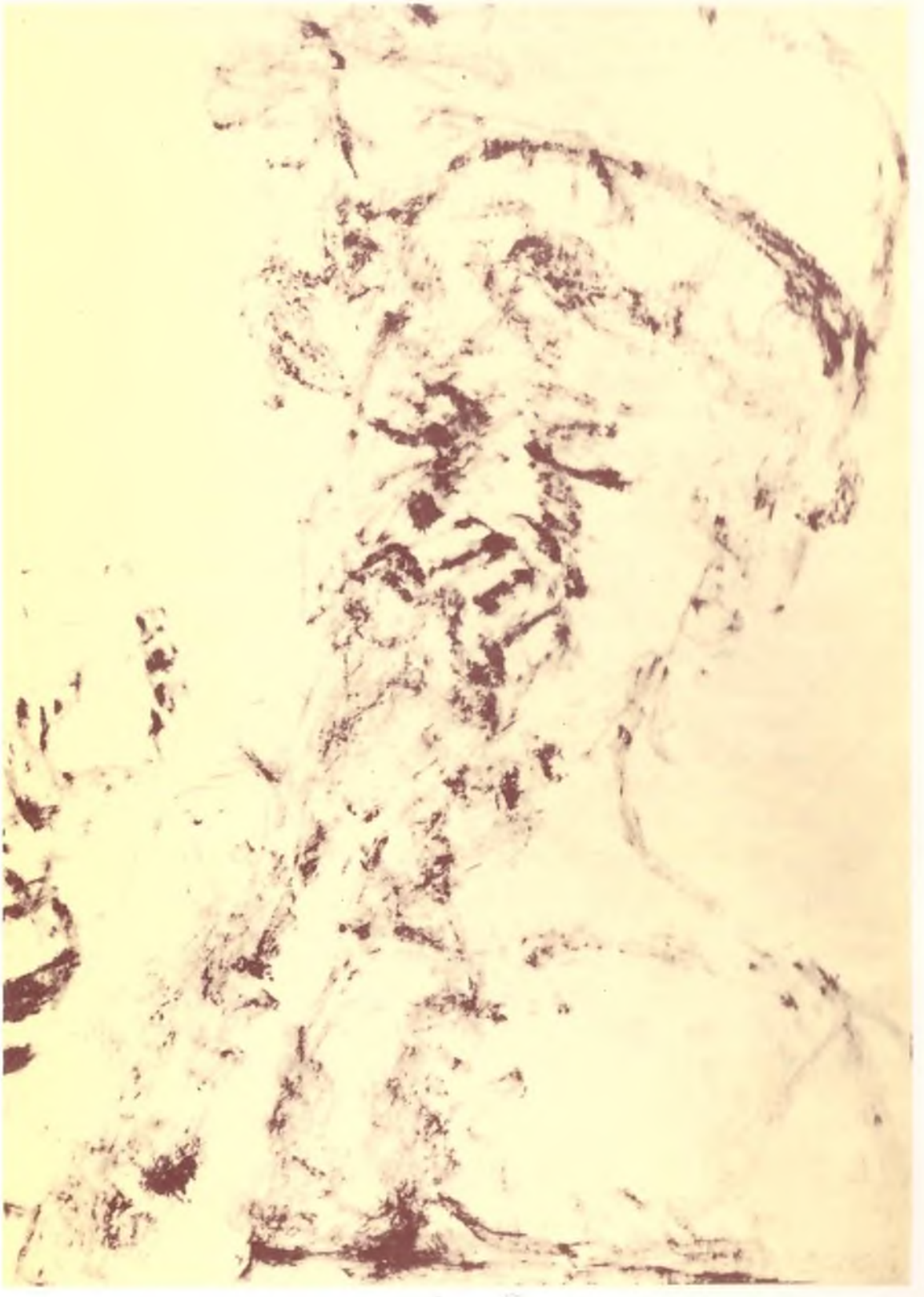
WILLIE. — *(Ainda mais irritado.)* Que eles estremeçam!

WINNIE. — (*Mesma voz.*) De quê? (*Pausa.*) Que eles estremeçam de quê?

WILLIE. — *(Violentamente.)* Que eles estremeçam!

WINNIE. — (*Voz normal, de um só fôlego.*) Deus o abençoe Willie, pela sua bondade, eu sei o esforço que tudo isto lhe custa, descanse agora, descontraia-se eu não o incomodarei mais a não ser que esteja acuada, quer dizer a não ser

que esgote minhas próprias possibilidades o que é pouco provável, simplesmente saber que você está aí, capaz até de me ouvir, mesmo que na verdade você não ouça é tudo o que eu preciso, simplesmente sentir que você está aí, ao alcance da voz e quem sabe se até alerta é tudo o que eu peço, não dizer nada feito para seus ouvidos ou susceptível de lhe causar pena, não estar aí emitindo a crédito por assim dizer sem saber e um verme que me rói. (*Pausa. Retoma o fôlego.*) A dúvida. (*Coloca o indicador e o médio na região do coração, procura o lugar, encontra.*) Aqui. (*Ela desloca levemente os dedos.*) por aqui. (*Afasta a mão.*) Ah, sem dúvida tempos virão em que eu não poderei acrescentar uma palavra sem a certeza de que você ouviu a última e depois outros sem dúvida outros tempos em que deverei aprender a falar sozinha coisa que eu nunca pude suportar um tal deserto. (*Pausa.*) Ou olhar para a frente com os lábios contraídos. (*Ela contrai os lábios.*) Durante o dia inteiro. (*Olhar fixo, lábios contraídos.*) Não. (*Sorriso.*) Não, não. (*Fim do sorriso.*) Há a bolsa, é claro. (*Vira-se para a bolsa.*) Haverá sempre a bolsa. (*Vira-se de frente.*) É isso, eu suponho. (*Pausa.*) Até quando você já tiver ido embora, Willie. (*Vira-se um pouco para ele.*) Você vai embora, não é Willie? (*Pausa. Virando-se um pouco mais para ele, mais alto.*) Dentro em breve você vai embora, não é Willie? (*Pausa. Mais alto.*) Willie! (*Pausa. Inclina-se para trás e para a direita para olhá-lo.*) Mas vejam, só, você tirou seu palhinha, muito prudente mesmo. (*Pausa.*) Você pode me ver daí? eu me pergunto, eu sempre me pergunto isso. (*Pausa.*) Não? (*Volta-se de frente*). Ah, eu sei, não é forçosamente necessário, quando dois seres estão juntos — (*a voz se quebranta.*) — desta maneira — (*voz normal*) — porque um vê o outro que o outro vê o um, a vida me ensinou isto também. (*Pausa.*) Sim, a vida, eu suponho, não há outro vocábulo. (*Vira-se um pouco para ele.*) Você poderia me ver, Willie, você acha de onde você está, se você levantasse os olhos para mim? (*Ela se vira um pouco mais.*) Levante os



olhos para mim, Willie, e diga se você pode me ver, faça isso por mim, já me inclino o máximo que posso. (*Ela se inclina. Pausa.*) Não? (*Pausa.*) Você não quer fazer isso por mim? (*Pausa.*) Bem, não faz mal. (*Vira-se de frente com muita dificuldade.*) A terra está apertada hoje, espero que eu não tenha engordado. (*Pausa. Distraidamente, olhos baixos.*) O grande calor, certamente. (*Põe-se a tamborilar e a acariciar a terra.*) Todas as coisas estão se dilatando. (*Pausa. Tamborila ao mesmo tempo que acaricia.*) Umas mais. (*Pausa. Da mesma forma.*) Outras menos (*Pausa. Da mesma forma.*) Ah, eu bem posso imaginar o que você está ruminando, ora essa, já não bastava ter de ouvi-la, e ainda por cima olhá-la agora. (*Pausa. Da mesma forma.*) Pois bem é muito compreensível. (*Pausa. Da mesma forma.*) O que há de mais compreensível. (*Pausa. Da mesma forma.*) Tem-se a impressão de que não se pede muita coisa, até nos momentos em que parece quase impossível — (*a voz se quebranta.*) — pedir menos... a um semelhante... é o mínimo que se pode dizer... enquanto que na verdade... quando se pensa nisso... vê seu coração... vê o outro... o que ele precisa... a paz... que o deixem em paz... então talvez a lua... todo este tempo... a esmolar a lua. (*Pausa. De repente a mão se imobiliza. Com vivacidade.*) Mas olhe! O que é que estou vendo aqui? (*Inclinando a cabeça para a terra, incrédula.*) Parece vida. (*Ela procura seus óculos, enfia-os, olha mais de perto. Pausa.*) Uma formiga! (*Recua. Voz aguda.*) Willie, uma formiga, viva! (*Procura a lupa, pega-a, aponta-a para a formiga.*) Fugiu! (*Paula.*) Ar, ei-la de novo! (*Segue a marcha da formiga na relva.*) Tem uma espécie de bolinha branca nos braços. (*Segue a marcha. A mão se imobiliza.*) Ela se enterrou! (*Continua durante um momento a olhar o lugar com a lupa, depois levanta o corpo lentamente, deixa a lupa, tira os óculos e olha para a frente, óculos na mão. Baixinho.*) Como uma bolinha branca.

Pausa. Esboça o gesto de largar os óculos.

WILLIE. — Ovos.

WINNIE. — (*Interrompendo o gesto.*) O quê?

Pausa.

WILLIE. — Ovos. (*Pausa. Winnie, mesmo gesto.*) Formicação.

WINNIE. — (*Interrompendo o gesto.*) O quê?

Pausa.

WILLIE. — Formicação.

(*Pausa. Winnie larga os óculos, olha para a frente.*)

WINNIE. — (*Murmúrio.*) Deus Meu! (*Pausa. Willie ri docemente. Pausa. Ela ri com ele. Riem os dois juntos docemente. Willie pára. Winnie ri sozinha. Pausa. Willie ri com ela. Riem juntos. Ela pára. Willie ri sozinho. Pausa. Ele pára. Pausa. Voz normal.*) Finalmente que alegria, ouvi-lo rir de novo, pelo menos isso, já estava convencida que isso não me aconteceria, isso não lhe aconteceria nunca mais. (*Pausa.*) Sem dúvida haverá pessoas que nos julguem irreverentes, mas não acredito. Haverá alguma maneira mais eficaz de enaltecer o Todo-Poderoso do que rir com ele mesmo de suas pilhérias, sobretudo quando elas são fracas? (*Pausa.*) Você estaria de acordo, Willie, acho, com esta maneira de ver. (*Pausa.*) Ou será que nos deixamos distrair por duas coisas completamente diferentes? (*Pausa.*) Enfim, pouco importa, é o que digo sempre, no momento em que... você sabe... qual é aquele verso maravilhoso... tá-la infelicidade, basta, você já me fez rir o bastante, *(Pausa.)* E agora? *(Pausa.)* Teria havido um tempo em que eu podia seduzir? (*Pausa.*) Teria havido alguma vez um tempo em que eu podia seduzir? (*Pausa.*) Não se engane (*Pausa.*) quanto à minha pergunta, Willie, eu não estou perguntando se você foi seduzido, sobre isso já chegamos a um acordo, pergunto-lhe se na sua opinião eu podia se-

duzir — num determinado momento. (*Pausa.*) Não? (*Pausa.*) Você não pode? (*Pausa.*) Oh, convenhamos, não há o que espremer. E você já se desgastou bastante, por enquanto, descontraia-se agora, descanse, não vou incomodá-lo mais a não ser que esteja acuada, simplesmente saber que você está ao alcance da minha voz e quem sabe quase alerta, é para mim... é o meu canto de azul. (*Pausa.*) O dia está neste momento bem adiantado. (*Sorriso.*) O velho estilo! (*Fim do sorriso.*) E no entanto ainda é cedo demais para a minha canção. Cantar cedo demais é um erro grave eu acho. (*Vira-se para a bolsa.*) É certo que há a bolsa. (*Olha a bolsa.*) A bolsa. (*Vira-se de frente.*) Saberia eu enumerar e seu conteúdo? (*Pausa.*) Não. (*Pausa.*) Saberia eu responder se alguma alma boa passando por aqui, me perguntasse, Winnie, essa grande bolsa preta, de que está cheia, saberia eu responder de modo exaustivo? (*Pausa.*) Não. (*Pausa.*) As profundezas sobretudo, quem sabe quais tesouros. Quais reconfortos. (*Vira-se para a bolsa.*) É há a bolsa. (*Vira-se de frente.*) Mas eu me ouço dizer, não exagere, Winnie, com a sua bolsa, aproveite dela, claro, ajude-se com ela para ir... em frente, quando estiver encurralada, claro, mas seja previdente, eu me ouço dizer, Winnie, seja previdente, pense no momento em que as palavras a deixarão — (*Fecha os olhos, pausa, abre os olhos*) — e não exagere com sua bolsa. (*Vira-se para a bolsa.*) Um mergulho bem pequenininho talvez apesar de tudo, rapidamente. (*Vira-se de frente, fecha os olhos, estende o braço esquerdo, mergulha a mão na bolsa e tira de dentro o revólver. Enjoada.*) Ainda você! (*Abre os olhos, vira-se de frente com o revólver e o contempla.*) Velho Brownie! (*Avalia seu peso na palma da mão.*) Ainda não é bastante pesado para ficar no fundo com os... últimos cartuchos? Já pensou? Sempre na frente. (*Pausa.*) Brownie... (*Virando-se um pouco para Willie.*) Você se lembra de Brownie, Willie? (*Pausa.*) Lembra-se da época em que você estava sempre me chateando para que eu o afastasse de você? Afaste isso de mim, Winnie, afaste isso de mim, antes que eu ponha fim aos meus sofrimentos. (*Vira-*

se de frente. Ar de desprezo.) Seus sofrimentos! (*Ao revólver.*) Ah, é um consolo, sem dúvida, saber que você está aí, mas já o vi bastante. Vou pô-lo para fora, é o que eu vou fazer. (*Ela deita o revólver sobre o monte à direita.*) Aí, você vai viver aí, a partir de hoje. (*Sorriso.*) O velho estilo! (*Fim do sorriso. Pausa.*) E agora? (*Pausa longa.*) A gravidade, Willie, tenho a impressão que não é mais o que era, você não acha? (*Pausa.*) É, cada vez mais tenho a impressão de que se eu não estivesse presa — (*gesto*) — desta maneira, acabaria simplesmente indo flutuar no azul. (*Pausa.*) E de que um dia talvez a terra irá ceder de tanto puxar, é, irá estalar em redor e irá deixar-me sair. (*Pausa.*) Você nunca tem esta sensação, Willie, de sentir assim como que sugado? (*Pausa.*) Você não é obrigado a se agarrar, Willie, por momentos. (*Virando-se um pouco para ele.*) Willie.

Pausa.

WILLIE. — Sugado?

WINNIE. — É, meu gatinho, no alto, no azul como fios de teias de aranha. (*Pausa.*) Não? (*Pausa.*) Nunca? (*Pausa.*) Pois bem, as leis naturais, as leis naturais, são como o resto sem dúvida, tudo depende do assunto. Tudo o que posso dizer é que no que me toca e no que me diz respeito elas não são mais o que foram quando eu era jovenzinho... e doïdinha... (*a voz se quebranta, ela abaixa a cabeça*)... bela... talvez... bonita... em certo sentido... para ser olhada. (*Pausa. Levanta a cabeça.*) Desculpe-me, Willie, às vezes tem-se desses turbilhões de melancolia (*Voz normal.*) Finalmente que alegria, saber que você está aí, pelo menos isso, fiel ao posto, e talvez acordado, talvez à espreita, por momentos, que belo dia ainda... para mim... aïnda terá sido. (*Pausa.*) Até aqui. (*Pausa.*) Que bênção que nada cresce, imagine se toda esta porcaria recomeçasse a crescer. (*Pausa.*) Imagine só. (*Pausa.*) Ah, é, grandes bondades. (*Pausa longa.*) Não

posso mais falar. (*Pausa.*) Pelo menos agora. (*Vira-se para a bolsa. Pausa. Vira-se frente. Sorriso.*) Não, não. (*Fim do sorriso. Olha a sombrinha.*) Eu poderia sem dúvida — (*apanha a sombrinha*) — sim, sem dúvida, hastear este negócio, está na hora. (*Começa a abrir. As dificuldades que encontra ao tentar agir, e supera, pontuam o que segue.*) A gente se abstém — a gente se contém — de hastear — por medo de hastear — cedo demais — e o dia passa —sem retorno — sem que se tenha hasteado — o mínimo possível. (*A sombrinha agora está aberta. Virada para a direita ela a faz girar distraidamente, ora num sentido, ora no outro.*) Pois é, tão pouco para dizer, tão pouco para fazer, e o temor tão forte, certos dias, de se encontrar... arrasado horas diante de si, antes que toque, para o sono, e mais nada para dizer, mais nada para fazer, que os dias passem, se volta, toque, para o sono, e nada ou quase nada de dito, nada ou quase nada de feito. (*Levanta a sombrinha.*) Eis o perigo. (*Vira-se de frente.*) Do qual é preciso proteger-se (*Olha para frente, segurando com a mão direita a sombrinha por cima da cabeça. Pausa.*) Suava abundantemente. (*Pausa.*) Outrora. (*Pausa.*) Agora não. (*Pausa.*) Quase não. (*Pausa.*) O calor aumentou. (*Pausa.*) A transpiração diminuiu. (*Pausa.*) É isso que eu acho tão maravilhoso. (*Pausa.*) A maneira pela qual o homem se adapta. (*Pausa.*) Às condições mutáveis. (*Ela transfere a sombrinha para a mão esquerda. Pausa.*) Manter no ar cansa o braço. (*Pausa.*) Andando não. (*Pausa.*) Somente em repouso. (*Pausa.*) Aí está uma observação curiosa. (*Pausa.*) Espero que você não tenha deixado escapar esta, Willie, eu ficaria muito triste se você deixasse escapar esta. (*Pega a sombrinha com as duas mãos. Pausa.*) Estou cansada, de segurá-la no ar, não posso largá-la. (*Pausa.*) A razão me diz, largue, Winnie, ela não a ajuda em nada, e amarre-se a outra coisa. (*Pausa.*) Não posso. (*Pausa.*) Não, é preciso que alguma coisa se passe, no mundo, aconteça, alguma mudança, eu não posso. (*Pausa.*) Willie. (*Com uma vozinha.*) Ajude-me. (*Pausa.*) Ordene-me que eu a deixe, Willie, eu obede-

cerei, imediatamente, como sempre fiz. (*Pausa.*) Por piedade. (*Pausa.*) Não? (*Pausa.*) Que sorte, que o moinho gira. (*Pausa.*) É isso que eu acho tão maravilhoso, mĩnhas duas luzes, quando uma enfraquece, a outra brilha mais forte. (*Pausa.*) Ah, é, grandes bondades. *(A sombrinha pega fogo. Ela fareja, levanta os olhos, joga a sombrinha para trás do monte, inclina-se a fim de vê-la consumar-se. Vira-se de frente.)* Ah, terra, velha extintora! Já se viu isso, parece-me, embora eu não tenha lembrança. (*Pausa.*) E você, Willie? (*Vira-se um pouco para ele.*) Você tem lembrança, Willie, de já ter visto uma coisa dessas? (*Vira-se para trás para olhá-lo.*) Você sabe o que acabamos de ver, Willie? (*Pausa.*) Você está outra vez em coma? (*Pausa.*) Não estou perguntando se você é sensível a tudo o que se passa, estou perguntando apenas se a coma pegou você outra vez. (*Pausa.*) Seus olhos parecem fechados, mas isso não quer dizer nada, nós sabemos. (Pausa.) Levante um dedo, meu franguinho, não quer, se você não estiver completamente fora de si. (*Pausa.*) Faça isso por mim, Willie, só o dedinho, se você não estiver privado de sentimentos. *(Pausa. Alegre.)* Oh, todos os cinco, você está um anjo, hoje, agora vou poder continuar, com o coração leve. (*Vira-se defrente.*) É, o que não se viu que não se tivesse visto antes e no entanto... pergunto-me. (*Pausa.*) Neste braseiro cada dia mais feroz, não é natural que coisas peguem fogo às quais isso ainda nunca tinha acontecido, desta maneira, quero dizer, sem que lhes tenham posto fogo? (*Pausa.*) Eu mesma não acabarei por me fundir, ou queimar, oh não quero dizer necessariamente nas chamas, não, simplesmente reduzir pouco em cinzas negras toda esta — (*amplo gesto com os braços*) — carne visível. (*Pausa.*) Por outro lado, terei eu jamais conhecido tempos temperados? *(Pausa.)* Não. *(Pausa.)* Falo de tempos temperados e de tempos tórridos, são palavras vazias. (*Pausa.*) Falo de quando eu não estava ainda presa — desta maneira — e tinha minhas pernas e o uso de minhas pernas, e podia procurar para mim um canto cheio de sombra, como você, quando estava cansada do sol, ou um

canto ensolarado quando estava cansada da sombra, como você, e todas são sempre palavras vazias. (*Pausa.*) Não está fazendo mais calor hoje do que ontem, não estará fazendo mais calor amanhã do que hoje, impossível, e assim por diante, a perder de vista, a perder de passado e de porvir. (*Pausa.*) E se um dia a terra tivesse de cobrir meus seios, então eu não terei jamais visto meus seios, ninguém terá jamais visto meus seios. (*Pausa.*) Isso, Willie, eu espero que você não tenha deixado escapar isso, eu sentiria muito se você deixasse escapar isso, não é todos os dias que atinjo tais cimos. (*Pausa.*) É, parece que alguma coisa se produziu, alguma coisa parece ter sido produzida, e absolutamente nada foi produzido, é você que tem razão, Willie. (*Pausa.*) A sombrinha estará de novo aí amanhã, ao meu lado sobre este monte, para me ajudar a levar o meu dia até o fim. (*Apanha o espelho.*) Pega este espelhinho, quebro-o numa pedra — (*ela o quebra*) — lanço-o para longe de mim — (*lança para trás*) — amanhã ele estará de novo aí, na bolsa, sem um arranhão, para me ajudar a levar o meu dia até o fim. (*Pausa.*) Não, não se pode fazer nada. (*Pausa.*) É isso que eu acho tão maravilhoso, a maneira pela a qual as coisas... (*a voz se quebranta, ela abaixa a cabeça*)... as coisas... tão maravilhoso. *(Pausa longa, cabeça baixa. Finalmente ela se vira, sempre inclinada, para a bolsa, tira uma quinquilharia inidentificável, torna a enfiar tudo na bolsa, remexe mais no fundo, tira finalmente uma caixinha de música, dá corda, põe para funcionar, escuta a música durante um momento inclinada sobre a caixinha que ela segura com as duas mãos, vira-se de frente, levanta-se lentamente e escuta a música — a Valsa da "Viúva Alegre" — apertando a caixa com as duas mãos contra o peito. Pouco a pouco uma expressão de felicidade. Acompanha o ritmo com o corpo. A música pára. Pausa. A voz rouca de Willie entoa a ária — sem palavras. A expressão de felicidade aumenta. Willie pára. Ela larga a caixinha.*) Oh que belo dia ainda terá sido! (*Bate palmas.*) Outra vez, Willie, outra vez! (*Bate palmas.*) Bis, Willie eu imploro! *(Pausa. Fim da expressão de felicidade.)*

Não? Você não quer fazer isto para mim? (*Pausa.*) Pois bem, é muito compreensível, muito compreensível Não se pode cantar assim, unicamente para agradar ao outro, por mais querido que seja, não, o canto deve vir do coração, é o que eu digo sempre, brotar naturalmente, como o melro. (*Pausa.*) Quantas vezes eu disse, nas horas negras, Cante agora, Winnie, cante a sua canção, não há mais nada a fazer, e eu não cantava. (*Pensa.*) Não podia. (*Pausa.*) Não, como o melro ou o pássaro da aurora, sem a preocupação de um proveito qualquer, nem para si, nem para outrem. (*Pausa.*) E agora? (*Pausa longa. Baixinho.*) Estranha sensação. (*Pausa. Da mesma forma*) Estranha sensação, a de que alguém me olha. Eu me vejo nítida, depois fora de foco, depois não mais, depois de novo fora de foco, depois de novo nítida, e assim por diante, indo e vindo, passando e repassando, no olho de alguém. *(Pausa. Da mesma forma*) Estranho? (*Pausa. Da mesma forma.*) Não, aqui tudo é estranho. (*Pausa. Voz normal.*) Eu me ouço dizer, Cale-se agora Winnie, um pouco, está bem, não esbanje todas as palavras do dia, cale-se e faça alguma coisa, está bem, para variar. *(Ela levanta as mãos e as mantém abertas diante dos olhos. Às mãos.)* Façam alguma coisa! *(Vira-se para a bolsa, remexe dentro dela, tira uma lixa de unhas, vira-se de frente e começa a lixar as unhas. Lixa por algum tempo em silêncio. Depois o que segue, pontuado pela lixa.)* A imagem me vem — dos abismos — de um senhor Piper — de um Senhor e talvez — de uma senhora Piper — não — eles estão de mãos dadas — então deve ser sua noiva — ou uma simples amiga — muito querida. (*Olha as unhas de mais perto.*) Muito quebradiças hoje. (*Recomeça a lixar.*) Piper — Piper — o nome lhe diz alguma coisa — a você, Willie — evoca, quero dizer — uma realidade qualquer — para você, Willie, — não responda — se isto o aborrece — você já se — muito até — desgastou — Piper — Piper. (*Examina as unhas lixadas.*) Um pouco mais apresentáveis. (*Levanta a cabeça, olha para frente.*) Cuide-se, Winnie, é o que eu digo sempre, haja o que houver, cuide-se. *(Pausa. Ela recomeça a lixar.)* É — Pipeer — *(pára de*

lixar, levanta a cabeça, olha para frente) — ou Cooker, não seria talvez Cooker? (*Vira-se um pouco para Willie.*) Cooker, Willie, Cooker, não deixa transparecer alguma coisa? (*Pausa. Virando-se um pouco mais, mais alto.*) Cooker, Willie, Cooker não desperta um eco, o nome Cooker? (*Pausa. Inclina-se para trás para olhá-lo. Pausa.*) Mas que é isso! (*Pausa.*) O que é que você fez de seu lenço? (*Pausa.*) Oh, Willie, você não vai engoli-lo! Cuspa, pelo amor de Deus, cuspa! (*Pausa. Vira-se de frente.*) Enfim, nada mais natural, parece-me. (*A voz se quebranta.*) Nada mais humano. (*Pausa. Da mesma forma.*) Que se pode fazer? (*Pausa. Da mesma forma.*) Da manhã à noite. (*Pausa. Da mesma forma.*) Dia após dia. (*Pausa. Levante a cabeça. Sorriso.*) o velho estilo! (*Fim do sorriso. Recomeça as unhas.*) Não, já fiz esta. (*Passa à seguinte.*) Era preciso colocar os óculos. (*Pausa.*) Tarde demais. (*Termina a mão esquerda, examina-a.*) Um pouco mais apresentáveis. (*Começa a mão direita. O que segue, pontuado como antes.*) Enfim... tanto faz — este Cooker — Piper — tanto faz — e a mulher — de mãos dadas — cada um com uma sacola — gênero algibeira — marrom — plantados ali me olhando — boquiabertos — depois ele — Piper — Cooker — tanto faz — O que está ela representando? diz ele — com que rima isso? diz ele — enterrado até as mamas — nas alfaces — personagem grosseiro — isso significa o quê? diz ele — normalmente disse significar o quê? — e pepepê — e pepepê — todas as besteiras — habituais — você está me ouvindo? diz ele — infelizmente, diz ela como infelizmente? diz ele — o que significa infelizmente? (*Pára de lixar, levanta a cabeça, olha para a frente.*) E você? diz ela. Você rima com quê normalmente você deve significar o quê? Será porque você se agüenta ainda em cima de seus dois pés chatos, com sua bolsa cheia de cocô em conserva e de mudas de ceroulas, me arrastando de um lado e de outro desta porcaria de deserto — verdadeira peixeira, digna companheira — (*de repente violenta*) —deixe-me, diz ela, com os Diabos, suma-se, suma-se! (*Recomeça a lixar.*) Por que ele não a desenterra? diz ele — alu-

são a você, meu anjo — pra ele, pra quê que ela serve assim? — pra ela pra quê que ele serve assim? — e assim por diante — todas as besteiras — habituais — é preciso desenterrá-la, diz ele — assim ela não tem sentido — desenterrá-la com quê? diz ela — com as mãos nuas, diz ele, eu o faria com as mãos nuas — diz ele — deviam ser marido e — mulher. (*Lixa em silêncio.*) Depois lá se foram eles — mãos dadas — as sacolas — eles se afastam — menos nítidos — depois menos ainda — últimos humanos — a se perderem por aqui. (*Termina a mão direita, examina, larga a lixa, olha para a frente.*) Estranho, uns fantasmas assim num momento como esse. (*Pausa.*) Estranho? (*Pausa.*) Não, aqui tudo é estranho. (*Pausa.*) Em todo o caso eu fico reconhecida por isso. (*A voz se quebranta.*) Muito reconhecida. (*Abaixa a cabeça. Pausa. Levanta a cabeça. Calma.*) Abaixar e levantar a cabeça, abaixar e levantar, sempre isso. (*Pausa.*) E agora? (*Pausa longa. Ela começa a arrumar guardando os objetos na bolsa, a escova de dentes por último. Esta operação pontua o que segue.*) Talvez seja — um pouco cedo — para aprontar-se — para a noite — (*ela para de arrumar, levanta a cabeça, sorri*) — o velho estilo! — (*fim do sorriso, ela recomeça a se arrumar*) — e no entanto eu faço — me apronto — para a noite — sentindo que ela está próxima — que vai tocar — para o sono — dizendo-me, Winnie — não falta muito, Winnie — vai tocar — para o sono. (*Pára de se arrumar, levanta a cabeça, olha para a frente.*) Acontece que eu me engano. (*Sorriso.*) Mas não freqüentemente. (*Fim do sorriso.*) Acontece que tudo terminou para o dia, tudo feito, tudo dito, tudo pronto, para a noite e o dia sem terminar, longe de terminar, a noite não pronta, longe, longe de estar pronta. (*Sorriso.*) Mas não freqüentemente. (*Fim do sorriso.*) Sim, quando eu sinto que está para vir, que vai tocar, para o sono e eu conseqüentemente me apronto para a noite — (*gesto*) — desta maneira, acontece que eu me engano — (*Sorriso*) — mas não freqüentemente. (*Fim do sorriso. Ela recomeça a arrumar.*) Eu pensava antigamente — digo eu pensava antigamente — que todas estas

coisas — colocadas de novo na bolsa — tão, tão cedo — colocadas de novo —, cedo demais — que se poderia retomá-las — se fosse preciso — se fosse necessário — e assim por diante — indefinidamente — colocadas de novo — colocadas de novo — até que toque — para o sono. (*Pára de arrumar, levanta a cabeça, sorri.*) Mas não. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso. Recomeça a arrumar.*) Poderia parecer estranho — é, sem dúvida — este... como dizer? — o que eu acabo de dizer — é, sem dúvida — (*apanha o revólver*) — estranho — (*vira-se para guardar o revólver na bolsa*) — se não fosse — (*na hora que ela vai guardar o revólver interrompe o gesto e se vira de frente*) — se não fosse — (*larga o revólver à sua direita, pára de arrumar, levanta a cabeça*) — tudo parecer estranho. (*Pausa.*) Muito estranho. (*Pausa.*) Em nenhum momento sequer, nada mudar. (*Pausa.*) Cada vez mais estranho (*Pausa. Curva-se de novo, pega o último objeto ou seja a escova de dentes, vira-se para guardar na bolsa quando um alvoroço do lado de Willie chama sua atenção. Inclina-se para ver. Pausa.*) Cansado de seu buraco, meu coelhinho? (*Pausa.*) Pois é, eu compreendo. (*Pausa.*) Seu palhinha. (*Pausa.*) Ah, você não é o mesmo rastejande de outrora, coitadinho. (*Pausa*) Não, nem o mesmo rastejante que conquistou meu coração. (*Pausa.*) De joelhos, meu querido, tente de joelhos, as patas no chão. (*Pausa.*) Joelhos! Joelhos! (*Pausa.*) Que maldição, a mobilidade! (*Acompanha com os olhos a progressão de Willie em sua direção atrás do monte, quer dizer em direção ao lugar que ele ocupava no início do ato.*) Ainda um pé e seis polegadas, Willie, e você chegou. (*Pausa, enquanto ela observa as últimas polegadas.*) Ah! (*Vira-se penosamente de frente, esfrega o pescoço.*) Torcicolo de tanto admirar você. (*Esfrega o pescoço.*) Mas vale a pena, vale mil vezes a pena. (*Vira-se um pouco para ele.*) Você sabe com o que sonho de vez em quando? (*Pausa.*) Com o que sonho de vez em quando Willie? (*Pausa.*) Com você vindo viver deste lado para que eu possa vê-lo. (*Pausa. Vira-se de frente.*) Isso iria me transformar. (*Pausa.*) Irreconhe-

cível. (*Vira-se um pouco para ele.*) Ou somente de vez em quando, deste lado somente de vez em quando, para que eu me sacie de você. (*Pausa. Vira-se de frente.*) Mas você não pode, bem sei. (*Abaixa a cabeça.*) Sei. (*Pausa. Levanta a cabeça.*) Enfim — olha a escova — não falta muito — (*olha a escova*) — vai tocar. (*O crânio calvo de Willie, parte posterior, aparece por sobre a encosta do monte. Winnie olha a escova de mais perto.*) Oficialmente garantida... (*levanta a cabeça*)... como é que era? (*A mão de Willie aparece segurando o lenço que abre sobre o crânio, depois desaparece.*) Legítima pura... solenemente garantida... (*A mão de Willie torna a aparecer segurando o palhinha que ajusta no crânio, graciosamente de lado, depois desaparece*)... ah, cerda de porco! (*Pausa.*) O que é um porco, afinal de contas? (*Pausa. Virando-se um pouco para Willie.*) O que é finalmente, Willie, um porco? (*Pausa. Virando-se um pouco mais, suplicante.*) Willie, pelo amor de Deus, o que é um porco?

Pausa.

WILLIE. — Suíno macho castrado. (*Winnie tem uma expressão de felicidade.*) Criado para o corte.

Winnie volta-se de frente outra vez. A expressão de felicidade aumenta. Willie abre o jornal, mãos invisíveis. As páginas amareladas emolduram sua cabeça. Winnie olha para frente, sempre a expressão de felicidade.

WILLIE. — Ah, que belo dia que teremos tido, mais um! (*Pausa.*) Apesar de tudo. (*Fim da expressão de felicidade.*) Até aqui. (*Pausa. Willie vira a página. Pausa. Vira a página. Pausa.*)

WILLIE. — Prêmio de produção.

Pausa. Winnie tira o chapéu, vira-se para guardá-lo na bolsa, interrompe o gesto, virando-se de frente. Sorriso.

WINNIE. — Não. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso. Torna a pôr o chapéu, olha para frente. Willie vira a página.*) E agora? (*Pausa longa.*) Cante. (*Pausa.*) Cante a sua canção, Winnie. (*Pausa.*) Não? (*Pausa.*) Então reze. (*Pausa.*) Reze a sua prece, Winnie. (*Pausa. Willie vira a página. Pausa.*)

WILLIE. — Vantagens sociais.

Pausa. Winnie olha para a frente, Willie vira a página. Pausa. O jornal desaparece.

WINNIE. — Reze a sua velha prece, Winnie.

Pausa longa.

PANO

ATO II

Palco como no primeiro ato.

Willie invisível.

Winnie enterrada até ao pescoço, chapeuzinho na cabeça, olhos fechados. A cabeça, que ela não pode mais virar, nem levantar, nem abaixar, fica rigorosamente imóvel e de frente durante toda a duração do ato. Apenas os olhos são móveis. Ver indicações.

Bolsa e sombrinha no mesmo lugar do início do primeiro ato. Revólver bem em evidência à direita da cabeça.

Pausa longa.

Campainha estridente. Ela abre os olhos imediatamente. A campainha pára. Ela olha para frente. Pausa longa.

WINNIE. — Salve, santa luz. (*Pausa. Fecha os olhos. Campainha estridente. Abre os olhos imediatamente. A campainha pára. Olha para frente. Sorriso. Pausa. Fim do sorriso. Pausa.*) Alguém está me olhando ainda. (*Pausa.*) Está

preocupando-se comigo ainda. (*Pausa.*) É isso que eu acho maravilhoso. (*Pausa.*) Olhos sobre os meus olhos. (*Pausa.*) Qual é esse verso inesquecível? (*Pausa. Olhos à direita.*) Willie. (*Pausa. Mais alto.*) Willie. (*Pausa. Olhos de frente.*) Pode-se ainda falar de tempo? (*Pausa.*) Dizer que já faz bastante tempo, Willie, que eu não o vejo mais (*Pausa.*) Não o ouço mais. (*Pausa.*) Pode-se? (*Pausa.*) Diz-se. (*Sorriso.*) O velho estilo! *(Fim do sorriso.)* Há tão pouca coisa de que se possa falar. Fala-se de tudo. (*Pausa.*) De tudo o que se pode. (*Pausa.*) Antigamente eu pensava ... (*Pausa.*) ... digo, antigamente eu pensava que aprenderia a falar sozinha. (*Pausa.*) Quero dizer, a mim mesma o deserto. (*Sorriso.*) Mas não. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso.*) Portanto você está aí. (*Pausa.*) Oh, você deve estar morto, sim, sem dúvida, como os outros, você deve ter morrido, ou partido, abandonando-me, como os outros, não faz mal, você está aí. (*Pausa. Olhos à esquerda.*) A bolsa também está aí, a mesma de sempre, eu a estou vendo. (*Olhos à direita. Mais alto.*) A bolsa está aí, Willie, nenhuma ruga, a que você me deu naquele dia... para ir fazer compras. (*Pausa. Olhos de frente.*) Naquele dia. (*Pausa.*) Eu rezava antigamente. (*Pausa.*) Digo, eu rezava antigamente. (*Pausa.*) É, confesso. (*Sorriso.*) Agora não mais. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso. Pausa.*) Outrora... agora... como é difícil, para o espírito. (*Pausa*) Ter sido sempre a que sou — e ser tão diferente da que eu era. (*Pausa.*) Sou uma, digo uma, depois outra. (*Pausa.*) Ora uma, ora outra. (*Pausa.*) Há tão pouca coisa que se possa dizer. (*Pausa.*) Diz-se tudo. (*Pausa.*) Tudo o que se pode. (*Pausa.*) E nenhuma palavra verdadeira em lugar algum. (*Pausa.*) Meus braços. (*Pausa.*) Meus seios. (*Pausa.*) Que braços? (*Pausa.*) Que seios? (*Pausa.*) Willie. (*Pausa.*) Que Willie? (*Afirmativa com veemência.*) Meu Willie! (*Olhos à direita. Chamando.*) Willie! (*Pausa. Mais alto.*) Willie! (*Pausa. Olhos de frente.*) Enfim, não saber, não saber com segurança, grande bondade, tudo o que eu peço. (*Pausa.*) Pois é... outrora... agora... sombra verde...

isto... Carlitos... beijos... isto... tudo isto... muito perturbante para o espírito. (*Pausa.*) Mas o meu não ficou perturbado com isso. (*Sorriso.*) Agora não mais. (*Sorriso mais largo*) Não, não. (*Fim do sorriso. Pausa. Fecha os olhos. Campainha estridente. Abre os olhos imediatamente. Pausa.*) Revejo uns olhos... vejo-os se fechar... tranqüilos... para ver tranqüilos. (*Pausa.*) Os meus não. (*Sorriso.*) Agora não mais. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso. Pausa.*) Willie. (*Pausa.*) A terra, Willie, você acha que ela perdeu a sua atmosfera? (*Pausa.*) Você acha, Willie? (*Pausa.*) Você não tem opinião formada? (*Pausa.*) Pois bem, você é sempre o mesmo, você nunca teve uma opinião formada, sobre coisíssima nenhuma. (*Pausa.*) É compreensível. (*Pausa.*) Muito. (*Pausa.*) O globo. (*Pausa.*) Pergunto-me às vezes. (*Pausa.*) Talvez toda não. (*Pausa.*) Sempre sobra alguma coisa. (*Pausa.*) De toda coisa. (*Pausa.*) Alguma sobras. (*Pausa.*) Se a razão soçobrasse. (*Pausa.*) Claro que ela não soçobrará. (*Pausa.*) Não completamente. (*Pausa.*) Não a minha. (*Sorriso.*) Agora não mais. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso. Pausa.*) Poderia ser o frio eterno. (*Pausa.*) O gelo eterno. (*Pausa.*) Simples acaso, presumo, feliz acaso. (*Pausa.*) Ah, é, grandes bondades, grandes bondades. (*Pausa.*) E agora? (*Pausa.*) O resto. (*Pausa.*) O nariz. (*Fica vesga olhando para o nariz.*) Eu vejo... (*ficando vesga*)... a ponta... as narinas... sopro de vida... esta curva que você tanto apreciava... (*alonga os lábios*)... uma sombra de lábio... (*alonga os lábios*)... se eu fizer cara feia... (*põe a língua de fora*)... à língua, é claro... (*põe a língua de fora*)... que você aproveitava tanto... (*põe a língua de fora*)... se eu ponho a língua de fora... (*ela põe*)... a ponta... (*levanta os olhos*)... um nada de testa... de sombrancelhas... imaginação talvez... (*olhos à esquerda*)... as maçãs do rosto... não... (*olhos à direta*)... não... (*incha as bochechas*)... mesmo se eu as inchar... (*olhos à esquerda, incha as bochechas*)... não... não... vermeil uma vírgula! (*Olhos de frente.*) Pronto. (*Pausa.*) A

bolsa é claro. (*Olhos à esquerda.*) Um pouco menos nítido... mas a bolsa. (*Olhos de frente. Negligente.*) A terra é claro e o céu. (*Olhos à direita*) A sombrinha que você me deu... naquele dia... (*Pausa.*)... naquele dia... o lago... os juncos. (*Olhos de frente. Pausa.*) Que dia? (*Pausa.*) Que juncos? (*Pausa longa. Ela fecha os olhos. Campainha estridente. Abre os olhos logo. Pausa. Olhos à direita.*) Brownie é claro. (*Pausa.*) Você se lembra de Brownie, Willie, parece que o estou vendo. (*Pausa. Mais alto.*) Brownie está aqui, Willie, ao meu lado. (*Pausa. Ainda mais alto.*) Brownie está aqui, Willie. (*Pausa. Olhos de frente.*) Pronto. (*Pausa.*) Que faria eu sem eles? (*Pausa.*) Que faria eu sem elas, quando as palavras me abandonam. (*Pausa.*) Olhar para frente, com os lábios contraídos? (*Pausa longa enquanto ela contrai os lábios.*) Não posso. (*Pausa.*) Ah, é, grandes bondades, grandes bondades. (*Pausa longa. Baixinho.*) Às vezes ouço barulhos. (*Expressão de escuta. Voz normal.*) Mas não freqüentemente. (*Pausa.*) Eu os bendigo, eu bendigo os ruídos, eles me ajudam a... levar o meu dia até ao fim. (*Sorriso.*) O velho estilo! (*Fim do sorriso.*) É, são belos dias, os dias em que há ruídos. (*Pausa.*) Em que eu ouço ruídos. (*Pausa.*) Eu pensava antigamente... (*Pausa*)... digo, eu pensava antigamente que eles estavam na minha cabeça. (*Sorriso.*) Mas não. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso.*) Isto é que era a lógica. (*Pausa.*) A razão. (*Pausa.*) Eu não perdi a razão. (*Pausa.*) Ainda não. (*Pausa.*) Toda não. (*Pausa.*) Ainda me sobra um pouco. (*Pausa.*) Ruídos. (*Pausa.*) Como pequenas... pulverizações... pequenos... desmoronamentos (*Pausa.*) Baixinho. São as coisas, Willie. (*Pausa. Voz normal.*) Dentro da bolsa, fora da bolsa. (*Pausa.*) Ah, sim, as coisas têm vida, eis o que digo sempre, as *coisas* têm uma vida. (*Pausa.*) Meu espelho, por exemplo, não tem necessidade de mim. (*Pausa.*) E quando toca. (*Pausa.*) Machuca, como uma lâmina. (*Pausa.*) Um estilete. (*Pausa.*) Não se pode ficar surdo. (*Pausa.*) Quantas vezes eu disse... (*Pausa.*)... eu disse, quantas vezes eu disse. Fi-

que surda, Winnie, deixe para lá, durma e vigile, durma e vigile, como lhe apetecer, abra e feche os olhos, como lhe apetecer, ou como for melhor para você. (*Pausa.*) Abra e feche os olhos, Winnie, abra e feche, sempre isso. (*Pausa.*) Mas não. (*Sorriso.*) Agora não mais. (*Sorriso mais largo.*) Não, não. (*Fim do sorriso, pausa.*) E agora? (*Pausa.*) E agora, Willie? (*Pausa longa.*) Há a minha estória é claro, quando tudo falha. (*Pausa.*) Uma vida. (*Sorriso.*) Uma longa vida. (*Fim do sorriso.*) Começando no útero como nos tempos de outrora, Mildred se lembra, ela se lembrará do útero, antes de morrer, do útero materno. (*Pausa.*) Ela já tem quatro ou cinco anos e acaba de ganhar uma grande boneca de cera. Toda vestida, guarda-roupa completo. *(Pausa.)* Sapatos, soquetes, — roupa de baixo com rendinhas e fitas, jogo completo, anágua, luvas. (*Pausa.*) Ajours brancos. (*Pausa.*) Chapeuzinho de palha branco, com elástico. (*Pausa.*) Colar de pérolas. (*Pausa.*) Livrinho de figuras com legendas em grandes letras de imprensa para botar debaixo do braço quando ela passeia. (*Pausa.*) Olhos azul-violeta que se abrem e se fecham. (*Tom de narração.*) O sol mal ultrapassava o horizonte quando Millie se levantou, desceu... (*Pausa.*)... pôs seu roupãozinho, desceu sozinha a escada íngreme, de quatro e andando para trás, embora isso lhe fosse proibido, entrou no... (*Pausa.*)... Transpôs na ponta dos pés o corredor silencioso, entrou no berçário e pôs-se a despir Fifille. (*Pausa.*) Meteu-se embaixo da mesa e pôs-se a despir Fifille. (*Pausa.*) Enquanto isso, brigando com ela. (*Pausa.*) De repente um rato — (*Pausa longa.*) Devagarinho, Winnie. (*Pausa longa. Chamando.*) Willie! (*Pausa. Mais alto.*) Willie! (*Tom* de repreensão ameno.) Há momentos em que eu acho sua atitude um pouco estranha, Willie, não é bem seu gênero ser cruel sem necessidade. (*Pausa.*) Estranho? (*Pausa.*) Não. (*Sorriso.*) Aqui não. (*Sorriso mais largo.*) Agora não é mais (*Fim do sorriso.*) E no entanto — (*De repente inquieta.*) Contanto que não aconteça nada! (*Olhos à direita. Alto.*) Está tudo bem, meu querido? (*Pausa. Olhos de frente.*) Deus queira que

ele não tenha enfiado primeiro a cabeça! (*Olhos à direita. Alto.*) Você não está preso, Willie? (*Pausa. Da mesma forma.*) Você não está encurralado, Willie? (*Pausa. Olhos de frente. Expressão de profundo desolamento.*) Talvez ele esteja chamando, durante todo este tempo, sem que eu o ouça. (*Pausa.*) Claro, ouço gritos. (*Pausa.*) Nas estão na minha cabeça, não? (*Pausa.*) Será possível que — (*Pausa. Com firmeza.*) Não, não, minha cabeça está cheia de gritos, sempre esteve. (*Pausa.*) Francos gritos confusos. (*Pausa.*) Estão vindo. (*Pausa.*) Depois vão embora. (*Pausa.*) Como ao sabor do vento. (*Pausa.*) É isso que eu acho maravilhoso. (*Pausa.*) Param. (*Pausa.*) Grandes bondades, grandes bondades. (*Pausa.*) O dia agora já está bem avançado. (*Sorriso. Fim do sorriso.*) E no entanto ainda é um pouco cedo, talvez, para minha canção. (*Pausa.*) Cantar cedo demais é funesto. Sempre achei. (*Pausa.*) Por outro lado, acontece ter de esperar demais. (*Pausa.*) Toca para o sono, e não cantamos. (*Pausa.*) O dia inteirinho fugiu — (*Sorriso, fim do sorriso*) — sem volta, e nem a mínima canção qualquer que ela seja. (*Pausa.*) Há um problema aqui. (*Pausa.*) Não se pode cantar . . . assim, não. (*Pausa.*) Sobe aos lábios, não se sabe por que, o momento é mal escolhido, engole-se. (*Pausa.*) Disse, é o momento, é agora ou nunca, e não se pode. (*Pausa.*) Nem pode cantar, simplesmente (*Pausa.*) Nem uma nota. (*Pausa.*) Outra coisa, Willie, antes de passar para outra coisa. (*Pausa.*) A tristeza depois de cantar. (*Pausa.*) Você conheceu isso, Willie? (*Pausa.*) Ao longo de sua experiência? (*Pausa.*) Não? (*Pausa.*) A tristeza ao sair das relações sexuais íntimas, essa nos é familiar, de certo. (*Pausa.*) Nisso você estaria de acordo com Aristóteles, Willie, acho eu. (*Pausa.*) É, essa nós a conhecemos e sabemos enfrentá-la (*Pausa.*) Ela não dura é claro. (*Pausa.*) É isso que eu acho tão maravilhoso. (*Pausa.*) Ela se dissipa. (*Pausa.*) Quais são estes versos deliciosos? (*Pausa.*) Tudo. . . . ta-la-la. . . tudo se esquece. . . a vaga. . . não. . . desata. . . tudo ta-la-la

tudo se desata... a vaga... não... onda... é... a onda em cima da onda se esquece... dobra... é... a onda em cima da onda se dobra... e a onda... não... vaga... é... e a vaga que passa esquece... esquece... *(Pausa. Com suspiro.)* A gente esquece os clássicos. *(Pausa.)* Nem todos. *(Pausa.)* Uma parte. *(Pausa.)* Sobra sempre uma parte. *(Pausa.)* Isso é que eu acho tão maravilhoso, que sempre nos fica uma parte, de nossos clássicos, para nos ajudar a levar até o fim o nosso dia. *(Pausa.)* Ah é, abundância de bondades. *(Pausa.)* E agora. *(Pausa.)* E agora, Willie? *(Pausa longa.)* Chamo diante do olho do espírito... Senhor Pîper... ou Cooker. (*Fecha os olhos. Campainha estridente. Abre os olhos em seguida. Pausa.*. De mãos dadas, sacolas. (*Pausa.*) Entre duas idades. (*Pausa.*) Mais jovens, velhos não. (*Pausa.*) Plantados ali a me fixar, boquiabertos. (*Pausa.*) Nada maus os peitos, disse ele, já vi piores. (*Pausa.*) Nada maus os ombros, disse ele, já vi piores. (*Pausa.*) Será que ela sente as pernas? disse ele. (*Pausa.*) Será que isso vîve ainda, suas pernas? disse ele. (*Pausa.*) Será que ela está pelada aí dentro? disse ele. (*Pausa.*) Vá perguntar-lhe, disse ele, eu é que não ouso. *(Pausa.)* Perguntar-lhe o quê? disse ela. *(Pausa.)* Se isso vive ainda, suas pernas. (*Pausa.*) Pergunte-lhe você mesmo, disse ela. (*De repente violenta.*) Deixe-me por mil demônios e desmorone! (*Pausa. Da mesma forma.*) Arrebente! (*Sorriso.*) Mas, não. (*Sorriso mais largo.*) Não não. (*Fim do sorriso.*) Olho-os afastarem-se. (*Pausa.*) De mãos dadas, sacolas. (*Pausa.*) Fora de foco. Depois nada mais. (*Pausa.*) Últimos humanos — a se perderem por aqui. (*Pausa.*) Até aqui. (*Pausa.*) E agora? (*Pausa. Baixinho.*) Ajude-me. (*Pausa. Da mesma forma.*) É a minha vez Willie, — (*Pausa. Da mesma forma.*) Não? (*Pausa longa.*) De repente um rato... (*Pausa. Tom de narração.*) De repente um rato... na sua coxinha... mais alto... mais alto... e Mildred, largando Fifille no seu pavor, pôs-se a gritar — (*Winnie lança um grito estridente*) — e gritou e gritou —

(*Winnie grita duas vezes*) — gritou e gritou até que todos acudissem, nas suas roupas de dormir, Papai, Mamãe, Bibbie e a velha... Annie, para ver o que não ia lá muito bem, o que podia ser meu Deus meu Deus que não ia bem. (*Pausa.*) Tarde demais. (*Pausa. Baixinho.*) Tarde demais. (*Pausa longa. Quase que inaudível.*) Willie. (*Pausa. Voz normal.*) Enfim não falta muito, Winnie, vai tocar, para o sono. (*Pausa.*) Aí então você poderá fechar os olhos, então você deverá fechar os olhos, e não os abrir mais. (*Pausa.*) Por que tornar a dizer isto? (*Pausa.*) Eu pensava antigamente... (*Pausa.*)... digo, pensava antigamente que não havia nunca nenhuma diferença entre uma fração de segundo e a seguinte. (*Pausa.*) Eu me dizia antigamente... (*Pausa.*) Digo, eu me dizia antigamente, Winnie, você nunca mudará, nunca há diferença entre uma fração de segundo e a seguinte. (*Pausa.*) Por que tornar a falar disso? (*Pausa.*) Há tão pouca coisa de que se possa tornar a falar. (*Pausa.*) Torna-se a falar de tudo. (*Pausa.*) De tudo o que se pode. (*Pausa.*) Meu pescoço está doendo. *(Pausa. De repente violenta.)* Meu pescoço está doendo! (*Pausa.*) Ah, está melhor! (*Tom ligeiramente irritado.*) Moderação em tudo. (*Pausa.*) Não posso fazer mais nada. (*Pausa.*) Nem dizer mais nada. (*Pausa.*) Mas eu devo dizer mais. (*Pausa.*) Problema aqui. (*Pausa.*) Não, é preciso que mexa, alguma coisa, no mundo, eu já acabei. (*Pausa.*) Um zéfiro. (*Pausa.*) Um sopro. (*Pausa.*) Quais são estes versos imortais? (*Pausa.*) Poderiam ser as trevas eternas. (*Pausa.*) Noite negra sem saída. (*Pausa.*) Simples acaso, eu presumo, feliz acaso. (*Pausa.*) Ah é, abundância de bondades. (*Pausa longa.*) E agora? (*Pausa.*) E agora Willie? (*Pausa longa.*) Aquele dia. (*Pausa.*) O champanhe rosa. (*Pausa.*) As taças de champanhe. (*Pausa.*) Enfim sós. (*Pausa.*) O último gole, com os corpos quase (*Pausa.*) O olhar. (*Pausa longa.*) Que dia? (*Pausa.*) Que olhar? (*Pausa longa.*) Estou ouvindo gritos. (*Pausa.*) Cante. (*Pausa.*) Cante a sua velha canção, Winnie.

Pausa longa. De repente expressão de escuta. Olhos à direita. A cabeça de Willie aparece à sua direita, ao pé do monte, por cima da encosta. Ele está de quatro, com roupa de gala — cartola, casaca, calça listrada, etc., luvas brancas na mão. Bigodes longos, brancos e retos, muito abundantes. Olha para frente, alisa o bigode. Sai completamente de detrás do monte, vira para a esquerda, para, levanta os olhos para Winnie. Avança de quatro em direção ao centro, pára, vira a cabeça de frente, olha para a frente, alisa o bigode, endireita a gravata, firma o chapéu, etc., avança um pouco mais, pára, tira o chapéu e levanta os olhos para Winnie. Agora está perto do centro e no campo de visão de Winnie. Não podendo mais sustentar o esforço de olhar para o ar abaixa a cabeça até a terra.

WINNIE. — (*Mundana.*) Mas vejam só! Aí está um prazer com o qual eu não contava. (*Pausa.*) Isso me lembra a primavera em que você vinha gemer-me seu amor. (*Pausa.*) Winnie, seja minha, eu adoro você! (*Ele levanta os olhos para ela.*) À vida uma derrisão sem Win! (*Ela explode de rir.*) Que espantalho, falar de mascarada! (*Ela ri.*) Onde estão as flores? (*Pausa.*) De um dia. (*Willie abaixa a cabeça.*) O que é que você tem no pescoço? Um antraz? (*Pausa.*) Tem de prestar atenção nisso, Willie, antes de ser invadido. (*Pausa.*) Onde você estava durante todo este tempo? O que é que você fazia durante todo esse tempo? Sua toalete? (*Pausa.*) Você não me ouviu gritar? (*Pausa.*) Você se tinha encurralado no seu buraco? (*Ele levanta os olhos para ela.*) Isso, Willie, olhe-me. (*Pausa.*) Alimente seu velhos olhos, Willie. (*Pausa.*) Ainda sobra alguma coisa? (*Pausa.*) Algumas sobras? (*Pausa.*) Não pude refazer minha beleza, sabe. (*Ela abaixa a cabeça.*) Você ainda é reconhecível, num certo sentido. (*Pausa.*) Você pensa em vir viver deste lado agora... uma temporadinha talvez? (*Pausa.*) Não? (*Pausa.*) Você estava apenas passando? (*Pausa.*) Você ficou surdo,

Willie? (*Pausa.*) Mudo? (*Pausa.*) É, eu sei, você nunca foi muito falante, Winnie seja minha eu adoro você e acabaram-se os galanteios, a palavra é das ofertas e das procuras. *(Olhos de frente.)* Enfim, que importância, apesar de tudo terá sido um belo dia, finalmente ainda outro. (*Pausa.*) Não falta muito tempo, Winnie. *(Pausa.)* Ouço gritos. *(Pausa.)* Isso acontece a você, Willie, ouvir gritos? (*Pausa.*) Não? (*Olhos à direita sobre Willie.*) Olhe-me ainda, Willie. (*Pausa.*) Ainda uma vez. Willie. (*Ele levanta os olhos para ela. Ela feliz.)* Ah! *(Pausa. Chocada.)* O que é que você tem, jamais vi semelhante cara! (*Pausa.*) Cubra-se bem, querido, é o sol, nada de cerimônias, eu deixo. (*Ele larga o chapéu e as luvas e começa a trepar na direção dela. Alegre.*) Mas olhe, é fantástico! (*Ele se imobiliza, uma mão agarra-se ao monte, a outra é jogada para frente.*) Vamos, meu coração, fôlego, vá, eu aplaudirei. (*Pausa.*) É a mim que você está visando, Willie, ou é a outra coisa? (*Pausa.*) Você queria tocar... o meu rosto... mais uma vez? (*Pausa.*) É um beijo que você está visando, Willie, ou é outra coisa? (*Pausa.*) Houve uma época em que eu teria podido lhe dar uma mãozinha. (*Pausa.*) E uma outra anterior, em que eu dava uma mãozinha. (*Pausa.*) Você tinha sempre necessidade monstruosa de uma mãozinha? (*Ele se solta, degringola até ao pé do monte.*) Zás! (*Ele torna a ficar de quatro, levanta os olhos para ela.*) Tente de novo, Willie, eu o aclamarei. (*Pausa.*) Não me olhe assim. (*Pausa. Veemente.*) Não me olhe assim! (*Pausa. Baixinho.*) Você perdeu a razão, Willie? (*Pausa. Da mesma forma.*) Suas pobre e velhas sobras de razão?

Pausa.

WILLIE. — (*Baixinho.*) Win.

Pausa. Os olhos de Winnie voltam-se de frente. Expressão de felicidade.

WINNIE. — Win! (*Pausa.*) Ah que belo dia que ainda terá sido. (*Pausa.*) Mais um. (*Pausa.*) Apesar de tudo. (*Fim da expressão de felicidade.*) Até aqui.

Pausa. Ela treina cantarolar o início da ária, a da caixinha de música e depois canta docemente.

Nessa hora
Em que aflora
Essa paixão
Nas magias
Na euforia
Da junção
Na procura louca
Do amor que eu vi
Dos desejos puros
Só existo em ti.

Pausa. Fecha os olhos. Campainha estridente. Abre os olhos logo depois. Sorri, olhos de frente. Olhos à direita sobre Willie, sempre de quatro, o rosto levantado para ela. Fim do sorriso. Eles se olham. Pausa longa.

PANO

BIBLIOGRAFIA

1929. DANTE... VICO... BRUNO... JOYCE... IN OUR EXAMINATION ROUND HIS FACTIFICATION FOR INCAMINATION OR WORK IN PROGRESS.
Quatro ensaios.
Paris, Shakespeare et Cº.

1930. WHOROSCOPE.
Poema sobre o tempo.
Paris, The Hours Press.

1931. PROUST.
Ensaio.
Londres, Chatto and Windus.
Seguido de "Three dialogues" *por* S. Beckett e Georges Dut*huit.*
Londres, J. Calder, 1965.

1934. MORE PRICKS THAN KICKS (Mais Pontas de Faca do que Murros).
Dez narrativas curtas.
Londres, Chatto and Windus..

1935. ECHO'S BONES AND OTHER PRECIPITATES (Os Ossos do Eco e Otros Precipitados).
Poemas.
Paris, Europa Press.

1936. CASCANDO.
Primeira versão da peça no "Dublin Magazine", *nº XI, outubro-dezembro de 1936.*
Dublim.

1938. MURPHY.
Romance de filosofia do não-querer.
Londres, Routledge and Kegan Paul.

1945. LA PEINTURE DES VAN VELDE OU LE MONDE ET LE PANTALON (A Pintura dos Van Velde ou o Mundo e a Calça).
Em "Cahiers d'art".
Paris.

1946. POÈMES 38-39.
Em "Les Temps Modernes".
Paris.

SUITE.
Em "Les Temps Modernes".
Paris.

THE END (O Fim).
Peça publicada em "Merlin".
Paris.

1946. L'EXPULSÉ (O Expulso).

Peça publicada em "Fontaine", *nº X, dezembro de 1946-janeiro de 1947.*
Paris.

1949. DIALOGUES AVEC GEORGES DUTHUIT (Diálogos com G. D.).
Na revista "Transition", nº 5, 1949.
Paris.

1951. MALONE MEURT (Malone Morre).
Novela.
Paris, Éditions de Minuit.

Em inglês:

MALONE DIES.
Nova tradução do francês pelo autor.
New York, Grove Press, 1956. (Evergreen books, 39.)

MOLLOY.
Romance.
Paris, Édition de Minuit.

Em inglês:

MOLLOY.
Tradução de Patrick Bowles em colaboração com o autor.
Paris, Olympia Press. (Collection Merlin.)

1952. EN ATTENDANT GODOT.
Tragicomédia em dois atos. Paris, Théâtre de Babylone, 3 de janeiro de 1953.
Paris, Éditions de Minuit.

Em inglês:

WAITING FOR GODOT.
Tradução do autor. Londres, London Art Theater, 3 de agosto de 1955.
Londres, Faber and Faber, 1956.

Tradução portuguesa:

ESPERANDO GODOT. *Tradução de A. Nogueira Santos.* Em *Teatro de Samuel Beckett.* Editora Arcádia Ltda., Lisboa, s.d.

1953. L'INNOMMABLE (O Inominável).
Romance-monólogo.
Paris, Éditions de Minuit.

Em inglês:

THE UNNAMABLE.
Tradução do autor.
New York, Grove Press (1958). (Evergreen books, 117.)

WATT.
Novela.
Paris, Olympia Press. (Collection Merlin.)

Em francês:

Tradução de Ludovic e Agnès Janvier, em colaboração com o autor.
Paris, Éditions de Minuit, 1968.

1955. NOUVELLES ET TEXTES POUR RIEN (Novelas e Textos para Nada).
"L'Expulsé, Le Calmant, La Fin" (O Expulso, O Calmante, O Fim) *e 13 textos numerados.*

TROIS POÈMES (Três Poemas).
Paris, Cahier des Saisons, outubro de 1955.

1955. FIN DE PARTIE, seguido de ACTE SANS PAROLES.
Peças em 1 ato. Londres, Royal Court Theatre, *3 de abril de 1957.*
Paris, Éditions de Minuit.

Em inglês:

ENDGAME.
Seguido de ACT WITHOUT WORDS. *Tradução do autor.*
New York, Grove Press, 1958.

Tradução portuguesa:

FIM DE FESTA.
Tradução de F. Curado Ribeiro.
Em *Teatro de Samuel Beckett.* Editora Arcádia Ltda., Lisboa, s.d.

ALL THAT FALL (Todos os que Tombam).
Peça radiofônica.
Londres, Faber et Faber.

Em francês:

TOUS CEUX QUI TOMBENT.
Por Robert Pinget *e o autor*. Paris, O.R.T.F., *13 de janeiro 1957*.
Paris, Éditions de Minuit.

1958. KRAPP'S LAST TAPE.
Monólogo. Londres, Royal Court Theatre, *28 de outubro de 1958*.
New York, Evergreen Review II.
Londres, Faber et Faber, 1959.

Em francês:

LA DERNIÈRE BANDE.
Traduzido pelo autor em 1959.
Paris, Éditions de Minuit, 1960.

KRAPP OU LA DERNIÈRE BANDE.
Ópera, música de Marcel Mihalovici. Paris, T.N.P., *13 de fevereiro de 1961*.

Tradução portuguesa:

A ÚLTIMA GRAVAÇÃO.
Tradução de R. Guedes da Silva.
Em *Teatro de Samuel Beckett*. Editora Arcádia Ltda., Lisboa, s.d.

ANTHOLOGY OF MEXICAN POETRY (Antologia da Poesia Mexicana).
Seleta de traduções.
(Bloomington) Indiana University Press.

FROM AN ABANDONED WORK (De um trabalho Abandonado).
Peça radiofônica, Londres, B.B.C., *14 de dezembro de 1957*.
Londres, Faber et Faber.

Em francês:

D'UN OUVRAGE ABANDONNÉ.
Tradução de Ludovic e Agnès Janvier, *em colaboração com o autor*.
Paris, Éditions de Minuit, 1967.

1958. BRAM VAN VELDE.
12 reproduções. Texto de S. Beckett, Georges Duthuit e J. Paris, G. Fall; Falaize. (Collection "Le Musée de Poche".)
New York, Grove Press, 1960.

1959. CENDRES (EMBERS) (Cinzas).
Tradução do autor com a colaboração de Pierre Leyris *e de* Robert Pinget.
No mesmo volume: "La Dernière Bande".
Paris, Éditions de Minuit, 1960.
Londres, B.B.C., 24 de junho de 1959.
Londres, Faber et Faber.

ACTE SANS PAROLES, II (Ato sem Palavras, II).
Peça. Londres, In-Stage, julho de 1962.
Londres, em "New Departures", Nº I, 1959.

Com KRAPP'S LAST TAPE AND OTHER DRAMATIC PIECES
(All that fall, Embers, Act without words, I et *II. Pièce radiophonique)*, Londres, B.B.C., 24 de junho de 1959.
New York, Grove Press, 1960.

Em COMÉDIE ET ACTES DIVERS:
Paris, Éditions de Minuit, 1966.

1961. COMMENT C'EST
Monólogo.
Paris, Éditions de Minuit.

Em inglês:

Tradução do autor.
Londres, J. Calder, 1964.

Tradução portuguesa:

COMO É. *Tradução de Maria do Carmo Abreu*. Editora Ulisséia, Lisboa.

POEMS IN ENGLISH (Poemas em Inglês).
Com quatro poemas traduzidos do francês pelo autor.
Londres, J. Calder.

HAPPY DAYS (Dias Felizes).
Peça. New York, Cherry Lane Theatre, 17 de setembro de 1961.
New York, Grove Press.

Em francês:

OH, LES BEAUX JOURS!
Tradução do autor. Paris, Odéon-Théâtre de France, 21 de outubro de 1963.
Paris, Éditions de Minuit, 1963.

1963. THÉATRE DE SAMUEL BECKETT.
Edição trilingüe (francês, inglês, alemão) em 2 volumes.
Francfurt, Suhrkamp Verlag.

1964. PLAY AND TWO SHORT PIECES FOR RADIO ("Jogo" e duas peças curtas para rádio) (Words and music e Cascando).
Première em alemão no Ulmer Theater em Ulm-Donau, 14 de junho de 1963.
Londres, Faber et Faber.

Em francês:

COMÉDIE.
Première em New York, Cherry Lane Theatre, em 1963. *Em versão cinematográfica, no Festival de Veneza, agosto de 1965.*
Paris, "Lettres Nouvelles", junho de 1964.

1965. IMAGINATION MORTE, IMAGINEZ (Imaginação Morta, Imaginem).
Paris, Éditions de Minuit.

Em inglês:

IMAGINATION DEAD, IMAGINE.
Tradução do autor.
Londres, Calder et Boyards, 1965.

1966. ASSEZ (Bastante).
Paris, Éditions de Minuit.

BING
Paris, Éditions de Minuit.

COMÉDIE ET ACTES DIVERS (Comédia e Atos Diversos).
Tradução do autor. Compreende: Comédie, Va-et-vient (Odéon-

Téâtre de France, 28 de fevereiro de 1966), Cascando, Paroles et musique, Dis, Joe (Paris, O.R.T.F., 2 de fevereiro de 1968) et Acte sans paroles, II.
Paris, Éditions de Minuit.

1967. NO'S KNIFE (A Faca do Não).
Coletânea de pequenos textos em prosa, 1945-1966.
Londres, Calder et Boyards.

1967. TÊTES MORTES (Caveiras).
Traduzido do inglês por Ludovic e Agnès Janvier *em colaboração com o autor.*
Compreende: D'un ouvrage abandonné, Assez, Imagination morte, imaginez, Bing.
Paris, Éditions de Minuit. (Collection in-16.)

1968. POÈMES.
Traduzido do inglês.
Paris, Éditions de Minuit.

L'ISSUE (A Saída).
Com seis gravuras originais de Arikha.
Paris, G. Visat.

OBRAS ESCOLHIDAS:

1967. BECKETT.
Por Jean Onimus.
Paris e Bruges, Desclée de Brouwer.

1969. SAMUEL BECKETT.
Por Ludovic Janvier.
Paris, Le Seuil. (Écrivains de toujours, 83.)

ÍNDICE

Kjell Strömberg

"Pequena História" da atribuição do Premio Nobel a Samuel Beckett 7

Karl Ragnar Gierow

Discurso de Recepeção 21

John Montague

Vida e Obra de Samuel Beckett 29

Samuel Beckett

Malone Morre 55

Dias Felizes 185

Bibliografia 227

MALONE MORRE
E
DIAS FELIZES

de

SAMUEL BECKETT

*

Faz parte da
BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
ideada pelas EDIÇÕES ROMBALDI, de Paris,
patrocinada pela
ACADEMIA SUECA
e pela
FUNDAÇÃO NOBEL

*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

CRISTOBAL DE ACEVEDO
(concepção e direção literária)

GÉRARD ANGIOLINI
(direção artística)

PAULO RÓNAI
(adaptação e supervisão)

*

AVIGDOR ARIKHA
(ilustrações)

MICHEL CAUVET
(retrato do autor e ornatos tipográficos)

*

Impresso por
SEDEGRA